



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Rodolfo Rodrigues de Souza

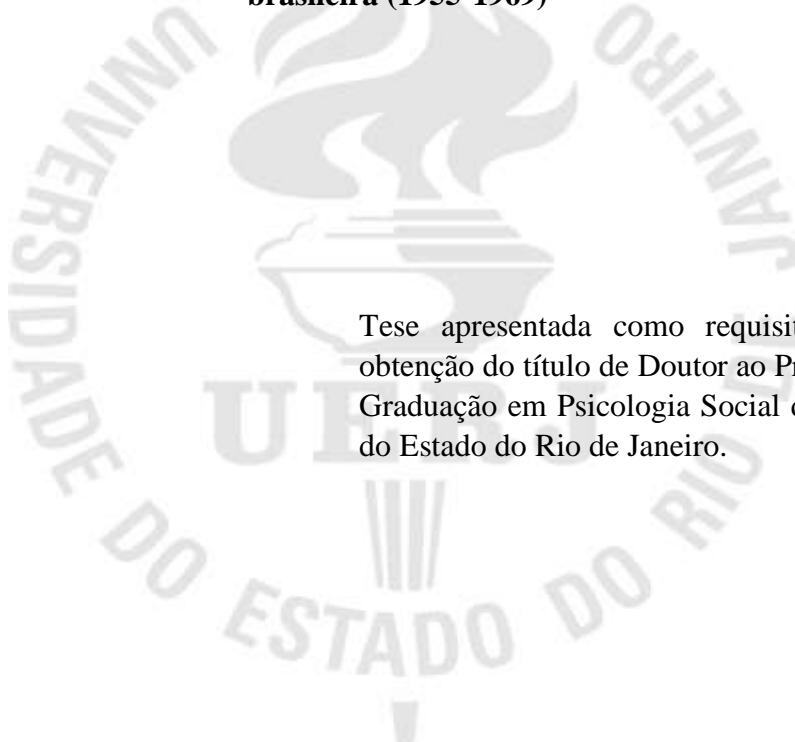
“Sartre é intragável”: narrativas de uma antropofagia filosófico-literário-política brasileira (1955-1969)

Rio de Janeiro

2021

Rodolfo Rodrigues de Souza

**“Sartre é intragável”: Narrativas de uma antropofagia filosófico-literário-política
brasileira (1955-1969)**



Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Social da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. PhD. Ronald João Jacques Arendt

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S729

Souza, Rodolfo Rodrigues de.

“Sartre é intragável”: narrativas de uma antropofagia filosófico-literário-política brasileira (1955-1969) / Rodolfo Rodrigues de Souza. – 2021.
286 f.

Orientadora: Sonia Virgínia Moreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia – Teses. 2. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980. – Teses. 3. Jornais brasileiros – Teses. I. Moreira, Sonia Virgínia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rodolfo Rodrigues de Souza

**“Sartre é intragável”: Narrativas de uma antropofagia filosófico-literário-política
brasileira (1955-1969)**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Social da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em

Banca examinadora:

Prof. PhD. Ronald João Jacques Arendt (orientador)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dra. Ariane Patrícia Ewald
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a PhD. Beatriz de Moraes Vieira
Departamento de História – UERJ

Prof. Dr. Fernando José Gastal de Castro
Instituto de Psicologia – UFRJ

Prof.^a Dra. Laura Cristina de Toledo Quadros
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof.^a PhD. Márcia Oliveira Moraes
Departamento de Psicologia – UFF

Rio de Janeiro
2021

DEDICATÓRIA

Ao Duda, com quem me caso, novamente, todos os dias desde abril de 2008.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os temperos que ajudaram a cozinhar este jantar que agora sirvo. Sem eles, nenhum dos preparos ficaria completo e os sabores não seriam os mesmos.

A base, o fundo sobre o qual os ingredientes puderam ser colocados, veio de meus pais, Maria Parecida e Luiz Gonzaga, minha irmã, Monique Rodrigues, meus avós - Penha e Antônio, Inácia e Geraldo - e tias - Marli, Cleuza, Jandira, Norma, Terezinha, Cici, enfim, tantas! Sobretudo com os primeiros é que nasceram as oportunidades de me formar e de acreditar na leitura e nos estudos como um caminho. Ao lado dessa família, ganhei uma com a vida que também me dá base para os fazeres: Gisele, Sr. Waldecy, Dona Lúcia e Renata, obrigado por me acolherem em suas vidas de peito e braços abertos!

Hoje, o ingrediente principal, com quem divido a vida e que foi condição para tudo aquilo que se cozeu aqui, é Duda, alquimista dos sabores, que dá “sentido e direção ao tempo”. Uma felicidade que meu rio tenha vindo desaguar no seu e que a gente siga misturando essas águas. Você sabe quantos almoços, jantás, lanches, faxinas, brincadeiras com a Tilda, você teve que garantir sozinho para que eu pudesse trabalhar nessa tese. Aos nossos dias 15 e todos os outros 29 nestes anos, muito obrigado!

Os acompanhamentos desse ingrediente principal chegaram com o tempo. Pingo, há 11 anos, nosso filhote de pelúcia, mas tratado com nome e mesma deferência que sua irmã também não-humana, porém animada, Tilda, há quase 6 anos uma fofura que percorre a casa com renovado interesse.

E os temperos, muitos, são amigos queridos que compreenderam as ausências e animaram, diversas vezes, as possibilidades de continuar esse fazer: Aline Matias, querida amiga que a graduação me deu, e Rafa e Gui, queridos!; Taís, cunhada querida e futura psicóloga; Carol Dhein, cara amiga e companheira nesta trajetória de deglutir Sartre, quem deu o pontapé inicial de todo esse trabalho; Manu, Paulinho, Clara e Vinny, presentes na distância; Daiana, Debbie, Lena, saudades de bons jantares juntos; Luciana Soares, que me introduziu nessa vida deliciosa e viciante de compartilhar os saberes com os alunos e estagiários; Taís Lacerda, cujo olhar carinhoso e escuta atenta me ajudaram a destravar o texto em momento de tensão e pânico; Camila, Maria, Mariana, Lidiane, Monique, Liziene, Anne, Leandro, Teresa, amigos que o DEGASE me deu e que trago no coração e na vida; Lucrécia, Paula, Giovana, Michelle, Diogo, Leomir, Regina, Mariana, amigos que o mestrado me deu; Débora, Gustavo, Leonardo, Ângela, Laura, Eleonora, amigos que me acolhem nos estudos da TAR desde o mestrado e que seguiram em companhia neste doutorado, com inclusão de Érika, Júlia, Isadora

e Diana, que chegaram nesta etapa; Raquel e nossa equipe querida da graduação da Celso Lisboa, com quem sigo aprendendo a ser professor, orientador e supervisor; aos estagiários, tantos nesse tempo, que seguem me ensinando a cada novo encontro.

Como bons vinhos, compartilhando generosamente suas experiências e sabedoria, agradeço à banca, que se disponibilizou a ler este calhamaço de páginas em meio à pandemia e durante as férias! Meu muito obrigado, Beatriz Vieira, Fernando Gastal, Laura Quadros, Márcia Moraes e Ariane Ewald, a quem também agradeço por ter me iniciado nessa linda trajetória do pesquisar, tendo me orientado durante o mestrado e, agora, pela vida afora, sempre com maravilhosas dicas de bem viver!

Em especial, um agradecimento ao *maître à penser*, chefe desta cozinha, sem quem esse trabalho não teria se tornado possível: professor Ronald Arendt. Muito obrigado por toda a parceria, confiança, trocas, ensinamentos! Os *efeitos Ronald* são avassaladoramente maravilhosos!

Por fim, gostaria também de agradecer à equipe da secretaria do PPGPS na figura da querida Luciana, sempre luz e calma nos momentos de desespero, e ao Programa, que me acolheu nesta longa empreitada de um total de seis anos de pesquisas sobre a chegada do pensamento de Sartre ao Brasil.

(...) a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “*fabrica*” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui.

A invenção do cotidiano: artes de fazer, Michel de Certeau

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os colectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra todas as catecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. [...]

Contra o mundo reversível e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é *dynamico*. O indivíduo *victima* do *systema*. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Manifesto Antropófago, Oswald de Andrade

É a flauta envolvente que mexe com a mente de quem ‘tá presente. As novinha saliente fica loucona e mexe c’oa gente. Aí eu falei assim pra ela, ó: Vai com o bumbum, tam tam. Vem com o bumbum, tam tam. Vai, mexe o bumbum, tam tam. Vem, desce o bumbum, tam tam. Vai, treme o bumbum, tam tam tam tam. Autenticamente falando, nós ‘tá tipo como?!

Bum bum tam tam, Mc Fioti. Funk inteiramente composto sobre a Partita em Lá Menor para solo de flauta, de Johann Sebastian Bach, circa 1723

RESUMO

SOUZA, Rodolfo Rodrigues de. **“Sartre é intragável”**: narrativas de uma antropofagia filosófico-literário-política brasileira (1955-1969). 2021. 286 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A pesquisa aqui apresentada segue em busca de indícios das apropriações do pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre no Brasil. Tomo como ponto de partida o fim da pesquisa empreendida ao longo do mestrado, quando investiguei a chegada do pensamento de Sartre no Brasil, entre 1945 e 1955. A proposta é compreender, reduzido o *frisson* da *moda existencialista* do período anterior, quais influências esta filosofia exerceu no país e, sobretudo, como as propostas de Sartre foram deglutidas e transformadas em terras brasileiras. Os indícios foram buscados no acervo digital do jornal *O Globo* entre os anos de 1955 e 1969, a partir de três palavras-chave: Sartre, existencialismo e existencialista. Outros periódicos foram consultados como forma de expandir o olhar trazido por *O Globo*, mas sempre tomando como bússola os indícios encontrados neste diário. Como resultado, a pesquisa se estrutura em três principais temas: a assimilação de Sartre no cenário político brasileiro, apontando para usos políticos do pensador; a recepção das obras literárias de Sartre, enfatizando a presença de indícios de suas influências na literatura nacional, bem como as críticas dos literatos Antonio Olinto e Nelson Rodrigues ao filósofo; e, por fim, a apresentação dos filmes feitos a partir de roteiros ou adaptações de obras de Sartre e as peças do filósofo no país, abrindo espaço para perceber que, se a sétima arte foi relegada a segundo plano, o teatro capilarizou-se por meio de diversos grupos amadores distribuídos localmente. O labor é desenvolvido tomando por base minhas apropriações de duas propostas metodológicas: a fenomenologia como intencionada por Sartre e a Teoria Ator-Rede como proposta por Bruno Latour. Trata-se, enfim, de um jantar de segunda mão: come-se aqui o modo como Sartre foi deglutido outrora.

Palavras-chave: Existencialismo. Jean-Paul Sartre. Teoria Ator-Rede. O Globo. Antropofagia.

ABSTRACT

SOUZA, Rodolfo Rodrigues de. **“Sartre is unpalatable”**: narratives of a Brazilian philosophical-literary-political anthropophagy (1955-1969). 2021. 286 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This research continues to look for evidence regarding the appropriations of the French philosopher Jean-Paul Sartre’s ideas in Brazil. The starting point is the end of the research undertaken during the master's degree, when I investigated the arrival of Sartre's thoughts in the country, between 1945 and 1955. after the *frisson* of *existentialist fashion* of the previous period wore out, the goal here is to understand how this philosophy influenced the intellectual environment in the country and how Sartre's proposals were swallowed up and transformed in Brazilian lands. Evidence was researched in the digital collection of the newspaper *O Globo* between the years 1955 and 1969, based on three keywords: Sartre, *existencialismo* and *existencialista*. Other newspapers were consulted as a way of expanding the evidence found on *O Globo*, but always taking as a guideline the ideas found in this diary. As a result, the research is structured around three main themes: Sartre's assimilation into the Brazilian political scene, pointing to the political uses of the thinker; the reception of Sartre's literary works, emphasizing the presence of evidence of his influences in national literature, as well as the criticism of literary authors Antonio Olinto and Nelson Rodrigues against the philosopher; and, finally, the presentation of films made from scripts or adaptations of Sartre's works and the philosopher's theater in the country, which leads to a perception of, in one hand, how the seventh art was relegated to the background, and on the other, the theater was spread out by various amateur groups distributed locally. The work is developed based on my appropriations of two methodological proposals: the phenomenology as intended by Sartre and the Actor-Network Theory as proposed by Bruno Latour. It is, after all, a second-hand dinner: here we eat the way Sartre was swallowed in the past.

Keywords: Existentialism. Jean-Paul Sartre. Actor-Network Theory. *O Globo*. Anthropophagy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Contracapa de Sartre, el último metafísico	15
Gráfico 1 -	Quantidade de reportagens por ano	29
Figura 2 -	Capa Le Nouvel Observateur, 2005	38
Figura 3 -	Capa de Libération em 15 de julho de 1954 (BERNE, 2005, p. 196). Destaques em vermelho apontam para menções a Sartre: “As impressões de Sartre sobre sua viagem pela União Soviética”; “A liberdade de crítica é total na URSS”.....	45
Figura 4 -	Capa do álbum Caetano Veloso (1968).....	53
Gráfico 2 -	Quantidade de reportagens por ano e por capítulo.....	58
Figura 5 -	General De Gaulle.....	60
Figura 6 -	Malraux.....	78
Figura 7 -	Juscelino Kubitschek	82
Figura 8 -	Ouro Preto.....	86
Figura 9 -	Páginas inteiras do Caderno Especial “ISEB”	92
Figura 10 -	Murale Della Pace, de Ettore de Conciliis (Fonte: Irpiniafocus.it).....	124
Figura 11 -	Detalhe recortado de Murale Della Pace, de Ettore de Conciliis	125
Gráfico 3 -	Quantidade de reportagens por ano e por capítulo.....	129
Figura 12 -	Cartaz do filme J’Accuse (Polanski, 2019)	141
Figura 13 -	Capa do livro Sartre e a revolta de nosso tempo.....	147
Figura 14 -	Françoise Sagan.....	150
Figura 15 -	Capa do livro Sem tesão não há solução, de Roberto Freire.	159
Figura 16 -	Frame do filme La dolce vita.	161
Figura 17 -	"... e da existência do Pelé, o senhor tomou conhecimento?"	173
Figura 18 -	Abdias do Nascimento.....	175
Figura 19 -	Dois frames do filme Cinderela em Paris (Funny Face, 1957).....	192
Figura 20 -	Fotografia do elenco de O desejo pego pela cauda.	204
Figura 21 -	Ensaio de Mortos sem Sepultura pelo Teatro de Repertório.....	217
Figura 22 -	Elizete Cardoso	221

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Publicação de Sartre no Brasil por ano, editora e cidade	22
Tabela 2 -	Reportagens de O Globo por ano e palavra-chave	29
Tabela 3 -	Quantificação das categorias estabelecidas pela análise.	30
Tabela 4 -	Núcleos de sentido e temas presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues que mencionam Sartre (1960-69)	170
Tabela 5 -	Encenações de Sartre no Brasil referenciadas em Patriota (2007).....	201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alegria, Alegria.....	53
Quadro 2 - Sartre, esse mineiro	56
Quadro 3 - Rassemblement Démocratique Révolutionnaire (RDR).....	60
Quadro 4 - Sartre, campeão de esquerdismo	73
Quadro 5 - Malraux no Brasil.....	78
Quadro 6 - JK e os “50 anos em 5”.....	82
Quadro 7 - Sartre, garoto-propaganda?.....	86
Quadro 8 - Caderno Especial “ISEB”	92
Quadro 9 - J'accuse!.....	141
Quadro 10 - Sagan, a “última existencialista”	150
Quadro 11 - Roberto Freire (1927-2008).....	159
Quadro 12 - La Dolce Vita	161
Quadro 13 - “Esse tal do Rock’n’Roll”	165
Quadro 14 - Abdias do Nascimento.....	175
Quadro 15 - Beauvoir, mais que namoradinha	179
Quadro 16 - Sartre, das palavras cruzadas às questões de vestibular	184
Quadro 17 - Sartre radiofônico	200
Quadro 18 - Le désir attrapé par la queue, de Pablo Picasso	204
Quadro 19 - Sartre no Morro	215
Quadro 20 - Elizete Cardoso, uma cantora existencialista.....	221

LISTA DE ABREVIATURAS

ABI -	Associação Brasileira de Imprensa
AI -	Ato Institucional
ALA -	Aliança Libertadora Acadêmica
ARENA -	Aliança Renovadora Nacional
CACO -	Centro Acadêmico Cândido de Oliveira
CAD -	Curso de Arte Dramática
CEUB -	Centro Universitário de Brasília
CPC -	Centro Popular de Cultura
CRD -	Crítica da Razão Dialética
CTCA -	Companhia Tonia-Celi-Autran
DEGASE -	Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro
DIFEL -	Difusão Europeia do Livro
EUA -	Estado Unidos da América
FaFi -	Faculdade de Filosofia
FAN -	Festival de Amadores Nacionais
FLN -	Frente de Libertação Nacional
FMI -	Fundo Monetário Internacional
FND -	Faculdade Nacional de Direito
FNFfi -	Faculdade Nacional de Filosofia
IFCS-UFRJ -	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro
IPE -	Instituto Progresso Editorial
ISEB -	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JK -	Juscelino Kubitschek
MABE -	Moderna Associação Brasileira de Ensino
MAM-RJ -	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MEC -	Ministério da Educação e Cultura
OES -	Organização do Exército Secreto
PCB -	Partido Comunista Brasileiro
PCBR -	Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
PCF -	Partido Comunista Francês
PCUS -	Partido Comunista da União Soviética

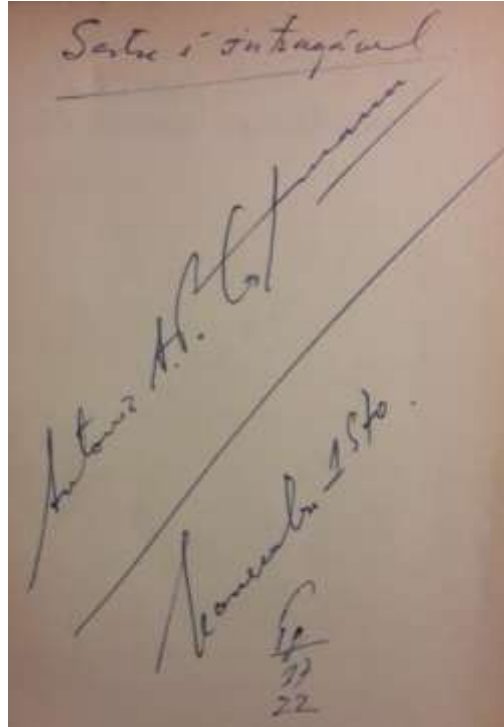
PEI -	Política Externa Independente
PR -	Partido Republicano
PRT -	Partido Republicano Trabalhista
PSB -	Partido Socialista Brasileiro
PSD -	Partido Social Democrático
PST -	Partido Social Trabalhista
PTB -	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN -	Partido Trabalhista Nacional
PUC-Rio -	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RDR -	Rassemblement Démocratique Révolutionnaire
SOCILA -	Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico
SUDENE -	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TBC -	Teatro Brasileiro de Comédia
TNP -	Teatro Nacional Popular
UCP -	Universidade Católica de Petrópolis
UDN -	União Democrática Nacional
UERJ -	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNE -	União Nacional dos Estudantes
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URSS -	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP -	Universidade de São Paulo
USU -	Universidade Santa Úrsula

SUMÁRIO

	ANTEPASTO: INTRODUÇÃO	15
1	SARTRE À PURURUCA: “É PRECISO QUEIMAR SARTRE”?	37
1.1	Sartre – public relations do marxismo e do comunismo internacional	40
1.1.1	<u>Sartre à soviética: URSS, comunismo, marxismo e Cuba</u>	41
1.1.2	<u>Sartre à <i>française</i>: relações com a política na França</u>	59
1.2	Sartre à moda da casa: relações com a política brasileira	76
1.3	O “exército” católico contra Sartre e o esquerdismo	121
2	SARTRE EM SOPA DE LETRINHAS	129
2.1	Literatura: Sartre comido com os olhos	130
2.2	Produção literária existencialista brasileira	153
2.3	Antonio Olinto, crítico de Sartre	161
2.3	Nelson Rodrigues, leitor de Sartre	169
2.3.1	<u>Os negros e o racismo no Brasil</u>	171
2.3.2	<u>Sartre é perseguido por lagostas</u>	176
2.3.3	<u>O inferno (não) são os outros</u>	180
2.3.4	<u>Sartre, às vezes, cansa de ser genial</u>	181
2.3.5	<u>Temas diversos</u>	184
3	SARTRE SERVIDO À PLATEIA: CINEMA E TEATRO	191
3.1	Cinema	191
3.2	Teatro	200
3.2.1	<u>A prostituta respeitosa</u>	207
3.2.2	<u>Mortos sem sepultura</u>	214
3.2.3	<u>O Muro</u>	221
3.2.4	<u>O diabo e o bom deus</u>	223
3.2.5	<u>As Moscas</u>	225
3.2.6	<u>As Mãos sujas e A Engrenagem</u>	230
3.2.7	<u>Entre Quatro Paredes</u>	235
3.2.8	<u>Os sequestrados de Altona</u>	240
3.2.9	<u>As troianas</u>	242
	DIGESTIVO: CONSIDERAÇÕES PARA O FIM DO BANQUETE	247
	REFERÊNCIAS	251

ANTEPASTO: INTRODUÇÃO

Figura 1 - Contracapa de Sartre, el último metafísico



A imagem acima é a fotografia da contracapa de um livro que comprei em um sebo de Porto Alegre em fevereiro de 2019. *Sartre, el último metafísico* (SARTRE, EL ÚLTIMO METAFÍSICO, 1968¹), com textos de diversos autores, é a tradução argentina da revista *Cahier de l'Arc n° 30*, edição especial de 1966 sobre o filósofo francês. Ao desconhecido antigo detentor desse livro, cujo primeiro nome parece ser Antonio, devo o título desta tese, partindo do pressuposto de que foi ele quem escreveu no topo da página que “Sartre é intragável”. Afinal, debruço-me aqui sobre resquícios das diferentes *deglutições* – indigestas ou não – deste “autor múltiplo”² francês em terras brasileiras, entre os anos de 1955 e 1969.

Não iniciei este trabalho pensando que Sartre foi *deglutido e mastigado*³ em nosso país, mas, ao longo da pesquisa, foi isto o que se evidenciou diante dos diferentes indícios encontrados. Como registrou o filósofo e professor brasileiro Emmanuel Carneiro de Leão (2005, p. 6), “Investigar é viajar por dentro do mapa dos vestígios” e, neste mapa que delineei

¹ Tanto a edição argentina quanto a revista original não indicam organizadores.

² Assim chamado uma vez que se dedicou a registrar seu pensamento de diferentes modos: ensaios, romances, peças teatrais, roteiros de cinema etc. (COHEN-SOLAL, 2008; EWALD et GONÇALVES, 2009; MOUTINHO, 1995).

³ Referência a *Vamos comer Caetano*, de Adriana Calcanhoto (1998).

até aqui, o que encontro é um Sartre à brasileira, tal qual um prato à moda da casa. Essa ideia me ocorre em diálogo com a proposta do movimento antropofágico, cujo Manifesto foi escrito por Oswald de Andrade em 1928. Contra “o stop do pensamento que é *dynamic*” (ANDRADE, 2003), a deglutição. Ela abraça as ideias d’além-mar em um movimento apropriador que transmuta o importado em produto nacional. Como escreve Fernando Peixoto (1989, p. 61), em uma de suas memórias sobre o teatro brasileiro,

Um país não pode prescindir, em seu processo de amadurecimento e desenvolvimento cultural, da influência do pensamento e da pesquisa temática e criativa que vem de fora. A assimilação, movimento dialético permanente que os modernistas brasileiros, particularmente Oswald de Andrade, denominaram “antropofagia” (no sentido de devorar o que vem do estrangeiro, digerir o que interessa em nível nacional e vomitar o resto), é não apenas irrecusável, sob diferentes aspectos, mas igualmente necessária. Estabelece um parâmetro de comparação e conhecimento de tentativas retrógradas ou revolucionárias que se transforma num confronto cultural benéfico e criativo.

Neste sentido, aliás, indico que aquilo que se encontrará nestas páginas não é uma apresentação da trajetória de Sartre por ele mesmo ou por seus críticos, comentadores e biógrafos. Não me preocupo, por exemplo, em corrigir ideias ou em varrer a contrapelo, levando em consideração a produção do intelectual francês, aquilo que fui encontrando na fonte pesquisada. O que busco evidenciar é como ele foi lido e divulgado no Brasil do período analisado, um Sartre múltiplo (MOL, 2002)⁴. Algumas distâncias serão colocadas, mais para evidenciar o “abrasileiramento” do pensador do que para corrigir o percurso criado pelos jornalistas da época. Entre os múltiplos *sartres*, o que vigora é o modo como ele foi posto em cena localmente, evidenciando um modo de lidar característico de uma gente e uma época.

No mesmo diapasão, é importante deixar evidente para o leitor que aquilo que chamo de antropofagia é uma apropriação que faço das ideias oswaldianas, mais no sentido de uma deglutição que sempre transforma e/ou deturpa. Não estou falando de um movimento que pode transmutar, de forma revolucionária, as ideias que vêm da metrópole. O que se transforma/deturpa é, no caso aqui analisado, Sartre, seu existencialismo e os existencialistas. Nem sempre o que se verá é um movimento de libertá-lo do peso do olhar *euroamericanizante*: muitas vezes, pelo contrário, Sartre será deglutido como manda a receita europeia ou estadunidense, em busca de realizar uma crítica que siga modelos estabelecidos *noutro lugar*. Ainda assim, Sartre, para o bem ou para o mal, vira coisa mastigada.

⁴ Annemarie Mol (2002) evidencia que o corpo, singular, é múltiplo, uma vez que performado de modos diferentes em cada espaço de um hospital. A multiplicidade, nesse sentido, não é dispersa ou fragmentada. É neste mesmo sentido que afirmo um Sartre múltiplo.

Esta trajetória é continuação direta daquela empreendida ao longo de meu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS-UERJ). *O assassino existencialista e outras narrativas: o existencialismo de Sartre em cena no Rio de Janeiro (1945-1955)* (SOUZA, 2015)⁵, foi uma busca, por meio de dois jornais cariocas, dos indícios da chegada do pensamento de Sartre na então capital nacional. Tomava o Distrito Federal como *locus* privilegiado para a pesquisa em virtude de sua capitalidade⁶. Os resultados apontaram para três grandes temas: como Sartre foi lido pelo campo político e religioso, a crítica cultural e a moda existencialista da época.

Apesar das modulações no panorama sócio-político entre 1945-55, o que encontrei foi certa linearidade no modo de encarar o existencialismo de Sartre. A transição do governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-50) – que havia cassado a legalidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1947 e colocado em cena certa atitude *Macartista*⁷ – para a segunda gestão de Getúlio Vargas, que incluiu uma pretensa “guinada à esquerda”, não produziu, por exemplo, uma aproximação mais amistosa em relação ao pensamento de Sartre. Uma visão muitas vezes preconceituosa e pouco embasada sobre esta filosofia, tomando *existencialista* como sinônimo de pessoa feia, suja, depravada, homossexual, descabelada, foi o que se evidenciou. Haveria, em períodos posteriores, passada certa agitação característica das *modas*, variações outras da divulgação desse pensamento? Ademais, a moda cederia espaço para opiniões bem fundamentadas sobre a filosofia de Sartre? E, principalmente, a divulgação de suas ideias teria gerado frutos entre dramaturgos, escritores, artistas plásticos e cineastas brasileiros? Especificamente sobre o campo da Psicologia, o existencialismo passa a ser debatido por ela nos jornais?

Assim, a pesquisa atual é uma ampliação do movimento realizado ao longo do mestrado. Não mais pensar no Rio de Janeiro como polo de representação do país, mas partir de um jornal representante do campo conservador, *O Globo*, de circulação nacional⁸, para perseguir os rastros que dialogam com o pensamento de Sartre ao redor do Brasil. Partir do jornal não significa me deter nos indícios presentes nele, mas, mostrando-se boas questões⁹, persegui-los

⁵ Pesquisa empreendida com apoio da CAPES.

⁶ O conceito é de Giulio Argan (2004) e aponta para a presença de capitalidade agregadora de sentidos nacionais, mais do que necessariamente o fato de ser uma capital federal.

⁷ Movimento conhecido pelo epíteto “caça às bruxas”, teve por principal marca a perseguição aos comunistas, acentuada com a proximidade do fim da década de 1940. O nome *Macartismo* faz referência ao político Joseph McCarthy, um dos principais partidários do movimento.

⁸ Discutirei a opção mais adiante nesta introdução.

⁹ A noção de “boas questões” é aqui utilizada em referência a Despret (2011, p. 25). Para a filósofa e psicóloga belga, são boas as questões que permitem produzir interesse naquele a quem nos dirigimos, que promovam nosso próprio interesse no questionar e que agreguem “ao mundo e aqueles que o compõem, um pouco mais de interesse”.

lá onde quer que tenham ocorrido e deixado outros rastros. Uma das expectativas é, portanto, encontrar desvios no modo como o pensamento de Sartre circulou nesse período em comparação aos resultados da pesquisa anterior. Tal expectativa se constrói, por exemplo, em virtude dos diferentes momentos políticos vivenciados no Brasil, que engloba desde a metade final da experiência democrática até o fim dos primeiros seis anos de Ditadura Civil-Militar no país.

Apresentando o cardápio: Justificativa

Cinco aspectos apontam para a importância do panorama que estabeleço aqui: meu interesse por Sartre; as inflexões na política brasileira; a produção de Sartre ao longo do período e a chegada desta ao Brasil; a lacuna encontrada na bibliografia sobre a análise aqui proposta; e a importância de considerar a construção de mundo realizada pela imprensa a partir de movimentos locais, evidenciando um social que só se estabelece por meio de performances que conectam os mais diversos atores em rede.

Um dos motivos que me fez estudar Psicologia foi a ideia de que era um curso que me permitiria dialogar com a sociologia e a filosofia, mas, sobretudo, porque me daria um maior conhecimento de pessoas, o que eu precisaria para me tornar um bom dramaturgo. Sim, cheguei a prestar vestibular para teatro na UNIRIO. Gostava de brincar de escrever roteiros de peça. Uma professora amiga da minha irmã – ambas psicólogas – me disse que o curso seria uma ótima oportunidade de conhecer melhor como delinear boas personagens. Nos dois primeiros períodos, meus interesses eram todos voltados para a Psicanálise freudiana. Mas aí, lendo uma revista de neuropsicologia, “descobri” um filósofo francês que era, de acordo com a crítica publicada na ocasião, importante para a psicologia e sociologia e que escrevia teatro. Alguém dava conta, a um só tempo, de tudo o que eu gostava?! Assim, o artigo da tal revista me propôs conhecer Sartre lendo sua peça *Entre quatro paredes*. Estava no fim do segundo período da graduação de Psicologia e foi uma paixão à primeira leitura. De 2005 para cá, sigo em diálogo com ele, não me moldando em seu fazer, mas me apropriando de seu pensar. A realização dessa pesquisa é, assim, a realização de um desejo de me aproximar do autor pela via das apropriações feitas dele em nosso país, movimento que eu próprio sigo fazendo ao lado de tantos colegas de caminhada.

Sobre o período brasileiro, considerando que os anos de 1945-55 foram pesquisados no mestrado, é necessário, primeiro, apontar para os limites que a ênfase no Rio de Janeiro colocou à pesquisa. O principal deles é que situações ocorridas em outras cidades pouco repercutem na

então capital federal por vezes. É o caso, por exemplo, dos atentados contra a encenação de *A... Respeitosa*¹⁰ em Porto Alegre. Na ocasião, apenas indicada em nota em *Última Hora* em 16 de agosto de 1952, uma “bomba junina” foi explodida no teatro em que a peça era apresentada¹¹. Os desdobramentos deste fato ficam perdidos, já que não encontram ressonância na imprensa carioca consultada. A expansão para o cenário brasileiro, embora em período distinto, visa evitar os mesmos constrangimentos que a restrição territorial trouxe à dissertação. Desse modo, espero poder acompanhar melhor os rastros do existencialismo no país.

Após o período já pesquisado, há mais nove anos de governos democráticos no Brasil (1955-64). Esta segunda metade da experiência democrática¹² é marcada pelas ações da gestão de Juscelino Kubitschek (1956-61) – como a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília e o arrojado plano de desenvolvimento econômico conhecido pelo lema de “50 anos em 5”. E de João Goulart (1961-64), cuja tendência à esquerda e propostas reformistas são apontadas como catalisadoras do golpe de 01 de abril de 1964. A este golpe, segue-se a ditadura civil-militar (1964-85)¹³.

Esta, por sua vez, viveu uma inflexão. Tendo iniciado em 1964, o regime age de modo violento e repressor, mas vive um momento de intensificação de tais práticas no ano de 1968, com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). O intervalo de 1964-68 aponta para a presença de repressão direta sobre os movimentos da esquerda no campo cultural do país, mas de modo a afastá-la do povo, sem que a perseguição se desse de modo sistemático e institucionalizado (SCHWARZ, 1978). Pós-1968, escreve Heloísa Buarque de Hollanda (2004, p. 100), “o chamado ‘segundo golpe’ [a instituição do AI-5] instala definitivamente a repressão política de direita organizada pelo Estado e marca a abertura de um novo quadro conjuntural onde a coerção política irá assegurar e consolidar a euforia do ‘milagre brasileiro’”.

Embora a complexidade deste período permita que ele seja considerado por si só, deixar de lado o Período Democrático é perder a amplitude do panorama que o olhar retrospectivo

¹⁰ O nome do referido espetáculo é *La Putain Respectueuse* (SARTRE, 1973). No entanto, o jornal *Última Hora* se refere ao mesmo como *A... Respeitosa*.

¹¹ Utilizo o título da matéria como identificador para facilitar a busca do conteúdo nas referências. As matérias de *O Globo* serão referidas pelo NOME DA MATÉRIA, dia/mês/ano, página. Nos casos em que me referir a outro periódico ou revista de divulgação, indicarei, após o nome da matéria, o nome do periódico de que foi retirada. Além disso, optei por fazer as referências a livros diretamente no texto, mas trazer para as notas de rodapé as referências aos jornais e revistas de divulgação, para conferir fluidez à leitura. Neste caso, RONDA DA NOITE, *Última Hora*, 16/08/1952, p. 9.

¹² Refiro-me por este nome ao chamado Período Democrático brasileiro (1945-64), intervalo de relativa garantia e exercício dos direitos e premissas democráticas.

¹³ A nomenclatura, adotada por Daniel Aarão Reis Filho (1990), aponta para o apoio civil à Ditadura, bem como para a participação direta deste setor no momento do golpe. Há outras nomenclaturas em disputa, como ditadura empresarial-militar, mas opto por esta pela amplitude do reconhecimento que civis podem desempenhar diferentes papéis sociais.

pode fornecer. Afinal, espero que o recorte cronológico viabilize a percepção das modulações no modo com o pensamento de Sartre foi recebido, comentado e, sobretudo, apropriado no Brasil.

O período de 1955-69 abrange uma intensa discussão e produção artística afinada com os movimentos de esquerda, para os quais, aposto, o diálogo com a obra de Sartre tem relevância. Em uma listagem não exaustiva temos: a primeira produção do Cinema Moderno Brasileiro, *Rio, 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos (1955) (PINTO, 2013); o Cinema Novo (1960-1980) (PINTO, 2013); as produções do Centro Popular de Cultura (CPC) (HOLLANDA, 2004); o Cinema Marginal (1967-70) (FERREIRA, 2000); o Tropicalismo (1967-69) (HOLLANDA, 2004); o Clube da Esquina, do final dos anos 1960 (BORGES, 2013); o Teatro de Arena (1953-72), do qual emerge o espetáculo *Opinião*, marco do ano de 1964, e de onde sai Augusto Boal, em 1971, para criar o seu Teatro do Oprimido (RIDENTI, 2000); o Teat(r)o Oficina, de José Celso Martinez Correa, fundado em 1958, que será influenciado pelo Tropicalismo (RIDENTI, 2000). Enfim, uma ampla gama de movimentos culturais cuja formação e conexão com as circunstâncias então vividas são significativas.

Há indícios da influência do pensamento de Sartre em tais movimentos, reafirmando a pertinência do panorama aqui proposto. Vale ressaltar que não há materiais publicados que tenham estabelecido tal panorama. Alguns casos específicos serão comentados adiante, mas não compartilham a amplitude e objetivos do presente projeto. O primeiro dos indícios diz respeito às encenações do roteiro de Sartre *A Engrenagem*, em 1960, pelo Teat(r)o Oficina. Há uma dissertação de mestrado de Romecarlos Costa Nunes (2009) sobre o evento, sem um olhar para as demais reverberações que a obra de Sartre encontrou no Brasil no período. Outro forte indício da importância de tal panorama é a própria vinda de Sartre ao Brasil no mesmo ano de 1960. Sobre esta visita, o trabalho de Luís Antônio Contatori Romano (2002) é exemplar, mas, assim como Nunes (2009), a ênfase recaiu apenas sobre um aspecto da chegada da obra de Sartre ao país, não almejando uma visão de conjunto. Em perspectiva similar à de Romano, há as pesquisas de Rodrigo Davi Almeida (2009; 2018), *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões e Sartre e o Terceiro Mundo*. Aquela, sobre a visita do filósofo francês e seu impacto na intelectualidade brasileira, em um levantamento ainda bastante, embora não completamente, circunscrito a 1960; esta, sobre o engajamento de Sartre em prol do chamado terceiro mundo, enfatizando contextos não exatamente brasileiros.

Somado ao trabalho de Romano, encontrei outro indício da importância da visita de Sartre ao país na obra de Dênis Moraes (2000, p. 102), onde se lê que “a *Última Hora* de Samuel Wainer asseverou que, se o papa do existencialismo ficasse dois anos no Brasil, ‘isso mudaria

o futuro do nosso povo””. Também no cenário teatral, Carlos Murtinho dirige *O Muro* em 1955 no Teatro Universitário de Porto Alegre, com Fernando Peixoto, não tendo encontrado até o momento trabalhos acadêmicos que tematizem o fato. Há, no entanto, um excelente artigo da historiadora brasileira Rosângela Patriota (2007), que faz um apanhado das influências de Sartre sobre o teatro político brasileiro. No entanto, as ênfases de tal análise ficam nas encenações realizadas no eixo Rio-São Paulo, sem propor um levantamento de manifestações em outras regiões do país.

Outro traço da influência exercida pelo pensamento de Sartre na produção cultural do período pode ser encontrado na canção “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, de cuja letra destaco: “Sem lenço e sem documento, **nada no bolso ou nas mãos**” (grifos meus). Sartre, no último parágrafo de seu livro “As Palavras”, escreveu que “minha única preocupação era me salvar – **nada nas mãos, nada nos bolsos** – pelo trabalho e pela fé” (SARTRE, 2018, p. 146. grifos meus)¹⁴. Não há coincidências neste caso. Caetano escreve em *Verdade Tropical* (2008, p. 162. grifos meus) que

O verso que segue à segunda aparição desse quase-título – “Nada no bolso ou nas mãos” – **foi tirado diretamente da última página de *As Palavras* de Sartre**: numa brincadeira comigo mesmo, eu tinha enfiado uma linha do que **para mim era o mais profundo dos livros** numa canção de circunstância.

A *Revista Civilização Brasileira* é também um precioso indício da influência do existencialismo de Sartre no Brasil. Nascida em março de 1965, esta publicação se inspirou em *Les Temps Modernes*, periódico fundado por Sartre e Simone de Beauvoir em 1945. A proposta de *Civilização Brasileira* era publicar artigos de “estudos políticos, sociológicos, econômicos e culturais” alinhados com a posição de fazer frente ao contexto brasileiro (REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1965). O último número da *Revista* é publicado em dezembro de 1968.

Em relação à produção de Sartre, os anos de 1945-56 – tematizados no mestrado – são considerados por sua biógrafa, Annie Cohen-Solal (2008), os “Anos Sartre” em virtude da acelerada produção e propagação de suas ideias. O período de 1956-73 aponta para uma inflexão: Sartre volta seus esforços diretamente para a **ação política engajada apartidária, embora simpatizante com a esquerda marxista**. É justamente a partir dessa mudança que alguns comentaristas da obra de Sartre a dividem em duas fases: resumidamente, a primeira com foco nas questões ontológicas sobre a existência humana, cuja obra principal seria *O Ser*

¹⁴ Todas as citações desta e de demais obras referenciadas em idiomas estrangeiros são fruto de minha livre tradução, salvo exceção oportunamente indicada. Optei por não indicar o original para dar mais fluidez e menor extensão ao trabalho.

e o Nada (SARTRE, 2007); a segunda, voltada para a militância política e à realização de uma obra em diálogo com o pensamento marxista, tendo em *Crítica da Razão Dialética* (SARTRE, 2002) seu principal registro escrito (BORNHEIM, 2007; MOUTINHO, 1995; MUNNÉ, 1982). Embora discorde que haja duas fases, mas sim uma mudança no interior de uma permanência (MÉZSÁROS, 2012), isso reforça a possibilidade de que a linearidade encontrada no período de 1945-55 seja quebrada, pautando modulações e **uma inscrição polifônica do existencialismo de Sartre no Brasil do período que se estende até 1969**. Minha opção por prosseguir até 1969 se deve tanto ao intervalo para que as produções de Sartre cheguem ao Brasil, quanto a poder acompanhar as possíveis reverberações do Ato Institucional nº5 sobre o modo como o intelectual francês era apresentado.

Outro aspecto quanto à produção de Sartre é sua chegada ao Brasil: entre 1948-69, dezesseis de seus livros foram traduzidos e publicados no país (Tab. 1¹⁵). Este é um volume expressivo se levarmos em conta as circunstâncias da recepção de sua obra nos anos de 1945-55 e às mudanças no rumo da política nacional pós-1964.

Tabela 1 - Publicação de Sartre no Brasil por ano, editora e cidade

Livro	Ano	Editora	Cidade
O Muro	1948	Instituto Progresso	São Paulo
A Idade da Razão	1949	Instituto Progresso	São Paulo
Entre quatro paredes	1950	Revista dos Tribunais	São Paulo
Reflexões sobre a questão judaica	1960	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
Furacão sobre Cuba	1960	Editora do Autor	Rio de Janeiro
A prostituta respeitosa	1961	Civilização Brasileira	Rio de Janeiro
Orfeu Negro	1963	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
A imaginação	1964	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
O diabo e o bom deus	1964	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
As palavras	1964	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
Esboço de uma teoria das emoções	1965	Zahar	Rio de Janeiro
Questão de Método	1966	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
Marxismo e Existencialismo - controvérsia sobre a dialética	1966	Tempo Brasileiro	Rio de Janeiro
As troianas	1966	Difusão Europeia do Livro	São Paulo
O fantasma de Stálin	1967	Paz e Terra	Rio de Janeiro
Colonialismo e neocolonialismo - Situações V	1968	Tempo Brasileiro	Rio de Janeiro

Fonte: EWALD, ALT & CAMPOS, s/d

O ensaio filosófico de Sartre chamado *O Ser e o Nada*, de 1943, só é lançado no Brasil em 1997. Desde então, o livro está em sua 24ª edição, o que acena para a demanda reprimida que havia pelos escritos filosóficos de Sartre. Quanto aos textos literários e teatrais, tanto de Sartre quanto de sua parceira de vida, Simone de Beauvoir, foram reeditados em 2005 pela

¹⁵ Tabela estabelecida com base em “O caminho de Sartre”, de Ariane Ewald, compilação não exaustiva da bibliografia produzida por Sartre com data de lançamento no original e em português. Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/bibliografias.html>. Acesso em 26 abril 2014.

editora Nova Fronteira e vem ganhando novas roupagens desde então, em sucessivas reimpressões e edições comemorativas. Em contraposição ao período mencionado neste projeto, entre os anos de 1970-2014, ainda de acordo com a fonte da tabela 1, foram lançados trinta e um livros de Sartre no país, o que ressalta a importância do volume de obras publicado nos anos de 1945-69 – os já indicados dezesseis livros – se considerarmos o intervalo menor.

Por fim, qual o sentido de estudar, no campo da Psicologia Social, a recepção de um pensador europeu no país por meio da imprensa? Para firmar estas bases recorro primeiramente aos estudos da linguista Bethânia Sampaio Corrêa Mariani (2003) sobre o início da imprensa no Brasil. Para a autora:

A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessário já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta*, *transforma* e *divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, *legitima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro. [...] No nosso entender, o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado. (MARIANI, 2003, p. 33)

A imprensa é, portanto, mais do que meramente “registradora”, mas criadora de um modo possível de leitura do mundo. Constrói passado, presente e futuro para a coletividade daqueles que com ela interagem direta ou indiretamente. Estes atores irão, por sua vez, agir no mundo afetados por esse olhar (com)partilhado. Analisar o impacto da imprensa, elencando um tema em meio a tantos possíveis, é uma forma de fazer Psicologia Social em um caminho não moderno:

(...) a proposta de 're-ver' a noção do eu produz um deslocamento de uma Psicologia, centrada no indivíduo e na individualização, para a possibilidade de abrangermos um sujeito em rede, produzindo e sendo produzido pelos agenciamentos compostos na relação humanos/não humanos, incluindo-se aí objetos, eventos, não-humanos [como os jornais, no caso desta pesquisa]. (ARENDR, QUADROS & MORAES, 2019, p.3)

Para nós, psicólogos que trabalhamos com Sartre, a importância de um olhar que retome essa recepção problemática de seu pensamento no país passa pela necessidade de compreendermos as diversas atualizações ainda problemáticas dessa perspectiva no campo *psi*. Como afirmam Campos e Alt (2015, p. 142-43),

Nossa observação diz respeito à apropriação de conceitos existenciais por parte de discursos contemporâneos que acabam ditando modos de ser engessados e que usam assim a seu favor noções desta filosofia que visam a justamente propor o contrário. Como exemplo, podemos facilmente perceber o uso da palavra 'liberdade' em propagandas de todo o gênero, assim como a promoção do indivíduo 'livre' na busca por sua felicidade. Do mesmo modo, a ideia de indeterminação, ou de ser diante de

possibilidades, pode ser apropriada pelo discurso individualista, que dita algo do tipo 'faça a sua vida' como se tratassem de seres totalmente independentes entre si, como mônadas, buscando individualmente sair das amarras sociais em busca de uma plenitude e autossuficiência.

Resgatar as narrativas da antropofagia brasileira de Sartre é poder perceber as condições de possibilidade para usos atuais de seu pensamento. Estes não serão aqui endereçados diretamente, mas o leitor que pesquisa Sartre para seu fazer no campo psicológico certamente irá reconhecer em uma ou outra narrativa apresentada alguma perspectiva problemática que, ainda hoje, precisa enfrentar quando lida com o filósofo diante de alguns colegas. Lembro-me, por exemplo, de uma querida amiga e pesquisadora de Sartre que apresentou sua pesquisa em um evento na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Acabou ouvindo de uma pessoa da plateia que não conseguia compreender como ela, uma pessoa que parecia ser séria, poderia trabalhar com um homem cujo melhor ato em vida foi assumir que seu pensamento é um Nada, já que intitulou uma de suas maiores obras como *O Ser e o Nada*. Eu, presente no dia, compartilhei, perplexo, a situação. São situações como esta que reiteram para mim a importância de um tal empreendimento. Afinal,

As narrativas nos permitem manter tanto o frescor do encontro pesquisador/a – campo, quanto à fidedignidade do vivido por nosso/a narrador/a, sujeito ativo de sua própria experiência. Cabe-nos costurar com arte e respeito esse material vivo que nos chega. Contar histórias é, sobretudo, uma aposta política para manter ativo o campo, a pesquisa e o/a pesquisador/a. (MORAES e QUADROS, 2020, p. 8-9)

Embora Márcia Moraes e Laura Quadros, no artigo acima, falem sobre um PesquisadorCOM que envolve diferentes atores na atualidade de um encontro, penso que esta pesquisa seja também um PesquisadorCOM, mas a partir de jornais. Respeitar e fazer (re)vigorar o frescor das narrativas pretéritas sobre Sartre no Brasil, evidenciando um processo de digestão do seu pensamento. Talvez um PesquisadorCOM(er), posto que eu também digiro tais narrativas, as processo e excreto como possível¹⁶. Buscando, ao máximo, respeitar o material com que foram feitas, mas assumindo esse processamento gástrico que é o lugar a partir do qual pesquisa, o meu deglutir¹⁷.

Desejo, possibilidade, importância e a necessidade de traçar o panorama da recepção do pensamento de Sartre no Brasil entre os anos de 1955-69 se reúnem neste projeto, portanto, com o modo de perceber a coletivização de uma leitura possível de um pensamento e o modo como tal coletivização constrói um modo de viver e pensar o Brasil.

¹⁶ Vale lembrar que todas as metáforas digestivas são importantes ao pensamento antropofágico (ANDRADE, 2003). O que se come, também se vomita e se defeca.

¹⁷ O que constitui esse olhar será apresentado mais a frente nesta introdução.

Analisando o cardápio: a escolha da fonte primária e palavras-chave

Decidir os espaços de busca dos “fragmentos circunstanciados” da memória¹⁸ é escolher os caminhos da história que se irá narrar. Não no sentido de que analisar determinado periódico seja se perder no discurso deste ao modo de uma verdade, mas no sentido de que nos restringimos a certos registros da realidade que invisibilizam outras aparições, evidenciando outras (LAW, 2009¹⁹). Para esta definição, utilizei os seguintes critérios:

- a) Jornais impressos que tenham acervo digitalizado com busca por palavra-chave: embora não seja condição *sine qua non*²⁰ para realização de uma pesquisa com fonte jornalística, no curto espaço de tempo de um doutorado e para um levantamento com intervalo temporal extenso como esse que aqui proponho, tal ferramenta se mostra um instrumento importante;
- b) Periódicos publicados durante todo o período de pesquisa: ao longo da dissertação, lidei com dois jornais que haviam sido publicados em períodos complementares dos anos de interesse ao projeto. A opção aqui é por uma visada que possa ser acompanhada durante todo o período pesquisado;
- c) Jornais que se autodeclaravam como de circulação nacional no período de pesquisa: embora não tenha feito levantamento para averiguar se os periódicos selecionados eram comercializados em diferentes estados brasileiros, parti da informação fornecida nas capas desses veículos, que afirmavam seu tipo de circulação. Vale frisar que o controle sobre circulação e tiragem de jornais era falho no período (CHAGAS, 2001);
- d) Jornais que noticiavam fatos de todo o país: este é um elemento importante, pois pode ter havido notícias relacionadas a produtos e movimento culturais em diferentes partes do país, mas não captadas por uma imprensa focada em informações locais ou regionais;
- e) Jornais de tendências políticas distintas: tradicionalmente, os “manuais de estilo” da imprensa brasileira enfocam mais as questões gramaticais e ortográficas do que a explicitação de seus posicionamentos políticos. Estes

¹⁸ A expressão é de Ariane Ewald (2005). Este livro foi recolhido pela autora por conta de um erro da editora no título. Alguns poucos exemplares estão em circulação, tendo sido a obra aqui utilizada, com a devida correção no título do livro, com a permissão da autora.

¹⁹ Law aponta para como, cada realidade encenada, invisibiliza realidades colaterais que seguem, a seu turno, suas performances. Em outros momentos da pesquisa, essa noção de realidades colaterais será importante.

²⁰ Expressão em latim que significa “sem a qual não pode ser”.

são descritos na maior parte das vezes como “neutro” (PAIXÃO, 2018). Isso dificulta que se afirme qual é a tendência política de um jornal. Entretanto, o intervalo entre o tempo sobre o qual se analisa e o presente, bem como algumas retratações e correções de rota de veículos de imprensa, foram confirmando impressões que, outrora, eram meramente suspeitas.

É ao passar por esses filtros que escolhi dois periódicos, *O Globo*, carioca, e *O Estado de São Paulo*, paulista, do qual vim a abrir mão posteriormente em função do montante de reportagens presentes no primeiro. Embora não haja dados oficiais sobre a circulação de jornais naquele tempo, estima-se que *O Globo* era um dos diários de maior trânsito no país, como o trecho abaixo nos permite entrever:

Na segunda metade da década de 1950, a imprensa brasileira começou a abandonar uma de suas tradições: o jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião. Essa forma de jornalismo político convivia com o jornalismo popular, que tinha como característica o grande espaço para o *fait divers*²¹, para a crônica e para o folhetim. A objetividade da linguagem não era uma preocupação. Gradualmente, passou-se a praticar um jornalismo que privilegiava a informação, que separava o comentário pessoal da transmissão objetiva da notícia. O crescimento dos jornais e revistas passou também a depender mais da publicidade do que dos anúncios classificados. Ainda nesse período predominavam os jornais vespertinos, mas, com a chegada da televisão, sobretudo a partir dos anos 60, eles foram cedendo o lugar aos jornais matutinos.

Quando se observa a imprensa escrita de maior circulação no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, verifica-se que a contestação da eleição e da posse de Juscelino Kubitschek partiu dos jornais *O Globo* e *Diário de Notícias*, do Rio, e *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Todos eles estavam identificados com a UDN, encamparam a tese da maioria absoluta e se posicionaram contra a posse de JK. (ABREU, s/d. Grifos meus)

No trecho acima, a historiadora Alzira Abreu, além de nos apontar para o fato de que *O Globo* era um jornal de grande circulação, traz outros elementos que nos importam. Primeiro, fala de uma inflexão no jornalismo nacional, que se coaduna com a leitura já apresentada pela comunicóloga Patrícia Paixão (2018), de que há a busca por uma pretensa neutralidade. Ademais, nos indica que alguns periódicos partilharam um posicionamento político: foram contrários à eleição de JK. Mais do que unicamente ao presidente, a oposição se dava também em função do vice-presidente da coligação pessedista²², João Goulart (também conhecido como Jango). Esta chapa aliava o nacional-desenvolvimentismo representado por Juscelino (cujo *slogan* de campanha é bastante conhecido até os dias atuais: “50 anos de progresso em 5 de governo”) com uma pauta mais à esquerda, representada por Jango (FERREIRA, 2013). Há,

²¹ Expressão comum ao meio jornalístico em referência a fatos insólitos e surpreendentes. Muitas vezes, são também fatos de difícil categorização, não se enquadrando em nenhuma das sessões de um periódico.

²² Referência ao PSD, Partido Social Democrático. Nas eleições de 1955, o PSD concorreu em aliança com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Republicano (PR), o Partido Trabalhista Nacional (PTN), o Partido Social Trabalhista (PST) e o Partido Republicano Trabalhista (PRT).

portanto, uma oposição a esse caráter “esquerdizante”, aliado a certo resquício do Macarthismo norte-americano.

Tal oposição a uma pauta mais à esquerda seguiu em vigor, tendo encontrado na União Democrática Nacional (UDN) sua convergência²³. O jornal passou a apoiar os udenistas, que representavam uma pauta à direita e conservadora (CHAGAS, 2001). Quando o Golpe Civil-militar brasileiro, em abril de 1964, declarou que a presidência estava vaga pois João Goulart, então presidente, teria abandonado o país, ao lado dos militares o principal “braço” civil é justamente a UDN. Nesse sentido, fato assumido em 31 de agosto de 2013 por *O Globo* no editorial *Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro*, o veículo é um apoiador do regime. E, embora a promessa dos militares de que novas eleições ocorreriam em 1964 não tenha sido cumprida, já que a promulgação do Ato Institucional n.º 2 dissolve os partidos (MAYRINK, 2010), o jornal segue apoiando a ditadura em detrimento de sua trajetória de apoio aos udenistas.

Penso ser importante optar por jornais que tenham vinculações mais evidentes com o campo conservador, em virtude da clara conexão de Sartre e seus simpatizantes com a esquerda. Estudos sobre Sartre e o marxismo e sobre o existencialismo vinculado às esquerdas já foram realizados²⁴. Que dissonâncias emergem se olharmos para um ponto de vista outro?

Assim, passei a escolha das palavras-chave a serem utilizadas para o levantamento. Diferente daquilo que realizei na dissertação, quando parti de termos mais específicos sobre um ou outro aspecto da obra de Sartre, optei por iniciar com termos amplos, que pudessem dar uma visão de conjunto das publicações. Assim, os escolhidos foram:

- a) Existencialismo – primeiro termo inserido no motor de pesquisa do jornal *O Globo*. Busca referências especificamente sobre o pensamento de Jean-Paul Sartre, mas engloba também outras filosofias da existência (como a do francês Gabriel Marcel, do argelino Albert Camus e do alemão Martin Heidegger) que passaram a ser também chamadas de existencialistas. Trouxe um total de 128 reportagens.
- b) Existencialista – esse segundo termo busca pelas adjetivações: aquilo que era considerado como tendo conexão com o existencialismo, compreendido em suas diferentes acepções. Trouxe 347 resultados.

²³ Refiro-me à UDN como um grande bloco, mas vale frisar que há dissenso dentro do próprio partido. Ambos os jornais apoiam parcelas mais conservadoras dentro do partido, mas não necessariamente e nem a todo tempo os mesmos grupos.

²⁴ Em conexão mais direta com esta pesquisa, uma vez que também tratam sobre o cenário brasileiro, aponto para os já citados trabalhos de ROMANO (2002) e ALMEIDA (2009).

- c) Sartre – por fim, o termo buscava encontrar matérias que envolvessem o filósofo sem necessariamente ter feito referências ao nome dado à corrente de pensamento por ele criada. 1172 matérias faziam referência ao termo Sartre.

Decidindo o que comer: método

As proposições da Teoria Ator-Rede e da fenomenologia como apropriada por Jean-Paul Sartre emergem como *horizontes metodológicos* desta pesquisa. Alguns de seus pressupostos serão apresentados adiante, mas, aqui, cabe indicar que isso significa que os atores humanos e não-humanos serão simetricamente considerados em seu entrelaçamento, viabilizando que o rastro de livros, peças teatrais e obras sejam perseguidos, e não apenas as ações de seus autores ou receptores. Uma tal visada contribui para que o social se evidencie como uma rede complexa e fluída, não como um objeto estável. Paralelamente, busca-se por um olhar que considera aquilo que aparece tal qual aparece, em uma visada mais compreensiva do que interpretativa e que reafirme a inviolável conexão homem-mundo.

Como já indicado anteriormente, a ideia era ampliar a pesquisa também para o paulista *Estado de São Paulo*. Quando escrevi o projeto dessa empreitada, imaginava que encontraria nos catorze anos do recorte temporal para o doutorado algo em torno de mil excertos jornalísticos somando ambos os periódicos. Essa estimativa partia do fato de que, nos onze anos pesquisados durante o mestrado em dois periódicos, havia encontrado 765 matérias jornalísticas, sendo aquele o período de intensa produção escrita de Sartre e da grande moda existencialista. Essa expectativa se construiu com base em duas ideias: primeiro que entre 1955 a 1969, a moda existencialista havia entrado em franco declínio. Em segundo lugar, com a Ditadura Civil-Militar, imaginava que *O Globo*, partidário do Golpe mesmo após 1965, comentaria menos sobre um pensador com notórias vinculações com o marxismo. No entanto, apenas neste jornal encontrei 1647 ocorrências (Tab. 2), utilizando as palavras-chave apresentadas.

Assim, em virtude do grande número de reportagens encontrados, optei por não ampliar a pesquisa, atendo-me ao total resultante dessas palavras-chave nesse periódico. De todo modo, recorri a outros jornais quando um olhar mais amplo ou quando o dissenso parecia relevante. Ao fim, acabei trabalhando com a integralidade das referências em *O Globo*, mas também com as seguintes publicações: o encarte *O Sol*, do grupo *Jornal dos Sports*, publicado entre os anos 1967 e 1968, e as edições de *O Pasquim* de 1969, ano de seu lançamento. Ainda, recorri pontualmente ao acervo do periódico *Folha de São Paulo* e a outros jornais de alguns estados

brasileiros, quando em busca de informações locais. Todos os casos em que um periódico diferente de *O Globo* for utilizado serão sinalizados no texto. Destaco, por fim, que tais elementos são utilizados sempre tomando este periódico como ponto de partida. Busco indícios em outras fontes uma vez que eles já se apresentaram em *O Globo*, que estabelece uma espécie de diretriz para o percurso.

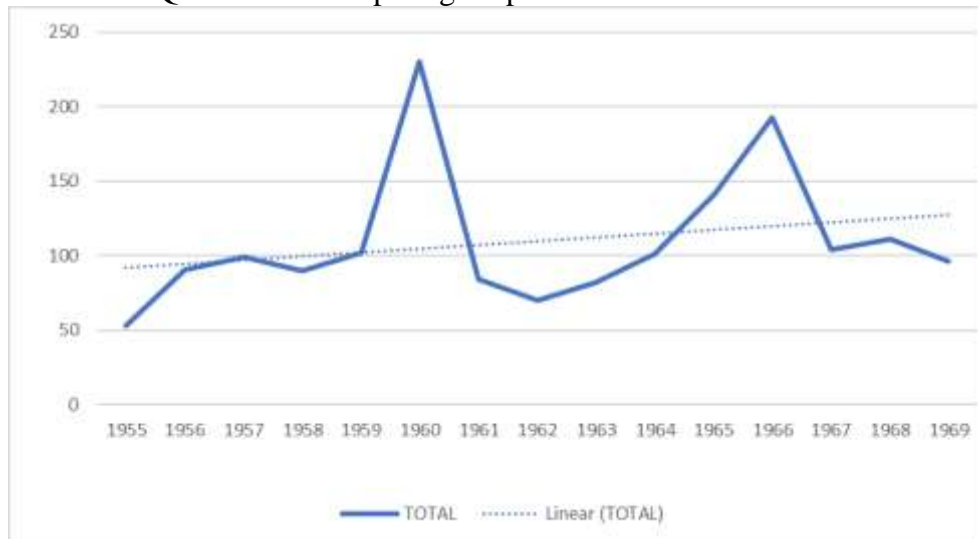
Tabela 2 - Reportagens de O Globo por ano e palavra-chave

Palavras-chave	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	TOTAL	%
Existencialismo	4	9	12	16	9	20	6	10	4	6	11	4	2	10	5	128	8%
Existencialista	23	24	31	24	23	50	28	15	13	25	26	17	17	19	12	347	21%
Sartre	26	58	56	50	70	160	50	45	65	70	104	172	85	82	79	1172	71%
TOTAL	53	91	99	90	102	230	84	70	82	101	141	193	104	111	96	1647	

Alguns elementos nessa tabela chamam a atenção. Primeiramente, pode-se notar que, mais do que a corrente filosófica derivada de seu pensamento, o “Existencialismo”, e do que o adjetivo dela derivado, “Existencialista”, a maior parte das matérias (71%) foram encontradas em virtude de se referirem diretamente ao nome de Sartre, evidenciando o quanto este ganha relevo para além da corrente de pensamento existencial.

O total de reportagens por ano (Gráfico 1), a seu turno, aponta para um maior volume de indícios em dadas épocas.

Gráfico 1 - Quantidade de reportagens por ano



Nota-se no gráfico um aumento gradativo de matérias entre 1955 e 1960, quando há o ponto mais alto da série. A elevação em 1960 pode ser compreendida pela visita de Sartre e Simone de Beauvoir, companheira de vida daquele, ao Brasil. Há também um pico em 1966, devido às diversas propagandas da encenação de *As Troianas* – apresentada no capítulo 3 – e às publicações de Nelson Rodrigues mencionando Sartre – no capítulo 2.

Outro elemento importante no gráfico é aquilo que a linha tracejada aponta, ou seja, para a tendência. Nota-se que, embora muitas reportagens encontradas anunciem uma queda da influência de Sartre no país e no mundo, tal qual uma moda em desuso, o total aponta para leve tendência de crescimento ao longo de todo o período analisado. A *moda existencialista*, movimento que se constitui em torno de Sartre e Beauvoir, mas com pouca conexão com seus pensamentos, perde ênfase, mas não o existencialismo e o filósofo.

Dentre as 1647 notícias encontradas, excluí 137 por serem, na verdade, repetições em virtude de conterem em seu texto diferentes palavras-chave usadas no motor de busca. Assim, cheguei ao total de 1510 matérias, que foram organizadas cronologicamente, impressas e analisadas. Ao longo da análise, cada recorte de jornal foi sendo classificado de acordo com seu tema principal (Tab. 3), em um total de 29 categorias.

Tabela 3 - Quantificação das categorias estabelecidas pela análise.

Categorias	Qnt.
Adoção de Arlette	4
Antônio Olinto	53
Cinema	52
Comentários sobre obras escritas de Sartre	125
Comentários sobre Sartre e seu pensamento	120
Esquerdas na França	11
Esquerdas no Brasil	33
EUA, Vietnã e o Tribunal Russel	18
<i>Faits Divers</i>	159
Israel e Palestina	6
Mai de 1968	11
Maoísmo	1
Música	7
Negro	5
Nelson Rodrigues	68
Nobel	28
Obras de Sartre	82
Outros Existencialismos (Kierkegaard, Heidegger, Camus etc.)	43
Produção nacional considerada existencialista	38
Psicologia	7
Rádio	3
Relações França-Brasil	7
Sartre e a Igreja Católica	31
Sartre e a questão da Argélia	22
Sartre e Camus	9
Sartre, URSS e Comunismo	35
Simone de Beauvoir	12
Teatro	474
Visita ao Brasil	46
TOTAL	1510

Dentre elas, optei por desconsiderar as matérias que tivessem maior vinculação com a *Moda Existencialista*. Isso se justifica pelo fato de que não trazem novidade em relação a essa mesma categoria quando analisada na dissertação de mestrado (SOUZA, 2015). Foram 151 excertos excluídos e reúnem: fofocas sobre a vida de Juliette Gréco, a quem ainda se referem como “a musa existencialista”; relatos sobre Paris, indicando que a *moda existencialista* do bairro de Saint-Germain-des-Prés é “coisa do passado”; comentários sociais e de moda referindo-se a jovens e adultos como existencialistas por serem depravados, feios, sujos, descabelados e afins, dentre outros tipos de reportagem nesse mesmo diapasão. Por outro lado, optei por separar algumas matérias que poderiam ter sido agregadas a esse grupo, mas evidenciam curiosidades que permitem conhecer melhor a sociedade brasileira da época. Assim, criei a categoria *Faits Divers*, em referência ao nome normalmente dado aos fatos insólitos e surpreendentes no mundo jornalístico.

Ao longo da escrita, tive que fazer opções outras que, embora não tenham me deixado feliz, eram necessárias à fluidez do texto. Assim, nem todas as categorias foram trabalhadas, algumas sendo apenas indicadas em notas de rodapé, registrando a existência dos indícios. Isso se deveu ao tamanho do empreendimento, a um desejo de fluidez e à consideração de que eram fatos periféricos em termos da compreensão de como Sartre foi deglutido no país, sendo reportagens mais factuais, tais como a adoção de Arlette Elkaim-Sartre ou a visita à Israel.

Diante deste vasto material, resta esclarecer para o leitor os autores que foram moldando meu olhar ao longo dos anos e que compõem a própria possibilidade de visada desta pesquisa. Eles são elementos cruciais para o modo como escolho organizar e apresentar as ideias dessa pesquisa-em-curso. Não são fundamentos teóricos que o leitor irá, necessariamente, encontrar ao longo dos capítulos, que buscam seus fundamentos nas fontes jornalísticas, em Sartre e em autores que escreveram sobre ele. São fundamentos do meu modo de ver.

Harmonizando o menu: Inspirações teóricas

A filósofa e bióloga estadunidense Donna Haraway (1995, p. 25), a certo ponto de um texto em que discute a importância do feminismo para a construção de saberes localizados, escreve: “A visão é sempre uma questão de poder ver – e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização. Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?”. Essa é uma questão interessante para a pesquisa científica: a partir de que lugar falo, com quem dialogo, sobre quem/com quem/para quem meu olhar se situa? Busco aqui responder a tal questão apresentando os autores que são importantes na construção do meu olhar. Eles fazem parte da

própria constituição da minha possibilidade de ver o meu tema e transitar pelos mapas emergentes na pesquisa. Como já anunciado, este olhar se constitui pela imbricação de duas perspectivas: a Teoria Ator-Rede, de acordo com Bruno Latour, e a fenomenologia tal qual intencionada por Sartre. A priori, são fazeres antagônicos, uma vez que Latour é crítico das propostas fenomenológicas – sobretudo pela falta de simetria destas em função da noção de intencionalidade da consciência – e da perspectiva dialética, cara a Sartre.

De acordo com Bruno Latour (2012, p. 22), o “‘social’ não é uma cola que pode fixar tudo [...] é *aquilo* que *outros* tipos de conectores amalgamam”. Desta forma, o autor propõe uma viragem no modo de encarar a pesquisa com o social, que passa a ser compreendida como um acompanhar os rastros deixados por diversos atores em rede. Este modo de encarar o social defendido por Latour é a base daquilo que ele chama de Teoria Ator-Rede. O sociólogo destaca três elementos que precisam estar presentes em uma pesquisa que queira evidenciar esse amalgamento. São eles:

- a) Os não-humanos precisam ser encarados como atores, ou seja, não só os humanos agem. É preciso considerar que humanos e não-humanos atuam e dar a todos esses atores o mesmo patamar ontológico, simetricamente. Não há uma primazia ontológica do humano sobre os demais atores;
- b) O social não deve ser usado como termo explicativo de fenômenos, mas justamente como a complexidade e heterogeneidade que se busca compreender ao seguir os indícios em rede. Nesse sentido, as pesquisas precisam evidenciar que não há um social previamente dado, um tipo de subjetividade, por exemplo, preexistente, que é afetado pelo surgimento de tal e qual movimento. O que há são atores em associação;
- c) Por fim, o social não é uma desarticulação de heterogêneos. É a rearticulação de todos os fatores em uma reassociação que permite “descobrir novas instituições, procedimentos e conceitos” (LATOUR, 2012, p. 30).

Estas premissas de Latour são, a um só tempo, problema e solução. Por um lado, atacam a perspectiva fenomenológica, que parte da ideia de que há um privilégio ontológico humano, uma vez que são estes os atores dotados de consciência intencional, ou seja, consciência que é sempre consciência *de* algo. Como afirma Latour, a proposta que privilegia os humanos precisa ser desconstruída: “O que Sartre dizia dos humanos, que sua existência precede sua essência, é válido para todos os actantes, a elasticidade do ar, a sociedade, a matéria e a consciência”. (LATOUR, 2019, p. 108-109). Por outro lado, as premissas de Latour abrem brechas que pretendo habitar.

Em seus escritos, o sociólogo não deixa estabelecido qual fenomenologia ataca. Em *Jamais fomos modernos*, criticando a Fenomenologia como uma das perspectivas modernas que visa desconstruir, afirma que

A noção de intencionalidade transforma a distinção, a separação, a contradição em uma tensão insuperável entre o objeto e o sujeito. As esperanças da dialética são abandonadas, uma vez que esta tensão [colocada entre tese e antítese] não oferece nenhuma resolução. Os fenomenólogos têm a impressão de ter ultrapassado Kant, Hegel e Marx, uma vez que não atribuem mais nenhuma essência nem ao sujeito puro nem ao objeto puro. Eles têm a impressão de falar apenas de mediação, sem que a mediação esteja ligada a polos. Entretanto, tudo o que fazem é desenhar um traço entre polos reduzidos a quase nada. Modernizadores inquietos, podem apenas estender a “consciência de alguma coisa” que se torna somente uma fina passarela sobre um abismo que aumenta aos poucos. (LATOURE, 2019, p. 74)²⁵

O que se depreende deste trecho, para além da crítica à intencionalidade e à perspectiva moderna, ainda binária e estabelecadora de uma separação entre sujeito e objeto, é que não há uma localização exata de quais autores compreendem o grupo dos fenomenólogos atacados por Latour. Uma coisa é certa: são aqueles que usam a ideia de intencionalidade como forma de superação da perspectiva dialética. Esta, para ele, também não é uma boa solução, uma vez que não localiza o global e redistribui o local, apenas transitando com tanta velocidade entre os dois polos de modo que se tenha a sensação de que eles foram diluídos (LATOURE, 2012).

Entretanto, é preciso considerar que Sartre é um fenomenólogo bastante *sui generis*. Fará a junção da ideia de intencionalidade com uma proposta dialética. O que busca na noção de intencionalidade é o lançamento do humano no mundo, com o fim daquilo que chama de uma “filosofia digestiva”, que teimava em encarar essa relação pessoa humana-mundo como de introjeção de elementos para uma consciência contenedora de representações (SARTRE, 2005a). Aproxima-se da ideia de ser-no-mundo de Heidegger entre os anos de 1936 e 1940, e, pelo modo como lida com esta noção, segundo Da Silva (2010), Sartre consegue suprimir parte dos conflitos da filosofia até o momento. Tais conflitos, defendendo, são alguns dos apontados por Latour (2019) quanto ao pensamento moderno, embora Sartre seja, reconheço, um moderno e, portanto, não consiga superá-los plenamente.

Partindo da consciência como intencionalidade e da articulação de tal definição com a ideia de uma relação indissociável entre ser humano e mundo, Sartre visa ultrapassar a dualidade sujeito/objeto. Consegue postular, se não a existência de um concreto, ao menos a

²⁵ Nesta obra, Latour (2019) estabelece uma crítica do projeto do pensamento moderno, apontando o quanto o esforço de esquadramento, controle e estabilização das relações entre aquilo que se chama natureza e humanidade não apenas nunca foi plenamente realizado como não pode ser levado à cabo.

necessidade absoluta de que, para existirem, consciência e mundo somente podem estar em relação. Assim, não há mundo sem consciência, nem consciência sem mundo.

Mas, para que esta relação não se torne uma “fina passarela sobre um abismo”, Sartre recorre a um elemento rechaçado pela fenomenologia: a dialética. Assim, “(...) num movimento ascendente, o pensamento de Sartre parte da fenomenologia, vai à ontologia, flerta com a metafísica; em seguida retorna ao cotidiano pela via da dialética marxista” (DA SILVA, 2010, p. 19).

Uma obra importante deste momento dialético é *Questões do Método* (SARTRE, 2002). Nela, o filósofo diferencia filosofia e doutrina, sendo aquela, em linhas gerais, um grande *corpus* que compreende o horizonte histórico em que foi produzido, enquanto a doutrina seria uma variação deste *corpus*. Assim, defende que o marxismo é a filosofia necessária daquele tempo – a obra é escrita em 1957 –, mas que carece de um método para realizar tal análise da história, com o que a doutrina existencialista poderia contribuir (SARTRE, 2002).

O problema da filosofia marxista como utilizada por diferentes pensadores, era o modo como operava uma universalização da história. Adotava-se um conceito externo ao processo histórico, forjado pelo intelectual que considerava o período. Tal conceito era usado para definir a experiência humana: a luta de classes, a burguesia, o capital, são apenas algumas das ideias que embasaram a construção de uma história universalizada. Em termos latourianos, poderíamos dizer que são conceitos usados para estabilizar o social. Para Sartre, “o esquema constitutivo dessa hipótese é universalizante; não é totalizante; determina uma relação, uma função e não uma totalidade concreta. O marxista abordava o processo histórico com esquemas universalizantes e totalizadores” (SARTRE, 2002, p. 33).

O que se depreende desta indicação, portanto, é que o método que o existencialismo de Sartre pode emprestar ao marxismo deve atuar no sentido de recolocar o particular na universalização. Como assevera Da Silva (2010, p. 248), o marxismo “tem muita pressa em totalizar” a história. Se é possível fazê-lo, para Sartre, é apenas no registro de uma universalidade singular, de um singular universal, que deve ser estabelecido justamente no movimento entre um e outro polo dessa copla:

[...] existencialismo e marxismo visam o mesmo objeto, mas o segundo reabsorveu o homem na ideia, enquanto o primeiro o procura por toda parte onde ele está, em seu trabalho, em sua casa, na rua. Com toda certeza, não pretendemos [...] que esse homem real seja incognoscível. Dizemos apenas que ele não é conhecido. (SARTRE, 2002, p. 35)

A proposta passa a ser, então, evidenciar o movimento do singular no universal e do universal no singular, de um ao outro, sem cessar, como se numa dança. Trata-se de um movimento dialético com movimentos que Sartre nomeia de progressivo-regressivo.

Em *Questão do Método e Crítica da Razão Dialética*, Sartre elabora uma metodologia para as ciências sociais em geral que é mais dialética do que analítica – que atenta para análise apenas como um dos momentos de um método progressivo-regressivo. Esse método, que Sartre adapta do sociólogo marxista Henri Lefebvre, tem três momentos: (1) um momento de descrição fenomenológica [...]; (2) um momento analítico-regressivo – um retorno à história do indivíduo ou grupo a momentos anteriores; e (3) um momento sintético-progressivo que se move do passado ao presente numa busca por redescobrir o presente em toda sua complexidade. (CANNON, 1991, p. 22)

É importante frisar que, em sua obra, Cannon (1991) pensa nas relações específicas entre o existencialismo e as psicanálises, freudiana e lacaniana em especial. Assim, considero que é sob o peso dessas psicanálises que ela compreende o movimento progressivo-regressivo como um caminho temporal, do passado ao presente. Acredito que isso também seja verdade, mas que, naquilo que tem de relação mais direta com o marxismo, o método progressivo-regressivo em Sartre é um movimento dialético que sai regressivamente do mundo para o indivíduo e progressivamente do indivíduo para o mundo. Esse movimento dialético, reitero, também engloba o movimento temporal entre passado e presente, de modo a elucidar como cada humano se faz pessoa, se escolhe no mundo.

Retomemos, pois, Latour e suas premissas. A primeira dá conta de que é necessária uma ontologia simétrica: Sartre não o faz. Compreendo que isso se deva a um fator contextual: interessava ao filósofo recolocar o humano na análise marxista. Mas, vejamos, por exemplo, o que Sartre nos diz, em entrevista ao jornal *Le Monde*, sobre como estabelece o fio conector entre os diversos momentos de vida de um de seus biografados, Gustave Flaubert:

(...) sou obrigado a imaginar: se pego, por exemplo, uma carta de 1838 e uma outra de 1852, estes são documentos que não foram jamais relacionados entre si pelo próprio Flaubert nem por seus correspondentes ou críticos. Naquele momento, essa relação não existia. Se eu a faço, é porque imagino. E uma vez que imaginei, isso pode me dar uma relação real. (SARTRE, 1976, p. 95)

As cartas, não seriam elas actantes nessa análise? É Flaubert que Sartre destaca. É ele que se quer ver, porque quer suplantar o olhar determinista e encapsulante das estruturas marxistas. Mas isso é feito a partir de outro tipo de ator e não por Flaubert ele mesmo.

A segunda premissa de Latour é que o social não deve ser tomado como algo previamente dado. O método progressivo-regressivo, justamente, ao tomar a dimensão processual das relações humano-mundo, aponta para a totalidade-destotalizada que emerge a cada visada que se lança para esse encontro. Traduzindo em termos latourianos, diria que atores humanos e não-humanos (inter)agem na constituição sempre renovada do mundo, esse social que não é uma entidade previamente estabelecida.

Por fim, Latour aponta para a necessidade de rearticulação. Uma espécie de totalização que precisa se assumir como uma das possibilidades situadas, locais e temporárias, de reagregamento do todo, que sempre se destotaliza. Essa proposta também é similar àquela empreendida pelo método progressivo-regressivo, ao encarar o universal-singular como totalidade-destotalizada.

É claro, compreender as coisas deste modo parte de um esforço do meu olhar. Sartre é um moderno, herdeiro do século XIX e intenso pensador do século XX. Ele não se preocupa efetivamente com não-humanos. Tampouco com a mesma ideia de social que encontramos em Latour. Mas hoje, reler Sartre tendo esbarrado com Latour me permite ver ali, de modo incipiente, muitos elementos das premissas de trabalho do sociólogo. Kate Kirkpatrick (2020), próximo à conclusão de sua biografia sobre Simone de Beauvoir, ressalta o quanto a ojeriza provocada pela dupla Sartre-Beauvoir em muitos meios intelectuais, somada à moda estruturalista que os sobreveio, invisibilizou o papel fundador de ambos na própria possibilidade de constituição de muito do que surgiu após eles no pensamento francês. Penso que seja este o caso com Latour. Aliás, dentre os pensadores afinados com a fenomenologia, é Sartre quem ele menos ataca em seus textos – ao menos naqueles que conheço, claro. Será isso indício de algo ou mero desejo de um pesquisador encantando com as possibilidades abertas por ambas as perspectivas?

Enfim, esta questão da conexão entre as propostas de Latour e Sartre, penso que consigo resolver melhor por aquilo que performo no trabalho aqui apresentado. Latour (2012, p. 29-30) afirma que um pesquisador não precisa estudar ou se dizer associado à TAR para produzir um trabalho coerente com esta. Segundo o sociólogo, para que uma pesquisa seja TAR, basta que ela respeite as três premissas anteriormente apresentadas ao longo de seu proceder, não importando suas conexões teóricas.

Creio que é isso que coloco em movimento ao longo desta pesquisa, que busca não pensar a partir dos jornalistas, mas COM eles, entendendo como eles defendem, apresentam e se opõem a certas leituras de mundo (LATOURE, 2012). Assim, esta tese se estrutura em três capítulos. No primeiro, *Sartre à pururuca: “é preciso queimar Sartre”?* discuto as conexões entre o modo como foi apresentado e o campo político brasileiro. *Sartre em sopa de letrinhas*, o segundo capítulo, é um diálogo com a presença da literatura do intelectual no país, apontando para a influência que exerce e, mais especificamente, analisando o olhar crítico de Antonio Olinto e Nelson Rodrigues para o colega francês. Por fim, *Sartre servido à plateia: Cinema e Teatro* persegue os rastros da recepção de filmes e peças baseados nas obras do intelectual no Brasil, buscando extrapolar o cenário de Rio de Janeiro e São Paulo. O jantar está servido. Comamos.

1 SARTRE À PURURUCA: “É PRECISO QUEIMAR SARTRE”?

Dênis Moraes (2000, p. 102) conta que, quando da vinda de Sartre ao país em 1960, “a *Última Hora* de Samuel Wainer asseverou que, se o papa do existencialismo ficasse dois anos no Brasil, ‘isso mudaria o futuro do nosso povo’”. Wainer, fundador, editor-chefe e diretor deste importante jornal, era um russo brasileiro, que se manteve ligado ao campo da esquerda não comunista e ao populismo, fortemente encarnado na figura de Vargas, a quem apoiava e por quem era apoiado. Compreender tal fala requer considerarmos aquilo que Sartre poderia representar para o país em termos políticos. Como veremos, o que se evidencia é que tais papeis pendulam de acordo com a necessidade de diferentes *usos políticos* feitos da imagem do filósofo e de seu pensamento.

Em 28 de abril de 1955, por exemplo, o imortal José Lins do Rego publica a análise de um ensaio de Raymond Aron sobre “o destino do escritor diante das utopias do nosso tempo”. Encarando a impossibilidade de perscrutar as vicissitudes do progresso técnico na contemporaneidade, Aron registra uma preocupação: o progresso não só nos encaminha para a vitória, mas também para a derrota. O totalitarismo aparece como um dos sintomas-sinais (SOARES & EWALD, 2011, p. 14) disso, já que nasceu travestido de Revolução, ou seja, de progresso. Especificamente sobre o cenário intelectual francês, nos conta Lins do Rego, Aron escreve que “depois de tudo a inteligência francesa com as suas declarações de princípio, mesmo quando se trata de um Jean-Paul Sartre, chegam [sic] ao nível da comédia. Sente-se no pensamento dos ‘avançados’ uma decomposição que se assemelha a um fim de festa”²⁶. O existencialismo de Sartre é apresentado, então, como mais uma das comédias vanguardistas que, no fundo, nada mais são do que degenerescência.

É inusitado que Lins do Rego não indique qual é o livro de Aron que está sendo comentada. Considerando que *O ópio dos intelectuais* (ARON, 2016) havia sido lançado no início de 1955 na França, é provável que todo o texto se construa como comentário ao capítulo *O mito da revolução*, presente neste livro, com o qual guarda alguma semelhança temática. Porém, ao não informar exatamente de qual obra fala, Rego viabiliza que sua interpretação possa ser tão ampla quanto queira. De todo modo, seu comentário parece fiel ao conteúdo do referido capítulo, salvo pela acusação de que pensamentos como de Sartre chegam ao nível da “comédia”, interpretação muito própria de Lins do Rego de como Aron enxerga o discurso dos intelectuais de esquerda.

²⁶ REVOLUÇÕES E DEMOCRACIA, 28/04/1955, p. 2.

Não apenas Rego não informa ao leitor sobre qual texto fala, mas também não apresenta a querela Aron-Sartre. Antigos amigos da Escola Normal Superior, se distanciam em 1947 em função de suas divergências políticas: Sartre, intelectual de esquerda que se mantém como um “companheiro de caminhada” do Partido Comunista; Aron, um liberal que endossa as pautas anticomunistas. Sem apresentar qual texto comenta e sequer situar o leitor diante daquele de quem fala, duas possibilidades de leitura me ocorrem: ou que ambos os autores eram bem conhecidos dos leitores do periódico, ou que a não explicação visa permitir que Rego veicule a análise das reflexões de Aron repletas de um colorido absolutamente próprio ao literato brasileiro. Entretanto, manter uma atitude fenomenológica diante daquilo que se apresenta requer abrir mão dessas pressuposições²⁷. Prossigamos, então, olhando para aquilo que aparece.

Figura 2 - Capa Le Nouvel Observateur, 2005



José Lins do Rego participou do movimento intitulado Esquerda Democrática (CAPRARO *et al.*, 2016), mais especificamente afinado com sua ala intelectual, que reunia “esquerdistas-liberais” (BENEVIDES, 2010). A título de apresentação do texto de Aron, Rego opina mais sobre o mundo como ele próprio o enxerga do que sobre o livro do intelectual francês, talvez por se compreender em um ponto de vista próximo ao de Aron. Adicionalmente, passa ao largo de citar outros intelectuais diretamente. O único que ataca frontalmente em sua coluna é Sartre. Se Lins do Rego tivesse que responder à questão de capa de *Le Nouvel Observateur*²⁸ no centenário de Sartre, “Deve-se queimar Sartre?” (Figura 1), tudo indica que

²⁷ Opto, ao longo de todo o trabalho, por mostrar para o leitor o esforço de abrir mãos dessas pressuposições. Tais explicações, ao modo das hipóteses da dita ciência dura, costumam aparecer ao longo do pesquisar – fazem parte da atitude natural apontada por Husserl -, mas precisam ser postos de lado: é necessário deixar que os próprios fenômenos conduzam a pesquisa. Considero importante evidenciar esse esforço para que o leitor perceba que a atitude fenomenológica não é simples.

²⁸ FAUT-IL BRÛLER SARTRE?, 2005.

sua resposta seria um sonoro “sim” – e segue sendo, como veremos até a conclusão deste capítulo. Um Sartre à pururuca, bem tostado e crocante.

No entanto, uma tal afirmação pode parecer apressada. Afinal, a reportagem de Lins do Rego é uma das primeiras encontradas ao longo de toda a pesquisa. Ela, porém, já acena para a negação de uma das inquietações do projeto que originou este trabalho, o que se confirmará ao longo da análise, a de que as mudanças ocorridas no cenário nacional e internacional trariam grande variação entre o modo como Sartre foi apresentado entre os anos de 1945 e 1955 (SOUZA, 2015) e o modo como seria apresentado agora, entre 1955 e 1969, ao menos quando o tema é política. Mas isso não se confirma. Há presença maciça de reportagens críticas ao pensamento existencialista e, sobretudo, à ação política do filósofo francês. Deve-se temer Sartre por aquilo que seu nome convoca e “faz-fazer” (LATOURE, 2012)²⁹ e, ao mesmo tempo, deve-se usá-lo quando seu nome servir ao argumento de que há algo maior ainda do que ele a temer: o comunismo e o pensamento marxista. Por outro lado, como ficará evidenciado, penso que há mais modulações no *uso feito deste personagem político-filosófico*. Esta ideia de um *uso político de Sartre* é o cerne da análise apresentada neste capítulo.

Reúno aqui um total de 285 matérias jornalísticas que possibilitam traçar um panorama dos diferentes sentidos conferidos a Sartre no campo político brasileiro³⁰. Ao longo da análise destas reportagens, pode-se perceber sobretudo as conexões feitas entre o existencialismo e as ideias de marxismo, engajamento político e religião. Eventos e temas como a vinda ao Brasil³¹, o envolvimento do filósofo com a Guerra da Argélia, a recusa ao Prêmio Nobel de literatura, os ataques da Igreja Católica a seu pensamento, são alguns dos que serão visitados ao longo da trajetória aqui empreendida³².

²⁹ “(...) a sociologia se tornará a disciplina que acata o deslocamento inerente a *induzir alguém a fazer alguma coisa*. Em muitas teorias da ação, não existe esse deslocamento porque o segundo termo é previsto pelo primeiro: ‘Dê-me a causa e terei o efeito’. Mas tal não é o caso quando os dois termos são tomados como mediadores. [...] Para os mediadores, a situação é outra: as causas não pressupõem os efeitos porque propiciam apenas ocasiões, circunstâncias e precedentes. Em resultado, muitas coisas estranhas podem surgir de permeio” (LATOURE, 2012, p. 92)

³⁰ O uso que faço deste termo se avizinha da ideia de campo político em Bourdieu (2011). Tal como em SOUZA (2015), aqui também considero que os campos político e religioso se interpenetram, pelas conexões evidentes entre política e religião.

³¹ Especificamente sobre este tema, há pesquisas de monta publicadas (ROMANO, 2002; ALMEIDA, 2009). Analiso a temática com base nos fragmentos de *O Globo* para evidenciar o olhar do periódico para Sartre em virtude da visita. A proposta desta pesquisa não é analisar profundamente este fato histórico.

³² Ressalta-se que outras temáticas emergiram, mas não as incluí por não trazerem modulações significativas em relação aos assuntos tratados. É o caso do Tribunal Russel, da viagem a Israel, da relação com o maoísmo pós-1968, a adoção de Arlette Elkaim e as pautas raciais, seja em torno da negritude ou do judaísmo.

1.1 Sartre – public relations do marxismo e do comunismo internacional

“Sartre desiludiu, com suas ideias francamente comunistas, os poucos crédulos com que ainda contava. Seu maior tapete foi declarar que Cuba deveria ser imitada na América Latina. **O comunismo internacional em ação...**”³³. O texto vem exatamente deste modo: solto, isolado, em meio a diferentes notícias da coluna social de Ibrahim Sued. Uma crença corrente de que Sartre havia mudado de posicionamento político, o que fez com que o modo de endereçamento do pensamento do filósofo em *O Globo* lhe fosse ligeiramente mais favorável, já não encontrava sustentação após sua visita a Cuba em 1960. Tal crença se criou a partir da crise das relações de Sartre com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), cujo ponto de culminância foi o ano de 1956. Assim, após este ano, não serão raras as reportagens em que Sartre será utilizado como argumento favorável à pauta anticomunista, mesmo que a aproximação com Cuba e outras pautas encampadas por Sartre precisem ser atacadas por aquilo que elas sinalizam de permanência do pensador.

Em função dessa “desilusão”, um interessante apelido é cunhado pelo mesmo colunista: Sartre seria o “‘public relations’ do comunismo internacional”³⁴. Esta nota de Sued se dá em função da visita de Sartre ao Brasil. As declarações do pensador referenciadas pelo colunista foram proferidas já em território nacional. Sued ainda nos lembra que Sartre vinha não apenas defendendo Cuba, como também falando mal do General de Gaulle³⁵. Mas essa será uma das poucas ocasiões em que as menções à Revolução Cubana que Sartre faz no Brasil são registradas.

O tema endereçado neste subcapítulo é exatamente esse jogo de imagens construído em cima da ideia de comunismo *versus* anticomunismo em torno de Sartre. Diferentes reportagens evidenciarão apropriações de falas e atos do pensador francês, ora suas ideias sendo convocadas como evidência do “perigo vermelho” que o próprio existencialismo representaria, ora como partidárias de uma luta contra o comunismo. Há muitos *sartres* em Sartre e cada um foi deglutido com um tempero diferente. Primeiramente, vejamos aquele das relações mais próximas com o mundo soviético e cubano.

³³ REPORTAGEM SOCIAL, 08/09/1960, p. 4. Grifos meus.

³⁴ REPORTAGEM SOCIAL, 08/09/1960, p. 4.

³⁵ REPORTAGEM SOCIAL, 08/09/1960, p. 4.

1.1.1 Sartre à soviética: URSS, comunismo, marxismo e Cuba

Nekrassov (SARTRE, 2005b) estreou em 08 de junho de 1955 no teatro Antoine, em Paris. A peça narra a farsa de um fugitivo, Georges de Valera, que se faz passar por importante personagem fictício da política soviética que havia desaparecido, Nekrassov³⁶. Seu jogo de faz-de-conta é apresentado para uma imprensa ávida por notícias contrárias ao regime soviético e que está pronta para reportar qualquer relato que concorde com suas convicções, mesmo sem verificação profunda. Este é o ponto de partida do espetáculo roteirizado por Sartre, que deixa em segundo plano as críticas à URSS colocadas em cena em *As mãos sujas* (SARTRE, 2001) para criticar o movimento anticomunista e, sobretudo, o papel da imprensa diante deste.

Na véspera da estreia da encenação, Sartre concede entrevista ao jornal *Combat*. Perguntado se era fato que a peça atacava a imprensa, responde que *Nekrassov*: “Não [era] contra a imprensa, mas contra certa imprensa e seus procedimentos de propaganda anticomunista” (SARTRE, 1973, p. 292). O fato de que tal questão se imponha é indicativo do incômodo que o texto provocou entre jornalistas. A partir de noções sobre o tema do espetáculo, mas sem ainda tê-lo visto, muita crítica se constituiu. “Certa imprensa já grita antes de conhecer o assunto de minha peça e antes de ter sido esfolada! Do modo como vão as reações, não tenho qualquer certeza de que minha peça possa encontrar seu público” (SARTRE, 1973, p. 293).

Fala o filósofo sobre aquilo que lia nos periódicos franceses, mas o mesmo se passava no Brasil. No dia anterior à publicação de *Combat*, em 06 de junho de 1955, uma crítica negativa ao espetáculo ainda inédito era publicada. O jornalista maranhense Novais Teixeira, correspondente do jornal e outros periódicos em Paris, reconhecido como importante comentarista da política e das artes, “enxerga” muitas coisas na peça a que ainda não havia sequer tido a possibilidade de assistir. De um lado, “via” uma tentativa de sabotar as denúncias dos exilados soviéticos no estrangeiro e, ao mesmo tempo, percebia essa sabotagem como um tiro que poderia sair pela culatra, uma vez que a URSS fazia esforços para repatriar seus exilados³⁷. Apenas uma vez ao longo de seu texto é possível perceber o uso do verbo no futuro (“espécie de difamação que será, sem dúvida, *Nekrassov*”), indicando que a peça ainda estrearia e que se tratava, portanto, de um texto de especulação, o que, claro, não é afirmado por Teixeira. O que se lê é o espetáculo sendo apresentado com ênfase na defesa do comunismo supostamente operada em cena.

³⁶ Nikolai Nekrassov foi um proeminente escritor russo do século XIX, mas não há qualquer conexão direta entre o papel desempenhado pelo personagem da peça de Sartre e essa personalidade histórica.

³⁷ SARTRE, O SABOTADOR, 06/06/1955, p. 15.

“Consideramos o Sr. Jean-Paul Sartre um homem honesto. Honestos, mas sem coragem. Falta-lhe a coragem de passar por reacionário aos olhos dos imbecis (...)”. Quem seriam os imbecis? Para Teixeira, todos aqueles afeitos ao regime soviético, os intelectuais *engagés*, com quem Sartre temeria romper e a quem estaria evitando se opor, optando por um caminho fácil e, portanto, covarde. O jornalista aponta que, se de um lado o *macarthismo* norte-americano levou Sartre a se aproximar de Moscou e, de outro, o stalinismo o fez “denunciar ao mundo a porcária das ‘mains sales’” – clara referência à peça *As mãos sujas* (SARTRE, 2001) –, era necessário que o pensador buscasse uma terceira via. Afinal, “o Sr. Sartre não é um doutrinário, nem um simplista, nem sequer um simples. É, antes, um homem devorado pelo complexo da justiça e da eficácia e um complicado.”³⁸.

Após a estreia do espetáculo em Paris, lê-se que “antes da representação desse original já as colunas dos jornais de lá se ocupam numa crítica antecipada ao trabalho do escritor, que é muito mais dramaturgo do que filósofo e que, infelizmente, não prescinde da publicidade cabotina (...)”³⁹. Essa ideia de um Sartre mais dramaturgo do que filósofo, como veremos ainda nesse capítulo, faz parte do modo como foi apresentado no país: literato mais do que pensador. Sabemos, porém, que não foram só os jornais franceses que fizeram crítica antecipada da peça. De todo modo, sobre a recepção pós-lançamento, Annie Cohen-Solal (2008) dá conta de que *Nekrassov* foi considerada pueril e simplista pela crítica francesa, vista como elogio ao Partido Comunista Francês (PCF).

Teixeira escreve novamente sobre a peça, agora já tendo assistido à encenação.

Vimos ‘NEKRASSOV’ no teatro Antoine, de Paris. A plateia não era, com efeito, popular, mesmo no amplo sentido que lhe dá Jean Vilar. Os quadros do primeiro ato são modelo de “verve”, humor, sarcasmo e carpintaria teatral. O dramaturgo faz a farsa violenta de uma redação da imprensa capitalista, mas farsa de dois gumes. Sartre tanto visa os erros da imprensa em si como o simplismo com que os trabalhadores politizados veem as interioridades das empresas jornalísticas capitalistas. Depois, nos últimos atos, o autor despenha-se pela rampa da confusão, do atabalhoamento e do artifício. Ao forçar a nota, a peça perde-se no nada.⁴⁰

A peça é lida como uma mostra de que há resquícios burgueses na obra de Sartre e que o diálogo com o proletariado é falho. Os comentários apressados sobre uma suposta “sabotagem” à URSS, porém, perdem a vez diante do espetáculo.

Até hoje não foi lançada uma edição brasileira do texto de Nekrassov. A peça quase teve montagem realizada pelo Teatro Oficina, grupo teatral de José Celso Martinez Correia, em 1964.⁴¹ Esta estreia, porém, não ocorre. Durante o período pesquisado, aliás, não há indícios de

³⁸ SARTRE, O SABOTADOR, 06/06/1955, p. 15.

³⁹ SARTRE, O SABOTADOR, 06/06/1955, p. 15.

⁴⁰ SARTRE E O PROLETARIADO, 07/12/1955, p. 5.

⁴¹ COLUNA DE TEATRO, 14/01/1964, p. 4.

que o texto tenha sido encenado no país, nem mesmo pelos abundantes grupos de teatro amador, relevantes para a capilarização do teatro de Sartre no Brasil⁴².

Essa breve fortuna crítica de *Nekrassov* em *O Globo* nos permite compreender, de partida, como Sartre é comentado sem ter sido lido ou assistido. É preciso atacar, como fica patente no texto de Teixeira, qualquer elemento “comunizante” no discurso de Sartre. Mesmo quando percebe que a crítica real do espetáculo segue outro caminho, o jornalista não volta atrás. O Sartre que fora construído outrora não será retificado. Assim, vigoram ao mesmo tempo o Sartre pró soviéticos e o Sartre burguês.

Os incômodos provocados pela relação amistosa de Sartre com os soviéticos ganham consistência no texto assinado por Jaume Miravittles. Político catalão, este foi exilado com a ascensão de Franco ao poder e se torna um importante correspondente de diversos periódicos pelo mundo, sendo defensor do republicanismo e da independência da Catalunha. Seu texto pode ser lido como um elogio aos governos democráticos, sobretudo à recente eleição de 1956 na Bolívia, que levou ao poder um partido de esquerda, que é entendido por Miravittles como democrático em oposição aos “dois partidos comunistas, estalinista um (na proporção em que na atualidade nada ou ninguém pode ser estalinista) e trotsquista o outro.”⁴³.

O trecho acima permite compreender o título do artigo, *O comunismo em crise*, e entrever a crítica aos pensadores que defendiam tal sistema político. Ao afirmar a impossibilidade de ser um stalinista naquele momento, Miravittles faz menção não apenas aos escândalos já sabidos por intermédio de dissidentes do grupo soviético, mas também às afirmações-denúncia do Primeiro-Ministro da URSS, Nikita Khrushchev, em fevereiro de 1956, na ocasião do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Em sua fala, Khrushchev denunciou os horrores do período de Joseph Stálin no poder e reivindicou a desestalinização da URSS. Assim, a provocação do colunista é apenas uma: o que dirão os intelectuais de esquerda diante do escândalo apontado pelo primeiro-ministro? Enumerando intelectuais latinos afinados com o comunismo, sinaliza que este regime político nunca teve terreno favorável nas Américas senão entre estes pensadores. Dentre eles, localiza “Jorge Amado e Cavalcanti, no Brasil, Pablo Neruda e Diego Rivera, no México, dos milionários Vanderblit e Lamont, nos Estados Unidos”. E pergunta: “Que irá sobrar, por exemplo, do ‘comunismo intelectual’ de Sartre?”⁴⁴.

Chama a atenção o quanto o tema do texto é caduco em relação aos fatos: o discurso de Khrushchev havia ocorrido cinco meses antes. Não posso afirmar, contudo, que este seja o

⁴² Sobre teatro amador, há discussão no capítulo 3.

⁴³ O COMUNISMO EM CRISE, 04/07/1956, p. 12.

⁴⁴ O COMUNISMO EM CRISE, 04/07/1956, p. 12.

primeiro texto que dá conta do escândalo, mas sim que se trata do primeiro que referencia Sartre. Embora o filósofo seja bastante citado no periódico, apenas cinco meses após a fala de Khrushchev é que se publica um ataque à posição de Sartre à luz das revelações do chamado “Discurso Secreto” do primeiro-ministro soviético.

Matérias como essa, que atacam mais frontalmente o posicionamento de Sartre em relação a Moscou, se dão em função da amistosidade nas relações entre ambos, bem como entre Sartre e o PCF. Cohen-Solal (2008) situa entre julho de 1952 e novembro de 1956 uma fase de diálogo mais aberto e próximo entre Sartre e os comunistas de modo geral. Mas a periodização é um esforço delicado quando se fala da trajetória de um intelectual irrequieto como Sartre. O catálogo da exposição *Sartre* organizada pela Biblioteca Nacional da França apresenta o seguinte registro:

Pode-se distinguir três períodos nas relações difíceis que Sartre mantém com o Partido Comunista Francês: de 1941 a 1949, Sartre ocupa uma posição ambivalente, marcada pela hostilidade do PCF e pelo caso Nizan; depois do fracasso do *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire*, em 1949, ele se torna um “companheiro de caminho” e manifesta um apoio absoluto e entusiasta ao Partido Comunista; em 1956 se produz a ruptura. (BERNE, 2005, p. 194)

Já para István Mészáros, o período de uma relação cordial com os soviéticos e com o PCF vai de 1951 a 1956, em uma fase que ele chama de “busca da moralidade no código da política”, quando, embora ainda defensor de que o indivíduo é o ponto de partida de qualquer ação política, Sartre passa a buscar compreender como a ação individual pode dialogar com a lógica institucional. É esse modo de engajamento do indivíduo o que Mészáros chama de moralidade no pensamento de Sartre, definindo-a como um dos elementos primordiais da obra. Assim, afirma o pensador:

As caracterizações que [Sartre] faz do Partido são muitas vezes projeções diretas de sua concepção de moralidade, a qual necessita, para sua concretização, de organismos históricos palpáveis. No fim, apesar de sua disposição de fazer algumas concessões, seu empenho em unificar os ideais morais com a realidade política não dá certo, e uma nova crise se instala. (MÉSZÁROS, 2012, p. 86).

De todo modo, as periodizações evidenciam uma proximidade com o PCUS e com a URSS que se encerra em 1956. O rompimento desta relação ficará patente a partir da publicação de *O fantasma de Stálin* (SARTRE, 1965). A publicação desse texto se inicia em novembro de 1956 e finda em janeiro de 1957 na *Les Temps Modernes*. Sua leitura permite compreender o papel decisivo para que tais relações, nunca completamente pacíficas, fossem efetivamente modificadas.

Em sua análise das relações de Sartre com a URSS, o filósofo italiano Giovanni Cera considera que ela se estabeleceu em função da crítica aberta aos “países burgueses e formalmente democráticos do Ocidente”. A posição favorável ao comunismo russo foi tão

intensa que Sartre “não percebeu os limites e defeitos dela que havia sentido em outras ocasiões ou que teria sentido mais tarde” (CERA, 1971, p. 399).

A consciência da continuidade substancial entre a atitude político-ideológica stalinista e a dos líderes soviéticos pós-Stalin permitiu a Sartre não apenas esclarecer seu julgamento sobre a Rússia de Stalin, mas também revisar seus laços e relações com o comunismo internacional. e sua própria concepção do marxismo. (CERA, 1971, p. 400)

Entretanto, sendo o texto de Miravittles datado de julho de 1956⁴⁵, o Sartre com o qual a reportagem dialoga ainda é aquele que, em julho de 1954, declara ao jornal *Libération* que a liberdade de crítica dentro da URSS é total (figura 3). Essa declaração é alvo de muitas críticas e molda como o filósofo é percebido dali até o momento em que rompe com o regime soviético e passa a centrar sua atenção no chamado Terceiro Mundo.

Figura 3 - Capa de *Libération* em 15 de julho de 1954 (BERNE, 2005, p. 196). Destaques em vermelho apontam para menções a Sartre: “As impressões de Sartre sobre sua viagem pela União Soviética”; “A liberdade de crítica é total na URSS”.



⁴⁵ O COMUNISMO EM CRISE, 04/07/1956, p. 12.

O próprio Sartre, aliás, em entrevista concedida a Michel Contat em 1975, admite que sua posição foi exageradamente amável em relação à URSS em 1954 (SARTRE, 1976). Beauvoir registra que, na entrevista concedida ao periódico em 1954, Sartre “falou apressadamente e, quando lhe propuseram rever o texto, esquivou-se”, provavelmente em função do cansaço e do problema de saúde que lhe acometera durante a viagem a Moscou (BEAUVOIR, 2018a, p. 306), um argumento de má-fé (SARTRE, 2007).

Portanto, quando Miravittles escreve seu texto⁴⁶, o Sartre que tem em vista ainda parece ser este elogioso à Moscou, já que o rompimento só viria à tona em novembro, com a publicação da edição 129 de *Les Temps Modernes*. Aliás, o rompimento é noticiado com escândalo pela imprensa, sem, contudo, fazer menção ao texto da revista. Uma matéria importada de agência de notícias inglesa, apresenta o rompimento de Sartre com a URSS em função do escândalo da Hungria, afirmando que

Na França, a repressão contra os húngaros parece ter abalado o Partido Comunista como nenhum outro fato nos últimos anos. Em contraste com a sua atitude anterior, o Partido reagiu fracamente quando elementos anticomunistas recentemente incendiaram sua sede. Uma contra-manifestação comunista resultou em completo fracasso. **O escritor e filósofo Jean Paul Sartre, o mais influente intelectual ligado ao Partido, rompeu oficialmente com o comunismo pela segunda vez e denunciou “sem reservas” a intervenção militar russa na Hungria.**⁴⁷

Esta é a primeira notícia que, sem apontar claramente para o texto *O fantasma de Stálin* (SARTRE, 1965), informa sobre o rompimento das relações. No referido texto, o que Sartre opera é a crítica aos erros do regime, sobretudo em relação à intervenção do Exército Vermelho na Hungria em outubro de 1956. Apesar das mudanças anunciadas pelo referido “Discurso Secreto” de Khrushchev, o que Sartre aponta é a manutenção da lógica violenta do momento stalinista. O ocorrido na Hungria é visto como “um sobressalto do stalinismo agonizante” (SARTRE, 1965, p. 194).

De todo modo, embora *O fantasma de Stálin* signifique uma mudança de posição, é necessário indicar que há ali a justificativa de violências perpetradas pelo regime soviético, sobretudo nos anos 1930 e no imediato pós-Guerra. Adicionalmente, em momento algum Sartre revisa sua posição favorável ao regime, mesmo em momentos em que as violências e censuras internas já eram notórias, como no já citado ano de 1954. É um texto repleto de olhar crítico – o que engloba a atribuição de uma parcela da responsabilidade pelo ocorrido na Hungria à política antissoviética estadunidense –, mas com pouco olhar autocrítico. É minimamente um

⁴⁶ O COMUNISMO EM CRISE, 04/07/1956, p. 12.

⁴⁷ DESINTEGRA-SE O COMUNISMO..., 19/11/1956, p. 10. Grifos meus.

fato estranho para um pensador que defende o engajamento absoluto do escritor (SARTRE, 2010).

Talvez tal fato precise ser compreendido recorrendo ao que afirma Sartre no texto de apresentação de *Les Temps Modernes*, que o escritor deve escrever para sua época. Ao afirmar que o homem é um absoluto, escreve Sartre que essa absolutização se faz “à sua hora, em seu meio, sobre sua terra. Isso que é absoluto, isso que mil anos de história não pode destruir, é *essa* decisão insubstituível, incomparável, que ele [o escritor] toma neste momento e a propósito dessas circunstâncias” (SARTRE, 1945, p. 15). Aquilo que disse era a posição necessária àquele tempo. Não apenas não precisa ser desfeita, mas não pode ser desfeita. Mas pode-se instaurar uma nova posição, necessária a este momento. Aliás, esta é uma das chaves possíveis para compreender por que tantos *sartres* podem coabitar o mesmo mundo, a cada momento a imprensa recorrendo a uma de suas posições passadas para **afirmar a existência de um Sartre em detrimento de outro**.

Prossigamos. Na mesma data em que a matéria importada da agência inglesa é publicada, vinte e quatro páginas adiante uma reportagem de Justino Martins⁴⁸ com exclusividade para o jornal dá conta das confusões em torno do tema. O artigo relata os incêndios ocorridos na sede do PCF e do jornal do Partido, *L’Humanité*, bem como o “abalo profundo nos círculos mais próximos do Partido Comunista, especialmente entre os intelectuais”. O que se via era uma “debandada dos seus membros e simpatizantes intelectualizados, a quem ‘L’Humanité’ qualifica de ‘As Saúvas e Seus Aliados’”⁴⁹.

O apelido fazia referência, de um lado, aos escritores filiados ao PCF – as saúvas –, Claude Roy, Roger Vaillant, Claude Morgan e J. R. Rolland. De outro, aos aliados, os simpatizantes do partido: Vercors, Jacques Prévert, Yves Montand, Mouloudji e Jean-Paul Sartre. Sobre a retirada do apoio destes, Martins escreve que

Mais, porém, do que a simples deserção desses intelectuais, **afetará a integridade pequeno burguesa dos comunistas o que escreveram, para justificar sua atitude, Jean Paul Sartre e J. F. Rolland.**

Sem ser membro do Partido Comunista, Sartre vinha exercendo nos últimos anos uma influência incontestável nos meios universitários da extrema-esquerda, pelo seu apoio quase incondicional à política soviética. Dirigindo-se, agora, ao jornal de Pierre Mendes-France, ‘L’Express’, ele declara:

‘- **Rompo a contragosto mas inteiramente as minhas relações com os escritórios [escritores?] soviéticos meus amigos que não denunciam, ou não podem denunciar, o massacre na Hungria.** Não se pode mais aceitar a amizade do grupo dirigente da burocracia soviética; é o horror que domina...’⁵⁰

⁴⁸ Martins foi importante jornalista brasileiro. Vivia em Paris desde o fim de 1940, de onde se correspondia com importantes periódicos até 1959. Então, retorna ao Rio de Janeiro para dirigir a Revista Manchete.

⁴⁹ CONFUSÃO NO COMUNISMO FRANCÊS, 19/11/1956, p. 34.

⁵⁰ CONFUSÃO NO COMUNISMO FRANCÊS, 19/11/1956, p. 34. Grifos meus.

Martins transcreve outra fala de Sartre, em que aponta que o jornal do PCF mentiu aos operários franceses ao afirmar que os húngaros lutavam junto às forças soviéticas contra dissidentes. Diante disso, Sartre afirma: “Condeneo inteiramente e sem reservas a agressão soviética”. E acrescenta:

‘– O que digo aos atuais dirigentes russos, repito aos homens que orientam o Partido Comunista Francês. Não é nem será possível reatar as relações com eles. Todas as suas frases e todas as suas atitudes são o resultado de trinta anos de mentiras e de esclerose. As suas reações diante dos acontecimentos da Hungria são as de uns irresponsáveis.’⁵¹

Por fim, a reportagem cita trecho do editorial de *Le Figaro*, apontando que o posicionamento de Sartre era necessário, porém tardio: “Mas como tardou ele tanto tempo para descobri-lo, ou, ao menos, para denunciá-lo?”⁵², registrou o periódico francês. Esta crítica encontrará eco nas páginas de *O Globo* diversas vezes e em diferentes anos.

Um raro aceno positivo ao pensador veio de Miravittles, que registrou que o “chefe do existencialismo francês, Jean Paul Sartre, que ultimamente se inclinara perigosamente para Moscou” reagiu criticamente ao regime diante das denúncias de violência contra os húngaros revoltosos⁵³. Assim, o político catalão, que em julho criticava os elogios pretéritos de Sartre ao regime soviético, reconhecia a mudança de posição do filósofo.

Notas sobre o posicionamento contra o regime moscovita aparecem em outras ocasiões. Contudo, é apenas em fevereiro de 1957 que há referência direta ao texto que marca o rompimento. Após o fim da publicação de *O fantasma de Stálin* (SARTRE, 1965) na *Les Temps Modernes* de janeiro de 1957, lê-se uma referência ao conjunto de artigos, com citação direta de excerto extraído da parte publicada em novembro de 1956:

Ó, assassinos cínicos que vos orgulhais de haver matado para impedir a Guerra Mundial, quando foram os vossos próprios primeiros assassinatos que criaram o risco de provocar a guerra! [há aqui uma supressão do texto original não indicada pela publicação. Nela lê-se: Vocês fingem ter salvo o socialismo: sim, em 4 de novembro. Ou ao menos isso pode ser discutido: mas] Quando disparastes durante aqueles dias de outubro, quando os tanques do Exército Comunista, sob o comando de líderes comunistas, esquartejaram [massacraram, no original] trabalhadores comunistas, foi o próprio socialismo que as vossas balas e os vossos obuses fragmentaram.⁵⁴

Tal excerto é uma publicação pequena, um retângulo diminuto em que se lê pouco mais do que foi transcrito acima. Exatamente ao lado, uma diversidade de outros retângulos de tamanho similar que, à página 11 de *O Globo*, registravam os falecimentos ocorridos naquele

⁵¹ CONFUSÃO NO COMUNISMO FRANCÊS, 19/11/1956, p. 34.

⁵² CONFUSÃO NO COMUNISMO FRANCÊS, 19/11/1956, p. 34.

⁵³ MONSTRUOSIDADE E ESTUPIDEZ, 27/11/1956, p. 1.

⁵⁴ VOLTA SARTRE A ATACAR..., 01/02/1957, p. 11. O trecho está em SARTRE, 1965, p. 166-167.

dia. Assim, por um lado, esta breve nota do jornal chama a atenção por sua agilidade em noticiar uma publicação sartriana que, embora viesse desde novembro do ano anterior sem ser notificada, é apresentada poucos dias após sua integralização e, ainda por cima, em tradução livre. Por outro lado, é feita em um espaço de pouca visibilidade, mesclada aos necrológicos.

Ademais, chama a atenção a opção de substituir o termo *massacraient*, ou seja, massacraram, pelo visual e impactante *esquartejaram*. Traduzir é trair, sabemos, e a traição segue caminhos próprios que indicam aquilo que se visa construir a partir do texto original. É preciso provocar o horror em quem lê: comunistas esquartejam.

O tema reaparece mais de um ano depois, em reportagem sobre as “origens e consequências da Revolução Húngara”. Embora prometa que irá expor as origens do conflito, não há nenhuma menção a isso ao longo dos vinte parágrafos do texto. O foco é apontar a “traição” soviética ao povo húngaro, a revolta entre todas as “nações livres” – leia-se capitalistas – e o conseqüente abalo nos diferentes PC’s ao redor do mundo. Sartre aparece como exemplo de intelectual que rompeu com o comunismo – ao lado dos italianos Guglielmo Rizzo, Raffaele di Giesi e Carlo Levi, e do espanhol Pablo Picasso –, reforçando-se, contudo, que ainda era um “esquerdista”. A reportagem é espécie de agradecimento “torto”: ao invadir a Hungria, a URSS salvou do comunismo o mundo todo⁵⁵.

É importante atentar aqui para certa mistura entre os termos URSS, Moscou e Comunismo. Usa-se como se um servisse de referência ao outro. Em momentos posteriores, nota-se que a retórica do jornal se modifica e passa a haver uma matização entre comunismo e URSS. Outro elemento relevante diz respeito à possibilidade de redenção efetiva de Sartre. Enfim, se ele rompeu com a URSS, sinônimo de comunismo, teria ele se tornado favorável ao bloco capitalista? Em tempos de Guerra Fria, a leitura polarizada entre ser favorável ao bloco comunista ou a seu opositor é trazida à tona pelo jornal. Como enquadrar o grupo de intelectuais que permanecem “esquerdistas”, apesar de haverem rompido com a URSS?

Como veremos adiante, penso que este é um dos elementos centrais, por exemplo, na contradição evidenciada por Sartre mediante sua recusa ao Prêmio Nobel de Literatura. Na ocasião, defenderá que o fez para evitar sua institucionalização – o que se pode ler ao modo de uma cooptação pela lógica burguesa e capitalista –, ato compreendido por alguns atores sociais como criação de escândalo com fins publicitários.

Entretanto, reportagens como esta que agora apresento permitem notar o esforço efetivo para a construção de uma imagem “redimida” de Sartre. O mesmo ainda se evidenciará em

⁵⁵ IV – O QUE O MUNDO DEVE..., 27/10/1958, p. 7.

outras ocasiões. Reforça essa tese, por exemplo, uma breve nota que informa que, ao lado de “outros intelectuais esquerdistas”, Sartre havia assinado um manifesto que pede a retirada das tropas soviéticas e ocidentais de países da Europa Central⁵⁶. Nela, indica-se que Sartre rompeu “com o comunismo” em 1956 após a invasão à Hungria, sem acenar para as reiteradas críticas do pensador ao bloco ocidental, presentes, como já indicado, no próprio momento de rompimento com os soviéticos (SARTRE, 1965).

Tal narrativa é retomada em reportagem de Howard Fast com exclusividade para o periódico. Fast foi um escritor estadunidense, autor da obra *Spartacus*, celebrizada no cinema sob direção de Stanley Kubrick. Politicamente, tem uma trajetória tumultuada: aderiu ao PC dos Estados Unidos em 1943; em 1950, foi alvo da política macartista, sendo preso; em 1951, lançou *Spartacus*, cujo enredo principal é aquele de um homem injustiçado que, escravizado, se torna líder de uma rebelião; com o livro, ganha, em 1953, o prêmio Stalin da Paz e manterá boas relações com a URSS até 1956 (SORIN, 2012).

A reportagem de Fast inaugura uma série chamada *O ídolo desmascarado*, cujo primeiro artigo é exatamente este, *I – Porque Me Tornei Comunista*. O autor menciona de modo breve o pensamento de Sartre, “uma filosofia da responsabilidade do homem para consigo mesmo”. Em seguida, afirma que, ao conectar-se ao comunismo, ele próprio e seus colegas abdicaram “em nós mesmos, das melhores e mais preciosas conquistas e liberdades do gênero humano”⁵⁷. O modo como constrói sua argumentação faz crer que compreende que a ideia de liberdade em Sartre diz respeito às liberdades e conquistas individuais, que deveriam ser deixadas de lado no comunismo. Este regime desconsidera os méritos pessoais, que precisam ser abdicados em prol de uma causa. Assim, Fast aponta para uma interpretação da liberdade em Sartre afinada com as ideias de liberdade capitalista⁵⁸ e meritocracia. Este artigo parece uma peça fracassada de construção de um desvio narrativo das propostas políticas de Sartre, uma tentativa de “salvá-lo”, sem que o filósofo tenha pedido por isso: o pensador, outrora apresentado como comunista/esquerdista, é transmutado em defensor da liberdade capitalística.

A publicação desse texto de Fast está afinada com os anseios de uma imprensa ávida por noticiar rompimentos com o bloco soviético para combater o “perigo vermelho”, tal qual

⁵⁶ MANIFESTO DE SARTRE, 04/04/1959, p. 12.

⁵⁷ I – PORQUE ME TORNEI COMUNISTA, 24/04/1959, p. 1.

⁵⁸ Compreendo esta noção a partir de Fernando Gasta de Castro (2020, p. 87), marcada pela absoluta individualidade monádica cuja essência está previamente dada, mas que tem “a capacidade de escolher entre o certo e o errado, o que significa [...] a capacidade de interiorizar a moral do tempo útil e as regras do trabalho assalariado como dever supremo, o dinheiro como fim em si e as novas divisões sociais como contingências as quais cabem adaptar-se. Estamos longe aqui da noção de liberdade como capacidade de autocriação da existência fundada no fazer humano em situação”, que é aquela defendida por Sartre.

denunciara Sartre em *Nekrassov*. No relato de Fast, Sartre já podia (talvez possamos mesmo dizer que devia) ser encarado de modo “positivo”, uma vez que havia criticado a URSS. Essa mudança de posição angaria olhares lenientes para o filósofo, uma calma que se finda com a chegada do ano de 1960, quando a notícia de que ele iria Cuba “para exaltar ‘a originalidade da revolução cubana’” é dada junto com uma breve apresentação do regime cubano e de Fidel Castro⁵⁹. Poucos dias depois, as matérias já versariam sobre a referida visita.

Sartre acredita nos destinos de Cuba sob o escudo da Revolução Fidelista é o que se lia com destaque na capa do jornal apenas treze dias após o anúncio da ida do intelectual à ilha⁶⁰. Essa era uma visita oficial, apesar de Sartre ter asseverado para Rubem Braga que ele não era afeito a visitas organizadas pelos governos⁶¹.

O ‘existencialismo’, como todos sabem, levou esse filósofo a aliar-se várias vezes aos comunistas. Por várias vezes, também, rompeu com eles. Uma delas foi por causa de Budapeste, mas Sartre e Simone aparecem de vez em quando na capital de uma revolução. Em Pequim. Em Havana. – Como conciliar a sua filosofia pessimista com o otimismo de uma revolução? – perguntei-lhe ao iniciar nossa palestra.⁶²

Sartre responde ao repórter que o pessimismo de seu pensamento foi, na realidade, uma leitura deturpada feita pelos católicos e protestantes, ideia já defendida em sua famosa conferência *O Existencialismo é um Humanismo* (SARTRE, 1987). Arremata: “Afirmar, por exemplo, que o nível de vida de um povo pode tornar-se mais alto se a produção industrial não aumentar, não é ser pessimista, mas lúcido”. E diz que seu otimismo em relação à Revolução Cubana se dá por ser esta uma “revolução sem ideologia. Os problemas são aqui enfrentados sem nenhuma subordinação a princípios ideológicos.” Mais adiante, em verdade, afirma que a ideologia é o que une os homens ao campo da prática e que, portanto, há uma ideologia nascente na Ilha que, como tudo, caminha para certa “ossificação” que irá requerer novo movimento de revolução no futuro⁶³.

Na mesma reportagem, se por um lado deixa patente sua adesão a um novo projeto de comunismo, ensaiado pela revolução fidelista, deixa também patente sua discordância em relação à URSS (*locus* privilegiado do pessimismo, pois incapaz de “assumir suas contradições”) e aos EUA:

– Que pensa da política norte-americana em relação à América Latina?
– O perigo é que os Estados Unidos são uma nação acéfala. Muitos funcionários norte-americanos são honestos, outros o são menos e servem interesses privados ao invés

⁵⁹ O COMUNISMO FIDELISTA..., 16/04/1960, p. 5.

⁶⁰ SARTRE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA..., 29/04/1960, p. 1-2.

⁶¹ A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA, 09/01/1960, p. 2.

⁶² SARTE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA..., 29/04/1960, p. 1.

⁶³ SARTE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA..., 29/04/1960, p. 1.

de servir o melhor interesse, a longo prazo, do seu país. [...] A ausência de política é um mal pior do que a má política.⁶⁴

É difícil encapsular Sartre em qualquer um dos lados da “cortina de ferro”. O filósofo demarca seu exercício de liberdade, elemento principal de sua obra. Outrora “companheiro de rota” do PC, agora entende-se como companheiro crítico das experiências revolucionárias. Sua posição tão otimista sobre Cuba, aliás, não tardaria a mudar – quando vem ao Brasil, em setembro, já olha o regime com ressalvas.

Retomando o texto de Howard Fast⁶⁵, podemos afirmar o quanto a posição pró-liberdade capitalista não é a perspectiva de Sartre, não apenas por seu ataque aos EUA, mas também por sua afirmação de que “A liberdade baseada na pequena propriedade não é liberdade. Livre é aquela pessoa em que a sociedade se define pela sua ação em relação a todos.”⁶⁶ Antes de encerrar seu texto, o repórter anuncia que Sartre faria, em breve, visita ao Brasil.

É no contexto apresentado até este ponto que, quatro meses depois, Ibrahim Sued declara que Sartre é o *public relations* do comunismo internacional⁶⁷. Pode-se ver que a leitura de Sued é apressada e ignora a complexidade dos diálogos e contradições presentes nas relações de Sartre com o comunismo. Ao mesmo tempo, o epíteto conferido pelo colunista ao filósofo é indício do quanto este segue sendo visto como alguém conectado ao campo das esquerdas, apesar de alguns esforços da imprensa de “salvá-lo”. Valida essa percepção a opinião de Renato Bittencourt, correspondente do jornal em Paris. Ao comentar falas de François Mauriac sobre Sartre, em que indica estar percebendo certa tristeza nos textos do existencialista, conclui que “Se o ‘papa do existencialismo’ está deprimido, será talvez em virtude da demora da implantação do reino comunista no mundo”⁶⁸

Chama a atenção que sejam tão poucas as reportagens que falam sobre as relações de Sartre com Cuba. Além dos textos já apresentados, apenas mais seis reportagens colocam em cena o tema, quatro das quais em um momento em que o pensador já se posiciona de forma mais distante do regime de Fidel Castro. Esse dado contrasta com outro, que será apresentado no segundo capítulo, que é o grande sucesso provocado pelo lançamento do livro *Furacão sobre Cuba* no Brasil. Há demanda pela leitura dos textos políticos de Sartre. Uma extensa reportagem sobre o mercado editorial brasileiro publicada pelo jornal de esquerda *O Sol*, encarte vendido dentro do *Jornal dos Sports*, afirma

⁶⁴ SARTE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA..., 29/04/1960, p. 1.

⁶⁵ I – PORQUE ME TORNEI COMUNISTA, 24/04/1959, p. 1.

⁶⁶ SARTE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA..., 29/04/1960, p. 1.

⁶⁷ REPORTAGEM SOCIAL, 08/09/1960, p. 4.

⁶⁸ A CONSCIÊNCIA OU O AÇÚCAR..., 28/09/1960, p. 1.

E já que estamos falando em obras de cunho político é preciso que se ressalte, sem nenhuma parcialidade de nossa parte, que os livros com tendência esquerdista alcancem sucesso muito maior entre o público consumidor de literatura política. E a resposta nos parece clara: o indivíduo se alfabetiza e seu caminho é aquele mesmo que a gente sabe. **‘Furacão sobre Cuba’ de Sartre foi, em 1960, ‘best-seller’ durante meses enquanto as obras filosóficas do mesmo autor conseguem apenas atrair aquele público certo das ‘filosofias da vida’.**⁶⁹

Quadro 1 - Alegria, Alegria

O primeiro álbum solo do músico santamarense Caetano Veloso foi lançado em 1968.

Figura 4 - Capa do álbum Caetano Veloso (1968)



A quarta faixa do disco se chama *Alegria, Alegria*. Além da referência a Sartre já indicada na introdução – “nada no bolso ou nas mãos” – a canção fala do jornal *O Sol*: “O Sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça: quem lê tanta notícia?”. O jornal existiu apenas entre setembro de 1967 e janeiro de 1968 e contava em sua equipe com nomes como Zuenir Ventura e Carlos Heitor Cony. Mesmo com existência breve, diversas reportagens que mencionavam Sartre foram

A alcunha de *best-seller* faz jus ao livro, que ficou por semanas na lista de mais vendidos⁷⁰. Pode-se confirmar que a reportagem trabalha, então, com base em dados. Este fato permite afirmar o esforço pelo controle da imagem propagada de Sartre na imprensa de direita. Se o assunto reforça o horror ao comunismo ou à URSS, há número maior de referências a este. Quando o assunto diz respeito a pautas de Sartre em apoio a movimentos lidos como de esquerda, ou ele é brevemente apresentado, ou outros elementos são ressaltados, para evidenciar ali também o horror. É neste sentido que veremos, quando mencionarmos a visita de Sartre ao Brasil, o quanto suas falas sobre Cuba no país não são reverberadas pelas reportagens, embora seja brevemente referenciada na retrospectiva de 1960 feita por *O Globo*.

⁶⁹ FÓRMULA PARA O BEST-SELLER, *O Sol*, 14/11/1967, p. 12. Grifos meus.

⁷⁰ Evidências a esse respeito serão apresentadas no próximo capítulo.

Dentre as poucas reportagens publicadas que mencionam as relações entre Sartre e Cuba, uma delas traz um exilado cubano afirmando que Sartre mentira sobre a Ilha e que 1973 seria o ano da invasão dos comunistas aos EUA. E o texto concluía com a questão: “(...)qual será a data para nações como o Brasil, a Argentina, o México ou a Venezuela?”⁷¹.

Em outra ocasião, com destaque na capa do jornal, lemos que o regime cubano era sustentado pela juventude “sem discernimento político” e que, lastimavelmente, Sartre entendia o totalitarismo da Ilha como uma “democracia direta”: “Segundo Sartre, as arengas trovejantes de Castro e os alaridos da multidão, constituem, de fato, uma forma de democracia convincente...”⁷². Apesar de ser uma visada teleológica, possibilitada pela distância temporal e pelo fato de já sabermos que há uma tal narrativa, registre-se o quanto se reforça a noção de perigo do regime cubano para o Brasil. Em sentido similar lê-se, em 1961, a opinião de um educador italiano, Professor Manieri, sobre o “problema da juventude”. Mostrando-se preocupado com a maquiagem e poses à Brigitte Bardot, comuns entre as jovens mulheres, e as calças “blue-jeans” e barbas existencialistas dos rapazes, afirma o professor que esses são trajes comunistas, “uniforme ‘de rigor’ dos jovens intelectuais e dos jovens operários vermelhos.”⁷³. Há aqui clara referência à moda existencialista. Por vezes, esta será comentada como evento passado – sobretudo em reportagens sobre turismo em Paris – e, por outras, vista como um perigo a ser evitado – quando em termos do comportamento da juventude.

Retomemos, porém, o campo das relações entre Sartre e o comunismo. A primeira vez em que se separam os termos *URSS* e *comunismo* comentando algo conectado com o pensador se dá em relação a uma peça de teatro, usada como pretexto para a discussão da censura entre os soviéticos. Estreada em Nova York, *O país longínquo* conta sobre as descobertas da Psicanálise. Após apresentar o espetáculo e a importância de Freud, lê-se:

Mas estas descobertas [do inconsciente, o ‘país longínquo’ do título do espetáculo] não tiveram a mesma ressonância em todos os países. É muito significativo, a este respeito, o caso da Rússia. Enquanto esta vai na vanguarda dos progressos atômicos e astronáuticos, o preconceito materialista e a cega disciplina do partido fecharam as fronteiras à Psicanálise da União Soviética.

A moderna psicologia é ali considerada como uma falsa ciência burguesa. Freud é desconhecido ou anatematizado. Recordo que **Sartre, embora continue a ser comunista, rompeu com a ditadura do Kremlin, não só pelo crime da Hungria, mas também pela limitação intelectual que impõe aos seus súditos**, mantendo-os na ignorância das duas grandes correntes científicas do nosso século: a psicologia e a sociologia.⁷⁴

⁷¹ A SANGRENTA SINFONIA CUBANA, 26/05/1961, p. 7.

⁷² A JUVENTUDE E OS NEGROS, TRUNFOS DE FIDEL CASTRO, 07/02/1963, p. 1-2.

⁷³ EDUCADOR ITALIANO..., 21/06/1961, p. 2.

⁷⁴ FREUD NO TEATRO, 27/04/1961, p. 3. Grifos meus.

É a primeira vez em que as relações de Sartre com o comunismo aparecem separadas da URSS. Aquilo que outrora parecia ser a mesma coisa, é aqui, *en passant*, sinalizado como distinto. Sartre deixou de apoiar os soviéticos, entretanto não deixou de ser comunista. É claro que, em 1961, o apoio de Sartre a Cuba, como vimos, já foi apresentado nas páginas do jornal, embora sem fazer conexão com a URSS. É digna de nota, aliás, a separação estabelecida entre URSS e Cuba. É como se cada um desses lados tivesse que ser atacado a seu turno.

A reportagem sobre a peça é também a primeira vez em que se registra que a censura soviética afetava Sartre, embora sem mencionar que havia atingido suas obras. Quatro meses depois, em agosto de 1961, evidencia-se que, de um lado, Sartre será criticado por apoiar Cuba e, ao mesmo tempo, a URSS será criticada por censurar Sartre. É uma dança confusa que envolve certo contorcionismo para garantir que todas as pontas “perigosas” do novelo da política mundial fiquem atadas. Afinal, em agosto se noticia que as obras de Sartre foram proibidas e esquecidas na URSS. A censura ocorreu em função de uma exposição sobre a França que mencionaria o filósofo⁷⁵.

Mas a necessária separação entre comunismo e URSS se evidencia novamente em 1962. Sartre é encontrado este ano “comungando” com comunistas em Florença, na Conferência da Comunidade Europeia de Escritores. A reunião agrega “uma inteligência e de uma **cultura cuja cor, delicada ou violentamente vermelha**, o rótulo sob o qual se esconde – ‘Comunidade Europeia dos Escritores’ – deixa perfeitamente transparecer”. Ao lado de personalidades menos conhecidas e de posicionamento político não tão pronunciado, “outros nomes de inconfundível fisionomia política: o soviético Bajan e Jean-Paul Sartre, vice-presidentes”. E o que se discutiu? “Falou-se em coisas absurdas ou abstratas, beirando a utopia, como aconteceu no ano passado (...)”, dentre as quais o “pronunciamento de um escritor soviético contra a imoralidade no cinema e na arte em geral.”. O texto afirma a absurdidade de tudo o que se disse, deixando apenas para os dois parágrafos finais a revelação de que tais posicionamentos absurdos não tiveram boa acolhida entre os presentes⁷⁶. Afinal, para quê destacar que os “esquerdistas” não aderiram a afirmações “absurdas ou abstratas”?

Em 1963, a Conferência vira notícia novamente, agora em tons mais suaves, o que talvez tenha ocorrido em função da ênfase do encontro anual, desta vez ocorrido na URSS, ter recaído sobre as cobranças por liberdade de expressão, em franca crítica ao posicionamento da gestão Khrushchev. Os motivos para a queda de qualidade na produção literária russa – que outrora, nos tempos de Gogol e Dostoievski, era tida como uma das melhores no mundo – mobilizou o

⁷⁵ DEPOIS DE PASTERNAK..., 15/08/1961, p. 6; MALRAUX, CAMUS..., 15/08/1961, p. 8.

⁷⁶ ESQUERDISTAS E ESQUERDIZANTES..., 24/03/1962, p. 5. Grifos meus.

encontro. Na assembleia, “Uns pertenciam à Rússia soviética ou às chamadas democracias populares dos países satélites e outros eram comunistas ou filocomunistas, mais ou menos ortodoxos. E em todos se notava preocupação pela referida pergunta.”⁷⁷

Os problemas do romance e, dum modo geral, da literatura encerram-se num: a liberdade. Assim o achou em Leningrado Jean-Paul Sartre, o eminente escritor francês, comunista dissidente, que, juntamente com a sua camarada Simone de Beauvoir e os romancistas Alain Robe-Grillet e Nathalie Sarraute, tomou parte no Congresso.

A coexistência pacífica – diz Sartre – é uma ‘coexistência inerte’ desde o momento em que uma das partes foge ao diálogo livre com a outra e repudia ‘a coexistência pacífica das ideologias opostas’. O que é preciso, do ponto de vista socialista, é ‘a luta entre as ideologias que contribuirá para debilitar a menos adaptada’.⁷⁸

Quadro 2 - Sartre, esse mineiro

Em 1967, uma pequena nota na coluna social de Ibrahim Sued registra: “Jean-Paul Sartre deixando malucos os chopnics de Paris e Ipanema, com sua indecisão: ‘Não sou contra nem a favor da revolução cultural de Mao’, **disse ele mineiramente**” (IBRAHIM SUED INFORMA, 23/09/1967, p. 3). Há forma mais evidente de falar sobre um jeito tímido, desconfiado, que vai se colocando aos poucos? Brasileira-se Sartre e suas mudanças de posição se evidenciam para o leitor brasileiro como um jeito amineirado de ser.

A própria reportagem indica em que contexto essa fala ocorre: o “realismo socialista [era a] única doutrina oficialmente admitida. O regime do partido único e chefe único não pode sustentar-se sem estar apoiado numa doutrina única.” Escapar a isso seria desviar dos propósitos soviéticos, atentando contra a segurança do Estado. “Com efeito, põe-na em perigo porque o Estado monolítico soviético, baseado na coação intelectual, é incompatível com a liberdade.”⁷⁹ Apesar das críticas, a matéria termina com nota indicando que “Kruschev recebeu Sartre, Simone de Beauvoir e **demais escritores ocidentais decadentes** e aprovou a coexistência pacífica das ideologias”⁸⁰. Mas o que há a temer em escritores decadentes? E, afinal, as relações com a URSS estariam amigáveis?

Quem esclarece o tópico é o Secretário de Justiça da gestão de João Goulart, Miguel Reale, segundo quem os embates no encontro ficaram entre os países do ocidente e aqueles da “cortina de ferro”. É preciso apontar para o uso equivocado do termo, afinal o adequado seria falar em países de um lado e de outro da “cortina”, que separa os polos. Evidenciou-se, assim,

⁷⁷ A COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS IDEOLOGIAS, 16/09/1963, p. 16.

⁷⁸ A COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS IDEOLOGIAS, 16/09/1963, p. 16.

⁷⁹ A COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS IDEOLOGIAS, 16/09/1963, p. 16.

⁸⁰ A COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS IDEOLOGIAS, 16/09/1963, p. 16. Grifos meus.

“o grande contraste entre a cultura ocidental variada, com representantes de todas as correntes filosóficas, **desde budistas até existencialistas** [...] e a representação soviética, que fazia apenas variações sobre o mesmo tema.”⁸¹ Reale coloca em cena uma oposição de perspectiva entre as óticas das esquerdas soviéticas e não-soviéticas.

Outro participante da Conferência de 1963, que se colocou como mediador entre esquerda ocidental e URSS foi o escritor soviético Ilya Ehrenburg. No início do ano, havia se desentendido com a gestão Khrushchev chegando a ser preso, mas, diante das novas diretrizes de coexistência pacífica, pôde participar do evento. Em 1965, publicou-se o ponto de vista do escritor sobre o pensamento na “cortina de ferro” e sobre Sartre:

Após longo e constrangido silêncio em torno das atitudes que adotara na época do stalinismo, o escritor soviético Ilya Ehrenburg, publica, finalmente, o seu ‘*mea culpa*’, no mais recente capítulo de suas memórias, apresentadas em fascículos pela revista literária ‘Novy Mir’. [...] ‘Jamais considerei o silêncio uma virtude. Eu sabia da ocorrência de muitos crimes, mas impedi-los estava acima de minhas forças [...]’. No mesmo artigo, Ehrenburg declara-se arrependido de ter escrito, em 1949, um artigo no qual atacava Jean-Paul Sartre, acusando de ser um ‘parlapatão e filósofo de salão’.⁸²

Acho curiosa a atenção dada a esse debate em torno do tema da censura soviética. De um lado, ele acena para uma crítica evidente: o regime promove atrasos, já que interfere no livre desenvolvimento e circulação de ideias; de outro lado, porém, indica-se a intenção de diálogo e abertura. Outro conflito que resta explicitado após a leitura desse conjunto de reportagens é aquele em torno da imagem de Sartre: decadente, relevante? Essa dualidade o perseguirá até o fim de sua vida.

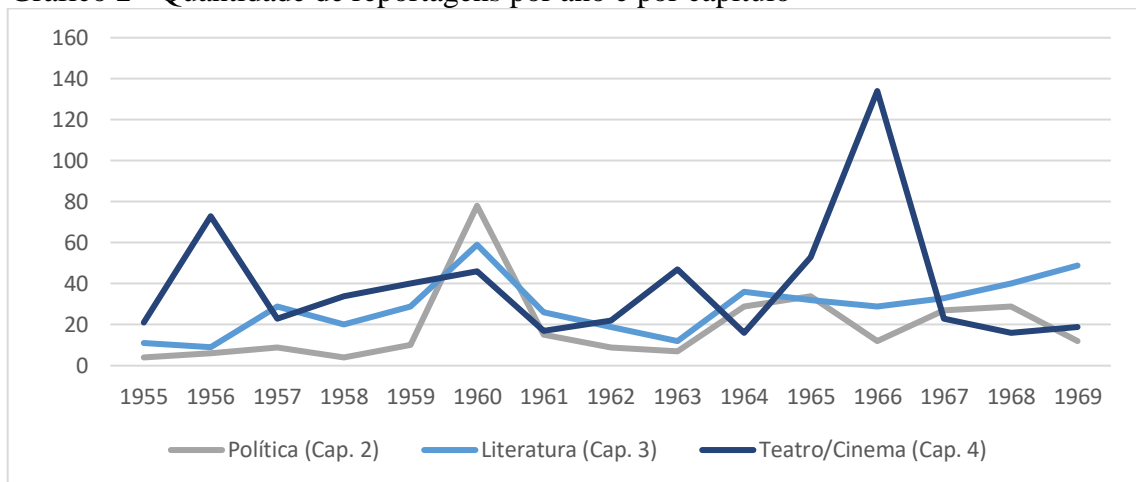
Note-se que entre 1963 e 1967, a quantidade de matérias que mencionam conexões entre Sartre e a URSS diminui. E o que se nota é um olhar para essa relação marcado pela ambiguidade: Sartre é comunista e, portanto, perigoso, mas é um opositor da URSS e, por conseguinte, alguém a cujas palavras se deve dar atenção. Após 1967, essa ambiguidade é resolvida: todas as matérias que mencionam a URSS em conexão com Sartre são para dar conta dos conflitos que levaram à ruptura entre ambos e para atacar a falta de liberdade entre os soviéticos. Das nove matérias encontradas entre 1967 e 1969 mencionando conexões entre Sartre e URSS e comunismo/marxismo atrelado ao mundo soviético, apenas uma não traz esse tipo de conteúdo. Penso em duas alternativas para esse fato: pode ser resultado direto da recrudescência da censura exercida pela Ditadura civil-militar brasileira - regime instituído por golpe em 1964 e marcado, desde o início, por práticas de censura e perseguição política que

⁸¹ OS SOVIÉTICOS JÁ ESTÃO CANSADOS..., 24/09/1963, p. 11. Grifos meus.

⁸² POR ESSE MUNDO AFORA, 12/08/1965, p. 1.

recrudescem em 1968 - ou efeito da diminuição da relevância política de Sartre para os temas candentes no país. Aferrei-me à primeira alternativa. Era a que parecia mais interessante para pensar nas modulações da recepção tendo em vista a Ditadura. Porém, vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Quantidade de reportagens por ano e por capítulo



Excluindo-se o atípico ano de 1960, cujos quantitativos são elevados para todos os temas em função da vinda de Sartre ao Brasil, de modo geral se pode perceber que o **filósofo era uma figura mais literária e teatral do que política**. É preciso, contudo, demarcar que isso diz respeito ao periódico analisado. Penso que esse universo pode ser expandido para jornais de linha editorial similar à época, como o *Estado de São Paulo* ou *Folha de São Paulo*, todos de algum modo fazendo parte do espectro da direita política. O gráfico, enfim, me fez perceber que a leitura de que há censura sobre a apresentação de Sartre após 1967 não era um dado relevante. É necessário compreender o fato em conjunto com a referida reportagem de *O Sol*⁸³: Sartre-figura-política interessa à esquerda.

Ouso acrescentar que à direita ele importa para o comentário crítico e de modo pontual. Como estamos vendo, é necessário atacá-lo por manter-se fiel à URSS; depois é preciso usá-lo para defender o temor ao comunismo soviético; novamente é preciso atacá-lo pela proximidade com Cuba, pouco comentada; por fim, ele volta a ser necessário para dar peso ao argumento do perigo da censura soviética. Ler à contrapelo nos permite lembrar que, ao passo que *O Globo* criticava os soviéticos por censurarem autores, no Brasil vivia-se o mesmo fenômeno em função de uma Ditadura afinada com ideais capitalistas.

⁸³ FÓRMULA PARA O BEST-SELLER, *O Sol*, 14/11/1967, p. 12. Grifos meus.

Mas como seria o olhar para Sartre se considerarmos não a relação direta com a URSS ou Cuba e o comunismo soviético, mas sim pelo viés das relações com a esquerda francesa, embates com o Partido Comunista Francês (PCF), ou mesmo sua participação nos eventos de maio de 1968? É o que passamos a analisar neste ponto.

1.1.2 Sartre à française: relações com a política na França

O General de Gaulle foi um importante elemento da resistência francesa durante a ocupação alemã. Opunha-se ao discurso pró-Estados Unidos de outro general, Henri Giraud, sendo, por seu antiamericanismo, apoiado pela esquerda francesa. Por outro lado, naquele mesmo momento, De Gaulle demonstrava apreço pelo imperialismo francês, defendendo a manutenção da lógica colonial. É, portanto, o nome escolhido pela Assembleia Nacional Francesa para governar o país diante da crise de maio de 1958, marcada, dentre outros temas, pelos conflitos em relação à independência da Argélia. Assim, se seu antiamericanismo era valorizado, sua posição contrária à libertação das antigas colônias francesas na África fez dele um candidato sem apoio da intelectualidade de esquerda.

O *gaullismo*⁸⁴ alimenta uma série de debates entre Jean-Paul Sartre e o escritor François Mauriac. De acordo com Renato Bittencourt, correspondente de *O Globo* em Paris, Mauriac havia encontrado em De Gaulle “a esperança. Reconhece que o general não fez ainda o que se esperava dele. Mas atribui o insucesso ao atrito que a realidade impõe a todo projeto humano”⁸⁵. Mas por que essa visão de Mauriac é digna de críticas? Ao apoiar De Gaulle, coloca-se favorável à manutenção do estatuto de metrópole da França. A reportagem deixa claro que, em verdade, ele não estava se preocupando com seu posicionamento: isentava-se de todas as questões políticas que a ascensão do general significava, enfocando apenas em sua admiração pelo homem. Sartre criticava “sua [de Mauriac] indiferença em face dos grandes temas políticos e sociais de nossa era”⁸⁶.

A crítica de Sartre é coerente com sua defesa, em 1947, do engajamento do escritor (SARTRE, 2010, p. 28)⁸⁷

(...) o prosador é um homem que escolheu certo modo secundário de agir [no mundo] que podemos chamar de ação pelo desvelamento. Portanto, é legítimo fazermos esta outra questão a ele: que aspecto do mundo você quer desvelar, que mudança você quer

⁸⁴ Conjunto de políticas adotadas pelo general De Gaulle. Também referida como De Gaullismo

⁸⁵ O DEGAULLISMO DE MAURIAC GERA ATAQUES AO ESCRITOR, 15/07/1959, p. 4.

⁸⁶ O DEGAULLISMO DE MAURIAC GERA ATAQUES AO ESCRITOR, 15/07/1959, p. 4.

⁸⁷ Debate sobre as noções de engajamento no pensamento de Kracauer e Sartre pode ser encontrado em SOUZA (2015).

trazer para o mundo por intermédio desse desvelamento? O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação; sabe que desvelar é mudar e que não podemos desvelar nada fora de uma proposta de mudança.

Quadro 3 - Rassemblement Démocratique Révolutionnaire (RDR)

As reservas de Sartre em relação a De Gaulle precedem a questão argelina e a subida do general ao mais alto cargo da nação em 1958.

Figura 5 - General De Gaulle.



Em 1947, buscando uma ação política que pudesse ser vivida como uma terceira via entre o comunismo e o gaullismo (RYBALKA, 2005), Sartre se engaja na experiência do RDR. Tal experiência se articula com a defesa da ação individual, para além de qualquer filiação partidária (MÉSZÁROS, 2012). O *Rassemblement* foi efêmero, durando alguns meses entre o fim de 1947 e o início de 1948.

Deste modo, ao privilegiar o homem De Gaulle em detrimento de suas posições políticas, Mauriac age no sentido da construção e defesa de uma realidade que considera o imperialismo francês e todas as suas consequências sob o viés da necessidade. Pode-se objetar que o Sartre de 1947, que escreveu o conjunto de artigos que compõem *O que é a literatura?* (SARTRE, 2010) é distante daquele de 1958, já tendo passado por sua fase de “ultrabolchevismo”⁸⁸. É importante, contudo, lembrar que Sartre muda “no interior de uma permanência”⁸⁹, estabelecendo em sua obra uma integralidade orgânica (MÉSZÁROS, 2012). A moralidade exigida do escritor segue valendo até o fim de sua vida⁹⁰.

⁸⁸ É conhecido o texto de Merleau-Ponty (1973) que marca o dissenso com seu antigo amigo, “Sartre e o ultrabolchevismo”. Leitura similar aparece em Cera (1971).

⁸⁹ "JE NE SUIS PAS DESESPÉRÉ ET NE RENIE PAS MON ŒUVRE ANTERIEURE", *Le Monde*, 18/04/1964. Disponível em: <<https://bit.ly/2FKUNKZ>>. Acesso em 22/08/2020.

⁹⁰ Embora se possa questionar o quanto essa medida valeu para si próprio em sua vida pessoal. Nesse sentido, as evidências levantadas por Kirkpatrick (2020) em sua obra sobre Beauvoir são inestimáveis e colocam em xeque a honestidade defendida e alardeada por esses dois companheiros de vida.

Pode-se depreender, deste modo, qual será o posicionamento do filósofo: opositor de De Gaulle, participará ativamente da luta pela libertação das colônias francesas, envolvendo-se sobretudo com a questão argelina. E se posicionará de forma radical em defesa de seus ideais, buscando estabelecer diálogos com o Partido Comunista Francês (PCF) – tema pouco comentado por *O Globo* – pelo menos até 1968, quando rompe definitivamente com a posição do partido diante das revoltas do mês de maio. Assim, para acompanharmos os fluxos das relações tensas entre Sartre e o cenário político francês, faremos uma breve incursão nos registros sobre as relações entre Sartre, o PCF e a gestão De Gaulle. Em seguida, focaremos nas reportagens do periódico que evidenciam a temática do conflito argelino.

A tentativa de diálogo com o PCF aparece no jornal em 1961, quando se comenta debates em torno do que a matéria chama de questões “teóricas”. De acordo com a reportagem, as oposições de Sartre às propostas do comunismo francês estão evidenciadas em *Crítica da Razão Dialética* (CRD), publicado no ano anterior. Afirma-se que o livro traz críticas cuidadosas, não no sentido de um primor argumentativo, mas no de uma precaução para não gerar incômodos. Em termos da junção de um intelectual com o comunismo, considera-se que “o herói de ontem é o traidor de hoje”: Sartre é erguido ao posto de prova viva das dificuldades de ser um intelectual e um comunista ao mesmo tempo. Essa posição cuidadosa de Sartre em CRD é vista com ressalvas pela reportagem, que considera que a obra é uma “enfadonha logomaquia” – ou seja, uma verborragia gratuita – em que “Sartre se rebaixa ao ponto de situar sua cria, o ‘existencialismo’, como mero vassalo do marxismo (‘une enclave dans le territoire du marxisme’) (...)”⁹¹.

Sobre a mesma obra de Sartre, Renato Bittencourt afirma que é produto de uma intelectualidade que se esconde “por trás de um jargão abstruso, que visa a dissimular a esterilidade, a insignificância e a inautenticidade do que produzem”⁹². No próximo capítulo, veremos os comentários de Antonio Olinto sobre a chegada desse livro ao Brasil, em que afirma que apenas seis exemplares circulavam em 1960 pelo Rio de Janeiro⁹³.

Chama a atenção a breve fortuna crítica sobre as relações tensas de Sartre com o PCF: encerra-se nesses comentários em torno da CRD e será retomada apenas em função de maio de 1968, tendo sido brevemente comentado o dissenso quanto ao *Manifesto dos 121*, como veremos mais adiante em torno da questão argelina. Entre 1961 e 1968, a temática é deixada de lado. Por outro lado, entre janeiro e março de 1965, quatro notas informam que Sartre dera

⁹¹ DANÇAM OS COMUNISTAS FRANCESES..., 20/03/1961, p. 18.

⁹² A INTELLIGENTZIA CONTEMPORÂNEA, 05/10/1961, p. 2.

⁹³ PORTA DE LIVRARIA, O Globo, 14/09/1960, p. 10.

entrada em um pedido de adoção da “jovem de 28 anos, Arlette Elkaim, colaboradora da revista ‘Temps Modernes’”, que se tornaria, então, sua única herdeira⁹⁴. O início efetivo do processo de adoção é noticiado dia 28 de janeiro, como uma pequena nota dentro de uma reportagem que informa que o Capitão do Exército brasileiro Carlos Alberto Brilhante Ustra, reconhecido torturador durante a Ditadura Civil-Militar, havia feito denúncias contra militares supostamente “comunistas”⁹⁵. A efetivação da adoção é anunciada em 18 de março, afirmando que “Sartre passou a ser pai adotivo”⁹⁶. Tais notas fazem conhecer como detalhes íntimos da vida de Sartre são comentados no periódico brasileiro, o que aponta também para a existência de público interessado em acompanhar a vida íntima do pensador. Por fim, são um indício de como os *fait-divers* ganham espaço ao lado de notícias sobre o cenário nacional que apontam para as tramas do regime ditatorial.

Os eventos de maio de 1968 propiciam a retomada de comentários sobre as relações entre Sartre e a política francesa. A participação no movimento é considerada uma lufada de ar fresco na figura do pensador, que, embora seguisse sendo comentado tanto na França quanto aqui no Brasil, era encarado muitas vezes como “moda ultrapassada” diante dos estruturalistas, que despontavam como o que havia de novo no horizonte do pensamento. Um grupo de onze reportagens apresenta as reverberações do evento na França em conexão com Sartre e sua participação. “*Les folies culturelles*”, algo como “As loucuras culturais”, mas também “As festas da cultura”, apresenta, dentre outras coisas, a conversa de Sartre com os estudantes na renomada universidade Sorbonne, ocupada por estes. Começa por apresentar o movimento:

Estudantes e operários falam em greve, mas greve não diz tudo. Uma greve com ocupação de fábricas, escolas e teatros não é ainda uma revolução, mas é uma espécie de **amotinamento**. Os objetivos evidentemente são revolucionários e **só falta a ação para transformar a greve em revolução**. [...]
[...] não existem chefes visíveis, nem reivindicações precisas.⁹⁷

A reportagem, porém, apresenta os pensadores que fundamentam a ação dos estudantes, que confundem “Marx com Marcuse, Stálin com Mao Tsé-Tung e as bandeiras vermelhas do socialismo com as bandeiras negras da anarquia”. Uma confusão que é estratégia dos comunistas, que separam “o que serve do que não serve mais”. E aponta que um dos perdedores em função do movimento deveria ser De Gaulle, que, estimava-se, não conseguiria sobreviver no poder⁹⁸. Dentre as “diversas figuras” que apoiam e participam do movimento

⁹⁴ A JUNTA BOLIVIANA ROMPEU..., 07/01/1965, p. 8.

⁹⁵ NA 2ª AUDITORIA DA 1ª RM O IPM INSTAURADO NA COSTEIRA, 28/01/1965, p. 6.

⁹⁶ O GLOBO EM FOCO, 13/03/1965, p. 8.

⁹⁷ “LES FOLIES CULTURELLES, 28/05/1968, p. 10.

⁹⁸ “LES FOLIES CULTURELLES, 28/05/1968, p. 10.

Não podia faltar, por exemplo, Jean-Paul Sartre. E de fato não faltou. O autor de ‘A Náusea’ talvez fique mais ou menos entre Stálin e Mao Tsé-Tung, mas entre Marx e Marcuse está perfeito. Ele foi à Sorbonne, que agora foi rebatizada ‘Universidade Autônoma Popular da Sorbonne’, e falou durante duas horas.

Tudo transcorreu em clima do ‘kermesse’⁹⁹. **O filósofo existencialista foi chamado de ‘monsieur’, ‘companheiro’, ou simplesmente ‘Jean-Paul’.** Houve conferência, seguida de ‘diálogo’. Não tudo o que disse recebeu aplausos. Ao contrário, certas afirmações foram recebidas com vaias. Uma das perguntas foi a seguinte: ‘A ditadura do proletariado é necessária?’. Para surpresa geral, o filósofo respondeu: ‘Não tenho certeza. Muitas vezes ela significa ditadura ‘sobre’ o proletariado. Penso que socialismo e liberdade são inseparáveis, sem o que se perde a liberdade e, em seguida, também o socialismo.’¹⁰⁰

De todo modo, esse diálogo com os estudantes acena para o apoio do filósofo às reivindicações do movimento. Mesmo que Sartre não fosse nenhuma *vedete* de maio de 1968, quem vinha perdendo espaço era o Partido Comunista Francês. Os estudantes negavam qualquer vinculação com partidos, representantes do sistema com o qual queriam romper: esta é a tese central da reportagem de Renato Bittencourt. Na ocasião, apresenta breve perfil de um dos líderes do movimento estudantil, Cohn-Bendit, partindo dos registros do “sociólogo Edgar Morin, que tem escrito sobre o movimento estudantil alguns artigos tão longos quanto superficiais”¹⁰¹. Cohn-Bendit é caracterizado como “discípulo de Bakunine [sic]”, “antileninista”, e reforçador de três constantes: **“a hostilidade à repressão do Estado, ao autoritarismo e à hierarquia”**¹⁰². Arremata o texto apresentando como o líder estudantil se coloca diante de grandes pensadores e suas possíveis influências: “(...) Mao [foi feito] mito e que os mitos não lhe interessam. E Marcuse? Admite sua influência no movimento estudantil, mas confessa que poucos estudantes leram seus livros. **Sartre? É um fenômeno do pós-guerra, estamos muito longe daquele período.**”¹⁰³. Esta é a primeira vez que Sartre aparece como pensador ultrapassado no contexto do movimento de maio de 68, ideia que reaparecerá em outra reportagem de Bittencourt em que afirma, em comparação, que

Ao contrário de Sartre, que arengou os jovens entrincheirados na Sorbonne, manteve-se [Marcuse] afastado da cidadela. Sua presença, contudo, faria muito maior sensação, pois **se o pai do existencialismo é uma figura do pós-guerra hoje à cata de público, o Professor Herbert Marcuse é tido como o ‘maitre à penser’ dos estudantes.**¹⁰⁴

Assim, pode-se notar como a fala de Cohn-Bendit se faz presente também aqui nesta reportagem de Bittencourt mais de um mês após a anterior. É notória a retomada da fala do líder

⁹⁹ O termo holandês se refere a festividades, a rigor, religiosas. O uso parece querer afirmar ser um evento que transcorreu em clima de informalidade.

¹⁰⁰ “LES FOLIES CULTURELLES, 28/05/1968, p. 10. Grifos meus.

¹⁰¹ O PC NÃO QUER ARRISCAR..., 12/06/1968, p. 9.

¹⁰² O PC NÃO QUER ARRISCAR..., 12/06/1968, p. 9. Grifos no original.

¹⁰³ O PC NÃO QUER ARRISCAR..., 12/06/1968, p. 9. Grifos meus.

¹⁰⁴ MARCUSE: APENAS UM TEÓRICO..., 19/07/1968, p. 1. Grifos meus.

estudantil, uma vez que Sartre é apresentado sob o mesmo epíteto de “autor do pós-guerra”, mas o correspondente do jornal acrescenta, maliciosamente, que o filósofo teria ido à Sorbonne por precisar de público.

O filme *La chinoise*, do diretor francês Jean-Luc Godard, serve de ponto de partida para o Editorial de *O Globo* afirmar, em outra ocasião, que o que se têm na França é a formação de “baderneiros” que usam o “livro vermelho de Mao” como guia para a “arte do quebra-quebra”. A película é tomada como representação disso, o que confirmaria que o totalitarismo sempre conseguiu colocar a juventude a seu serviço. A opinião do editor é que o movimento francês guarda conexão com o nazismo, o fascismo e o comunismo, todos faces de uma mesma realidade¹⁰⁵.

Um termo emerge nesse editorial, *Chienlit*, sem qualquer contextualização, indício que revela o público leitor do jornal. As reportagens de *O Globo* não apresentam panos de fundo, não introduzem temáticas, pois consideram que seu leitor já sabe do que se trata. Essa e outras matérias apresentadas ao longo da pesquisa permitem fazer esta afirmação.

O termo *Chienlit* é normalmente utilizado em referência a “mascarados de carnaval”, mas De Gaulle o usa de modo diverso em referência a maio de 1968. Em um discurso, o presidente francês lançou uma espécie de *slogan* contra o movimento: “La réforme oui, la chien-lit non” que, em tradução livre, é algo como “A reforma, sim; o caos, não”. A partir dessa fala, o termo passou a se referir aos estudantes e operários participantes do movimento. Ao mesmo tempo, *Chienlit* aponta para eles como “mascarados”, o que combina com a adoção do termo *kermesse* da reportagem anterior. São como pessoas brincando em uma festa, mas também provocadores do caos.

No atual ‘CHIENLIT’ francês ficou demonstrado que tudo começa pela ‘conscientização’ feita por meio do ferramental leninista. A que conduziu tal empreendimento? Ninguém mais insuspeito para responder **que um dos mais conspícuos e aplaudidos ‘conscientizadores’ dos ‘balillas’ franceses: Jean-Paul Sartre**. Falando na Sorbonne, em pleno apogeu das pedradas e incêndios, **Sartre observou que os jovens haviam ultrapassado, sem o seu movimento, ‘os limites do possível’**. Em vez de pedir ao auditório uma ‘concessão’ – por exemplo, a volta ao possível –, o filósofo conclui: **não renunciem; prossigam nessa busca**.

Portanto, o marxismo-leninismo dos jovens **foi o caminho para transformar a angústia individual da filosofia de Sartre numa coletivização da angústia**. Essa estranha ‘conscientização’ levou a França à triste situação em que hoje se encontra.¹⁰⁶

O recurso ao termo *Balillas* é mais um elemento que confirma a compreensão sobre qual era o público leitor do jornal pesquisado. Encontrar o significado do termo foi difícil. Parti pelo

¹⁰⁵ COLETIVIZAÇÃO DA ANGÚSTIA, 30/05/1968, p. 1.

¹⁰⁶ COLETIVIZAÇÃO DA ANGÚSTIA, 30/05/1968, p. 1. Grifos meus.

levantamento no acervo digital de jornais franceses para ver se apontavam para algum uso da palavra em 1968, mas não teve sucesso. O significado mais provável emergiu de uma página da *wikipedia* em referência ao “Manifesto futurista” criado pelo maestro italiano Francesco **Balilla** Pratella (FRANCESCO BALILLA..., 2020). Tal manifesto, dentre outros elementos, conclama a juventude a uma aprendizagem autônoma, com a consequente abolição das formações musicais em Conservatórios; à libertação dos dogmas passados; à renovação; ao uso dos versos livres na construção de libretos. Essa pauta “futurista” guarda semelhança com as pautas dos estudantes que, ocupando a Sorbonne, a declaram “Universidade Autônoma Popular”. No entanto, assim como em relação ao uso do termo *Chienlit*, não há nenhuma explicação sobre o uso deste outro. O editor de *O Globo* escreve para leitores que têm contato com a cultura erudita e europeia.

Quanto a Sartre, mais uma vez, é dado como um inconsequente que não trabalha para o controle das manifestações, mas para a recrudescência desta. A relação do mesmo com o marxismo pode ser depreendida do editorial, mas é a seu existencialismo – criticado por um suposto pessimismo e valorização do abjeto – que se recorre na crítica ao pensador. “Sua” angústia agora estaria virando elemento a ser difundido pela população, o que é a base do título do editorial, *Coletivização da angústia*¹⁰⁷.

Por outro lado, a ênfase dada ao existencialismo e já não ao marxismo no editorial do jornal pode já ter se dado em função das disputas do movimento com o PCF. É novamente por meio da figura de Sartre que se noticia tais conflitos: “Jean-Paul Sartre acusou o Partido Comunista francês de ter traído a ‘revolução de maio’, na França, em declarações publicadas ontem pelo semanário ‘Der Spiegel’”. A posição de Sartre é que o Partido “adotou uma atitude que não era revolucionária, nem sequer reformista. Manteve-se em estado de cumplicidade com De Gaulle. [...] preconizando [com o presidente] eleições legislativas”. Denunciou, ainda, a postura dos sindicatos comunistas, que não apoiaram a união dos operários e estudantes. Para Sartre, isso se deveu ao fato de que os operários são os únicos que podem, de fato, fazer a revolução, já que “dispõem da arma absoluta que é a paralisação da produção, que estanca o sistema inteiramente”¹⁰⁸.

No dia seguinte, a resposta do PCF a Sartre é registrada, tendo como porta-voz Georges Bouvard, representante de assuntos culturais do Partido: “Bouvard refuta com ironia os ataques do filósofo francês, dizendo que, se Sartre sabe como fazer a revolução, porque não ensina a

¹⁰⁷ COLETIVIZAÇÃO DA ANGÚSTIA, 30/05/1968, p. 1.

¹⁰⁸ MURVILLE CONCLUI O PLANO..., 16/07/1968, p. 8.

receita. ‘Por que um estrategista tão brilhante continua privando a França do socialismo?’ pergunta (...)”¹⁰⁹.

As reverberações de Maio de 1968 na França foram tão importantes ao redor do mundo, inclusive no Brasil – como veremos no próximo subcapítulo –, que em agosto de 1968 se anunciava que o livro *La Révolte Étudiante*, de coautoria das lideranças “chienlit francesa[s], será lançado brevemente no Brasil com o título de ‘A Revolta Estudantil’”¹¹⁰. O livro inclui entrevista de Cohn-Bendit com Sartre, o que denota que a posição deste em relação ao pensador como “peça ultrapassada” se matizou ao longo dos dias. Ganha relevo o curto prazo entre escrita e lançamento do livro em Paris e a sua tradução para o português, o que aponta para a demanda em torno do assunto, fazendo acelerar as engrenagens de produção.

Os acontecimentos de maio colocam um fim na relação entre Sartre e o PCF. A última coluna que fala sobre ela faz um apanhado geral sobre as tensões que marcaram os diálogos do filósofo com o referido Partido e registra uma profissão de fé do jornalismo de *O Globo* contra o comunismo. Escrito já após a renúncia de Charles De Gaulle, datada de abril de 1969, o editorial faz uma revisão dos riscos que o PCF impõe à França e, por extensão, ao mundo. Partindo da afirmação do então candidato à presidência, Georges Pompidou – que seria consagrado ao cargo em julho daquele ano –, “Eu, o comunismo ou o caos”, o editor do jornal indica que, de fato a subida ao poder do Partido Comunista na França seria uma “eventual tragédia francesa. O próprio equilíbrio do mundo estaria rompido em desfavor da civilização ocidental”¹¹¹.

Sartre, que um ano antes era tido como agitador dos estudantes no editorial já comentado¹¹², é convocado como fundamento do argumento dos riscos do PCF e, por conseguinte, como um dos que temia a subida do Partido ao poder. Mesmo que o argumento seja verdadeiro, é preciso que se justaponha ao fato de que Pompidou tampouco era uma alternativa para o filósofo, que optou por se abster de apoiar qualquer candidato e, mesmo, de votar naquele pleito. Mas o modo como a argumentação do editorial se constrói faz crer que Sartre é contrário apenas ao PCF, citando o fato de que, outrora, o filósofo afirmara que o Partido não havia gerado nada de valioso intelectualmente, argumento hipostasiado para evidenciar a inutilidade de toda a legenda política¹¹³.

¹⁰⁹ GAULLISTAS EM ATRITO COM ALIADOS NA CÂMARA, 17/07/1968, p. 8.

¹¹⁰ REPORTAGEM SOCIAL, 31/08/1968, p. 4.

¹¹¹ PC E CAOS, 20/05/1969, p. 1.

¹¹² COLETIVIZAÇÃO DA ANGÚSTIA, 30/05/1968, p. 1.

¹¹³ PC E CAOS, 20/05/1969, p. 1.

Ao fim e ao cabo, o que sobra de maio de 1968 em Paris de acordo com *O Globo* é a nostalgia turística, despindo o movimento de toda a validade questionadora. A coluna social de Nina Chaves no Caderno *Ela* afirma que “Em Paris era bacana ir ver os estudantes na **Sorbonne** e **Odéon** discutir os assuntos diversos, e via-se na plateia entre **Aragon, Sartre, Louis Malle, Cardin, la Moureau, la Roseburgo, a Regina...**”¹¹⁴. Afinal, tudo vira espetáculo a ser visto pelo viajante.

Sendo estas as reportagens que apontam para as tensões entre Sartre e o PCF, pode-se pensar que o cenário da política francesa não é relevante para a construção de usos políticos de sua imagem no Brasil. Entretanto, tais usos se tornam mais evidentes se retrocedermos alguns anos e centrarmos nos conflitos em torno da independência da Argélia. Tal luta é um dos elementos centrais no modo como Sartre é comentado ao longo do período analisado. O tema é acompanhado de 1957 até 1966 e evidencia a construção da ideia de um outro tipo de “Sartre perigoso”, aquele posicionado sempre ao lado dos revoltosos e violentos em detrimento da ordem e do nacionalismo necessários a um bom cidadão, seja ele francês ou brasileiro.

A primeira ocasião em que Sartre aparece atrelado à questão argelina se dá em virtude de sua opinião sobre o assassinato do ex-vice-presidente da Assembleia da colônia francesa, perpetrado em Paris por um jovem da Argélia, Ben Sadok. Este, era um rapaz que “crescera com a ideia de que todos os homens eram irmãos, sem diferenças raciais”, mas que, pela “revolta argelina”, passou para o outro lado. “No quarto de Ben Sadok, a polícia descobriu apenas livros. Muitos livros franceses, de autores como **Balzac, Stendhal, Malraux, Camus e Sartre**”. Em depoimento, o rapaz cita Malraux ao defender que agiu só: “Como escreveu André Malraux no seu livro ‘A Condição Humana’, não é por obediência que alguém se deixa matar ou mata, a menos que seja covarde.”¹¹⁵.

Mas o auge do processo [contra Sadok] veio com o depoimento de Sartre. Pequenininho e feio, o filósofo falou sem olhar para o réu, como se estivesse acima da realidade humana do fato em causa.

– **Numa guerra tão cruel como a que martiriza a Argélia – disse ele – não se pode amalgamar crimes terroristas e crimes políticos. O terrorista quer impor o medo, pouco lhe importam as vítimas. O criminoso político, ao contrário, não deseja intimidar. Mata um homem pelo que esse homem representa, pelos atos de que esse homem é culpado.** Lembremo-nos de Charlotte Corday, que assassinou Marat. Todos os franceses se orgulham do gesto que ela praticou para acabar com o Terror.¹¹⁶

Sadok escolhe um alvo simbólico e, como tal, não se pode considerar que agiu como terrorista, mas como militante político pela libertação de seu país.

¹¹⁴ LINHAS CRUZADAS, 08/06/1968, p. 4. Grifos no original.

¹¹⁵ UM TERRORISTA ESCAPA..., 19/12/1957, p. 1. Grifos meus.

¹¹⁶ UM TERRORISTA ESCAPA..., 19/12/1957, p. 1. Grifos meus.

É provável que esse argumento de Sartre tenha contribuído para a absolvição do rapaz. Ao menos é o que nos leva a crer a afirmação de um dos participantes nas manifestações de policiais em Paris, noticiada em março do ano seguinte. Com “caráter grevista”, o movimento exigia da Assembleia Nacional aumento de salários e “maior proteção contra os terroristas argelinos”¹¹⁷. Em pauta, o incômodo:

– Os riscos que corremos são enormes! – exclamavam os grevistas à frente da Assembleia. **“E quando prendemos os criminosos, os tribunais fazem filosofia!”** A frase aludia ao processo recente do jovem árabe que, conforme narramos em O GLOBO, assassinou num campo de futebol o ex-presidente da Assembleia argelina, Alli Chekal, tendo escapado à guilhotina graças a **um depoimento filosófico feito pelo escritor Jean-Paul Sartre** sobre os conceitos de ‘pátria’ e de ‘traição à pátria’...¹¹⁸

Ao invés de justiça, ao refletirem sobre as implicações políticas de um ato como o de Sadok a convite de Sartre, os tribunais fazem filosofia.

Essas duas situações que atrelam o nome de Sartre ao conflito pela independência da Argélia bastam para que *O Globo* assuma que os leitores brasileiros já sabem que a revista *Les Temps Modernes* apoia a causa dos rebeldes. Afinal, sem explicações, uma breve nota informa que a última edição do periódico havia sido integralmente apreendida, sob alegação de atentar contra a “segurança interna e externa do Estado”¹¹⁹. O número trazia reportagem de jornalista italiano sobre os *maquis*, grupo de resistência francesa que apoiava os argelinos durante os movimentos pela independência da Argélia, mas o leitor de *O Globo* também não contava com essa explicação. Compreender a reportagem passava por já saber que *Les Temps Modernes* era dirigida por Sartre, que os *maquis* eram o que eram e que, portanto, todos esses atores estavam conectados em uníssono pela defesa da independência da Argélia. Esta é mais uma das ocasiões em que temas são tratados como se o leitor já os soubesse de partida, o que permite pensarmos se havia algo como uma circulação de tais ideias fora das páginas do jornal. Não há, porém, indícios outros na pesquisa que confirmem isso.

A revista dirigida por Sartre também é citada ao noticiar que a Frente de Libertação Nacional (FLN), movimento pró-independência da Argélia, foi desmantelada por ação da polícia, que apreendeu treze membros da organização. Três pessoas, porém, seguiam sendo procuradas. Dentre elas, “Francis Jeanson, professor de filosofia e antigo colaborador de Jean-Paul Sartre, na direção da revista ‘Les Temps Modernes’ (...)”¹²⁰. Não por acaso, Jeanson é o

¹¹⁷ QUINHENTOS POLICIAIS CONTRA A ASSEMBLEIA, 20/03/1958, p. 11.

¹¹⁸ QUINHENTOS POLICIAIS CONTRA A ASSEMBLEIA, 20/03/1958, p. 11. Grifos meus.

¹¹⁹ “LES TEMPS MODERNES” APREENDIDA EM PARIS, 04/01/1958, p. 8.

¹²⁰ ORGANIZAÇÃO REBELDE ARGELINA..., 25/02/1960, p. 8.

destaque de reportagem que ridiculariza os signatários de manifesto contra a repressão policial durante a Ditadura civil-militar brasileira em 1968: era conhecido do público como líder rebelde e, portanto, nada mais natural que fizesse pretensas ilações infundadas contra o governo brasileiro¹²¹.

O nome de Jeanson se torna conhecido em *O Globo* justamente em função do conflito argelino. Por exemplo, Renato Bittencourt dedica a ele uma coluna inteira: *Foragido um filósofo existencialista que preferiu recorrer à ação direta*¹²². Jeanson é, inicialmente, apresentado como “autor de interessante estudo sobre o pensamento de moral de Sartre”¹²³. Este, nunca cumprira sua promessa de realizar uma obra sobre a moral (SARTRE, 2007), tendo ensaiado algo nesse sentido na conferência *O Existencialismo é um Humanismo* (SARTRE, 1987), mas por “cuja publicação acabou por se arrepender, pelas interpretações incorretas a que deu lugar, facilitadas pela apresentação sumária e apressada das conclusões expostas naquele trabalho”¹²⁴. Assim, diz Bittencourt, Jeanson cumpriu a tarefa de pensar nessa moral e teve boa acolhida de Sartre, recebendo o convite para participar como redator-chefe de *Les Temps Modernes*, mas romperam relações pois “o jovem filósofo não se contentava, como o famoso professor, em fazer do pensamento um ato. Queria passar à ação. **Como Karl Marx, achava que os filósofos já tinham interpretado demasiadamente o mundo. Urgia transformá-lo.**”¹²⁵. Assim, passa à ação direta, “Resvalando da filosofia para a conspiração e o terrorismo, virou chefe de um setor da rede do FLN em Paris, sendo fichado pelas autoridades como elemento perigoso à segurança da pátria”¹²⁶. Se Bittencourt relembra o afastamento de Sartre e Jeanson, deixa de mencionar a reaproximação destes, ocorrida em função da passagem de Sartre à ação política direta e sua atuação em prol da independência argelina. Aliás, o próprio engajamento de Sartre nesta luta se dá em função de pedido de Jeanson (COHEN-SOLAL, 2008).

Em 20 de outubro, outra notícia informa que Jeanson fora encontrado na Suíça e que sua obra, *Notre guerre*, foi “apreendida pela Polícia francesa em junho do corrente ano.” Diante da censura, a revista *Verité-Liberte*, “hoje em regime de semiclandestinidade”, passou a publicar textos do pensador. Para a reportagem, a *magazine* era um “caderno de informações sobre a guerra da Argélia” e tinha no comitê diretor, dentre outros, Sartre, a quem o discípulo

¹²¹ ANÁLISE DE UM MANIFESTO, 12/07/1968, p. 1.

¹²² 07/03/1960, p.1.

¹²³ FORAGIDO UM FILÓSOFO EXISTENCIALISTA..., 07/03/1960, p.1.

¹²⁴ FORAGIDO UM FILÓSOFO EXISTENCIALISTA..., 07/03/1960, p.1.

¹²⁵ FORAGIDO UM FILÓSOFO EXISTENCIALISTA..., 07/03/1960, p.1. Grifos meus.

¹²⁶ FORAGIDO UM FILÓSOFO EXISTENCIALISTA..., 07/03/1960, p.1.

teria puxado: também era prolixo em sua escrita¹²⁷. *O Globo* trazia ainda um suposto “resumo do essencial” dos argumentos de Jeanson para a atuação da FLN – “suposto”, uma vez que há mais opiniões do jornalista, Renato Bittencourt, do que argumentos de Jeanson. Um exemplo é a discussão em torno dos atentados, que são, *a priori*, definidos como terroristas.

E os atentados terroristas? Como moralista, autor de um ensaio sobre a moral existencialista, não lhe repugna colaborar com um organismo culpado de tais excessos? Jeanson retruca sibilinamente que o grande público está mal informado a respeito (não aproveita, contudo, a oportunidade para informar) e que, ademais, uma causa justa – como a dos argelianos – é sempre justa, mesmo que seus defensores empreguem meios injustos.¹²⁸

A censura e a ampla artilharia da imprensa do chamado “mundo livre” compõem parte desse meio injusto. Não perdem a possibilidade de defender o aprisionamento de parte do mundo, desde que isso os favoreça. Mas, sabemos, Jeanson não estava sozinho. *Sartre e Simone dizem que o fato mais importante dos nossos dias é a libertação dos povos africanos*¹²⁹, lê-se em manchete publicada quando da visita de ambos ao Brasil.

Para o pensador francês Jean-Paul Sartre, o surto de independência dos povos africanos ‘é o ‘renversement’ necessário do sistema colonialista, que ele já trazia dentro de si desde o começo’. Trata-se do fenômeno mais importante dos nossos dias, disse Sartre, enquanto sua mulher, a escritora Simone de Beauvoir, que veio ao Brasil em sua companhia, declarou: ‘Vejo o movimento de libertação dos povos africanos com total simpatia: é conforme à justiça, ao humanismo, às aspirações do nosso tempo’.¹³⁰

A reportagem segue reverberando as posições de Sartre, que deixa claro que o governo francês está obstinado a não ceder a independência à Argélia. Os comentários de Beauvoir, a seu turno, não recebem atenção. Além do lugar de “escritora esposa de Sartre” e de breve citação sobre como ela considera a libertação dos povos africanos, o espaço que lhe é dedicado é para que ela responda se seu último livro, *Todos os homens são mortais*, era espiritualista. Ateia, afirma que seus objetivos como escritora estão absolutamente distantes disso. É esse o espaço que se oferece a uma pensadora como ela. Quanto caminhamos de lá até aqui? Chama-me ainda a atenção o vocativo utilizado para ambos: Sartre é sempre referido por seu sobrenome. Beauvoir é sempre evocada por seu primeiro nome, Simone, sem mais. Aliás, aprendi assim e, até hoje, tenho alguma dificuldade em chamá-la de Beauvoir. Se o faço nesse trabalho, evitando nomeá-la como *Simone*, é por um esforço político de simetria que entendo importante.

¹²⁷ SAI DINHEIRO DA FRANÇA PARA..., 20/10/1960, p.1.

¹²⁸ SAI DINHEIRO DA FRANÇA PARA..., 20/10/1960, p.1.

¹²⁹ 17/08/1960, p. 3.

¹³⁰ SARTRE E SIMONE DIZEM QUE..., 17/08/1960, p. 3.

Voltemos à questão argelina, contudo. Nesta época, diversas são as vezes em que Sartre sai de sua casa em Saint-Germain-de-Prés para depor no tribunal em favor de algum apoiador da causa. Pouco antes de sua vinda ao Brasil, outra ocasião relatada é seu testemunho em favor de Henri Girard, autor que assinava com o pseudônimo de Georges Arnaud. Pouco antes da prisão, Girard publicara uma “entrevista com o filósofo Francis Jeanson, procurado pela Polícia por suas ligações com os rebeldes argelinos. Em sua defesa, o romancista invocou o ‘segredo profissional’, alegando ter agido na qualidade de jornalista”¹³¹. Em seu testemunho, Sartre

afirmou que exigir a delação constituía o caminho da desmoralização nacional. Acrescentou: ‘A guerra exige que o cidadão francês receba a informação completa. Esta, atualmente, lhe vem sendo recusada’. Os debates frequentemente transbordaram do plano estritamente legal para considerações políticas, tendo alguns depoentes tecido comentários sobre a guerra da Argélia.¹³²

Essas defesas feitas por Sartre o tornam um pensador que atua pela “causa de todos os povos oprimidos do mundo”¹³³. Esta leitura que o enxerga em chave positiva é, contudo, menos comum. Esse depoimento em favor de Girard ocorre pouco mais de um mês antes da vinda de Sartre ao Brasil. É importante considerarmos que sua visita ao país é atravessada pelas necessidades do apoio à causa da Argélia. Sartre havia combinado com Jorge Amado sua vinda antes que as ações em prol da libertação da Argélia tivessem recrudescido. Assim, quando volta a Paris após sua visita a Cuba, que dura de 22 de fevereiro a 21 de março de 1960, dedica-se à causa argelina.

Em junho, a questão argelina passa a ser reconhecida na França como Guerra da Argélia. Em julho, Sartre assina, conjuntamente com outros cento e vinte intelectuais, a carta conhecida como *Manifesto dos 121*. Uma nota sobre o *Manifesto* é publicada em 17 de agosto na França, data em que o pensador já estava no Brasil, mas é só em 04 de setembro que diversos periódicos apresentam, de fato, o *Manifesto* ao público, sendo ele lançado em 06 de setembro pela já mencionada revista *Verité-Liberté*. Porém, não o publicou na íntegra por medo de ser confiscada. Sartre sabia que o *Manifesto* seria lançado durante sua visita ao Brasil e, inclusive, deixa em Paris uma autorização para que seu nome fosse utilizado em questões relevantes à causa (COHEN-SOLAL, 2008).

Mas porque era o *Manifesto dos 121* uma polêmica, já que se sabia do apoio, não apenas de Sartre, mas de diversos intelectuais à causa argelina? O conteúdo do documento era escandaloso para a sociedade que levava ao poder o General De Gaulle. O documento de duas

¹³¹ NO CONFLITO DE PRINCÍPIOS..., 06/07/1960, p.1.

¹³² NO CONFLITO DE PRINCÍPIOS..., 06/07/1960, p.1.

¹³³ MISSÃO DA ARGÉLIA VEIO PEDIR APOIO DA AMÉRICA LATINA, 29/09/1960, p. 7.

páginas, cujo subtítulo era *Declaração sobre o direito de insubmissão na Guerra da Argélia* (VÉRITÉ-LIBERTÉ, 1960), trazia, ao fim, sua profissão de fé:

- Nós respeitamos e julgamos justificável a recusa de levantar armas contra o povo argelino.
- Nós respeitamos e julgamos justificável a conduta dos franceses que consideram ser seu papel ajudar e proteger os argelinos oprimidos em nome do povo francês.
- A causa do povo argelino, que contribui de forma decisiva para a ruína do sistema colonial, é a causa de todos os homens livres. (VÉRITÉ-LIBERTÉ, 1960)¹³⁴

Assim, o *Manifesto* é lido como conclamação para que soldados franceses na Argélia desertassem, passando a apoiar o lado argelino ou, minimamente, deixando de atacá-lo. Não convoca diretamente tal abandono, mas afirma o respeito e apoio a tal decisão.

Embora lançado em setembro, o texto e a polêmica em torno do documento viram notícia em *O Globo* apenas em outubro, quando se lê que “centenas de jovens direitistas, contrários à política do Presidente de Gaulle, entraram em choque com a polícia”¹³⁵.

[Pediam] ação mais enérgica do governo contra os rebeldes argelianos e **protestavam contra o recente ‘Manifesto dos 121’, no qual proeminentes intelectuais franceses – entre os quais se destaca Jean-Paul Sartre – aconselhavam os jovens franceses a se esquivarem de prestar serviço militar na Argélia.**¹³⁶

Dentre os manifestantes estavam integrantes de um grupo profascista, Nação Jovem, e gritos de ordem como “A Argélia é francesa” e “**Força para Jean-Paul Sartre**”¹³⁷. De acordo com a reportagem, a manifestação era mais um golpe em De Gaulle, “já obrigado a aplicar fortes sanções para cortar pela raiz a campanha dos intelectuais contra a guerra argeliana”¹³⁸. A deserção não era, como vimos, recomendação expressa do *Manifesto*, mas certamente um efeito de suas palavras, que chamavam de vergonhosa a adesão a um ato de horror por puro “civismo” (VÉRITÉ-LIBERTÉ, 1960).

Por um lado, a polêmica em torno do documento, “no qual intelectuais franceses pregam o direito à insubmissão na Argélia”, atraiu novas adesões, como André Schwartz-Bart, vencedor do Goncourt; por outro, Françoise Sagan, Marguerite Duras e Claude Roy figuravam entre os que pediam a retirada de suas assinaturas¹³⁹. Além do mais, informou-se que “Julga-se provável que Jean-Paul Sartre, ao chegar da América do Sul, venha a ser objeto de processo judiciário por indução de militares à insubordinação”¹⁴⁰. Sartre receberá comunicado de amigos para que

¹³⁴ Sempre que a fonte estiver referenciada no original, a tradução apresentada é livre, como neste caso.

¹³⁵ VIOLENTA MANIFESTAÇÃO EM PARIS..., 04/10/1960, p. 8.

¹³⁶ VIOLENTA MANIFESTAÇÃO EM PARIS..., 04/10/1960, p. 8. Grifos meus.

¹³⁷ VIOLENTA MANIFESTAÇÃO EM PARIS..., 04/10/1960, p. 8. Grifos meus.

¹³⁸ VIOLENTA MANIFESTAÇÃO EM PARIS..., 04/10/1960, p. 8.

¹³⁹ O MANIFESTO DOS 121 - NOTÍCIAS DE..., 15/10/1960, p. 5.

¹⁴⁰ O MANIFESTO DOS 121 - NOTÍCIAS DE..., 15/10/1960, p. 5.

retorne à França via Barcelona, de onde, de carro, fariam caminho até Paris, tentando evitar postos policiais (COHEN-SOLAL, 2008).

Uma outra edição de *Les Temps Modernes* foi apreendida. Na ocasião, informa-se que “**Os comunistas não concordaram inteiramente com o ‘Manifesto dos 121’**. Preferindo uma tática mais realista, aconselham que o soldado, em vez de desertar, procure sabotar a corporação por dentro”¹⁴¹. Evidencia-se, de tal modo, outro tipo de embate – não apenas teórico como aquele já apresentado em função da CRD – entre Sartre e o PCF, antes do rompimento operacionalizado em função de maio de 1968. Ao mesmo tempo, fica estabelecido que ambas as posições são favoráveis aos revoltosos, o que serve, em 1960, para reafirmar os riscos do perigo vermelho, retórica importante – como veremos adiante – para o cenário político brasileiro. Assim, as reportagens sobre o conflito têm dupla importância: a informação jornalística e o uso que se faz delas, capitalizando pautas conservadoras no Brasil.

Tal uso não é característico apenas aqui. A atriz francesa Simone Signoret, por exemplo, estava sendo boicotada pela indústria cinematográfica: “Em Hollywood, as opiniões sobre o assunto variam, mas a maioria dos astros com quem conversei parecem seguir a opinião de Charlton Heston: ‘política e ‘show business’ não podem caminhar juntos”¹⁴². É preciso estar atento ao perigo que representam os comunistas.

Quadro 4 - Sartre, campeão de esquerdismo

Foi este o título de nota publicada em 17 de novembro de 1966 em *O Globo*. Neste ano, um tema relevante em torno da figura do filósofo foi sua participação, ao lado do filósofo inglês Bertrand Russel, em um Tribunal simbólico contra os crimes de guerra dos EUA no Vietnã.

A nota em questão conecta a participação do filósofo no Tribunal, sua oposição a De Gaulle, a defesa da libertação da Argélia, sua recusa ao Nobel de Literatura em 1964, os artigos que escrevera em defesa da revolução cubana e o próprio existencialismo, afirmando-o como um “campeão de numerosas **causas de extrema-esquerda**”(Grifos meus).

Esta reportagem é mais um indício do uso da posição de Sartre diante da Guerra da Argélia para construção de uma de suas imagens: perigoso artífice do esquerdismo.

Com Sartre e Beauvoir ainda em território brasileiro, repercute-se a opinião do jornalista inglês Sam White, que escreveu para o jornal *Evening Standard* sobre a má recepção do *Manifesto dos 121* entre os franceses. Para White, se somaria à vergonha do próprio *Manifesto* o fato de que Sartre não teria feito nada contra a Ocupação alemã em Paris durante a 2ª Guerra,

¹⁴¹ O MANIFESTO DOS 121 - NOTÍCIAS DE..., 15/10/1960, p. 5. Grifos meus.

¹⁴² CARTAS DE HOLLYWOOD, 28/11/1960, p. 21.

mas agora queria que a juventude francesa o fizesse por ele¹⁴³. Essa opinião reaparece em dezembro, na chegada do primeiro voo a jato direto Paris-Rio de Janeiro da Air France. Para festejar o lançamento das novas aeronaves, a companhia trouxe algumas personalidades da capital francesa para uma visita à cidade maravilhosa. Em sua maioria, pessoas do mundo político, aviação e jornalismo.

O Globo foi ao Galeão colher opiniões dos convidados sobre diversos assuntos da França. Apenas pretensamente, uma vez que o único assunto apresentado é a guerra da Argélia e a posição de Sartre. Jacques Foulquier, vice-presidente do Conselho Municipal de Paris, disse que entende ser a Argélia uma comunidade francesa que deve ficar sob os cuidados da França. Henry Nicolle, chefe-adjunto do periódico *Le Figaro*, afirmou que era perigoso opinar. O diretor do jornal *Paris-Normandie* causou desconforto quando disse que queria conhecer de perto o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e comparou o governo de Getúlio Vargas com o de Fidel Castro, em Cuba. Já o prefeito de Marselha, Senador Gaston Deferre,

deu a sua opinião sobre o caso da Argélia, especialmente referindo-se às declarações feitas no Brasil pelo escritor Jean-Paul Sartre em relação ao General de Gaulle. **‘Sartre não pode expressar nenhuma opinião sobre a Argélia porque ficou de fora, enquanto o General de Gaulle combatia na Resistência’**. Sartre deseja apenas publicidade.¹⁴⁴

É intrigante a semelhança da fala do prefeito de Marselha e a opinião do repórter inglês Sam White: desqualificam Sartre em função de uma suposta não adesão aos movimentos de Resistência. Além disso, a vinda de “personalidades francesas” ao Rio se coaduna com um esforço oficial do governo francês de fazer frente às falas de Sartre e Beauvoir durante a visita deles ao Brasil. Por fim, a leitura do intelectual como sendo caçador de publicidade encontrará eco em texto do literato Antonio Olinto. Em uma apresentação elogiosa do livro de Jules Roy, *A guerra na Argélia*, afirma que o depoimento do autor tem mais autoridade “por não ser obra de um extremista fanático do tipo Jeanson, nem de **um intelectual ‘carregador de valises da FLN’, gênero Sartre.**”¹⁴⁵ Embora Sartre não seja encarado aqui como mero aproveitador de escândalos, ocupa uma posição similarmente baixa.

O papel de Sartre na questão argelina ainda não havia se encerrado. No dia seguinte, uma nota em destaque informa que o pensador exigia ser acusado por ser signatário do *Manifesto dos 121*. Percebendo que alguns dos signatários estavam respondendo processo judicial, Sartre aproveita a oportunidade para evidenciar quão discricionária era a justiça

¹⁴³ POR ESSE MUNDO AFORA..., 25/10/1960, p. 1.

¹⁴⁴ “ENTRE A ARGÉLIA E BRIGITTE BARDOT..., 01/12/1960, p. 12. Grifos meus.

¹⁴⁵ PORTA DE LIVRARIA, 17/12/1960, p. 9.

francesa, que estaria funcionando como “instrumento nas mãos do governo”¹⁴⁶. É nesta ocasião que De Gaulle dirá que “não se prende Voltaire”, como que em um aceno a Sartre, comparando-o ao grande filósofo iluminista que, ironicamente, fora preso em seu tempo. Este aceno, claro, nada tem de elogioso, mas marca uma tentativa de abafar aquilo mesmo que a atitude de Sartre almejava evidenciar.

Em 13 de maio e 19 de julho de 1961, a Organização do Exército Secreto (OES), grupo de oposição à independência da Argélia, explode uma bomba na sede da revista *Les Temps Modernes* e no apartamento de Sartre na Rua Bonaparte, respectivamente. Ele não sai ferido do incidente. Em 01 de novembro do mesmo ano, Sartre faz manifestação de silêncio na Praça Maubert contra repressões com vítimas fatais realizadas pela polícia francesa. No dia 18 do mesmo mês, participa novamente de manifestação de silêncio e dá entrevista sobre a independência da Argélia. Em 16 de dezembro, viaja a Roma para falar em prol da questão argelina. Retorna rapidamente a Paris, pois, três dias depois, participa de manifestações na Bastilha pela mesma causa. Em janeiro de 1962, irá depor a favor do padre Davezies, que apoiava a independência. Em 07 de janeiro deste ano, outra bomba é explodida pela OES no apartamento de Sartre da Rua Bonaparte; o imóvel será vendido e Sartre passa a viver em um quarto e sala no Boulevard Raspail: é o fim da era existencialista em Saint-Germain-des-Prés. Seguirá apoiando a independência da Argélia até que ela ocorra, em julho de 1962 (COHEN-SOLAL, 2008).

Em 10 de março de 1962, já após os três bombardeios da OES, Renato Bittencourt comenta as mobilizações dos intelectuais franceses contra tais atos violentos. Se por um lado apresentava com espanto a ação da Organização, por outro argumenta que a posição de Sartre era pró-violência. Afirma que este buscava ser “um homem entre outros homens, na rua” e que ensinava que “À violência, deve responder-se pela violência”¹⁴⁷. Ao mesmo tempo, Bittencourt contradiz afirmações feitas em outras ocasiões pelo jornal, afirmando que, tal como na época da resistência aos alemães, Sartre, agora também “preconiza uma atividade clandestina”. Logo, Bittencourt confirma uma ação sartriana contra a Ocupação.

Eis, pois, o mais conhecido filósofo francês contemporâneo enfim imerso na Ação que tanto o fascinava. Primeiramente tentara negar a aventura, dizendo-a mera construção ‘a posteriori’ do espírito (veja-se ‘La Nausée’); depois, procurara fazer do pensamento um ato, e impregnara de tanto ‘suspense’ as operações intelectuais, com o mecanismo da opção existencialista, que o menor problema teórico se tornou tão sensacional quanto uma história policial. Agora, o filósofo se dispõe a procurar a ação

¹⁴⁶ SARTRE QUER SER PROCESSADO COMO SIGNATÁRIO..., 02/12/1960, p. 8.

¹⁴⁷ INTELLECTUAIS FRANCESES..., 10/03/1962, p. 5.

na própria ação. Não demorará e o veremos na rua, um manifestante entre outros manifestantes, brandindo contra policiais pesados tomos da metafísica...¹⁴⁸

Sartre, como vimos, já era esse manifestante entre manifestantes, embora não do modo irônico como Bittencourt descreve. Seu texto é arrematado com o comentário de que, após as ações da OES, não há quem em Paris queira alugar apartamentos para Sartre, ficando ele à mercê da boa vontade de amigos¹⁴⁹. Não há afirmação direta do jornalista de que, por defender a violência, o pensador deveria saber que poderia ser alvo dela, mas compreendo que isto fica implícito no texto.

As demais repercussões no jornal sobre a questão argelina escasseiam após 1962 e reaparecem, sem lustro, em 1966¹⁵⁰. A temática, como se pode ver, participa da construção da imagem de um Sartre afeito aos conflitos, apoiador da violência, contrário aos interesses de seu país. Isso em meio à visita do filósofo e Beauvoir ao Brasil que, a seu turno, vivia candente disputa política em torno do fim da gestão JK e eleição de Jânio Quadros e de um vice à esquerda, João Goulart¹⁵¹. É esse cenário que passaremos a analisar agora.

1.2 Sartre à moda da casa: relações com a política brasileira

O panorama geral do que se fala sobre Sartre em conexão com o universo político-institucional brasileiro é importante para a compreensão da deglutição realizada do pensador no país. As relações entre Sartre e as esquerdas nunca foi linear, mas marcada por mudanças de posição em função do que lhe parecia carecer ser denunciado. E, claro, o que lhe parecia digno de ser combatido guarda profundos liames com o projeto integral de uma obra cujo cerne é a preocupação com a conexão inextrincável entre indivíduo e mundo. O elemento mais caro para a pesquisa aqui relatada é, justamente, como as relações entre Sartre e Brasil foram estabelecidas, ou seja, como o filósofo foi apropriado e o que tal apropriação “fez fazer” (LATOURET, 2012) no país.

Em certas ocasiões, a apropriação ainda referente à moda existencialista, amplamente tematizada em minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2015), se fez presente, reforçando ideias de que os existencialistas eram “feios, sujos e depravados”. Manifestações estudantis na Faculdade Nacional de Direito contra o aumento da passagem de bondes em 1956, por exemplo,

¹⁴⁸ INTELLECTUAIS FRANÇAISES..., 10/03/1962, p. 5.

¹⁴⁹ INTELLECTUAIS FRANÇAISES..., 10/03/1962, p. 5.

¹⁵⁰ TUDO SÃO DÚVIDAS E MISTÉRIO..., 10/02/1966, p. 1.

¹⁵¹ Neste momento, as eleições para a vice-presidência eram independentes daquelas para a presidência. Votava-se no presidente e no vice, isoladamente, e não em uma chapa como atualmente.

permitted to affirm that that space was “existentialist”¹⁵². Opted to leave them aside. They are not relevant for this research, since they point only to continuities of the reception problematic that occurred between the years 1945 and 1955. This type of use of the term, in any case, will be losing space for comments that connect with aspects of national political life.

Such a situation as the visit of André Malraux to Brazil, in 1959, which interests: a case exemplar of how, through comments that encompass Sartre, a certain agenda is defended. The visit is first reported by Antonio Olinto, who makes evident his perplexity: as an author “inquiet” and “inconformado”, accustomed to “existentialist” thoughts, could he have become a supporter of the government of General De Gaulle? Finally, could the inquietude of his philosophy find adherence in the orthodoxy of the actual French State, questioning Olinto?¹⁵³ The fact is that Malraux becomes Minister of Culture in the De Gaulle administration between the years 1958 and 1969.

Thus, the writer does not come to Brazil only as a figure of renown, but as an official visit from the Minister of Culture of his country. He came, for example, accompanied by the president of the Franco-American Film Consortium, with the objective of discussing the promotion of the distribution of French films in Brazil¹⁵⁴. However, I discovered that the official visit was not through intermediaries that referred to Sartre. By chance, next to a note that reports the filming of a work based on a romance by Jack Kerouac, affirming that the author is representative of the beatnik culture, “the so-called generation of existentialists in the United States”, equalizing both movements¹⁵⁵, that called my attention to a small text explicating the character of the visit of Malraux. It was on this occasion that he revealed that he came to treat the distribution of films.

On another occasion, an anecdote evidences the asymmetry in the bilateral relations between France and Brazil: the French newspaper *Le Figaro* had made a reportage about our country using the name of an ambassador as if he were the actual Brazilian representative in France. However, not only the ambassador was not him, but the one mentioned in the periodical had already died. Renato Bittencourt, author of the reportage, registers in a tone of irony that, although Malraux had returned to his country affirming that, for the French, Brazil is the country of hope, the facts evidence the opposite. For him, the greatest curiosity about Brazil was the construction of Brasília, especially in function of propaganda of the Brazilian government.

¹⁵²PARALISADA PARCIALMENTE A VIDA..., 31/05/1956, p. 1; 6.

¹⁵³PORTA DE LIVRARIA, 20/08/1959, p. 10.

¹⁵⁴O GLOBO NOS CINEMAS, 27/08/1959, p. 6.

¹⁵⁵O GLOBO NOS CINEMAS, 27/08/1959, p. 6.

França. “A imaginação do francês se empolga com a ideia dessa cidade ultramoderna construída em plena ‘jungle’, com os tratores a afugentarem índios e crocodilos”¹⁵⁶. Não que a divulgação de Brasília e o próprio feito da construção da nova capital seja irrisório, mas esse é um modo de apontar para a disparidade no volume de produtos culturais que circula entre os países. Sobre Sartre? Nada. A matéria foi encontrada por mencionar, de passagem, a antiga moda existencialista, tida como interessante até o momento em que o chuveiro começa a fazer falta. A conclusão do jornalista é que De Gaulle não se contentava com o já notório apreço mundial pela França, querendo ampliar a influência para além da “liderança espiritual ou a proeminência artística”¹⁵⁷.

Quadro 5 - Malraux no Brasil

Figura 6 - Malraux



“Durante o verão, Malraux fez uma viagem publicitária ao Brasil. Opunham-lhe a atitude política de Sartre; acusou-o, em discursos oficiais, de jamais ter resistido, e até mesmo de ter colaborado ao fazer representar suas peças durante a ocupação. Nunca se vira antes um ministro da Cultura insultar no estrangeiro um escritor do seu país.” (BEAUVOIR, 2018a, p. 456). A viagem de Malraux, portanto, difundira uma posição que, como vimos, será retomada diante da luta pela independência da Argélia.

Ressalto a importância que os franceses já tinham para o Brasil desde há muito. Como não lembrar dos anseios de fazer do Rio de Janeiro uma “Paris nos trópicos” por meio das reformas urbanísticas de Pereira Passos no início do Século XX, por exemplo? Ou a importância da moda francesa já em meados do século anterior, a rua do Ouvidor tendo sido tomada, em 1830, pelo comércio francês, devotado a vestir sobretudo as mulheres (EWALD, 2005)?¹⁵⁸

¹⁵⁶A ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO..., 03/09/1959, p. 1.

¹⁵⁷A ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO AINDA NÃO ESTÁ MORTA..., 03/09/1959, p. 1.

¹⁵⁸Este livro foi recolhido pela autora por erro da editora no título do mesmo. Alguns poucos exemplares estão em circulação, tendo sido a obra aqui utilizada, com a devida correção no título do livro, com a permissão da

No mesmo compasso, Paulo Arantes fez uma memória da importância fulcral do pensamento francês na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) em meados dos anos 1960 (ARANTES, 1994), afirmando, como o próprio título da obra indica, que o espaço era um “departamento francês de ultramar”. Especificamente, a presença do pensamento de Sartre é tida como de grande relevância entre os estudantes tanto no relato de Arantes (1994) quanto no de Bento Prado Jr. (1988), mas não em função daquilo que se debatia e ensinava na Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia, em São Paulo. Ambos os autores apontam para um trânsito de ideias em que o existencialismo já havia deixado sua marca, dando espaço ao estruturalismo, outra vertente de pensamento cujo auge também se dá a partir da França. De todo modo, o importante neste ponto é a demarcação, a partir de três distintos momentos históricos, da relevância da influência francesa para as modas, urbanismo e pensamento no Brasil.

A assimetria desses intercâmbios entre os dois países também se evidencia em ocasião em que se afirma que os brasileiros conhecemos muito mais da França do que os franceses sobre nós. Apesar de “bem informada”, na França as ideias mais comuns sobre o Brasil dão conta que se trata de “um país sem estradas de rodagem, onde a fome mata milhares de pessoas todos os anos, onde a miséria dos morros arranca lágrimas dos turistas e onde o analfabetismo é quase uma instituição nacional (...)”¹⁵⁹.

Apesar dos investimentos no sentido oposto serem evidentemente mais relevantes, Malraux é enviado oficial para trabalhar na ampliação da influência em áreas já bem disseminadas da cultura francesa no país. Na ocasião, Malraux irá entoar um mantra: Sartre teria colaborado com os alemães durante a invasão de Paris. Seu argumento era o de que, por ter encenado sua peça *As moscas* em um teatro sob a ocupação alemã, isso só poderia significar que houve algum tipo de colaboração entre Sartre e os nazistas. O tema é mencionado por Renato Bittencourt em outubro de 1959 em *Sartre x Malraux*, quando apresenta as disputas entre adeptos de ambos, partindo da perspectiva de um amigo que “é todo Malraux”. Sartre vinha sendo chamado de “negocista do pensamento dialético superficial, amante de publicidade. O ministro-romancista, apodado de Príncipe da Retórica, vem sendo ferozmente criticado pela missão que teria desempenhado na América do Sul (...)”¹⁶⁰. Na opinião do amigo de Bittencourt, Sartre teria sofrido muito pouco durante a Segunda Guerra, o que pesaria contra

autora. A autora indica que aos homens era signo de elegância a moda inglesa, apontando para sua inserção no mundo do capitalismo industrial europeu.

¹⁵⁹ NA BEM INFORMADA FRANÇA..., 02/06/1960, p. 5.

¹⁶⁰ SARTRE X MALRAUX, 09/10/1959, p. 1-2.

ele. O jornalista discorda: tanto melhor para Sartre, que escapou do campo de batalha sem grandes sofrimentos, isso não traz deméritos a seu pensamento. Continua,

Sartre teve uma de suas peças representada durante a ocupação nazista. Mas essa obra, 'Les mouches', conforme observa [Claude] Lanzmann, não incitava à resistência contra o ocupante? E a censura não lhe concedeu o visa justamente por não compreender o simbolismo? Sugiro, porém, ao meu interlocutor, deixarmos de lado o autor existencialista. Há muito nele que criticar. Malraux será isento de faltas?¹⁶¹

Sobre estas, afirma que Malraux é escritor de intelectualismo vazio. Suas ideias são truncadas e demoram a ser compreendidas e, quando isso se alcança, arrepende-se do esforço, pois não valem a pena. Além do mais, evita se engajar politicamente. A querela se conclui sem saída satisfatória tanto para o jornalista quanto para o interlocutor¹⁶².

Já no ano seguinte, em 1960, logo após a vinda de Sartre ao país, Malraux organizará o envio de personalidades francesas com o propósito de controlar narrativas sobre a França potencialmente colocada em circulação por Sartre e Beauvoir. A vinda de representantes em um voo direto Paris-Rio, como vimos, fez parte desses esforços¹⁶³. Embora a visita de Sartre não seja oficial, no sentido de realizada a convite das instituições governamentais e como representante da França, Malraux e De Gaulle sabem que a presença do pensador causa furor, tornando-o um embaixador informal e às avessas.

Os esforços para controlar uma narrativa sobre a França no Brasil, assim, ganham nova evidência. Não se pode dizer, contudo, que a assimetria nas relações entre Brasil e França fossem um tema amplamente debatido, ao menos quando Sartre está imiscuído de algum modo no debate. Emerge em função da visita de Malraux, primeiro, e de Sartre, em seguida. Sobre esta, quarenta e seis reportagens a apresentam em *O Globo*. Não irei me deter longamente nesta temática, posto que foi alvo das análises de Luís Antônio Contadori Romano (2002) e Rodrigo Davi Almeida (2009). Enquanto aquele faz um percurso completo sobre a referida visita, este aponta para repercussões dela no pensamento brasileiro. No entanto, algumas das mais de quarenta matérias encontradas permitem compreender os assuntos tratados por Sartre e Beauvoir no país bem como a referida preocupação política da França de controlar o impacto da visita.

O primeiro registro de *O Globo* sobre a vinda do filósofo ao país é de fevereiro de 1960. Informa que o pintor Cícero Dias estava em Paris articulando com Sartre a vinda a convite do reitor da Universidade do Recife¹⁶⁴. Em agosto, registra-se que Beauvoir e Sartre estavam na

¹⁶¹ SARTRE X MALRAUX, 09/10/1959, p. 1-2.

¹⁶² SARTRE X MALRAUX, 09/10/1959, p. 1-2.

¹⁶³ "ENTRE A ARGÉLIA E BRIGITTE BARDOT...", 01/12/1960, p. 12.

¹⁶⁴ REPORTAGEM SOCIAL, 27/02/1960, p. 4.

Grécia e que deveriam vir ainda naquele mês a convite da Universidade¹⁶⁵, com objetivo de participar no Congresso de Crítica e História Literária¹⁶⁶. O congresso reuniria diversos escritores estrangeiros, “entre os quais, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Roger Caillois, Jorge de Sena, Mário Paz, Zdenek Hampejs e Francesco Flora”¹⁶⁷. Seria realizado pela já referida universidade em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC). A chegada de Sartre e Beauvoir, prevista para o dia 11 de agosto¹⁶⁸, coincide com a data em que se torna público em *O Globo* que ambos “deverão vir ao Rio, a fim de entrar em contato com os nossos círculos culturais”¹⁶⁹. Até então, todas as referências apontavam apenas para a participação no evento na Universidade do Recife. É relevante perceber que nenhuma das reportagens comenta o Congresso em si, sua relevância e aquilo que Sartre e Beauvoir debateram na ocasião.

A agenda dos pensadores é alvo de diversas breves notas. O anúncio, por exemplo, de um almoço da dupla com jornalistas de *O Globo*, o Ministro da Educação, Pedro Paulo Penido, e escritores brasileiros quando no Rio¹⁷⁰, é uma das ocasiões que nos permite compreender que Sartre não apenas falou com intelectuais e em espaços não-oficiais, mas se reuniu com figuras do governo brasileiro. Outra ocasião em que isso se deu foi em 22 de setembro, quando

Durante cerca de meia hora, o Presidente [Juscelino Kubitschek] conversou com o escritor Jean-Paul Sartre e sua esposa, a escritora Simone de Beauvoir. O Presidente, que fez ampla exposição sobre o nosso desenvolvimento, perguntou, a certa altura, ao escritor francês, se havia notado a imensa vontade de progresso do Brasil. Sartre respondeu: ‘Não só vontade, mas um imenso progresso’. Acrescentou que não está longe o dia em que o Brasil estará desempenhando importante papel no concerto das nações.¹⁷¹

Beauvoir apresentada como esposa de Sartre é um elemento que salta aos olhos. A relação de ambos pode ser definida como uma parceria (ROWLEY, 2006; KIRKPATRICK, 2020), mas não exatamente como um casamento. Seria uma transmutação necessária ao olhar brasileiro? Outras são as ocasiões em que se pode perceber como o conservadorismo aparece nas menções a Beauvoir e seu papel como filósofa independente que, dentre outras coisas, é companheira de vida de Sartre, como no já mencionado caso em que, além de ser apresentada também como “sua [de Sartre] mulher”, a opinião que dá sobre a Argélia não é reverberada¹⁷².

¹⁶⁵ A CIDADE EM FÉRIAS..., 01/08/1960, p. 1.

¹⁶⁶ PORTA DE LIVRARIA, 03/08/1960, p. 6.

¹⁶⁷ CONGRESSO EM RECIFE..., 05/08/1960, p. 5.

¹⁶⁸ EM RECIFE O I CONGRESSO..., 08/08/1960, p. 3; PORTA DE LIVRARIA, 09/08/1960, p. 10.

¹⁶⁹ SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR NO BRASIL, *O Globo*, 11/08/1960, p. 1.

¹⁷⁰ PORTA DE LIVRARIA, 12/08/1960, p. 9.

¹⁷¹ “O GLOBO” NO PLANALTO, 29/09/1960, p. 14.

¹⁷² SARTRE E SIMONE DIZEM QUE..., 17/08/1960, p. 3.

Outro elemento preponderante é justamente o encontro com o presidente. Ora, não se trata de uma visita oficial. As viagens a convite de governos foram poucas na trajetória de Sartre se comparadas às viagens feitas a convites de amigos ou por diversão pessoal. Para citar algumas, aos EUA nos anos 1940, à URSS em 1954 e a Cuba em 1960. Beauvoir (2018a), em alguns momentos, registra sua aversão a esse tipo de compromisso ao longo de suas memórias¹⁷³. Mas há ocasiões oficiais em muitas visitas. Afinal, é certo que Sartre e Beauvoir vieram ao Brasil a convite de Jorge Amado e outros intelectuais e não como enviados da França, tampouco como convidado do governo brasileiro. Mas, como se percebe, há convites oficiais que são cumpridos durante a visita. O fato de que JK se encontra com Sartre, bem como o Ministro da Educação, são indícios da relevância do filósofo no país. De todo modo, caso “oficial” possa ser sinônimo de uma visita política, apontando para todos os desafios e reflexões que uma determinada presença convoca, concordo com Almeida (2009) de que a visita do filósofo ao Brasil é, precipuamente, um ato político.

Quadro 6 - JK e os “50 anos em 5”

Figura 7 - Juscelino Kubitschek



Juscelino Kubitschek foi presidente brasileiro entre janeiro de 1956 e de 1961. Anteriormente, foi Prefeito de Belo Horizonte, Deputado Federal e Governador de Minas Gerais. Sua gestão como cabeça da nação é marcada pela construção de Brasília, com transferência do centro político do Rio de Janeiro – *BelaCap* – para a nova capital – *NovaCap* –, e pelo Plano Nacional de Desenvolvimento, o Plano de Metas, conhecido pelo *slogan* “Cinquenta anos em Cinco”. O nacional-desenvolvimentismo, fortemente direcionado para a industrialização como via para tirar o país do subdesenvolvimento, tornou-se um importante projeto de Estado. Embora sem participação direta no Conselho do Desenvolvimento, é na gestão de JK que começa a funcionar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão do MEC, que se torna núcleo fundamental da elaboração da ideologia nacional-desenvolvimentista (ABREU, 2010).

¹⁷³ São exemplos: “Tenho medo de que a viagem seja um tanto oficial demais. Mas, de qualquer modo, estou contente” (BEAUVOIR, 2018a, p. 93), sobre ida à Suíça; quando em Amsterdam, afirma: “(...) o lado oficial da viagem pesou-me. Para me entregar à beleza das cidades, às riquezas dos museus, precisava de solidão: por gentileza, não me deixavam um minuto só” (BEAUVOIR, 2018a, p. 123).

Mais um elemento relevante, bem característico do temperamento de Sartre, é a opinião irrefletida. Se afirma que o Brasil não tem só vontade, mas já empreende um verdadeiro progresso, por outro lado, cerca de um mês depois, afirmaria que, já em Recife, ou seja, logo que chegou ao país, notou que “um país onde há tanto por fazer nunca se poderia ter dado à aventura de Brasília”¹⁷⁴. Compreendo que não se trata necessariamente de opiniões opostas, afinal, pode-se estar em franco desenvolvimento e ainda ter muito o que fazer, mas é curioso que não haja registros de que o filósofo da “crença apaixonada em dizer a verdade” (ROWLEY, 2006, p. XI) tenha feito uma tal declaração diante do então presidente. Para este, ao menos segundo *O Globo*, Sartre foi só elogios. Ouvem-se aqui ecos de sua posição sobre a “liberdade total” na URSS ou sobre as maravilhas da Revolução Cubana, falas que matizará anos depois de as haver pronunciado.

Mas deixemos um pouco de lado os temas sérios. Enquanto escrevo essa tese, ouço avidamente um podcast chamado *Baseado em Fatos Surreais*¹⁷⁵. O fato que se segue poderia muito bem caber como uma das histórias contadas nesse programa. Lembro-me de uma reportagem encontrada durante a escrita da dissertação: “*Trouxeram*” *Sartre ao Brasil e “mataram-no” em Belém...* informava que o filósofo teria morrido em um acidente de carro na capital paraense¹⁷⁶. Certamente, era uma notícia falsa, mas nada pude afirmar sobre ela na ocasião para além do fato de que Sartre continuaria bem vivo por muitos anos (SOUZA, 2015). Sobre o motivo de tal publicação, só encontrei explicação ao longo das pesquisas para esta tese. Tudo não passou de uma brincadeira de primeiro de abril, o Dia da Mentira. Uma reportagem explica o surgimento desse costume como tendo se dado por uma mudança de calendário imposta pelo Rei Carlos IX na França. Este, teria decretado que o começo do ano, quando se tinha o costume de trocar presentes, não seria mais em janeiro, mas em 01 de abril. A população francesa teria continuado a se presentear em janeiro, mas passou a enviar um falso *cadeau* aos amigos na nova data instaurada pelo rei, iniciando a tradição. Não sei se a história é verdadeira, o que importa é o registro de que “No Brasil, um dos 1º de abril mais famosos foi quando um jornalista paraense forjou a notícia da morte de Sartre, que à época estava no apogeu da sua pregação existencialista, e a ‘barriga’ foi divulgada por quase todos os jornais do País”¹⁷⁷. Outro primeiro de abril, célebre pelo nefasto, foi o do ano imediatamente anterior a esta reportagem,

¹⁷⁴ ORDEM ECONÔMICA A FRENTE, 24/10/1960, p. 2.

¹⁷⁵ Programas de temas variados entregues em forma de áudio, sem vídeo. O podcast em questão narra histórias de mulheres, recontadas por outras mulheres em primeira pessoa.

¹⁷⁶ “TROUXERAM” SARTRE AO BRASIL..., A Manhã, 04/04/1952, p. 3.

¹⁷⁷ O DIA DA MENTIRA..., 01/04/1965, p. 6.

quando ocorreu o Golpe Civil-Militar. Mas, infelizmente, este não foi uma mentira, embora uma grande farsa até hoje sustentada por alguns.

Mais surreal ainda – coisas que só a América Latina e seu realismo fantástico poderia criar –, a brincadeira do jornalista paraense foi quase premonitória: *O Globo* noticiou que o trem de pouso do avião da Panair que trouxe Sartre e Beauvoir ao Brasil ficou preso no momento da aterrissagem. Como consequência, “três carros de bombeiros e uma ambulância da Base Aérea constituíram a recepção a Jean-Paul Sartre e a Simone de Beauvoir, que hoje chegaram a esta capital [Recife]”¹⁷⁸. Infelizmente, Beauvoir não nos diverte e deixa o fato de lado em suas memórias.

Além disso, em 1964, uma anedota sobre a temporada de Sartre em Recife aparece em uma reportagem sobre Brigitte Bardot. Narra um jornalista que a imprensa cansara o pensador na cidade, pois o perseguia para onde quer que ele fosse. Até que um dia, Sartre teria ficado a pé, pois seu carro enguiçara, mas os jornalistas o haviam dado descanso: teve que lidar com o problema sem ajudantes¹⁷⁹. Oh, azar!

Voltemos à política. Uma nota de Antonio Olinto pende solta em meio a tantas outras: afirma que Sartre tem chamado a atenção por suas declarações favoráveis a Cuba, falas que “espantaram muita gente”¹⁸⁰. Esse aspecto é, porém, o menos comentado. *O Globo* opta por dar visibilidade às anedotas, ao registro da agenda de Sartre e Beauvoir ou, sobretudo, ao seu papel como escritor. Por exemplo, diz-se que Sartre queria “aprender e descobrir o máximo de coisas brasileiras. Assim, faz, incessantemente, perguntas sobre aspectos regionais, frequenta restaurantes típicos, assiste exibições de xangô e danças folclóricas (...)”¹⁸¹. A menção a “exibições de xangô” e às tais “danças típicas” indicam que Sartre foi a um terreiro de xangô, prática religiosa característica do Recife, mas sem afirmá-lo diretamente. Ainda, Sartre “manifestou o desejo de travar conhecimento com uma tribo indígena”¹⁸², o que se efetivaria antes do fim da viagem. O que quase não se registra são justamente suas falas em relação a Cuba, tema apontado por Olinto como um caso à parte.

No mesmo dia da nota de Olinto e da reportagem sobre os desejos de Sartre para a viagem, publica-se que o filósofo afirmou que o existencialismo é um pensamento que não deve durar muitos anos e que defendeu que os escritores devem se engajar politicamente nos

¹⁷⁸ SARTRE LEVOU UM SUSTO..., 13/08/1960, p. 11.

¹⁷⁹ ENFIM, BRIGITTE BARDOT, 11/01/1964, p. 6.

¹⁸⁰ PORTA DE LIVRARIA, 15/08/1960, p. 5.

¹⁸¹ SARTRE QUER VISITAR..., 15/08/1960, p. 2.

¹⁸² SARTRE QUER VISITAR..., 15/08/1960, p. 2.

movimentos de paz¹⁸³. Aliás, a palestra que Sartre deveria ministrar no Rio de Janeiro versaria sobre “os caminhos que vem tomando recentemente a sua [de Sartre] filosofia, numa espécie de mistura do existencialismo com o marxismo”¹⁸⁴. Provavelmente, esta foi a palestra realizada no auditório do MEC no Estado da Guanabara¹⁸⁵. É relevante perceber que ela é apenas mencionada, mas não apresentada ao público leitor.

Outros dois eventos no Rio foram anunciados, uma palestra na Faculdade de Filosofia (FaFi)¹⁸⁶ e uma noite de autógrafos na Livraria Eldorado de Copacabana¹⁸⁷. Embora só o nome de Sartre tenha aparecido como palestrante na FaFi, Beauvoir palestrou em 25 de agosto e Sartre, no dia seguinte¹⁸⁸. A palestra daquela foi intitulada *A condição de mulher*, “na qual abordou diversos aspectos da integração da mulher no mundo moderno”¹⁸⁹. Já a de Sartre passou ao largo do tema do existencialismo, enfocando a responsabilidade dos escritores e seu entendimento de que o Brasil, mais do que a Europa, tem possibilidades de desenvolver uma literatura popular, para o que se fazia necessário maior contato entre leitor e autor¹⁹⁰.

Frisando que no levantamento de dados não usei “Beauvoir” como palavra-chave, de todo modo me parece relevante chamar atenção para o papel secundário que a pensadora recebeu na cobertura de *O Globo*. Destoa, por exemplo, de uma nota retrospectiva lançada pelo *Jornal dos Sports* em julho de 1967, que afirma que

Na Faculdade de Filosofia nunca houve conferencista que despertasse tanto interesse como a De Beauvoir despertou. Sala transbordando de gente. De gente sentada. Em pé. Pendurada. De cócoras. Gente bem e mal vestida. Gente puxada à mediocridade. Gente culta. Gente estudiosa, curiosa, simples, snob. Gente, gente, sobretudo, gente em ritmo de não mais acabar. De Beauvoir brilhou. O existencialismo brilhou. Sartre brilhou. As ideias brilharam. Por isso, os aplausos prolongados, os cumprimentos, os autógrafos, os abraços. Por isso, sucesso grande, satisfação, alegria geral.¹⁹¹

O *Jornal dos Sports*, como já informado anteriormente, tem linha editorial distinta daquela de *O Globo*, sendo responsável entre setembro de 1967 e janeiro de 1968 por veicular o encarte do jornal de esquerda *O Sol*. Antes mesmo, porém, já trazia um bom caderno de cultura, com olhares distintos daqueles presentes no periódico da família Marinho. É evidente

¹⁸³ SARTRE DUVIDA..., 15/08/1960, p. 1-2.

¹⁸⁴ PORTA DE LIVRARIA, 19/08/1960, p. 7.

¹⁸⁵ PORTA DE LIVRARIA, 23/08/1960, p. 12.

¹⁸⁶ A Faculdade de Filosofia (FaFi), será referida como Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) em reportagens de 1965. Atualmente, é conhecida como Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ).

¹⁸⁷ PORTA DE LIVRARIA, 25/08/1960, p. 10.

¹⁸⁸ PORTA DE LIVRARIA, 26/08/1960, p. 8.

¹⁸⁹ SIMONE DE BEAUVOIR E A “CONDIÇÃO DE MULHER”, 26/08/1960, p. 6.

¹⁹⁰ SARTRE E A RESPONSABILIDADE..., 27/08/1960, p. 5.

¹⁹¹ CADERNO ACONTECEU, *Jornal dos Sports*, 22/07/1967, p. 2.

a disparidade como a ocasião é descrita em ambos os jornais. Entretanto, ressalva-se o caráter memorialístico do excerto acima, publicado em 1967. O existencialismo aparece como algo que brilhou na FaFi na ocasião, ao passo que a ausência de falas de Sartre sobre o tema parecia incomodar os jornalistas e a intelectualidade brasileira tanto quanto a pressão para que falasse sobre o tema parecia importunar o filósofo. Uma pequena anedota dá conta desse mal-estar: “Tendo um repórter de Recife perguntado a Sartre se o existencialismo sobreviverá, o escritor respondeu: – A quem?”¹⁹². Se a plateia queria ouvir falar sobre sua filosofia da existência, Sartre pretendia falar sobre engajamento e política. A seu turno, *O Globo* visava escamotear estes assuntos.

Quadro 7 - Sartre, garoto-propaganda?

Figura 8 - Ouro Preto



Sartre viraria garoto-propaganda de uma agência de viagens, certamente sem o saber e sem receber *royalties*. Sendo Ouro Preto um dos locais visitados por Sartre e Beauvoir, a agência, pelos idos de 1966, em uma estratégia para atrair clientes para excursão à cidade mineira, divulga: “Acorde bem cedo e prepare-se para uma **aventura igual a que deixou deslumbrado um cidadão do mundo chamado Jean-Paul Sartre**” (EXCURSÕES NA SEMANA SANTA, 17/03/1966, p. 11. Grifos meus).

Outro elemento interessante gira em torno da estreia de um programa televisivo na extinta TV-Rio com apresentação de Antonio Maria, que já tinha apresentado programa na mesma emissora ao lado de Ary Barroso e era um conhecido cronista jornalístico. Na ocasião, “o cronista disse algumas palavras sobre Didi e sobre Sartre, entrevistou rapidamente Bibi Ferreira”¹⁹³. É singular o registro de que Sartre fora tema da ainda incipiente televisão brasileira.

Depois de irem a Porto Alegre, Petrópolis, Teresópolis e São Paulo, ocasiões que não tiveram cobertura expressiva, Sartre e Beauvoir retornam ao Rio para uma noite de autógrafos no Shopping Cidade de Copacabana¹⁹⁴. Na ocasião, anuncia a coluna de Rubem Braga, o livro a ser assinado seria a nova obra sobre Cuba¹⁹⁵. Para além de cumprir seu papel de jornalista,

¹⁹² NA BOCA DO (G)LOBO, 30/08/1960, p. 2.

¹⁹³ “BREAKFAST” HERTZIANO É INDIGESTO, 30/08/1960, p. 5.

¹⁹⁴ VENHA APERTAR A MÃO DE JEAN-PAUL SARTRE..., 17/09/1960, p. 7.

¹⁹⁵ A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA, 15/09/1960, p. 2; A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA, 17/09/1960, p. 2.

Braga tinha um interesse adicional no anúncio. As anotações sobre Cuba feitas por Sartre foram organizadas por Claude Lanzmann em dezesseis reportagens sobre a Ilha, que foram lançada pelo diário *France Soir* entre junho e julho de 1960 (LEAK, 2006). A coletânea dessas reportagens foi batizada de *Ouragan sur le sucre*, ou *Furacão sobre o açúcar*, em referência ao produto exportado por Cuba. O intervalo é extremamente enxuto entre a publicação de tais reportagens e o lançamento da tradução delas em português brasileiro já em setembro do mesmo ano, pela Editora do Autor, novíssimo empreendimento de Fernando Sabino, Walter Acosta e, justamente, Rubem Braga. O título da obra ficou *Furacão sobre Cuba*. Noutra ocasião, além de nova propaganda do lançamento, a informação de que “esse será o último contato de Sartre com o nosso público, pois domingo seguirá em automóvel para Brasília visitando várias cidades do caminho, principalmente Ouro Preto e Congonhas, e não regressará ao Rio”¹⁹⁶.

De acordo com Antonio Olinto, o livro fez sucesso e “o tom panfletário do trabalho é do bom estilo depoimento”, mesmo discordando, como dizem alguns brasileiros, que a Revolução Cubana tenha sido um empreendimento “dos sonhos”. Para o colunista, sem precisar fazer a mesma Revolução, que dizimava os antifidelistas – “matar um homem é sempre matar um homem” –, o Brasil já havia ultrapassado a fase de desenvolvimento que se encontrava a Ilha. “Em todo caso, ‘Furacão sobre Cuba’ é um livro que merece ser lido. Provocará debates.”¹⁹⁷.

Henrique Pongetti, a seu turno, opta por falar sobre a Editora do Autor, que nascera para “publicar livros [de] Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Vinícius de Moraes e [d]o Dr. Válter Acosta, especializado em obras jurídicas”. Sobre a publicação da obra de Sartre, afirma que foi uma iniciativa de “grande tino comercial”, já que soube se aproveitar “[d]a presença de Sartre no Rio”. Registra Pongetti, que “Tradução e impressão foram realizadas em tempo recorde para aproveitar a presença de Sartre no lançamento. Sartre, prazeroso, deu autógrafos no Centro Comercial de Copacabana (...)”¹⁹⁸. Pongetti prefere falar sobre o shopping do que sobre o filósofo, afinal,

Eu não gosto de Sartre, um dos cogumelos literários venenosos que nascem de toda chuva de sangue, industrializando os escombros morais: safra de entreguerras sempre superada pelos cogumelos ensanguentados do cataclismo seguinte. Não gosto de Fidel Castro porque dá ênfase demais e de mau gosto ao seu adultério com a Rússia, e porque faz questão de parecer que, vitorioso, ainda não teve tempo de tomar banho depois dos sete anos de falta de banho na serra, da anti-higiene em nome da liberdade do seu povo e da soberania de sua pátria. Mas o livro está acima das minhas ojerizas e alergias [...] está havendo um furacão sobre Cuba, e deve-se ir

¹⁹⁶ SARTRE AUTOGRAFA UM LIVRO SEU, 16/09/1960, p. 15.

¹⁹⁷ PORTA DE LIVRARIA, 22/09/1960, p. 7.

¹⁹⁸ O SHOW DA CIDADE, 27/09/1960, p. 3.

vendo o que ficará de bom e de mau depois de passado. O livro é um testemunho importante de seis olhos, de três espíritos sem cataratas e sem nebulosidade.¹⁹⁹

Assim, nem mesmo a aversão ao regime castrista e à escrita de Sartre diminui, para Pongetti, a importância da publicação. Isso talvez se dê pelo fato, justamente, de não ter sido lançada apenas com a visão de Sartre, mas com introdução breve de Rubem Braga e Fernando Sabino – totalizando os tais “seis olhos sem cataratas” referidos pelo colunista.

Furacão sobre Cuba rapidamente chega à lista de mais vendidos²⁰⁰, onde figurará até março do 1961, inclusive ao lado de outra obra de Sartre, *Reflexões sobre o racismo*²⁰¹, na segunda semana em que é campeão de vendas²⁰². A venda é tão expressiva que, em dois meses, o livro alcança três edições²⁰³, fazendo com que o lançamento se torne, inclusive, epíteto da Editora do Autor, “aquela que lançou *Furacão sobre Cuba*”²⁰⁴.

Entretanto, como se pode notar, não houve outras análises daquilo que Sartre disse sobre Cuba durante sua visita. Há o comentário de Olinto sobre o incômodo causado ao falar de Cuba²⁰⁵ e os breves comentários dele próprio e de Pongetti sobre o livro. Por fim, a coluna social de Ibrahim Sued registra que o embaixador brasileiro Gilberto Amado, em conversa com o próprio Sartre, teria afirmado: “Não compreendo como você consegue ter admiração por Fidel Castro (...)”. Ao fim, Sued define a vinda de Sartre como uma viagem de “propaganda do bolchevismo”²⁰⁶. Assim, a cobertura do jornal evidencia Sartre e Beauvoir como vedetes francesas: causam furor, atraem público, atenção, falam com figuras importantes, palestram sobre o engajamento do autor, elogiam o Brasil, passeiam por diversas cidades... *O Globo* se esforça por despolitizar tais figuras durante a visita.

Porém, pouco tempo depois do fim da visita, o seu caráter político é evidenciado pelas preocupações do governo francês, que se tornam notícia. O então conselheiro da embaixada brasileira em Paris, Dayrell de Lima, disse que “a estada de Sartre entre nós [brasileiros]

¹⁹⁹ O SHOW DA CIDADE, 27/09/1960, p. 3. Grifos meus.

²⁰⁰ PORTA DE LIVRARIA, 14/10/1960, p. 13.

²⁰¹ A obra lançada pela Difusão Europeia do Livro em 1960 traz dois textos de Sartre: *Orfeu Negro* e *Reflexões sobre a questão judaica*. O primeiro será brevemente endereçado no capítulo seguinte, quando apresentarmos artigos de Nelson Rodrigues. O segundo estabelece diálogo com reportagens encontradas em *O Globo* sobre viagem de Sartre ao Egito e a Israel. Por serem um grupo pouco expressivo de matérias, optei por não as inserir no corpo deste trabalho e analisá-las futuramente.

²⁰² Entre as cinco primeiras posições: PORTA DE LIVRARIA, 03/11/1960, p. 8; PORTA DE LIVRARIA, 16/11/1960, p. 12; PORTA DE LIVRARIA, 02/12/1960, p. 8; PORTA DE LIVRARIA, 14/12/1960, p. 16; PORTA DE LIVRARIA, 29/12/1960, p. 8; PORTA DE LIVRARIA, 18/01/1961, p. 5. Entre os mais vendidos, mas não nas posições iniciais: PORTA DE LIVRARIA, 01/02/1961, p. 10; PORTA DE LIVRARIA, 02/03/1961, p. 8, nesta última ocorrência ao lado de *O Segundo Sexo*, de Beauvoir.

²⁰³ ENTRA NO MERCADO A EDITORA DO AUTOR, 10/12/1960, p. 4.

²⁰⁴ PORTA DE LIVRARIA, 12/05/1961, p. 9.

²⁰⁵ PORTA DE LIVRARIA, 15/08/1960, p. 5.

²⁰⁶ REPORTAGEM SOCIAL, 12/09/1960, p. 4.

repercutiu desfavoravelmente na França, inclusive porque, a princípio, julgou-se em Paris que a viagem do escritor tinha caráter oficial”²⁰⁷. Oficial, nesse sentido, remete ao convite realizado por instituições vinculadas ao governo. Há diversos compromissos na agenda de Sartre e Beauvoir, alguns oficiais – com JK e o MEC, por exemplo –, mas essa não é a tônica da viagem. Para Dayrell de Lima, as más impressões se dão em virtude de Sartre ter “linha ideológica flutuante”. O temor era de que as falas do pensador fossem compreendidas como posicionamentos da França. Poucos dias depois dessa matéria, registra-se que o governo francês vinha pensando na possibilidade de, rapidamente, “contra-atacar” a visita sartriana com o “envio de um anti-Sartre ao Brasil”. Dois nomes foram cogitados: François Mauriac e Raymond Aron²⁰⁸.

O próprio General De Gaulle, abandonando a impassibilidade olímpica em que habitualmente se situa, teria ficado chocado e irritado com as declarações de Jean-Paul Sartre no Brasil. Esta [é] a informação que chegou ao meu conhecimento e que reproduzo aqui com as reservas que se impõem. O fato é que o Governo francês procurou discretamente informar-se das condições em que teria sido convidado a visitar nosso País o **escritor panfletário comunista**. A próxima ida de Pasteur-Valery Radot ao Brasil, a 26 de novembro do corrente, por iniciativa das universidades do Rio e da Bahia, **servirá para contrabalançar, sob certos aspectos, os efeitos negativos da visita do filósofo comuno-existencialista**. Pasteur-Valery, além de Companheiro da Ordem da Liberação, é amigo do Presidente da República.²⁰⁹

Assim, evidencia-se a preocupação pela construção de narrativa oficial sobre a França em oposição àquela evidenciada por Sartre. Não apenas Pasteur-Valery Radot aparece como anti-Sartre, mas também, no início de 1962, registra-se que a Divisão Cultural do Itamarati convidara Raymond Aron e Jean Wahl para palestrarem no país no segundo semestre. Aron é apresentado como profundo conhecedor de política internacional e como crítico de Sartre e a ideia de engajamento no livro *O ópio dos intelectuais*²¹⁰. E a vinda do já referido voo direto Paris-Rio com representantes franceses que falam sobretudo sobre o papel de Sartre diante da pauta argelina me parece também parte desse esforço, embora não seja assumida como tal²¹¹. Do mesmo modo, quando o jornalista e político brasileiro Carlos Lacerda, então governador do Estado da Guanabara, foi recebido em Paris pelo presidente do Conselho Municipal daquela cidade, afirmou que a França deveria cuidar para enviar pessoas interessantes ao Brasil, e não “homens superados como Sartre”²¹². Lacerda coloca Sartre como “enviado” oficial, o que sabemos não ser verdade.

²⁰⁷ REPERCUTEM MAL EM PARIS..., 04/10/1960, p. 5.

²⁰⁸ ARMISTÍCIO DE BRIGITTE..., 12/10/1960, p. 1.

²⁰⁹ AS ANDAÇAS DE SARTRE..., 17/10/1960, p. 1. Grifos meus.

²¹⁰ PORTA DE LIVRARIA, O Globo, 13/03/1962, p. 5.

²¹¹ “ENTRE A ARGÉLIA E BRIGITTE BARDOT...”, 01/12/1960, p. 12.

²¹² LACERDA RECEBIDO..., 13/10/1962, p. 6.

Finda a visita, Sartre e Beauvoir são lembrados na retrospectiva do jornal sobre o ano de 1960, aparecendo no mês de julho com menção aos muitos elogios feitos por ambos a Fidel e a Cuba²¹³. Causam estranheza a data, já que só chegaram ao país em agosto, e o fato de que os tais elogios a Cuba não foram registrados pelo jornal ao longo da visita. Há aqui outro indício de uma circulação das ideias de ambos os pensadores fora das páginas de *O Globo*, que assume esse conteúdo em sua retrospectiva sem tê-lo apresentado ao longo da visita. Ao fazê-lo sem explicações, admite colateralmente (LAW, 2009) que o tema era amplamente conhecido. Ao mesmo tempo, aponta para um elemento importante: o espírito da época no Brasil de 1960. Ele será fundamental para compreendermos as apropriações realizadas nos anos vindouros.

Sobre estas apropriações e seus efeitos duradouros, lembro-me de uma ocasião recente: 2017, ano imediatamente anterior à eleição do atual presidente do Brasil, eu trabalhava no Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro (DEGASE), em um setor de pesquisas institucionais. Em função de uma pesquisa em curso, eu transitava entre unidades para entrevistar adolescentes em medida socioeducativa de internação²¹⁴. Em uma dessas idas e vindas, um motorista – servidor público como eu – me interpela sobre minhas visões políticas. Começa dizendo que queria compreender por que a psicologia sempre tendia a defender o adolescente, afirmou ele, o que ia radicalmente contra aquilo que ele e “o candidato que eu adoro” defendiam. Conta-me sobre como era defensor da volta dos militares ao governo do país e o quanto todo o discurso garantista dos Direitos Humanos era ultrajante. Numa tentativa tosca de fugir do debate/embate, caio na ilusão de que uma teoria qualquer poderia me salvar. Não como uma Verdade, mas como algo que entretivesse meu interlocutor. Fantasias de que eu não chegaria ao destino da viagem me passavam pela cabeça, afinal meu colega se exaltava a muitos quilômetros por hora em um pedaço da Via Dutra. Falo, então, que eu estudo Sartre.

Minha ilusão/esperança era de que ele não conheceria o autor e que eu poderia passar o resto da viagem contando de suas peças e literatura, falando sobre esta minha pesquisa de doutorado, que apenas havia começado. Enfim, uma tática diversionista. Salpicaria o relato com elementos sobre a conexão de Sartre com a psicologia e com o meu fazer como psicólogo, tangenciando aquilo que era o interesse primeiro do motorista. Mas havia me esquecido de algo importante: meu colega era leitor de um blog político de extrema direita (não me falou qual era, nem o identificou desse modo, como um blog de “extrema direita”, mas como um “site que estudo sobre política”). Diante do nome de Sartre, meu interlocutor diz algo como: “Sei quem é. No site em que eu leio já falaram dele. Até tem uma peça do Sartre, francês, né?, esteve no

²¹³ 1960 - UM ANO DE GRANDES REALIZAÇÕES..., 28/12/1960, p. 12.

²¹⁴ Ou seja, aqueles e aquelas que ficavam absolutamente restritos aos muros institucionais.

Brasil e tudo, né? Esse homem fala contra Deus e contra a família. *As Moscas*, a peça, sei do que ele fala. Grécia antiga, né? Já li”. Sobre a peça, falaremos no capítulo 3. Sobre o destino da conversa, bom, serviu para validar para o motorista que “os políticos que você adora são bem distintos daqueles que eu adoro”. Estávamos em lados opostos: ele, defensor da família e de Deus, eu, dialogando com um “autor comunista”, arrematou ele a certa altura, já próximo do aeroporto Galeão. O assunto morreu. Claro, se escrevo, é porque cheguei ao destino são e salvo.

Essa narrativa evidencia um dos usos ainda presentes da figura e pensamento de Sartre. Pode ser conectada à moda existencialista e tudo aquilo que ela representou de temores – os feios, sujos e depravados (SOUZA, 2015). Mas, e é essa a linha que quero seguir aqui, também pode ser conectada a dois elementos bastante evidentes na pauta da direita na década de 1960 e agora, nesse tempo que é o nosso: Deus e família. Essa díade servirá de mote para passeatas civis pró-Golpe em 1964 e contra a ameaça comunista, as Marchas pela Família, com Deus, pela Liberdade. O cenário em que tais Marchas e o Golpe são possíveis é o mesmo em que as relações entre Sartre e Cuba são silenciadas em *O Globo*, já em 1960. Ou ainda, por exemplo, o mesmo que torna a crítica ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) tão contundente nesse mesmo ano, meses antes da chegada do par de intelectuais existencialistas.

O ISEB foi um importante espaço de estudos críticos sobre a realidade brasileira criado por decreto do então presidente Café Filho em 1955. O início das atividades ocorreu, porém, já durante o primeiro ano da gestão de JK. Criado como parte do MEC, era oriundo das reflexões realizadas no bojo do chamado “Grupo de Itatiaia” e do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política, que defendiam que o desenvolvimento brasileiro deveria passar por maior intervenção do Estado, bloqueando a influência estrangeira sobre os processos de industrialização nacional (ABREU, 2010). Participaram do ISEB grandes nomes de nossa intelectualidade, como Hélio Jaguaribe, Roberto Campos, Roland Corbisier e Nelson Werneck Sodré.

Assim, temos uma instituição que, ao estabelecer uma “interpretação do Brasil”, propaga e defende a mobilização do esforço do Estado para controlar o desenvolvimento do país. Tal influência se dá entre os anos 1956 e 1964, quando é extinta logo após o Golpe, em 13 de abril. Entretanto, uma série de reportagens que versam sobre os riscos do marxismo no ISEB que os embates que levaram a essa extinção já pautavam a arena política brasileira já em 1960. Para Carlos Villaça, escritor e jornalista carioca afinado com o pensamento conservador católico, o problema não era que o Instituto quisesse estabelecer uma interpretação da realidade brasileira, mas que tal interpretação fosse dominada pelo pensamento marxista, não sendo, portanto, uma “interpretação objetiva do Brasil”. Cada professor isebiano poderia se afinar com

o pensador que quisesse, desde que não dentro de uma instituição mantida pelo governo brasileiro, escreve Villaça²¹⁵.

Quadro 8 - Caderno Especial “ISEB”

O debate acerca do Instituto ganha destaque nessa edição do jornal. Todas as reportagens referenciadas compõem um caderno especial. Páginas inteiras dão espaço à discussão, o que evidencia sua relevância no cenário de polarização e efervescência política. Algumas páginas do caderno são reproduzidas em miniatura abaixo.

Figura 9 - Páginas inteiras do Caderno Especial “ISEB”



Na continuidade de sua crítica, publicada na mesma edição, Villaça afirma que o ISEB, sob os cuidados do professor Roland Corbisier, “foi infiel às intenções e objetivos dos precursores da ideia”, pois “em que pese seu passado verde, guinou 180°, tomando rumo inegavelmente esquerdista, no sentido marxista”, um “ninho de comunistas”²¹⁶. Efetivamente,

²¹⁵ COMO PODE UM CRISTÃO PARTICIPAR DE TAL AMBIENTE?, 25/03/1960, p. 2. A perspectiva de uma moral cristã conservadora de Villaça fica patente pelo próprio título da reportagem.

²¹⁶ NÃO É DAS MELHORES, MAS O ISEB TEM SUA HISTÓRIA, 25/03/1960, p. 2.

de acordo com Leandro Konder (2000a), Nelson Werneck Sodré, Álvaro Vieira Pinto e Roland Corbisier compõem uma orientação mais marcadamente marxista e uma radicalização do nacional-desenvolvimentismo dentro da organização, recrudescida com a saída de Hélio Jaguaribe em 1958.

Nesse mesmo sentido e ainda na mesma edição do jornal, uma matéria não assinada comentava uma resposta de Corbisier às críticas que o Instituto vinha recebendo. Publicada em “‘O Semanário’, órgão de coloração avermelhada”, a resposta negava que “o ISEB seja órgão comunista com objetivo de pregar a extinção da iniciativa privada.”²¹⁷ Já para o autor da reportagem em *O Globo*,

Sobre isso queremos dizer o seguinte: é claro que não se afirma ser o ISEB alguma coisa assim como o Instituto MARX-ENGELS-LENINE, de Moscou. Marxismo ortodoxo, sabe-o o Prof. Corbisier muito bem, é coisa ultrapassada. Nunca foi praticado. Nem na própria Rússia [...]
O que se tem dito, e reiteradamente, é que a casa das Palmeiras é centro de preparação de agitadores comuno-nacionalistas doutrinados na tal ‘ideologia’ do desenvolvimento.
Os doutrinadores do ISEB não serão marxistas puros, teóricos não heréticos de Marx, como não o são também os membros do próprio e extinto PCB, mas sem sombra de dúvida acreditam num totalitarismo esquerdista.²¹⁸

Ecoss do famigerado termo “marxismo-cultural” e da caça aos “professores esquerdistas doutrinadores” podem ser ouvidos ao lermos o trecho, que passa a analisar ponto a ponto a defesa que Corbisier fez do ISEB. Afinal, quais seriam as inverdades proferidas para esconder o projeto de um “capitalismo de estado” de base “marxista-leninista”, pergunta-se o autor não identificado. Compara ações do Instituto ao governo de Tito, na Iugoslávia, e diz que compreende e concorda que o professor tenha sido honesto ao afirmar que quase não ensinam Marx nos cursos ofertados no ISEB. Para o respondente, isso só não ocorre porque há muitos outros autores a ensinar.

De fato, os isebianos têm irresistível gosto pela mistura. Misturam tudo. Não é o ecletismo, é o ‘rendez-vous’ de todos os matizes e de todas as tendências, o que se observa na rua das Palmeiras. **Marx e as correntes existencialistas alemãs.** Toynbee e resíduos do integralismo. E, tudo isso, todas essas doutrinas passando pela imprescindível ‘redução’ [...] possibilitando, assim, sua aplicação às circunstâncias da realidade brasileira no momento atual.²¹⁹

Embora se refira a um existencialismo alemão – Heidegger? – é interessante perceber um aceno ao método fenomenológico, de Edmund Husserl, marcado pela noção de *redução*, um esforço do observador de suspender todos os juízos e preconceções para buscar aquilo que

²¹⁷ ALGUMAS CONTESTAÇÕES..., 25/03/1960, p. 6.

²¹⁸ ALGUMAS CONTESTAÇÕES..., 25/03/1960, p. 6.

²¹⁹ ALGUMAS CONTESTAÇÕES..., 25/03/1960, p. 6. Grifos meus.

é mais próprio ao fenômeno, aquilo que aparece tal qual aparece. Assim, pode-se dizer que a afirmação coloca existencialismo e fenomenologia em uma mesma base: pensamentos perigosos que levariam a uma “aplicação” desses pensamentos à realidade brasileira. Esta noção de “aplicação” me parece apontar para uma crítica sutil a um possível uso indevido desses pensamentos. Não é de apropriação adequada do existencialismo e da “redução” que o escritor fala, já que busca fazer crer que o ISEB deturpa o pensamento dos autores de modo abjeto para que possam servir a seus argumentos.

Ainda outra crítica publicada nesse dia, de tom mais moderado, afirma que o ISEB é um espaço múltiplo, com pelo menos três vertentes: uma revolucionária, mais marxista, que defende ideias totalitaristas e comunistas; uma reacionária, que pretende a manutenção de um caminho de direita tomado pela URSS; e uma vertente confusa, que é mistura das duas anteriores com um toque de angústia existencialista²²⁰. Tal indicação aponta, justamente, para a coexistência de diferentes modos de endereçar o nacional-desenvolvimentismo na organização (KONDER, 2000a). Ao mesmo tempo, se essa reportagem aponta para uma análise um tanto mais sóbria sobre as diferentes vertentes existentes no Instituto, é notório que o caderno especial publicado pelo jornal serve a uma lógica de ataque ao espaço. Como indica Hugo Muller (2019, p. 16), “A campanha contra o ISEB fazia parte de uma ofensiva maior de setores conservadores da sociedade em oposição ao governo João Goulart, estabelecendo uma polarização política latente no início da década de 1960”. Essa campanha e seus efeitos, acompanharemos a seguir. Até este ponto, fui conectando ideias sobre o cenário político brasileiro aos modos diversos de falar sobre Sartre colocados em cena pelo jornal. Porém, para continuarmos, é importante elencar mais elementos desse momento histórico. Assim, o leitor irá perceber que algumas pausas se farão necessárias para nos situarmos diante da época.

Afinal, as críticas ao ISEB não trazem conexões diretas com o pensamento de Sartre, mas permitem demarcar um momento de uso das informações sobre o vasto campo das esquerdas, reunida a certas leituras deturpadas sobre existencialismo, para renovar uma retórica, já presente em outros momentos da história brasileira, do risco do comunismo, das esquerdas e do marxismo, tema bastante presente nos debates políticos atualmente. Esta retórica vai se fortalecer ao longo dos anos seguintes, auxiliando na criação de um caldo de cultura que viabiliza a tomada do poder pelos militares e civis com a consequente instauração da ditadura civil-militar. Para compreendermos esse acirramento, um breve panorama do jogo político se faz necessário.

²²⁰ AS TRÊS ALMAS DO ISEB..., 25/03/1960, p. 4.

O Período Democrático Brasileiro se estende do fim do Estado Novo, em 1945, até o Golpe Civil-Militar de 1964. Embora o epíteto seja questionado em função de alguns elementos controversos dessa experiência, como a cassação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e as diversas tensões em torno de tentativas fracassadas de golpe, é necessário considerar a legitimidade dessa experiência democrática. Como afirmam Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes (2014)²²¹, este foi um período de esforço para construção de uma democracia, com eleições regulares, liberdade para atuação partidária – salvo o caso já citado do PCB – e reconhecimento da relevância do povo como ator político.

A fase que vai de 1945 a 1955 foi tema de minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2015) e, na ocasião, apresentei as modulações da recepção do pensamento de Sartre no Rio de Janeiro em conexão com o campo político carioca e, por extensão, nacional, uma vez que o Rio era o Distrito Federal. Assim, remeto o leitor a este trabalho para considerações mais aprofundadas sobre as gestões de Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas. Para o cenário que se traça aqui, é suficiente indicar que esta última foi marcada por tensões e um embate acirrado, sobretudo com a União Democrática Nacional (UDN), segundo maior partido após o Partido Social Democrático (PSD), fundado por Vargas.

São os estertores da última gestão Vargas que nos interessam mais detidamente. Diante das conexões do presidente com o atentado da Rua Tonelero, em agosto de 1954 no bairro de Copacabana, que tinha como alvo o político e jornalista Carlos Lacerda, a pauta udenista ganhou reforço. Afinal, Lacerda, filiado ao partido, fazia ferrenha oposição a Vargas nas páginas de seu *Tribuna da Imprensa*. Porém, com o suicídio de Vargas alguns dias após o atentado, as forças políticas ganham outro rumo. Embora busque evitar a realização de novas eleições, mediante tentativa fracassada de golpe, a UDN vê seu candidato, Juarez Távora, perder para JK no pleito de 1955. Tentam, então, evitar a posse do novo presidente, sob alegação de que este não atingira a maioria simples (51%) no certame. Ao lado de JK, vence para a vice-presidência João Goulart (Jango)²²², emplacando a dobradinha PSD e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), duas forças políticas criadas por Vargas, o que evidenciava o poder simbólico da morte do antigo líder nacional.

JK sobe ao poder em 1956 com um arrojado projeto de desenvolvimento nacional que, embora tenha dado resultados em termos da aceleração da economia, teve efeitos negativos importantes, dentre os quais o aumento da dívida externa, a falta de investimento em educação

²²¹ Embora seja obra de divulgação, cumpre o papel necessário à tese de traçar panorama do período.

²²² É importante frisar que, nesse momento, os vice-presidentes eram eleitos por voto específico, não se tratando de chapa única para presidente e vice-presidente.

e uma crise de preços, gerando grande insatisfação popular na reta final do governo. Assim, no pleito de 1960, o candidato do PSD, Henrique Teixeira Lott, é derrotado pelo candidato apoiado pela UDN, Jânio Quadros – não filiado ao partido. Sua vitória é já um sinal de que o povo estava contra “forças progressistas, democráticas e nacionalistas” (ALMEIDA, 2002 apud. FERREIRA & GOMES, 2014, p. 24). Anticomunista declarado, Jânio foi eleito ostentando o *jingle* “Varre, varre, vassourinha! Varre, varre a bandalheira! Que o povo já 'tá cansado de sofrer dessa maneira. Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado! Jânio Quadros é a certeza de um Brasil, moralizado!”, original com mais estofamento que sua versão simplória “Tem que mudar isso que *taí, tá okey?*” da campanha de Bolsonaro em 2018.

A mudança dos ares políticos aparece conectada ao pensamento de Sartre em uma coluna não assinada dedicada a Xavier da Silva, político brasileiro da Primeira República. Na ocasião, o pensamento existencial é equalizado ao perigo comunista. Segundo o colunista, a época sofria de um “cômodo existencialismo”, marcado pelo “egoísmo das gentes que só reclamam direitos e ignoram, evitam e alijam toda a sorte de deveres. [...] Até no proscrever, também, as lutas da consciência, uma vez que, **sartrianamente ‘toda a vida interior é paixão torpe, oriunda das desprezíveis almas sensíveis e românticas’**”²²³. Sartre, filósofo, teria defendido, portanto, que a reflexão e o cultivo do espírito seriam paixões torpes? Decerto que é sobre a interioridade burguesa, o subjetivismo, esse psicologismo que encapsula o “eu” em uma substância interior, que se opunha o pensador, e não sobre a possibilidade de reflexão. Porém, a leitura performada é de que o existencialismo participou da criação de um mundo em que, por exemplo, tudo é possível em função do dinheiro – “sendo para ganhar dinheiro todos os negócios são factíveis” – e realização de desejos – “o fascínio da doce vida felliniana²²⁴ afeta até certas famílias em que pobres mulheres insensatas, descidas de seu nível em busca de prazer (...)”²²⁵.

Prossegue o autor: “**Tudo isso constitui um caldo de cultura, dissolvente e comunizante, adequado à proliferação, tanto da imprensa marrom, que já experimentamos, como dos fidelcastros, felizmente ainda nas Caraíbas**”. A felicidade do autor é que isso tudo é um sopro passageiro, posto que “**já assoma no horizonte um desejo de**

²²³ PROPAGANDA, 27/10/1960, p. 2. Grifos meus.

²²⁴ Referência ao cineasta italiano Federico Fellini. O adjetivo remete à exuberância e poética de sua filmografia que, em fase posterior ao alinhamento com as premissas neorealistas, adquire tons surrealistas. Especificamente, a ideia de “doce vida” remete à película *La Dolce Vita* (Fellini, 1960), que acompanha os caminhos do jornalista especializado em celebridades, Marcello Rubini, pela alta sociedade de Roma, evidenciando a decadência e a invasão da moda estadunidense na Itália do pós-Segunda Guerra. *A dolce vita* diz respeito à essa juventude que se entrega aos prazeres da vida, sem preocupações, em uma espécie de continuidade da moda existencialista.

²²⁵ PROPAGANDA, 27/10/1960, p. 2.

retorno ao pundonor. As eleições confirmam a observação. A vontade de regeneração nelas expressa – não nos iludamos – transcende a esfera meramente política”²²⁶. Fica patente o que representava a eleição do candidato da UDN nesse contexto.

Se por um lado o projeto conservador é eleito como cabeça da nação, por outro, à vice-presidência é alçado João Goulart, reeleito para o mesmo cargo que ocupara durante a gestão JK. Além disso, era herdeiro político direto de Vargas e, também, presidente do PTB. Assim, projetos de Brasil díspares se reúnem nas posições-chave da República. Afinal, como aponta Beatriz Vieira (2014, p. 70. Grifos no original), é importante retomarmos a possibilidade de, nos momentos anteriores ao Golpe de 1964, “terem estado *postos em disputa várias noções de liberdade e várias práticas democráticas em construção (...)*”²²⁷. Desde quando era ministro do Trabalho na gestão Vargas, Jango era acusado de manter proximidade com os comunistas, como eram identificados os movimentos sindicais; ao longo da gestão JK, seguiu sendo visto por conservadores como um elemento perigoso por ter ideologia esquerdista; como presidente do PTB, era defensor das Reformas de Base, “conjunto de medidas de permitiriam o desenvolvimento econômico e a justiça social no Brasil” (FERREIRA & GOMES, 2014, p. 27).

O governo Jânio assume em fevereiro de 1961, tendo diante de si dois grandes desafios: lidar com a crise econômica herdada do Plano de Metas de JK e com uma bancada não majoritária no Congresso, já que PSD, PTB e o Partido Socialista Brasileiro (PSB) somavam 67% das cadeiras do pleito de 1958 (FERREIRA & GOMES, 2014).

Apesar de seu discurso eleitoral, Quadros encampa o projeto de Política Externa Independente (PEI), não alinhada aos interesses estadunidenses, mas dirigindo-se também aos novos países africanos (constituídos após a independência das ex-colônias europeias), às nações comunistas do Leste Europeu, à URSS, China e Cuba. A ideia de um não-alinhamento direto com os interesses dos EUA em momento de polarização mundial, em função da chamada Guerra Fria, era mal vista pelos setores conservadores. A UDN, que havia apoiado a candidatura do presidente, era um dos atores sociais que via como problemática a aproximação com os países comunistas, embora a PEI tenha sido estruturada por Quadros e pelo udenista Afonso Arinos, ministro das Relações Exteriores desde a primeira hora do novo governo (MANZUR, 2014)²²⁸.

Jânio procurava, com isso, projetar a liderança política do Brasil no hemisfério sul para, posteriormente, pleitear um tratamento privilegiado dos Estados Unidos. Essa

²²⁶ PROPAGANDA, 27/10/1960, p. 2. Grifos meus.

²²⁷ Embora a autora trabalhe esta ideia em torno dos momentos mais próximos ao Golpe, penso que podemos estendê-la a períodos anteriores, como este que ora descrevo.

²²⁸ O projeto de uma política externa independente, embora seja marca da gestão Quadros, já estava presente na política brasileira desde, pelo menos, a primeira gestão Vargas (1930-45) (MANZUR, 2014).

postura nada tinha de neutralista, dado que não se rompia, naquele momento (e em qualquer momento da história brasileira), com a tradicional opção ocidental do país. (MANZUR, 2014, p. 184-85)

Como parte dessa política, João Goulart parte em visita oficial à China, passando pela URSS.

Apesar dos desafios de sua gestão, eles não justificam, sozinhos, a renúncia de Quadros em agosto de 1961. A leitura patente é de que, para realização de seu projeto, o presidente precisava ampliar seus poderes, podendo ultrapassar os entraves colocado pela oposição, o que pensou alcançar por meio de um golpe. Assim, estando seu vice na China, pretendia que, diante de sua renúncia, houvesse pressão popular para que retornasse ao poder (FERREIRA & GOMES, 2014). Sua carta de renúncia de 25 de agosto de 1961 pode ser lida como uma espécie de jogo que busca apontar para o que o atrapalha e, ao mesmo tempo, conchamar apoiadores: estudantes, operários, “a grande família do Brasil”, e as Forças Armadas, todos estes “companheiros que comigo lutaram e me sustentaram dentro e fora do governo” (QUADROS, 1961).

A renúncia alcança Jango ainda em viagem oficial, outro elemento que contribui para a leitura de que a intenção de Quadros não era efetivamente renunciar, mas aproveitar o vazio institucional gerado pela ausência de seu vice para angariar apoio para um exercício no poder com mais pujança. Mas não é isso que ocorre. Assume a vaga interinamente o presidente do Congresso Ranieri Mazzilli, mas quem efetivamente gere o país é uma junta militar, formada pelos ministros da Guerra (Exército), Marinha e Aeronáutica. Esta junta declara inconveniente o retorno de Jango ao Brasil e o ameaça de prisão (FERREIRA & GOMES, 2014). Entretanto, essa tentativa de golpe fracassa, uma vez que há articulação do Congresso pela campanha de defesa da legalidade e a retomada do poder pelo então vice-presidente. Jango se torna o cabeça da nação pela ação das forças legalistas, mas toda sua gestão é marcada por instabilidade. Até 1963, precisa se submeter a um sistema parlamentar, que é derrubado mediante plebiscito realizado neste ano, em que o presidencialismo sai vitorioso. Seu governo com plenos poderes do cargo se estende de 1963 até ser encerrado pelo Golpe Civil-Militar em 31 de março de 1964. Durante todo o período de sua presidência, será combatido, sobretudo, em função do temor comunista. É considerado uma força que tendia à comunização do país.

Por ora, esse cenário já permite perceber a polarização existente na política interna e o clima de golpe já em 1960/1961, além de também presente em 1954-56, entre o suicídio de Vargas e a ascensão de JK. As conexões desse contexto com Sartre são mais evidentes em torno da pauta das Reformas de Base, sobretudo a Reforma Agrária. É o que se vê, por exemplo, em

alguns textos de Eugênio Gudin. Opositor da política do nacional-desenvolvimentismo, voz liberal e pró-aliança com os interesses estrangeiros, foi um economista relevante na política. Dois textos de sua autoria chamam a atenção. Convocam o pensamento de Sartre, cujo apoio a Cuba vinha sendo comentado pelo jornal – antes da vinda ao Brasil – em uma tentativa de compreender o presidente Jango.

No primeiro artigo, Gudin questiona se Jango seria um caudilho, espécie de liderança característica da América espanhola marcada por forte carisma e apelo popular, mas desrespeito à lógica da democracia representativa, chegando, em alguns momentos, a ser ditatorial. Nesse sentido, indica que Goulart veria o poder como Sartre entende o homem: assim como primeiramente o homem existe para depois ir constituindo alguma essência, primeiro o presidente se preocupa com ter o poder para depois pensar o que pretende fazer com ele. Jango seria, então, mais uma falta de sorte do Brasil, que primeiro teve que lidar com JK e “sua ausência de responsabilidade”, depois com a eleição de “um doido varrido”, para, por fim, cair nas mãos de um caudilho²²⁹. Em outra ocasião, Gudin afirma que Jango se constrói como o homem em Sartre: como vem ao mundo sem saber o sentido de sua existência, a constrói em atos. Todas as ações de Jango, porém, têm sentido claro: mudar a Constituição e fazer a reforma agrária são falsas soluções para o Brasil, mas importantes para manter o poder presidencial, único foco do ocupante do cargo²³⁰.

A mesma ideia é retomada por Gudin em 1969, em um texto em quase tudo igual, mas que termina afirmando que o existencialismo de Sartre, tal qual o encilhamento e o caudilhismo, se preocupa com os meios e não com os fins. O argumento advém da mesma ideia de que a “existência precede a essência”, lida como epítome da permissividade²³¹.

Em 1963, noticia-se que Sartre deveria vir ao Brasil ainda naquele ano. A informação constava em longa reportagem sobre o deputado Francisco Julião (PSB), líder das Ligas Camponesas – movimento de monta, que clamava, dentre outras coisas, pela Reforma Agrária. A reportagem informa que, para Julião, a solução para a América Latina é a luta armada, afirmando que o Brasil deveria participar da defesa de Cuba caso essa viesse a sofrer algum ataque. Era em apoio ao regime cubano que se realizaria no Brasil entre abril e maio um “Congresso de Solidariedade Continental à Revolução Cubana”, para o qual deveriam concorrer celebridades como Bertrand Russel e Jean-Paul Sartre²³².

²²⁹ A PRAGA DO CAUDILHISMO, 23/07/1962.

²³⁰ REFORMA AGRÁRIA (I), 24/05/1963, p. 2.

²³¹ ENCILHAMENTO E CAUDILHISMO, 15/08/1969, p. 2.

²³² JULIÃO PREGA EM HAVANA..., 28/02/1963, p. 5.

A reportagem, embora não explicita isso no título, é relato da visita não apenas de Julião, mas também de Luís Carlos Prestes (PCB), a Cuba, reproduzindo trechos da fala daquele em Havana. Sendo ambos políticos afinados ao comunismo, em uma caixa de texto abaixo da reportagem, já não referente a Havana, mas a Nova York, lê-se:

A presença simultânea de Luís Carlos Prestes e Francisco Julião em Cuba despertou o interesse de círculos diplomáticos de Washington, abrindo campo para especulações sobre suas atividades em Havana. Observadores acreditam que a presença dos comunistas brasileiros em Cuba torna evidente que o maior perigo do regime comunista da ilha reside no fato de sua transformação em base para treinamento de rebeldes de outros países do Hemisfério e a exportação da revolução cubana.²³³

A vinculação do nome de Sartre ao de Julião e Prestes, assim como na coluna sobre Propaganda, o torna sinônimo de algo que requer cuidado. Afinal, embora não mais filiado ao Partido Comunista, tema intensamente apresentado pelo jornal, é ainda um pensador que apoia causas “perigosas”. A matéria é também um excelente exemplar da construção paulatina da retórica de “perigo comunista”, elemento importante para o Golpe Civil-Militar do ano seguinte. Essa construção, embora não restrita aos momentos finais do Período Democrático, se torna mais constante quanto mais próximo o Golpe. Nesse sentido, acompanhar indícios de Sartre no jornal é acompanhar a orquestração do Golpe.

No ano de 1964, não há reportagens que imiscuem o pensamento de Sartre à política nacional, sendo o grande tema de atenção sua recusa ao Prêmio Nobel de Literatura. Situar a discussão sobre a recusa do prêmio em 1964 no corpo desta pesquisa foi um desafio. A organização metódica de um tema para apresentação é, afinal, como indica Law (2003), uma forma temporária e arbitrária de organizar uma bagunça. É evidente a conexão do tema com o mundo literário, debate do próximo capítulo, porém há conexões com o universo político. O assunto, que surge em outubro de 1964, seguirá aparecendo até 1969, muitas vezes apenas como epíteto para falar de Sartre, “vencedor do Nobel”²³⁴.

Uma matéria solitária, do ano de 1959, já apontava para Sartre como favorito ao prêmio Nobel daquele ano, “tanto pela importância filosófica de sua obra como pelas novidades estéticas nela existentes”²³⁵. O mesmo movimento se repete em 1963, sem que a láurea se confirme²³⁶. Em 1964, a primeira nota sobre o favoritismo de Sartre é publicada apenas três dias antes do anúncio do vencedor. Na ocasião, afirmou-se que “Sartre, até o momento, não

²³³ INTERESSE DE WASHINGTON, 28/02/1963, p. 5.

²³⁴ Algumas das vezes em que aparece como aposto, por ser o tema da reportagem mais afeito a outra temática da tese, foi alocado próximo às demais reportagens sobre aquele tema. Se o aposto se encerra em si mesmo ou segue guardando conexão com o tema do Nobel, será apresentado neste tópico.

²³⁵ PORTA DE LIVRARIA, 27/10/1959, p. 5.

²³⁶ O POETA GREGO SEFERIS ENTRE OS PROVÁVEIS..., 23/10/1963, p. 4.

ganhou o Prêmio Nobel, por motivos políticos”²³⁷. Apenas três dias depois, em 21 de outubro, o periódico traz uma informação dupla: a um só tempo informa a vitória²³⁸ e que *A Comissão Nobel não recebeu a recusa de Sartre*²³⁹. Nesta reportagem, sabe-se que Sartre enviou carta em que “alegava razões ‘objetivas e de caráter pessoal’ e pedia para não ser o escolhido pela comissão, a fim de evitar o constrangimento de ter que recusar o prêmio publicamente”. A Comissão alegou não ter recebido a missiva²⁴⁰.

A partir dessas duas reportagens, o escândalo da recusa sartriana ao prêmio está armado. Há aqueles que o compreendem pela decisão, mas a maior parte dos recortes jornalísticos de *O Globo* apresenta o fato como uma jogada de marketing e uma incoerência. É o caso de *Sartre recusa o Prêmio Nobel para não assumir compromissos*²⁴¹ que, como o título explicita, não compreende que a recusa é, de partida, um compromisso do pensador consigo e com sua obra. De acordo com as declarações do próprio Sartre publicadas na reportagem, ele não aceitaria o prêmio Lênin caso o ganhasse também, por entender que isso criaria aprisionamentos da obra às instituições que a reconheceram. “Jean-Paul Sartre disse [porém] que teria aceitado o Prêmio Nobel se tivesse recebido a láurea durante a guerra da Argélia, quando foi signatário do ‘Manifesto dos 121’”²⁴², o que serve para a afirmação da inconsistência.

Sartre foi o primeiro laureado a recusar o prêmio da Academia Sueca, que o escolhera por “seu espírito de liberdade, pela contínua busca da verdade e pela enorme influência que exerce na era atual” – só ganham prêmio autores que, no ano anterior, tenham agido em prol da humanidade²⁴³. Mas o que teria feito Sartre? De acordo com a própria Academia, o lançamento de seu livro *As palavras* “demonstrara indubitavelmente o propósito de abrir uma nova e importante perspectiva em seu [de Sartre] trabalho, já tão amplo e variado”²⁴⁴. O filósofo, a seu turno, reconhece desconhecer que o premiado não era avisado com antecedência e afirma compreender que a Academia se recuse a voltar atrás na premiação. Diante disso, explica seus motivos:

As razões de minha renúncia não se referem nem à Academia Sueca, nem ao Prêmio Nobel em si. Como já expliquei em minha carta, duas razões levaram-me a tomar tal decisão: uma, de caráter pessoal, outra por questões objetivas. As razões pessoais são as seguintes: **minha negativa não é um ato improvisado, uma vez que sempre recusei as distinções oficiais**. Quando, depois da guerra, em 1945, me propuseram a

²³⁷ JEAN-PAUL SARTRE É O FAVORITO PARA A NOBEL DE LITERATURA, 19/10/1964, p. 6.

²³⁸ A ACADEMIA SUECA NÃO LEVA..., 22/10/1964, p. 8.

²³⁹ 21/10/1964, p. 15.

²⁴⁰ A COMISSÃO NOBEL NÃO RECEBEU..., 21/10/1964, p. 15.

²⁴¹ 23/10/1964, p. 1, 21.

²⁴² SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 1.

²⁴³ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21.

²⁴⁴ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21.

Legião de Honra, recusei-a, apesar de possuir amigos no Governo, não aceitando, igualmente, ingressar no Colégio de França, como sugeriram alguns de meus amigos. **Esta atitude é baseada nas minhas concepções do trabalho do escritor. Um escritor que assume posições políticas, sociais ou literárias, somente deve agir com meios que lhe são próprios, isto é, com a palavra escrita. O escritor que aceita qualquer distinção compromete a associação ou a instituições que a outorga:** minha simpatia pelos guerrilheiros venezuelanos somente a mim compromete, mas se o Prêmio Nobel Jean-Paul Sartre toma partido pela resistência na Venezuela, arrasta consigo todo o Prêmio Nobel como instituição.²⁴⁵

Sobre as razões objetivas, Sartre afirma que a questão principal do mundo era a coexistência pacífica entre países do leste e oeste e que isso passa por relações entre pessoas e culturas, não por instituições. “Minhas simpatias vão, inegavelmente, para o socialismo e para o que se chama o bloco do leste, mas vivi e me eduquei numa família burguesa e numa cultura burguesa. Isto me permite colaborar com todos aqueles que querem aproximar as duas culturas”. É neste contexto que Sartre afirma que recusaria também o prêmio Lênin, concedido pela URSS²⁴⁶. Porém, o ponto mais relevante é o que segue:

Embora tenha salientado que o Prêmio Nobel em si mesmo não é uma láurea do campo ocidental, Sartre disse acreditar que em muitas ocasiões **seu significado apresenta outras implicações** [...]. Assim, disse: ‘Na situação atual, o Prêmio Nobel se apresenta objetivamente como uma distinção reservada aos escritores do oeste, ou aos rebeldes do leste. Não se premiou Neruda, que é um dos maiores poetas americanos, e nunca se pensou seriamente em Aragon, que bem o merece. Durante a guerra da Argélia, quando assinamos o ‘Manifesto dos 111’ [sic], e[u] aceitaria o prêmio com reconhecimento porque ele não me teria honrado somente a mim, mas à liberdade pela qual lutávamos’.

[...] ‘No Ocidente, fala-se de liberdade num sentido geral. Entendo a liberdade de uma forma mais concreta, que consiste no direito a ter mais que um par de sapatos e de comer pão menos duro. Parece-me menos perigoso declinar do prêmio do que aceitá-lo. **Se o aceitasse, prestar-me-ia ao que se pode chamar de ‘recuperação objetiva’.** **Afirma o artigo do ‘Figaro Litteraire’ que ‘não se teria em conta o meu passado político discutido’.** Sei que este artigo não exprime a opinião da Academia sueca, mas ele mostra claramente em que sentido seria interpretada minha aceitação em certos meios de direita. Considero este ‘passado político discutido’ como ainda válido, mesmo se disposto a reconhecer certos erros passados perante meus camaradas. Não quero dizer que o Prêmio Nobel seja um prêmio burguês, mas esta seria a interpretação burguesa que dariam inevitavelmente os meios que conhecemos’.²⁴⁷

Para Sartre, aceitar o Prêmio, até então só outorgado a autores alinhados ao Ocidente, era anuir com seu encapsulamento como autor que rompeu com o comunismo. De um lado, *As Palavras*, sua autobiografia incensada e motivadora da láurea, de tom mais intimista e menos diretamente político, e seus posicionamentos em 1964, que apontavam para o distanciamento em relação à URSS e mesmo a Cuba. De outro, sua ação política, a defesa do Terceiro Mundo e a busca pela efetivação de um socialismo possível. O que aponta com seu discurso é que é

²⁴⁵ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21. Grifos meus.

²⁴⁶ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21.

²⁴⁷ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21. Grifos meus.

àquele Sartre que se concedia o prêmio e jamais a este. Por fim, faz sua declaração mais notória diante da recusa: “Renuncio evidentemente às 250 mil coroas porque **não quero ser institucionalizado** nem ao leste nem ao oeste”²⁴⁸. Seu compromisso com a liberdade e suas consequências seguiria sendo total. Inserir essa discussão ao falar sobre política deve-se justamente ao fato de que as declarações de Sartre sobre a recusa evidenciam que esta, como quase tudo o mais que fazia, era um ato político. E, claro, diante do cenário brasileiro, é possível intuir que tal posição irá causar celeuma entre apoiadores e detratores do pensamento do filósofo.

De um lado, a compreensão. A atitude foi acolhida por seus colegas, os intelectuais brasileiros, que entenderam que ele “continuou dentro da linha pregada em toda a sua obra de filósofo, romancista, novelista e teatrólogo, qual seja a de liberdade intelectual, sem vínculos com o Ocidente ou com o mundo soviético, apesar de suas tendências socialistas”²⁴⁹. De acordo com o imortal Austregésilo de Athayde, a recusa é coerente e não invalida a homenagem, posição apoiada pelo também imortal Guilherme de Almeida.

Em 27 de outubro, registra-se opinião geral entre os intelectuais brasileiros: o posicionamento de Sartre era visto pela maioria como um gesto de amor pela liberdade e de coerência com sua trajetória²⁵⁰. Clarice e Elisa Lispector fazem parte desse coro. Para a primeira, “Sartre tinha boas razões para recusar o Prêmio [...], pois, como um dos homens mais lidos e mais livres de nossa época, não quis ser institucionalizado, para poder conservar sua total liberdade de pensamento e de ação”. Já para Elisa, a recusa não surpreende, pois Sartre sempre fora um revolucionário e um homem livre²⁵¹.

Do outro lado, há posições que partem ao ataque. Para o escritor e jornalista Gustavo Corção, Sartre pagou preço alto para fazer propaganda de seu nome²⁵². A recusa não passaria de uma jogada de *marketing* de valor elevado. Para o poeta modernista Augusto Frederico Schmidt – que, como veremos mais à frente, ganhará um viaduto em seu nome –, Sartre “defende um gênero de liberdade e de pensamento que se choca com tudo aquilo que considero ligado à grandeza do homem. É um anticristão e fruto do **mais doloroso existencialismo**”²⁵³. Schmidt afirma que Sartre deturpou o pensamento existencial de Kierkegaard e que, embora seja grande escritor e ensaísta, o prêmio foi mal dado, pois “reconheceu e consagrou um mestre

²⁴⁸ SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL..., 23/10/1964, p. 21. Grifos meus.

²⁴⁹ A RECUSA DO PRÊMIO NOBEL POR SARTRE..., 24/10/1964, p. 14.

²⁵⁰ SCHMIDT E CLARICE LISPECTOR JULGAM..., 27/10/1964, p. 20.

²⁵¹ SCHMIDT E CLARICE LISPECTOR JULGAM..., 27/10/1964, p. 20.

²⁵² A RECUSA DO PRÊMIO NOBEL POR SARTRE..., 24/10/1964, p. 14.

²⁵³ SCHMIDT E CLARICE LISPECTOR JULGAM..., 27/10/1964, p. 20. Grifos meus.

da desesperança”. A Academia ainda possibilitou que Sartre se desse o melhor dos prêmios: o de ter a possibilidade de recusar uma grande láurea.

A *Reportagem Social*²⁵⁴ coloca lenha na fogueira da intriga: Sartre teria recebido um prêmio em 1963 na Itália, o “Tor Margana”. Perguntado, Sartre explicou que se tratava de cerimônia informal de um restaurante, brincadeira entre amigos e, por isso, aceitou a honraria. Para Zózimo do Amaral, autor da coluna, essa explicação é tão rasa quanto a dada para a recusa do Nobel. Caminho similar, de apontar para problemas, faz Bittencourt ao afirmar que Sartre é um indeciso: não sabe se quer ser homem da ação política ou escritor. Compreendeu toda a fala em torno do *Manifesto dos 121* como representativa de um desejo de ser preso para chamar atenção naquele momento²⁵⁵.

O assunto ganhava tanto espaço que, entre a roda de “gente bem”, não se falava em outra coisa: o assunto que circulava pela beira da piscina, pela pérgula e pelo restaurante Bife de Ouro do Copacabana Palace era a recusa de Sartre. Afinal, “[...] fazem do Copa, em sábado de sol, uma república de ideias”²⁵⁶. Essa nota evidencia o quanto Sartre era tema de interesse de certa parcela da população. Outra reportagem repete os motivos da recusa de Sartre ao Nobel, sem citá-lo diretamente, organizando as justificativas em tópicos. Ao lado do quadro com seus motivos, elencados em um total de cinco itens, lê-se curiosidades sobre Sartre e Beauvoir: o casal viaja no verão para Roma, onde trabalham oito horas diárias em seus escritos mesmo nas férias; retoma-se a chamada “moda existencialista”; rebate-se que Sartre poderia renunciar ao prêmio, já que ele não é abastado e, ainda, que “um dos seus amigos calcula em uma dúzia o número de pessoas que ele ajuda, em associações com Simone de Beauvoir. É a família, é sagrado”²⁵⁷. Estas informações encontram, hoje, fundamento nas biografias sobre ambos (COHEN-SOLAL, 2008; ROWLEY, 2006; KIRKPATRICK; 2020). De todo modo, é outro indício da relevância do filósofo: qualquer comentário, mesmo as “fofocas”, interessam. Não importa o que faça Sartre, será comentado.

Por fim, em retrospectiva de 1964, abaixo de uma foto 3x4 de Sartre lê-se: “Jean-Paul Sartre, autor de ‘Les Mots’, que se deu ao luxo de recusar o Prêmio Nobel de Literatura”²⁵⁸. Aliás, na retrospectiva de *O Globo* também houve nota sobre o fato, mas nenhuma menção ao Golpe de 31 de março²⁵⁹. O que ganha relevo em toda essa história em torno do Nobel é o

²⁵⁴ 29/10/1964, p. 4.

²⁵⁵ AS CONTRADIÇÕES DE SARTRE, 04/11/1964, p. 1.

²⁵⁶ CADERNO FEMININO DE O GLOBO, 31/10/1964, p. 3.

²⁵⁷ JEAN-PAUL SARTRE E AS RAZÕES DO NÃO, 07/11/1964, p. 4.

²⁵⁸ ELE 64, 26/12/1964, p. 5.

²⁵⁹ 1964 FOI O ANO QUE SE PROCUROU..., 02/01/1965, p. 13.

quanto a temática não tem diretamente a ver com a política brasileira, mas é um indício da polarização. O fenômeno é lido ora em apoio à crítica feita pelo filósofo, em posição favorável a sua oposição ao bloco ocidental, ora como modo de apontar o esquerdismo de Sartre.

De todo modo, 1964 é um ano em que Sartre é encarado precipuamente sob a égide do escritor. Os conteúdos diretamente conectados à política brasileira reaparecem em 1965, em nota na coluna social Carlos Swann²⁶⁰. Informa-se que Guimarães Rosa estava a caminho da Itália, onde participaria do lançamento de um livro seu e do X Congresso de Escritores do Columbianum, evento que contaria com a participação de “figuras internacionais como Sartre, Jean Cassou, Damaso Alonso e Roger Caillais”. A nota vinha ao lado de outra em que o papel do Itamarati, que ainda não havia tirado diplomatas “antirrevolucionários” de posições estratégicas, era questionado. Se o texto começava elogiando o Ministro das Relações Exteriores, Leitão da Cunha, o fazia como afago que antecede o golpe: Zózimo, jornalista responsável pela coluna, lhe cobrava que, após nove meses, nada havia feito para barrar o perigo comunista e se mostrar Embaixador da Revolução²⁶¹. Já não eram tempos em que as colunas sociais falavam de bailes e fofocas da alta sociedade. Leitão da Cunha é exonerado do cargo um ano depois, em janeiro de 1966.

A consideração do Golpe de 1964 como uma Revolução era e ainda é comum entre aqueles que defendem que havia um desejo de implantar o comunismo no país e que a tomada de poder pelos militares foi uma verdadeira revolução, já que manteve a ordem. Essa defesa é, em si, o argumento necessário para mostrar que o Golpe foi reacionário, não tendo objetivo de transformação, mas sim de manutenção e melhor demarcação da estrutura social vigente. Sobre isso, pode-se convocar a coluna *O Legislativo em ação* de 26 de março de 1965, que trazia reportagem sobre o depoimento do político udenista Hamilton Nogueira sobre a “Revolução de Março”. Nogueira reforça a retórica, então ainda mantida pela UDN, de que o golpe de 1964 era, em verdade, uma contrarrevolução, ou seja, ação de defesa da pátria contra uma revolução comunista arquitetada pela gestão Jango. Citando Camus, afirma que o que se vivia no país era o que se vê também no mundo, uma “completa inversão dos valores espirituais”, passando a fundamentar no pensamento do filósofo ateu Friedrich Nietzsche a defesa da falta que a verdadeira experiência de Deus faz para o destino do mundo. Nietzsche é convocado não como pensador ateu, mas como defensor de que Deus mantém o tal bom destino. Nogueira afirma que concorrem para a derrocada moral do mundo e do Brasil pensadores como “Dostoiévski, Sartre, Engels, Marx, Descartes e Kant”. Diz ainda que o comunismo é estágio posterior ao

²⁶⁰ REPORTAGEM SOCIAL, 20/01/1965, p. 4.

²⁶¹ REPORTAGEM SOCIAL, 20/01/1965, p. 4.

nazismo, sendo espécie de subproduto da mesma cepa. Enquanto este inicia a destruição da democracia, o comunismo a agrava pela “destruição do regime cristão”²⁶².

Fica claro para o leitor que já fizemos a virada do regime democrático para o momento pós-Golpe. Os comentários sobre este fato, que ao início da pesquisa, julgava serem relevantes para compreensão das modulações em torno da apropriação do pensamento de Sartre, não se mostraram deste modo. Talvez isso se deva pelo fato de que a posição política de *O Globo*, alinhado com as forças conservadoras, prossiga durante todo o período analisado. Nesse sentido, é importante esclarecer a menção acima de que a posição de defesa do golpe por parte da UDN ainda estava mantida em março de 1965 e apontar para certas inflexões ocorridas no cenário político ao longo da Ditadura.

De partida, como vimos, a retirada de Jango do poder faz parte de um projeto da oposição política. O Golpe de 31 de março pretendia ser uma intervenção de primeira hora, que garantiria, contra uma ditadura comunista, as eleições em 1965. A UDN era um dos partidos que se preparava para o certame. Este, porém, foi cancelado em outubro de 1965, com o Ato Institucional nº 2, que extinguiu os partidos existentes e conferiu “ao presidente da República poderes para cassar mandatos eletivos e suspender direitos políticos até 15 de março de 1967, entre outros dispositivos” (FICO, 2004, p. 210). Assim, a posição dos udenistas e seus apoiadores se modifica após 1965. *O Globo*, porém, que encampara até então as posições da UDN em relação a JK e, depois, a Jango e ao Golpe, opta por seguir afinado com a Ditadura, em curso diverso, por exemplo, do periódico *O Estado de São Paulo*, como indicado na introdução. Como aponta Daniel Aarão Reis (1998, p. 26), essas aparentes confusões e paradoxos na cena política “não residiam em nenhuma confusão mental, mas se radicavam nas realidades bem palpáveis do caráter heterogêneo da ampla frente de forças que derrubara o regime presidido por João Goulart. Ali se reuniram a espada, a cruz, a propriedade e o dinheiro”.

Assim, a nota de Carlos Swann²⁶³ e a fala de Nogueira²⁶⁴ precisam ser situadas em seu tempo. Se Sartre já havia deixado de ser um autor perigoso quando rompe com a URSS em 1956, e voltara a sê-lo quando se aproxima de Cuba, é retomado pós-1964 com as ressalvas que cabem a um “*public relations* do marxismo e do comunismo”.

Mas nem só de ataques ao comunismo vive essa pesquisa. Um *fait divers* traz um breve alívio cômico. *Linhas Cruzadas*²⁶⁵, escrita pela jornalista Nina Chaves, celebra que, dentro de

²⁶² UDENISTA DEPÕE SOBRE A REVOLUÇÃO DE MARÇO, 26/03/1965, p. 12.

²⁶³ REPORTAGEM SOCIAL, 20/01/1965, p. 4.

²⁶⁴ UDENISTA DEPÕE SOBRE A REVOLUÇÃO DE MARÇO, 26/03/1965, p. 12.

²⁶⁵ 27/03/1965, p. 8.

poucos dias, a “Revolução” completaria um ano. Se, por um lado, o perigo comunista foi afastado, por outro a jornalista narra que o representante do Setor Cultural da Embaixada do Brasil em Paris é vizinho de... Jean-Paul Sartre. Nesse caso, não há problemas. Morar ao lado de um comunista de tal envergadura não é perigoso, mas sim elemento de *status*. Sartre é o produto que se quer por perto para contar vantagem na roda de amigos. Quantos papéis exerce um único homem?!

Outro uso inusitado da figura de Sartre ocorre em matéria sobre urbanismo e as grandes metrópoles – Nova York, Tóquio, Londres, Paris e Rio de Janeiro - no caderno sobre Veículos do jornal²⁶⁶. O tema central é o quanto passamos a enfrentar problemas em função do volume humano nas cidades, como o trânsito e a poluição. Próximo ao fim do texto, lê-se “O inferno são os outros, disse Jean-Paul Sartre. Jamais os outros foram mais outros, estranhos, inquietantes, ameaçadores, que na vida urbana – quando se constituem em multidão”. Talvez caibam em um filósofo tantos papéis quanto interpretações diversas de um único texto seu.

Outra nota divertida relata que, em Brasília, no Bar Berlim – quanta ironia! –, densamente povoado “pela juventude universitária [que] conferia ao ambiente um aspecto existencialista, com suas barbas de vários dias e roupas surradas”, bebiam alguns deputados que, cochichando ao pé do ouvido, conseguiam ignorar o exotismo do ambiente²⁶⁷. Quantos “perigos” ao redor de um chopp?! Em 1969, aliás, o endereço dos jovens “adeptos de Sartre, Marcuse e Nelson Rodrigues” mudou para o “Bar dos Inocentes”²⁶⁸. É certamente inusitado, como veremos no próximo capítulo, pensar que o público de Nelson Rodrigues poderia ser o mesmo que gostava de Sartre e Marcuse.

Bom, de todo modo, uma nota em 1967 sinaliza que o Sartre da ditadura já nem sempre é Sartre. O existencialismo parecia ter começado a deixar de ser visto como movimento de esquerda. Ao menos é o que faz crer o registro de que o procurador Ivens de Araújo havia feito um discurso oficial citando... Sartre²⁶⁹. Com quantas citações se transforma água em vinho?!

Enfim, voltemos ao tom sisudo dos conflitos políticos nacionais. Se a “juventude universitária” de Brasília recebia algumas notas, a carioca não ficava para trás. Duas reportagens, de 10 e 13 agosto de 1965, respectivamente, acompanham o embate entre a professora Vanda Torok e alguns de seus alunos da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi)²⁷⁰. A primeira reportagem registra entrevista realizada com o professor Hildebrando Leal, também

²⁶⁶ TODO FUTURO MELHOR TEM UMA FACE PIOR, 19/05/1967, p. 4.

²⁶⁷ REPORTAGEM SOCIAL, 29/06/1965, p. 4.

²⁶⁸ BRASÍLIA PRONTA PARA RECEBER OS TURISTAS, 06/02/1969, p. 3.

²⁶⁹ REPORTAGEM SOCIAL, 04/01/1967, p. 4.

²⁷⁰ Hoje, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ).

da instituição. Segundo este, ele buscava realizar uma conciliação entre a referida professora e os alunos. A favor daquela, o fato de que era adjunta de Leal e tinha 20 anos de carreira na faculdade. Os alunos pediam sua substituição por

um mal-entendido por parte da professora [de acordo com o relato dos discentes]. Dizem que, ao terminar o seminário, um aluno tentou invalidar a filosofia existencialista exposta, alegando não ser o assunto atualizado e sugerindo como exemplo a ‘filosofia marxista’ mais moderna, no seu entender. O exemplo, prosseguiram [os alunos], não foi bem entendido pela professora, que passou a sentir-se rodeada de comunistas.²⁷¹

No dia 13, quem dá sua versão é a professora acusada. Segundo ela, tudo foi

(...) muito bem explorado pelo grupo que se afirma esquerdista, o qual incita há muito tempo os demais colegas à prática de atos hostis a sua pessoa.
– Felizmente – observou – trata-se de uma minoria que se envergonha, inclusive, de sua ideologia comunista.
[...] disse que sempre manteve um diálogo franco com seus alunos. ‘Mas, o que não posso admitir, em aula, é o monólogo marxista-leninista dos que se proclamam adeptos do movimento de esquerda’.²⁷²

Antes do fim da reportagem, Torok afirma que não aceita sacrificar seus princípios cristãos e democráticos em função da “demagogia de alguns estudantes”²⁷³. Embora não se aponte qual pensador existencialista se falava na apresentação, penso ser pouco provável, a partir da fala da professora, que tenha sido Sartre, estando este incluído no rol dos pensadores comunistas²⁷⁴.

Outra crise universitária vira notícia no dia seguinte, agora na Faculdade Nacional de Direito (FND). O resultado da recente eleição para o Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO) estava sendo questionado. Vencera o aluno Osvaldo Deleuze Raimundo, que, no dia de sua posse, coordenou votação para resgate do antigo regimento da instituição, alegando que o atual, votado pela chapa anterior, prejudicava o corpo discente. A chapa vencedora chamava-se Aliança Libertadora Acadêmica (ALA) e, como mais um ato da nova gestão, também distribuiu um panfleto em que se podia ler:

O CACO é livre! Livre da submissão a interesses políticos de correntes ideológicas de índole totalitária e antidemocrática que durante muito tempo dominaram este diretório. Desvirtuado de sua real finalidade, ou seja, a defesa dos legítimos interesses dos estudantes da Faculdade Nacional de Direito, foi o CACO conduzido pelo sectarismo político-ideológico dos seus ex-dirigentes a posições radicais e temerárias. [...] O CACO está sob a direção de democratas autênticos, que do debate farão a sua

²⁷¹ CATEDRÁTICO DA FNFi QUER REAPROXIMAR..., 10/08/1965, p. 6.

²⁷² PROFESSORA DA FNFi: “OS COMUNISTAS...”, 13/08/1965, p. 3.

²⁷³ PROFESSORA DA FNFi: “OS COMUNISTAS...”, 13/08/1965, p. 3.

²⁷⁴ A FNFi reaparece conectada com Sartre em 1968. Sem mencionar escândalo em função da escolha, o filósofo foi escolhido patrono da turma. (FORMOU-SE A ÚLTIMA TURMA..., 13/01/1968, p. 4.)

arma, da seriedade o seu instrumento de luta, do patriotismo a sua bandeira, da grandeza do Brasil o seu objetivo.²⁷⁵

O questionamento às eleições se deu pela suspeição dos processos de escolha dos novos Centros Acadêmicos, tendo a União Nacional dos Estudantes (UNE) conclamado à não aceitação das chapas empossadas. A organização estudantil declarava vencedora a chapa *Movimento de Reforma*, presidida pelo aluno Antônio Sena. Este movimento é considerado pela reportagem como de “orientação esquerdista”. Corrobora para tal leitura o fato de que a chapa ALA, ao entrar em uma das salas do CACO, “encontrou as paredes e os móveis rabiscados e pintados com dizeres como ‘Abaixo Tudo’ e a sigla do **Grupo Existencialista Anárquico Internacional** em meio a grande sujeira e desordem”²⁷⁶.

Procurei estabelecer o que seria tal Grupo. Em *O Globo*, a única referência direta a ele ocorre nessa reportagem. Procurei também no acervo do *Folha de São Paulo* e, de modo mais amplo, em todos os periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional com edições entre 1960-1970, mas não tive sucesso. Embora uma vertente existencial do anarquismo seja reconhecida na história dessa corrente, sobretudo em diálogo com o existencialismo do pós-Segunda Guerra (MARSHALL, 2008), não encontrei indícios de um grupo organizado no Brasil no período. Ainda assim, é relevante a associação dos movimentos da juventude com o pensamento existencial. No próximo capítulo, veremos como isso se torna um caminho para uma literatura de autoajuda para pais lidarem com a rebeldia juvenil. Ao mesmo tempo, situando ambas as reportagens – esta sobre a FND e aquela sobre a FNFi – diante do regime ditatorial, percebe-se o pensamento existencial (ao menos uma de suas vertentes) afinado com movimentos de resistência.

Em 1967, o país recebe uma comissão do Fundo Monetário Internacional (FMI). Sartre é imiscuído entre as notícias sobre tal visita, pois o “quarto Diretor de Operações do Fundo”, o sr. Pierre-Paul Schweitzer, era “sobrinho do cientista Albert Schweitzer e do maestro Charles Munch, e primo do escritor e filósofo Jean-Paul Sartre”. O fato de que Schweitzer é do FMI tem tanto destaque quanto o parentesco, o que, aliás, se pode notar pelo título da reportagem, *Schweitzer Do Fmi Chega Hoje E É Primo De Sartre*²⁷⁷.

No dia seguinte à chegada, uma crítica sobre um concerto ocorrido da sala Cecília Meireles mescla informações sobre Schweitzer e o FMI com a análise do espetáculo musical²⁷⁸. Mistura-se elementos do mundo dos negócios com o mundo da música, como em “[a Orquestra]

²⁷⁵ TOMOU POSSE A NOVA DIRETORIA..., 14/08/1965, p. 19.

²⁷⁶ TOMOU POSSE A NOVA DIRETORIA..., 14/08/1965, p. 19. Grifos meus.

²⁷⁷ 21/09/1967, p. 13.

²⁷⁸ O CONCERTO DE ONTEM: LIQUIDEZ DO OURO..., 22/09/1967, p. 14.

pagando à vista diversas dívidas contraídas pela emissora da Praça da República com a plateia carioca: um programa criterioso e os títulos alemães anunciados (Bach e Mozart), com juros altíssimos (Gluck e Debussy)”. Essas nuances permitem que a crítica ao espetáculo se afaste do tema musical e se aproxime da política: a equipe do FMI e do Banco Mundial, tal qual o flautista francês Jean-Pierre Rampal, era ruim de economia. Ao lado da menção do nome de Schweitzer, seu parentesco: ser diretor do Fundo não lhe garantia fama maior no Brasil do que o fato de ser primo de Sartre.

A vinda da comissão tinha como um dos objetivos participar de uma reunião no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ). Elogiada pelo jornal, a ocasião agregou um grupo chamado por De Gaulle de “os apátridas”, uma vez que trabalha em uma perspectiva que se quer “ecumênica”. Não que sejam religiosos, mas “a obra que realizam – mesmo que não o desejem – tende para aquele ideal de ‘um mundo só’ das divertidas utopias”²⁷⁹. Representa este ideal a figura do primo de Sartre, Schweitzer:

Que era necessário fazer alguma coisa assim, grande, mundial, prova-o a história de uma família eminente: a de Pierre-Paul Schweitzer, diretor-gerente e presidente do Conselho Executivo do FMI. O tio dele nasceu numa Alsácia alemã. Por isso na Primeira Grande Guerra esteve internado num campo francês de prisioneiros. Seu nome: Albert Schweitzer, pastor, médico e musicista, que dedicou quase toda sua longa existência a cuidar de negros no Gabão. Pierre-Paul, que o Rio hospeda, nasceu numa Estrasburgo francesa. Por isso, na Segunda Grande Guerra, herói francês que foi, esteve internado num campo alemão de prisioneiros. Por esses e outras que um sobrinho de Albert e primo de Pierre-Paul, Jean-Paul Sartre, houve por bem achar que a condição humana é um amontoado de absurdos, um erro da natureza, uma paixão inútil. Mas Pierre-Paul não pensa como o primo Jean-Paul. Por isso está aqui ajudando a decifrar enigmas.²⁸⁰

A já mencionada questão da capa de *Le Nouvel Observateur* de 2005, *Faut-il brûler Sartre?*²⁸¹ – Devemos queimar Sartre? – já tinha uma resposta aqui, no Rio de Janeiro, em *O Globo*, em 1967. Sartre é diferente de seu primo. Enquanto este vinha fazendo recomendações importantes de austeridade para o país, o que geraria bons resultados para o mundo do capital, Sartre é esse que ficou desnordeado com a complexidade do mundo, encarnada em seu próprio seio familiar.

Outra conferência será enaltecida em 1967, o *I Simpósio de Ciência e Humanismo*, em São Paulo. Ressalta-se a fala do cientista Julian Huxley: deve-se fazer um esforço para integrar as nações, ideias e ciências, deixando de lado o ultrapassado humanismo.

²⁷⁹ ““LES APATRIDES E O UNIVERSAL”, 25/09/1967, p. 1.

²⁸⁰ ““LES APATRIDES E O UNIVERSAL”, 25/09/1967, p. 1.

²⁸¹ FAUT-IL BRÛLER SARTRE?, 2005.

A tolerância não basta. O insuspeito –**nesse particular** – Jean-Paul Sartre afirmou que três gerações de humanistas franceses de tal sorte encharcaram a França de tolerância que esta não pôde enxergar a tempo o mal do nazismo. Há um limite para a tolerância. E um humanismo digno desse nome deve ter a coragem de traçar essa fronteira.²⁸²

Se até aqui temos visto um Sartre apropriado mais como ponto a ser criticado, esta coluna emerge como um interessante momento em que o filósofo se torna importante ator na validação de um argumento. Antes, porém, é preciso uma ressalva: sua visão é válida no que tange a crítica ao humanismo. Citá-lo como fiel da balança, mesmo sendo o pensador quem era, aponta para a importância do filósofo no cenário brasileiro. Sartre: nem o ame nem o deixe, sempre o comente, ao sabor das necessidades.

Nesse sentido caminha também a coluna *O Mito da Desestalinização*²⁸³. Iniciada com a pergunta: “Estaria a URSS às portas da reestalinização?”, convoca Sartre como autoridade contrária aos soviéticos. O argumento é construído sobre a ideia de que Marx é a condição de possibilidade do regime stalinista e, portanto, desde que qualquer gestão o tome por base, irá recair nas violências ditatoriais. Não há, obviamente, menção ao fato de que vivíamos aqui uma ditadura já bastante violenta e – o que não seria possível afirmar ainda – em vias de recrudescer. Sartre serve para reafirmar o perigo comunista:

[...] é lícito admitir que a decantada desestalinização seja, pelo menos até agora, um mito. Basta, aliás, a análise do último ‘informe’ do Partido Comunista Brasileiro (pró-Moscú) para verificar-se a hipocrisia da chamada ‘linha de Moscú’ da ‘conquista pacífica’ do poder. Prestes defende, para o Brasil de hoje, a velha solução violenta, que aplicou em 1935. Que é isso? O velho e vivo stalinismo.²⁸⁴

Em lógica similar, outra coluna “salva” Sartre do conjunto de escritores comunistas. Ele seria, na verdade, vítima do regime, como Camus e Malraux.

Essas considerações vêm a propósito da contradição entre a luta pela liberdade que se trava do lado de lá da ‘cortina’ e a luta pela escravidão a que assistimos, por exemplo, neste País. Enquanto tchecos excomungam os dogmas liberticidas do marxismo, muitos de seus colegas brasileiros convertem-se a uma ideologia cuja experiência no plano da cultura (entre outros) fracassou. Um monumental arrependimento – é o que hoje se testemunha dramaticamente em Praga. E essa lição parece não abalar as convicções de tantos de nossos intelectuais, que estão vendo a girafa, mas sustentam que ela não existe.²⁸⁵

Poderíamos considerar que Sartre, no início de 1968, já não seria figura política tão relevante. Para fazer objeção a tal ideia, basta evocar o Tribunal Russel, encerrado no fim do

²⁸² A CRISE DE CONVERGÊNCIA, 12/12/1967, p. 1.

²⁸³ 15/01/1968, p.1.

²⁸⁴ O MITO DA DESESTALINIZAÇÃO, 15/01/1968, p. 1.

²⁸⁵ ARREPENDIMENTO MONUMENTAL, 10/04/1968, p. 1.

ano anterior, ou mesmo sua ida, em 23 de março de 1968, à Jornada de Intelectuais pelo Vietnã, em Paris. Sartre focava na feitura de sua obra sobre Flaubert, mas encontrava espaço para a política. Aliás, pouco mais de um mês depois dessas reportagens, estaria envolvido nas ações de maio de 1968 em Paris. *Trata-se objetivamente de uma maleabilidade da imagem do pensador. Tal maleabilidade parece se fundar em um duplo vínculo: certa antropofagia característica ao pensamento periférico e colonizado, marcadamente o brasileiro, no caso, e a amplitude e pertencimento à época tão característicos da obra de Sartre.* Sua escrita ágil e repleta de alvos diversos abre espaço para diferentes visadas.

Essa flexibilidade do olhar lançado sobre Sartre possibilita que, apenas nove dias depois da reportagem que o salva do conjunto de autores comunistas, se encontre uma perspectiva crítica ao pensador. A fala se dá em função da inauguração, pelo prefeito Negrão de Lima, de viaduto na Lagoa em homenagem ao poeta Augusto Frederico Schmidt, companheiro de JK, para quem escrevia alguns discursos, o mesmo que criticou a recusa de Sartre ao Nobel²⁸⁶. No festejo, o Sr. Armando Falcão falou como representante da Sociedade dos Amigos de Augusto Frederico Schmidt. Falcão, então sem mandato e cargo público, foi político e notório apoiador da Ditadura que, nos anos 1970, se tornaria Ministro da Justiça da gestão de Ernesto Geisel. Em seu discurso, registra:

Para mim, o grande sonho de Schmidt era a política, a política aristotélica, a política como expressão mais alta da problemática nacional e internacional, e como instrumento nobre do bem público. **Não a política da irreproduzível definição de Sartre, que Schmidt se comprazia em citar.** Não a política da politicagem, a política das ambições pessoais desvairadas (...) ²⁸⁷.

Ora, em qual sentido Sartre era convocado nos discursos de Schmidt? A flagrante contradição da fala pode ter uma explicação: talvez Schmidt citasse Sartre-escritor e não Sartre-filósofo. Para confirmar isso seria preciso encontrar discursos escritos por Schmidt, o que não consegui ao longo da pesquisa.

Também em 1968, um manifesto “absurdo”:

A notícia veio de Paris. ‘Numerosos cientistas e intelectuais franceses’ assinaram manifesto em que protestam contra a ‘brutal repressão’ policial no Brasil a movimentos oposicionistas. Violência essa que teria causado ‘várias mortes e centenas de feridos’.

Quanto às ‘várias mortes’, não se sabe onde os signatários colheram a informação. Onde os cadáveres ou as reclamações de parentes de prováveis cadáveres? Sabe-se, com certeza, que morreu um soldado da PM no Rio e um soldado-estudante em São Paulo. Tombaram eles vítimas do grupo que, segundo os franceses, teria sido vítima da ‘bruta repressão’.²⁸⁸

²⁸⁶ SCHMIDT E CLARICE LISPECTOR JULGAM..., 27/10/1964, p. 20. Grifos meus.

²⁸⁷ NEGRÃO INAUGURA NOVO VIADUTO..., 19/04/1968, p. 14. Grifos meus.

²⁸⁸ ANÁLISE DE UM MANIFESTO, 12/07/1968, p. 1.

É forçoso perceber a semelhança da retórica com aquela denunciada em reportagens apenas algumas semanas antes, mas em referência à URSS. Se acusam aqueles de estratégias de negação da violência interna de seu regime, é o mesmo que, há muito, sabemos que ocorria aqui. A reportagem envelhece como uma terrível prova do cinismo dos jornais apoiadores do Golpe de 1964 e faz pensar em outros golpes, mais atuais.

Sobre os signatários, chamados ironicamente de “os ‘cientistas e intelectuais’”, diz-se que, embora alguns sejam “ilustres desconhecidos”, “há no rol reais valores – Sartre, por exemplo. Mas este fez a apologia de Fidel Castro e, portanto, implicitamente, do ‘paredón’. E não nos parece ‘sérieux’ que venha agora condenar a ‘brutal repressão’”. Dentre os demais signatários, todos criticados com ironia e argumentos apressados, figuram Jean Cassou e Francis Jeanson, este tido como, ao lado de Sartre, um apoiador de terroristas na questão da libertação da Argélia²⁸⁹. O que chama a atenção nesta reportagem é justamente a possibilidade de confirmação de quanto o posicionamento político de Sartre vai sendo utilizado segundo as necessidades argumentativas.

Sobre o manifesto, não encontrei registros na biografia de Sartre, nas pesquisas de Rodrigo Davi Almeida (2009; 2018), no acervo da *Folha de São Paulo* ou nos jornais da *Hemeroteca Digital Brasileira*. Passei a pesquisar no acervo dos jornais franceses: *Le Monde* não traz referência a algo similar nessa época; *France-Soir* e *Le Parisien* não possuem arquivos digitalizados do período. Assim, não é possível confirmar a informação fornecida por *O Globo*. Os manifestos de Sartre contra a ditadura, encontro nos comentários de Michael Löwy à apresentação do livro de Almeida (2018) e na pesquisa anterior deste (ALMEIDA, 2009). De acordo com Löwy (ALMEIDA, 2018, p. 17),

Tive a chance de assistir, em janeiro de 1970, ao impressionante discurso de Sartre em um comício em solidariedade às vítimas da ditadura no Brasil, na sala da Mutualité de Paris, decorada com um imenso retrato de Carlos Marighella, assassinado poucos meses antes. Denunciando a ditadura brasileira como braço armado do imperialismo, Sartre criticou as ilusões reformistas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na “burguesia nacional” e se solidarizou com a estratégia radical proposta por Che Guevara e por Marighella: a unificação da luta de emancipação dos povos da América Latina. Sem demagogia e sem efeitos oratórios, sua intervenção foi um belo exemplo de coerência política impossível de ser esquecido.

Já de acordo com Almeida (2018, p. 69),

Em relação ao Brasil, além da sua *visita política* em 1960, Sartre *intervém* em dois momentos. O primeiro, com a publicação de um texto no qual analisa, essencialmente, as condições econômicas e políticas que possibilitaram o golpe a instauração da ditadura militar brasileira em 1964. Na verdade, o texto é a transcrição de sua alocução realizada em Paris, em um encontro de solidariedade às vítimas da tortura sob o

²⁸⁹ ANÁLISE DE UM MANIFESTO, 12/07/1968, p. 1.

governo do general Médici (1969-1974) em 29 de janeiro de 1970. Sartre deixa claro, no entanto, que seu protesto não objetiva a sentir pena das vítimas, mas ao contrário, “associar-se ao seu combate”. O segundo se dá com a assinatura de uma petição encaminhada ao governo ditatorial do general Geisel (1970-1979). O documento corrobora o recrudescimento da repressão política e sindical no Brasil conforme notícia *Le Monde*: “Brésil: plusieurs personnalités françaises protestent contre ‘l’aggravation de la situation politique’”.

Ou seja, o jornal francês aponta para o protesto de diversas personalidades francesas conte o agravamento da situação política. A nota parece bastante próxima ao que informa a reportagem de *O Globo*, mas com uma ligeira diferença: a publicação de *Le Monde* é de 1977. Já o texto proferido na Mutualité em janeiro de 1970, é intitulado *O povo brasileiro sob o fogo cruzado dos burgueses* e pode ser encontrado em tradução livre de Rodrigo Davi Almeida em seu livro de 2009 (p. 113-117), onde é analisado.

Um pequeno conjunto de quatro reportagens faz menção às manifestações estudantis ocorridas no país em consonância com aquelas de Paris em maio de 1968 e mencionando Sartre e seu existencialismo. A primeira peça é uma análise dos elogios feitos pelos representantes estadunidenses da Aliança para o Progresso²⁹⁰. O Sr. Cover T. Oliver, Secretário Adjunto de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, em visita ao Nordeste, se impressionou com o desenvolvimento local. O mesmo Oliver, “indagado sobre as repercussões da crise político-estudantil brasileira no programa de ajuda norte-americana ao Brasil, respondeu [...] que ‘os programas de governos e instituições internacionais não podem ser afetados por oscilações internas (...)’”²⁹¹. Sobre os movimentos estudantis, diz ele que

o problema dos estudantes em todo o mundo tem aspectos negativos e positivos. ‘Eles querem – frisou – uma reforma no ensino, e estão certos, porém suas manifestações nunca devem sair das universidades, indo a outros campos que desconhecem, para tirar **conclusões impressionantes ou existencialistas**. Os estudantes devem ater-se à melhora do ensino [...] não é recomendável eles tentarem resolver problemas além dos muros da universidade.’²⁹²

É cômico o tom da reportagem, perceptível já no título, *Progresso do Nordeste impressiona Aliança*. A todo tempo, parece que se lê a apresentação de uma criança à espera de elogio dos pais. Cada congratulação vinda de Covers é celebrada. Em sua fala, este parece ressuscitar a moda existencialista. Entretanto, penso que, ao mencionar o existencialismo, Covers se refere a posicionamentos políticos similares ao de Sartre e não à moda atrelada ao movimento existencialista.

²⁹⁰ Programa estadunidense de apoio aos países da América Latina. Visava promover o desenvolvimento econômico e social da região, freando a expansão do socialismo.

²⁹¹ PROGRESSO DO NORDESTE IMPRESSIONA ALIANÇA, 15/07/1968, p. 19.

²⁹² PROGRESSO DO NORDESTE IMPRESSIONA ALIANÇA, 15/07/1968, p. 19. Grifos meus.

Similarmente, minimizando a importância das manifestações estudantis, uma reportagem destaca falas de Cohn-Bendit, um dos líderes do maio de 1968 na França.

(...) para ele, os movimentos jovens em países subdesenvolvidos são extemporâneos. Os agitadores do Terceiro Mundo, segundo Bendit, conseguirão apenas destruir o capitalismo interno e substituí-lo pelo internacional. A agitação deve, pois, ser uma atividade exclusiva das nações desenvolvidas...²⁹³

Movimentos extemporâneos ou precipitados diante desses dois olhares estrangeiros, as manifestações dos estudantes são relevantes no Brasil de então. Aarão Reis Filho (1998) aponta como diversos atores sociais participaram dos eventos de 1968 no Brasil, dentre os quais destaca os trabalhadores, com os movimentos grevistas, os estudantes secundaristas e universitários, as artes e a ala progressista da Igreja Católica. Para o autor, diferente da posição de Zuenir Ventura (2013), para quem o ano não haveria terminado, 1968 não apenas terminou como durou pouco:

O ano, a rigor, foi curto, durou um semestre. Fechado pelas grandes manifestações ocorridas no Rio de Janeiro, a dos Cem Mil e dos Cinquenta Mil, em fins de junho e começo de julho. Passeatas, ocupações, protestos, comícios, lutas de rua, em todo o país, e sobretudo nas capitais dos Estados, mas não apenas nelas, também em cidades médias e pequenas, uma explosão de inconformismo e ousadia, apoiadas por uma imensa corrente de simpatia e solidariedade nas cidades, amplificada pela mídia descontente com o governo. (AARÃO REIS FILHO, 1998, p. 33)

A força do movimento diz respeito ao fato de que ele não lutava “apenas *contra*, mas *por* interesses tangíveis, concretos” (AARÃO REIS FILHO, 1998, p. 33. Grifos no original), mas tais manifestações vão se arrefecendo ao longo do ano, em uma “espiral de repressão-protesto-mais repressão-ainda protestos (...) A curva descendente de um movimento colhido pelo impasse. A curva ascendente de uma repressão que já não provoca indignação e ira, mas intimidação e medo” (AARÃO REIS FILHO, 1998, p. 34).

Em função das reportagens, destaco aqui os elementos estudantis do movimento de 1968 no Brasil. Se esse grupo parece ter assistido ao Golpe de 1964 e ao incêndio do prédio da UNE neste mesmo ano com avidez ou impassível, em 1965 já começaram a espocar movimentos que, em 1966, culminam com a Setembrada, movimento de manifestação contra a repressão em diversas cidades. 1967 é marcado por certo refluxo do movimento, que passa a se organizar localmente e pensando em como reivindicar a partir das escolas e universidades, apontando para pautas imediatas dos estudantes. Parte dessas ações locais foi invadida pela polícia militar no Rio de Janeiro, levando ao assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto em março de 1968 (AARÃO REIS FILHO, 1988).

²⁹³ REPORTAGEM SOCIAL, 31/08/1968, p. 4.

Se a morte de Edson Luís provoca novo refluxo do movimento, ele será retomado em junho, quando “exprimirá a maturação de uma discussão mais elaborada das reivindicações: verbas, vagas, currículos, método de ensino, relações entre professores e alunos” (AARÃO REIS FILHO, 1988, p. 15). Junto com os outros movimentos organizados, como indicado anteriormente, dois momentos são marcantes das mobilizações de 68 no país: a Passeata dos Cem Mil, realizada em 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro, e a Marcha dos 50 Mil, em 03 de julho do mesmo ano, última manifestação pacífica do período, marcando o início da espiral ascendente de repressão já apontada por Reis Filho. Em uma análise no documentário *Anjos de Ipanema* (CONCEIÇÃO SENNA, 2018), Luiz Carlos Maciel apresenta leitura de que maio de 68, na França, é movimento caudatário das revoltas contra a Guerra do Vietnã e que, no Brasil, é voltado ao combate à ditadura de modo mais amplo, sem demarcar os diferentes atores sociais que participam dos movimentos.

Em setembro, uma manchete informa que extremistas estavam causando terror no IFCS-UFRJ²⁹⁴. Vale lembrar que a instituição já havia sido mencionada, quando ainda trazia os nomes de FaFi, em função de palestra de Sartre, e FNFi, em torno das disputas entre alunos e a professora Vanda Torok. Narra-se que os estudantes se manifestavam para obter o afastamento de todos os professores não-marxistas, impedindo a realização das aulas e paralisando as atividades acadêmicas. A fonte utilizada para algumas afirmações são “observadores” nunca identificados, que relatam que o grupo de estudantes era apoiado por três professores “esquerdistas” e tinha “cunho ideológico e econômico”²⁹⁵.

Tudo se iniciou quando dos embates pela votação de um novo regimento interno. Uma professora cedeu espaço para que dois alunos “esquerdistas” falassem. Assim, “o grupo esquerdista abusou da tática da lavagem cerebral”, conseguindo aprovar que cada Departamento do Instituto seria autônomo para se organizar, o que englobaria critérios que concedem grande liberdade à instituição. De todo modo, tendo seguido o regimento para homologação do Conselho Federal de Educação, foi acolhido com implantação prevista para o ano letivo seguinte, o que serviu de estopim para a rebeldia “[d]os elementos esquerdistas”, que passaram a defender uma pauta “anárquica”, a abolição das aulas expositivas, os professores definidos com alunos temas que estes, mediante pesquisa, deveriam apresentar em forma de Seminários²⁹⁶.

²⁹⁴ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

²⁹⁵ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

²⁹⁶ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

Diante desse impasse, houve reunião de docentes com a gestão do Instituto. Nesta, o professor Gerardo Dantas Barreto registrou que ele e outros professores vinham sendo perseguidos por alunos e que gostariam de ver o IFCS se posicionando em prol dos professores “com o mesmo empenho que se interessava pela defesa dos alunos”. Dentre os “vetados”, figuravam: “Gerardo Barreto Dantas, de Teoria do Conhecimento e Introdução à Filosofia; Celso Lemos, de Lógica Clássica; Marion Pena, de Psicologia; Eduardo Prado de Mendonça, de História da Filosofia; Emanuel Carneiro Leão, de Teoria do Conhecimento (...)”. Já “os três professores que estão determinando as novas diretrizes no Instituto, estimulando os alunos esquerdistas, são José Américo Peçanha, atual diretor do Departamento de Filosofia; Sérgio Fernandes, seu assistente; e Luís Alberto.” Este último é considerado o verdadeiro mentor da revolta e estaria preparando um “seminário sobre Marx e Hegel”. Os três professores são acusados de dar continuidade ao trabalho de Álvaro Vieira Pinto, “cassado pela Revolução de 31 de março”²⁹⁷.

De acordo com o relato de um professor que pediu sigilo ao jornal, a maior parte dos alunos manifestantes é medíocre, sendo que “alguns são extremamente vaidosos e não querem saber de estudar o que o currículo recomenda. Interessam-se por temas paralelos em que **Marx e Marcuse são as duas grandes vedetas**”²⁹⁸. Diante disso, a reportagem afirma que nem no tempo intranquilo e cheio de greves do governo João Goulart, tiveram os comunistas tanto poder. “A Revolução deve olhar para o episódio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais como um alerta para acontecimentos piores”²⁹⁹.

Para alguns, os três professores e seu grupo de alunos esquerdistas não têm uma orientação definida. **Ora são marxistas, ora intelectuais à la Sartre e Simone de Beauvoir.** Apresentam-se também ora como neopositivistas, ora como elementos da esquerda festiva. Uma interpretação geral sobre os fatos chega até a atribuir-lhes interesse de ordem econômica. Isto é, apoderando-se do controle do Instituto, estarão em condições de usufruir dos altos salários acepados aos professores universitários pelo Governo. Assim, eles seriam, no momento, meros oportunistas.³⁰⁰

A posição de um dos professores atacados pelos alunos, Tarcísio Leal, segue atual para o cenário hoje vivido no Brasil – afinal, a que serve a retórica da “balbúrdia”?

Na minha opinião, o que está ocorrendo é um processo que interessa tanto à extrema direita como à extrema esquerda, visando a desmoralização dos administradores do corpo docente. Para os da direita, porque dá margem à intervenção e à transformação em Fundação; e para a extrema esquerda, porque oferece motivos permanentes de reações violentas.³⁰¹

²⁹⁷ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

²⁹⁸ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3. Grifos meus.

²⁹⁹ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

³⁰⁰ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

³⁰¹ EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE, 04/09/1968, p. 3.

Sartre e Beauvoir são modelos do movimento, ao lado de Marx e Marcuse. Este, porém, desaparece na interpretação dos fatos por *O Globo*, o que talvez se deva à ampla disseminação que os nomes de Marx, Sartre e Beauvoir já tinham no Brasil. Ao citá-los, fica patente para o leitor que se trata de um movimento, como se dizia, “de caráter comunizante”, o que talvez não fosse ainda tão explícito pela menção a Marcuse³⁰².

Um mês e meio depois, comenta-se o discurso proferido na Escola Naval pelo vice-líder do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o deputado Clóvis Stenzel, sobre as manifestações estudantis. Stenzel afirma que estes movimentos são falsamente democráticos, pois na verdade seriam “um movimento internacional, guiado pelos partidos comunistas”³⁰³. A falsa impressão de democracia seria proveniente das pautas de justiça social, valorização do homem e liberdade individual e social, mas “a revolução deflagrada pelos estudantes alemães, franceses e americanos é de caráter anárquico e, por isso, sem valor ético”³⁰⁴.

Dentro do raciocínio de que o movimento estudantil é internacional, o parlamentar acentuou, em determinado momento:

– Que é internacional afirma o próprio Jean-Paul Sartre, quando assim se expressou no ‘Diálogo com Der Spiegel’: ‘Não digo que tomarão o poder amanhã, mas estou seguro que cada vez se sentem menos isolados, porque já hoje constituem um grande movimento internacional’. E no diálogo com o líder Cohn Bendit, este revela a Sartre que a revolução de maio na França fracassou devido ao PC Francês, que transacionou com De Gaulle e, por isso, a culpa não cabe aos estudantes. Ora, se os estudantes não sabem o que querem mas desejam a liderança dos PCs, que sabem muito bem o que não querem e o que querem, qual a conclusão? Os estudantes **podem ser e são os detonadores da Revolução Comunista**. Reconhecem, todavia, que não podem fazer a Revolução, simplesmente porque não dispõem de outro poder senão o de agitar, falar e contestar. O poder está nas fábricas. Quando os operários cruzarem os braços, não haverá Forças Armadas que consigam sustentar o Governo. **É o mesmo Sartre quem afirma no artigo ‘A ideia nova de Maio de 1968’ que não existe um só estudante politizado que não saiba serem só os operários capazes de fazer a Revolução.**³⁰⁵

Novamente aqui, vê-se que o perigo que Sartre representa não significa que não era lido pelos apoiadores da Ditadura. Ora seu pensamento é arregimentado como indício dos perigos comunistas – Sartre, sem saber, estaria contribuindo para a vigilância anticomunista –, ora seu pensamento é visto como o próprio perigo a ser combatido. É claro que estes papéis se misturam por vezes, mas é importante notar que, nos momentos em que o primeiro tipo de uso é feito, não há ressalvas. Sartre é como um argumento inquestionável, “insuspeito”³⁰⁶.

Em certo ponto do discurso, Stenzel afirma que denunciou, no ano anterior, na Comissão de Segurança Nacional da Câmara dos Deputados, um grupo de estudantes de Filosofia da USP

³⁰² Sobre a recepção de Marcuse no Brasil, é fundamental a obra de Jorge Coelho Soares (1999).

³⁰³ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6.

³⁰⁴ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6.

³⁰⁵ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6. Grifos meus.

³⁰⁶ O MITO DA DESESTALINIZAÇÃO, 15/01/1968, p. 1.

que estariam próximos a Cuba. O movimento só não teria ido adiante pois tais estudantes não encontraram apoio nos operários, mas os “padres ‘avançados’ da Igreja Católica” passaram a fazer o trabalho de convencimento do operariado, que os escuta com mais confiança. Estes, trabalham para um novo comunismo, de vanguarda, regido pelos “três M (Marx, Mao e Marcuse)”³⁰⁷. O atual esforço dos comunistas era se infiltrarem nas Forças Armadas. Conclama, por fim, as forças de repressão policial para atuarem, “como acontece no mundo inteiro, em países reconhecidamente democráticos” contra os estudantes, que são “minoría”³⁰⁸. Hábeis, tal minoria consegue ludibriar estudantes honestos que acabam também sendo alvo da repressão. Isso causa horror quando descoberto pela opinião pública e angaria apoio ainda para a causa comunista. Assim, era preciso cuidado ao reprimir, pois era necessário saber distinguir os alvos³⁰⁹. Como efeito colateral da fala de Stenzel, pode-se pensar na relevância ainda maior do controle sobre aquilo que a mídia poderia proferir.

Ainda Stenzel, já em maio de 1969, fala no Centro Universitário de Brasília (CEUB) contra as manifestações estudantis. Ele novamente aponta a artilharia não apenas para os estudantes, mas também para “clérigos engajados nesse movimento”³¹⁰. Segue o tom do discurso do ano anterior, buscando denunciar “A rebelião estudantil que se opera no mundo”. No entanto, há alguma modulação, talvez pelo fato da plateia ser um auditório com duzentos estudantes. Portanto, afirma que a inquietação faz parte da juventude, o problema é quando ela se funda em bases equivocadas. Recorre a “Kai Helmann”, que identifica como sendo sociólogo alemão, para afirmar que o movimento da juventude é anárquico e não comunista. Em minhas pesquisas, não encontrei um sociólogo alemão com este nome, mas sim um jornalista nascido em 1938 e cujo nome é Kai Hermann – coautor do famoso livro sobre Christiane F. À época, Hermann contribuía com o *Der Spiegel*, periódico citado por Stenzel no discurso da Escola Naval em referência a uma reportagem sobre Sartre³¹¹. De todo modo, Stenzel refuta a opinião do suposto sociólogo, afirmando que, mesmo que ele tenha razão, os PC’s saberiam se aproveitar da situação, imiscuindo-se e redirecionando o movimento.

Disse o Sr. Stenzel que os estudantes estão engajados numa luta subversiva e, embora se declarem, apenas marxistas e não comunistas, o importante é que os partidos comunistas do mundo ocidental têm dado apoio e divulgado suas ideias. Carlos Fuentes, Khon Bendit [sic], **Jean-Paul Sartre**, Rudi Teutscke, **não se dizem**

³⁰⁷ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6.

³⁰⁸ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6.

³⁰⁹ STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA..., 26/10/1968, p. 6.

³¹⁰ STENZEL MOSTRA INUTILIDADE DO PROTESTO DOS ESTUDANTES, 17/05/1969, p. 6.

³¹¹ Encontrei a reportagem no acervo do periódico, mas não há identificação do autor.

comunistas, mas servem ao Partido Comunista e, o pior, é que servem a ele como movimento de vanguarda.³¹²

Assim, penso que, se Sartre é lido por Stenzel, não o é como possível denunciador dos movimentos “esquerdistas”, mas como um informante ingênuo. Ao escrever e se pronunciar, as palavras de Sartre serviriam de bússola para a vigilância. No entanto, por outro lado, as deturpações dos conteúdos enunciados por Sartre são tão patentes que, a meu ver, qualquer escrito seria lido em chave paranoide.

Um aspecto inóspito da reportagem é que ela data de maio de 1969, quando o Ato Institucional nº 5 já vigorava há cerca de seis meses, tendo dissolvido o Congresso Nacional e tornando perenes os poderes do presidente. É estranho que Stenzel ainda seja identificado como deputado. Procurei em diferentes periódicos outros indícios desse discurso, mas *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã*, todos os quatro cariocas, e o *Correio Braziliense*, do Distrito Federal, não se referiram à ocasião.

Após a promulgação do AI-5, uma anedota debocha dos senadores depostos³¹³. Apesar do recesso de fim de ano, os senadores estavam em intensa troca de telegramas. Logo que se instaurou o último Ato, diversos foram os parlamentares que enviaram mensagem ao ditador Costa e Silva opondo-se ao feito. “Agora, depois de pensarem melhor, os mesmos – com algumas raras exceções – signatários do protesto articulam um telegrama de... apoio”. Carlos Swann, pseudônimo nesta época de Zózimo Barroso do Amaral, que saíria do jornal no fim de dezembro para assumir coluna no *Jornal do Brasil* (MOTTA, 2018), afirma em pilhéria que sofriam os senadores de “angústia sartriana”³¹⁴.

Em outra coluna social, lê-se a notícia de que Sartre foi censurado em Moscou. Como que numa “contra afirmativa”, na comprovação de que o Brasil vivia sob um regime de normalidade, arremata: “Mas são vendidas [as obras de Sartre] no Rio e em São Paulo”³¹⁵. Por outro lado, penso, se Sartre é publicado, será efetivamente lido?

Em 1967, o filósofo e dramaturgo brasileiro Luiz Carlos Maciel lança um volume sobre Jean-Paul Sartre, parte da coleção *Vida e Obra*, cujo objetivo era popularizar o pensamento de diferentes intelectuais. Maciel (1967) passeia pela produção sartriana existente até aquele momento, comentando, inclusive, obras não traduzidas para o português. Indica, ainda, caminhos para os quais Sartre pretendia seguir a partir daquele ano. Chama a atenção que, em oposição ao tanto de apropriações apressadas encontradas nos jornais, Maciel traz uma leitura

³¹² STENZEL MOSTRA INUTILIDADE..., 17/05/1969, p. 6. Grifos meus.

³¹³ REPORTAGEM SOCIAL, 26/12/1968, p. 4.

³¹⁴ REPORTAGEM SOCIAL, 26/12/1968, p. 4.

³¹⁵ IBRAHIM SUED INFORMA, 25/07/1969, p. 2.

que, embora concisa, é eficaz e adequada à apresentação do pensamento sartriano. Passeia por livros, peças, roteiros de cinema, ensaios, obras de crítica literária, biografias escritas por Sartre e pelas grandes obras filosóficas deste, evidenciando o trajeto do pensador. Acompanhando este percurso, mostra como o diálogo do filósofo com o marxismo se torna fundamental para o projeto da obra sartriana. Mesmo com essa riqueza, o livro de Maciel é um produto de fácil leitura e com fins de popularização. Não por isso, menos rigoroso. A existência de livros como o de Maciel me permite conjecturar sobre como havia materiais de qualidade em circulação apresentando o existencialismo de Sartre com linguagem simples e preço baixo. Ao mesmo tempo, acena para a qualidade do debate sobre o pensador entre jovens intelectuais, sendo importante assinalar que, quando o livro foi lançado, Maciel tinha 29 anos. Decerto que isso não nos permite afirmar que todo o diálogo foi de qualidade, que toda a juventude que citava ou pensava com ou a partir de Sartre, havia lido o filósofo, muito menos que o havia lido com rigor. Mas a criação de imagens de Sartre ao sabor das intempéries pelo jornal aponta para um *uso político do filósofo*, que é debitário da relevância de Sartre no país. Para afirmar-se o que se quer, recorre-se ao Sartre que melhor se enquadra no argumento. Há Sartre para todos, ele é um delicioso prato à moda da casa.

Falta, por fim, olharmos para as conexões entre a Igreja Católica e o pensamento de Sartre no período. Quais usos e apropriações foram realizados pela Instituição e seus partícipes?

1.3 O “exército” católico contra Sartre e o esquerdismo

É enxuto o conjunto de reportagens que aponta para a crítica católica ao pensamento de Sartre. Porém, parece-me relevante a diferença que encontrei entre o modo como a Igreja o via entre 1945-55, marcado pela preocupação com a decadência moral promovida pelo existencialismo (SOUZA, 2015), e aquele presente aqui, quando se evidencia sobretudo a vinculação do pensador com o perigo do comunismo e do marxismo, mesmo na chave religiosa. Essa “dobradinha” seria um risco para a dissolução da fé e das instituições caras ao catolicismo, como a família e a juventude. Se naqueles tempos iniciais de existencialismo a preocupação era, sobretudo, com a chamada “moda existencialista”, aqui é com o “perigo vermelho”.

A primeira reportagem retoma um velho tema. A integralidade da obra de Sartre foi incluída na lista de livros proibidos pela Igreja Católica a seus fiéis em 1948. Uma apresentação da listagem é feita, apontando para os “mais recentes condenados”, dentre os quais: “Gide e

Sartre, na França, e Moravia e Malaparte, na Itália”³¹⁶. A justificativa para a inclusão de Sartre é a “doutrina corrosiva dos Existencialistas, expressa em certas obras mais violentas de Sartre, tais como ‘La Nausée’ e ‘Le Mur’”³¹⁷.

Cinco anos depois, o *Index* seria novamente apresentado em uma extensa reportagem que ocupou quase duas páginas do periódico. Assinada pelo jornalista francês Jean Botrot com exclusividade para *O Globo*, trazia como chamada a seguinte afirmação: “O famoso ‘Index Librorum Prohibitorum’ não é o que geralmente se pensa – Suas 500 páginas são cheias de surpresa”, permitindo ao leitor compreender o tom da reportagem: curiosidades e “acertos de conta” com a lista se seguirão ao longo da matéria³¹⁸. Dentre estas, a mais curiosa e que, apesar das pesquisas realizadas sobre o tema para a dissertação, eu desconhecia, é a afirmativa de que o Santo Ofício buscava dialogar com os potenciais proscritos antes da inclusão na lista. Possibilitava-se que “os autores presumidamente bem intencionados [tenham] o cuidado de se corrigirem, aconselhando-lhes discretamente, seja não reeditarem o livro, seja fazerem numa segunda edição certas supressões ou modificações”. Entram na lista os “recalcitrantes”³¹⁹. Imediatamente, passo a imaginar Sartre, em 1948, o autor que recusaria o Nobel com declarações contundentes, respondendo uma tal ligação.

A essa curiosidade se segue ainda outra: obras já consideradas, de partida, de ataque aberto à Igreja ou de conteúdos considerados “licenciosos” não entram para a listagem, sendo já consideradas banidas “*ipso facto*”, ou seja, pelo próprio fato evidente de sua existência tal e qual³²⁰. Assim, Sartre, por constar da lista, não foi considerado, *ipso facto*, autor condenado. No rol daqueles que passaram direto à proibição, Marques de Sade é o exemplo da reportagem. O insuspeito diálogo de Sartre com algum cura romano pedindo alterações de sua obra terá existido?

Outro dado relevante da matéria de Botrot é a indicação de que, mesmo as obras proibidas, não o são para fins de estudo. Desde as pesquisas da dissertação, me intrigava como, após a inclusão das obras de Sartre na lista, havia tantos padres oferecendo palestras no Brasil sobre ela – fato que se repete aqui. Isso me intrigava, mesmo que o conteúdo das palestras fosse crítico ao pensador. A explicação talvez seja exatamente esta: não era vedado aos católicos estudá-lo³²¹.

³¹⁶ O INDEX E AS SUAS ORIGENS, 18/04/1955, p. 1.

³¹⁷ O INDEX E AS SUAS ORIGENS, 18/04/1955, p. 1.

³¹⁸ O VATICANO DE JOÃO XXIII, 14/04/1960, p. 1.

³¹⁹ O VATICANO DE JOÃO XXIII, 14/04/1960, p. 1.

³²⁰ O VATICANO DE JOÃO XXIII, 14/04/1960, p. 1.

³²¹ O VATICANO DE JOÃO XXIII, 14/04/1960, p. 1.

Na reportagem, Sartre e Beauvoir aparecem como exemplos de autores proibidos. Aquele, tal qual Gide e Moravia, pela integralidade de sua obra. Esta, apenas por seus dois últimos livros³²². Procurei quais seriam estas duas obras de Beauvoir e a única informação confirmada é de que sua grande obra *O Segundo Sexo* fora vetada. Publicada em 1949 em dois volumes, estaria a reportagem fazendo referência aos dois tomos que compõem a mesma obra? A inclusão se deu em 1956 (KIRKPATRICK, 2020).

A extinção da sessão de censura literária da Igreja só chegaria em 1966 e sem significar ausência absoluta de proibições, mas sim uma mudança das premissas destas por decisão do Papa Paulo VI. Extinguiu-se o nome Santo Ofício bem como a lista existente naquele momento³²³.

Interdições à parte, era preciso seguir comentando as obras consideradas perigosas, mesmo durante a vigência da afamada lista. Em 1965, Antonio Olinto homenageou o falecido padre Teilhard de Chardin. A memória se deu em função dos dez anos de morte do cura e da criação, por iniciativa do General Severino Sombra, da Sociedade Teilhard de Chardin. O texto de Olinto afirma que, mesmo obras do padre sobre Paleontologia, como *La place de l'homme dans la nature*, tem um tom existencialista, mas no sentido de uma fenomenologia humanista que, a todo instante, apresenta o homem como tendendo a se reunir com Deus³²⁴. Chardin, que vivera um período na China, volta para Paris no pós-guerra e se engaja na discussão sobre o valor espiritual do organismo humano com o filósofo existencialista cristão Gabriel Marcel. A reportagem não faz aceno ao existencialismo de Sartre. Foi encontrada pelo uso do termo *existencialista*, mas permite ver como há a valorização do papel do existencialismo cristão no meio político brasileiro – vide iniciativa de Severino Sombra – e no meio literário – vide Olinto dedicar uma coluna inteira ao Padre. Sombra, aliás, realizou ciclo de palestras em um curso chamado *Teilhard de Chardin*, sendo o tema da 11ª aula “O mecanismo totalizador. Compressão, organização e conscientização. Um mundo que converge. Personalismo, Ruber e Sartre. Desumanização e humanidade”³²⁵.

O elogio ao existencialismo cristão também aparece em comentário ao pensamento do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, demarcando que é distante do de Sartre, pois “Sartre, ateu, é outra coisa”³²⁶. Essa distinção torna ainda mais curiosa a nota da coluna *Notícias*

³²² O VATICANO DE JOÃO XXIII, 14/04/1960, p. 1.

³²³ O PAPA EXTINGUE SEÇÃO DE CENSURA LITERÁRIA, 09/02/1966, p.8.

³²⁴ PORTA DE LIVRARIA, 10/04/1965, p. 6.

³²⁵ CURSO CHARDIN, 02/08/1966, p. 9. Grifos meus.

³²⁶ A COPENHAGUE DE KIERKEGAARD, 03/01/1966, p. 9.

*Ecumênicas*³²⁷, que informa que um padre estava lançando em Roma o primeiro volume da Enciclopédia do Ateísmo, cujo próximo número versaria sobre “a origem do ateísmo contemporâneo como o marxismo-leninismo, o existencialismo, o neo-positivismo para citar algumas filosofias”. Obra insólita também é a *Cartas a um descrente*, livre tradução de *Lettres à un mécréant*, da freira Marie-Yvonne O. S. B., que antes de se tornar irmã, foi atriz da Comédie Française. Suas “cartas” são endereçadas, dentre outros, a Sartre³²⁸.

Reforçando a leitura presente na tal Enciclopédia do Ateísmo, a consideração do pensamento marxista em conexão com a vertente ateísta do existencialismo serve para reforçar o perigo desta corrente de pensamento. É o que se pode ver, por exemplo, abaixo:

Pelo sim pelo não, ao que parece, o Evangelho Ecumênico deixou Marcos, Lucas, Matheus e João no arquivo do Concílio. **Os ventos ‘progressistas’ fizeram novos evangelistas: Marx, Marcuse, Freud e Sartre.** Diante destes novos ‘evangelistas’, que emergiram com o ecumenismo, Theillard de Chardin, por exemplo, seria um mero comentarista do Evangelho.³²⁹

Dentre todos os elementos que apontam para os riscos destes “evangelistas”, um *fait divers* se destaca: a polêmica em torno de um afresco (Figura 10) na Igreja de São Francisco de Assis, na Itália³³⁰. O *Mural da Paz*, ou *Murale della Pace*, no original, criação do artista plástico italiano Ettore de Conciliis, representa diferentes personagens. Embora não seja possível identificar com absoluta certeza cada um deles na imagem³³¹, a reportagem nos informa que

Pio XII figura junto ao ex-secretário-geral do PC italiano, Palmiro Togliatti, a João XXII, ao Presidente Kennedy e Fidel Castro [...] O mural, de 22 metros de comprimento por 8 de largura, mostra o Santo [Francisco de Assis] dominando cenas de guerra e multidões, **nas quais se reconhecem, em meio a camponeses desta região, os vultos de Sartre, Alberto Moravia, Albert Einstein, Giorgio la Pira e Pablo Picasso.**³³²

Figura 10 - Murale Della Pace, de Ettore de Conciliis (Fonte: Irpiniafocus.it)



³²⁷ 02/02/1968, p. 11.

³²⁸ REPORTAGEM SOCIAL, 10/07/1969, p. 4.

³²⁹ IBRAHIM SUED INFORMA, 09/12/1968, p. 2. Grifos meus.

³³⁰ O GLOBO EM FOCO, 25/10/1965, p. 8; SÓMOS OU NÃO IRMÃOS?, 11/12/1965, p. 4.

³³¹ Além de obra sobre o Mural, que não consegui consultar (CONCILIIS, Ettore de. **Il murale della pace.** Lausanne: Skira Editore, 2015), há um vídeo disponível no Youtube em que o pintor apresenta o afresco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KleZfW0bpQc>. Acesso em 19/05/2020.

³³² O GLOBO EM FOCO, 25/10/1965, p. 8. Grifos meus.

Na **Figura 11**, abaixo, reconhecemos o filósofo Bertrand Russell, o presidente estadunidense John Kennedy e quem me parece ser Sartre (os três destacados em vermelho, em ordem da esquerda para a direita). A presença de Sartre e “esquerdistas” no mural é a origem do incômodo: como colocar tais personagens ao lado de figuras religiosas e, sobretudo, de São Francisco de Assis?! O escândalo se coaduna com leituras que apontam para o perigo dos “ventos do progresso”: uma lenta decadência estaria em curso, promovida pela inserção de elementos claramente antirreligiosos em meio a tema eminentemente cristão. Por outro lado, como não perceber na obra de Conciliis uma reverência aos temas caros ao pensamento franciscano, tais como a pobreza e a partilha? Afinal, São Francisco de Assis era um proto-comunista? Chama a atenção também o fato de que o presidente estadunidense não é mencionado no jornal, que opta por destacar apenas as figuras atreladas ao campo da esquerda. Imagino que Kennedy fosse um “homem de bem”, para usar os termos em voga no Brasil atual, e sua representação não precisava ser denunciada.

Figura 11 - Detalhe recortado de Murale Della Pace, de Ettore de Conciliis



Fonte: Irpiniafocus.it

Como vimos, o estudo das obras existencialistas ateístas não era vedado aos religiosos. Penso, inclusive, que a proximidade destes em relação ao pensamento possibilita certo controle de recepção. Afinal, se um cristão quiser estudar Sartre, por exemplo, poderia ser melhor que o fizesse sob a tutela de um padre. Assim, diversas palestras ministradas por religiosos emergem

do jornal. O monge beneditino Estevão Bettencourt foi um dos que teve eventos anunciados. Discutiria em seu curso se o existencialismo contribuiu para a “ascensão ou declínio da história do pensamento humano”³³³. Uma reportagem inteira foi dedicada a ele, aliás. Na ocasião, o religioso apresenta sua visão sobre Sartre: um anti-intelectualista que teve a vantagem de contribuir para o despertar da humanidade de seu torpor diante da fé e da verdade³³⁴. Um despertar que seria como um efeito colateral do pensamento de Sartre, pois conclama a humanidade para Deus e, portanto, para o existencialismo cristão, que é elogiado pelo padre. Bettencourt era da ordem do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, e foi professor em diferentes instituições de ensino de confissão católica, como a Universidade Santa Úrsula (USU), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e a Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Opinião similar tem o padre Cornélio da Silva, que escreve de Roma que os jovens têm parado de seguir o existencialismo ateu, optando pela busca de Deus³³⁵.

Bettencourt reaparecerá no periódico no mesmo ano opinando sobre projeto de legalização da prostituição no Brasil. Para ele, o tema comprovava que a ética existencialista regia a nação³³⁶. É também chamado para opinar sobre um fato ocorrido na cidade de Prato, na Toscana, na Itália: um casal havia se casado apenas no civil, o que os levou a serem condenados na justiça local, pois é fundamental que haja casamento religioso. Se não há preocupação com o pecado, como demonstra o casal, afirma Bettencourt, isso se deve ao ateísmo propagado pelo “existencialismo moderno”, que, ao negar Deus, faz com que as pessoas percam o temor de pecar³³⁷.

Os comentários de Bettencourt evidenciam a coexistência de temores: o existencialismo era responsável pela decadência moral – tal qual se denunciava entre 1945-55. Mas acresce-se a essa denúncia o temor do esquerdismo, também representado pela vertente ateísta dessa corrente de pensamento. Ao lado das reportagens já apresentadas sobre essa temática, aparece também a conferência proferida pelo “Padre Ivez Calvez, professor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Paris”, que falou sobre “os problemas do marxismo contemporâneo”, na PUC-Rio, na Escola Superior de Guerra, na Academia Brasileira de Letras e no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais³³⁸. Calvez era considerado um padre afinado

³³³ PORTA DE LIVRARIA, 05/08/1957, p. 17.

³³⁴ NÃO VIVE DA INTELIGÊNCIA O EXISTENCIALISMO DE SARTRE, 07/08/1957, p. 6.

³³⁵ SEDE DE ABSOLUTO, 19/08/1957, p. 21.

³³⁶ LEGALIZAR A PROSTITUIÇÃO..., 04/11/1957, p. 17.

³³⁷ VERBERADA A CONDENAÇÃO..., 04/03/1958, p. 6.

³³⁸ O COMUNISMO MUNDIAL ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS CAMPOS..., 01/08/1964, p. 6.

com a esquerda por setores católicos nos anos de 1960. Em entrevista concedida para a revista do *Instituto Humanitas*, Frei Betto afirma que

Para nós, o marxismo era um método de análise, não um dogma, não um catálogo de crenças. **Na prisão, por exemplo, nós, os dominicanos, dávamos aulas de marxismo aos comunistas porque, curiosamente, o melhor manual de marxismo que havia neste momento era de um padre jesuíta francês, chamado Jean-Yves Calvez, que escreveu dois tomos sobre o marxismo (...): no primeiro, apresenta o marxismo e no segundo critica o marxismo.** O primeiro tomo é uma perfeita apresentação do marxismo, com uma linguagem muito acessível e muito fiel ao que é o pensamento de Marx e, então, nós utilizávamos esse livro para dar aulas de marxismo aos marxistas. Portanto, eu diria que o diálogo cristianismo-marxismo se deu na prática (...)³³⁹

Assim, pode-se considerar que, embora tenha perspectiva crítica, as conferências de Calvez serviam como divulgadoras do pensamento marxista sem grandes deturpações. Como informa o título da reportagem, *O comunismo mundial está dividido em três campos...*, o jesuíta apresentou três diferentes tipos de marxismo no mundo contemporâneo: a “facção” do marxismo ocidental, que retoma Marx e o comunismo, mas em perspectiva existencialista; a dos russos, mais preocupados com os problemas políticos internos do que com as discussões em torno da dialética; e a da China, que fazia um retorno a Lênin³⁴⁰.

Embora não cite Sartre diretamente, Calvez reconhece a importância do pensamento existencialista contemporâneo para as discussões marxistas no continente europeu naquele tempo. É inusitado que a palestra, que não aparenta ter perspectiva de crítica negativa ao pensamento de Marx, tenha sido também proferida na Escola Superior de Guerra há quatro meses já iniciados da Ditadura Civil-Militar. Em que pese que esta começa de forma menos truculenta do que se mostraria em anos posteriores, é inusitado que tenham acolhido tal palestra.

De todo modo, a perspectiva de Calvez não é um consenso na Igreja. Dois anos antes, um dos temas debatidos no Concílio Ecumênico Vaticano II foi justamente o quanto o pensamento de Kant, Marx e Sartre deveriam ser analisados em virtude seu conteúdo ateu. Afinal, estariam conduzindo o mundo contemporâneo para uma existência sem Deus que caminharia para o materialismo. A América Latina, aliás, “em particular, é objeto de preocupação, quer pelos problemas sociais, quer pela carência de clero, [...] está a reclamar uma assistência urgente tanto espiritual quanto material, **para não cair em mãos de doutrinas materialistas**”³⁴¹.

³³⁹ A FÉ NÃO É UMA IDEOLOGIA..., 2012. Grifos meus.

³⁴⁰ O COMUNISMO MUNDIAL ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS CAMPOS..., 01/08/1964, p. 6.

³⁴¹ O VERDADEIRO SENTIDO DO CONCÍLIO..., 10/10/1962, p. 2. Grifos meus.

Ainda sobre o Concílio, que terminou em dezembro de 1965, diz-se que a reunião “reafirmará as grandes doutrinas do cristianismo para o mundo, que, de **uma mentalidade existencialista** ou relativista, [se] **tornou anêmico e destituído de heroísmo**”³⁴². Por outro lado, poucos meses adiante, informa-se que, na Bélgica, um padre havia adotado trajes e decoração “existencialista” para atrair a juventude³⁴³. Infelizmente, a reportagem não traz fotos e não as encontrei por outros meios...

O papa seguinte, Paulo VI, também falará sobre sua preocupação com a juventude existencialista e a necessidade de resgate dessa, pois tais jovens querem gozar a vida sem compreender que esta se trata de um dom sublime³⁴⁴. A mesma temática se repete em *A Igreja não deseja ser dona do desenvolvimento*³⁴⁵, de quatro anos depois, afirmando que o marxismo e o existencialismo têm papel na incompreensão dos jovens sobre a vida religiosa. As falas do papa se dão ainda no contexto do Concílio Vaticano II.

A reunião, em setembro de 1965, aliás, passou a discutir a atuação da Igreja sobre o controle de natalidade. De acordo com o bispo de Diamantina, havia temor de que a solução para a questão, “ao favorecer o fenômeno logismo-existencialismo o documento [do Concílio] arrisca-se a favorecer o [...] marxismo”, não sendo necessário mudar a posição da Igreja sobre o tema³⁴⁶. No cerne da discussão, um dos temas era a liberação da pílula anticoncepcional para as mulheres católicas, o que retorna à pauta em 1968, três anos após o fim do Vaticano II. De acordo com a opinião de um Monsenhor, “as críticas à encíclica [documento papal que proíbe o uso do medicamento] foram feitas por **ateus, existencialistas e ‘fabricantes de pílulas anticoncepcionais’**”³⁴⁷.

Diante de todo o exposto até aqui, pode-se ver distintos usos do pensamento de Sartre para fins políticos, a religião sendo compreendida em sua interface com a política. Alguns tópicos que emergem do diálogo da Igreja Católica com o pensamento existencial serão retomados pelas colunas de Nelson Rodrigues, que critica o que ele chama de “padres de passeata”, signo dos tais “ventos do progresso” aqui denunciados. Esse é um dos temas de nosso próximo capítulo, quando a literatura de Sartre e sua figura como literato é o centro do debate. Por ora, deixemos de lado essa miríade de *sartres* que anima a política mundial e brasileira.

³⁴² UM APELO AO BOM-SENSE A PALAVRA DE JOÃO XXIII, 15/10/1962, p. 6. Grifos meus.

³⁴³ AO LEITOR, O JULGAMENTO, 01/02/1963, p. 1.

³⁴⁴ PAULO VI LAMENTA TRISTEZA..., 18/08/1964, p. 8.

³⁴⁵ 12/02/1968, p. 17.

³⁴⁶ OS LIBERAIS DO CONCÍLIO..., 23/09/1965, p. 8.

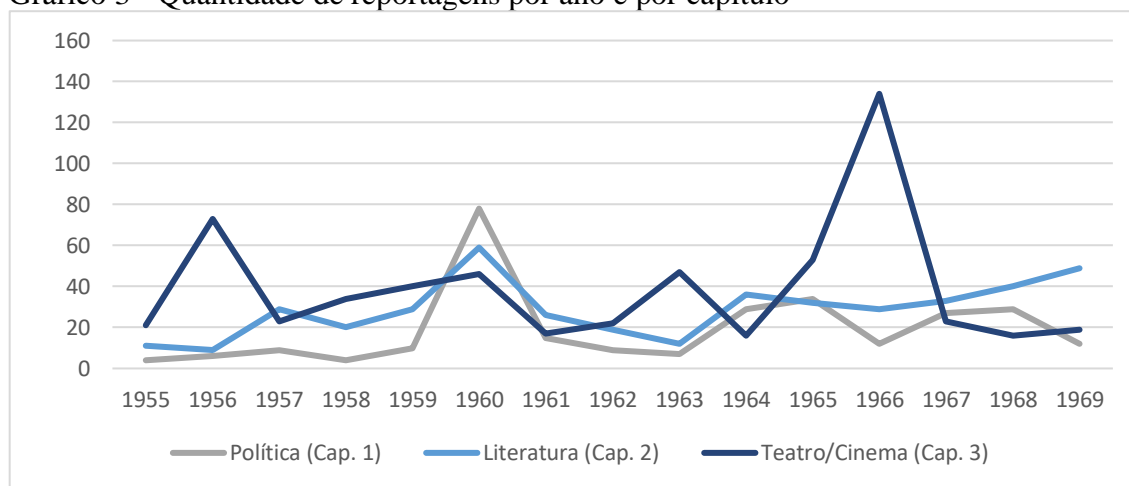
³⁴⁷ VATICANO: PÍLULA NÃO É CASO GALILEU..., 06/08/1968, p. 12.

2 SARTRE EM SOPA DE LETRINHAS

O filósofo Leandro Konder (2000b), analisando relações entre intelectuais e movimentos de direita e esquerda nas décadas de 1920 e 1930, aponta para característica comum às relações entre *intelligentsia* e a esquerda. Foram muitos os pensadores que estabeleceram diálogos profícuos com o marxismo e/ou comunismo sem que, contudo, tivessem se filiado ao Partido Comunista. É o caso do dramaturgo Bertolt Brecht e do pensador Walter Benjamin. Konder não situa Sartre entre seus exemplos, já que este ainda não havia alcançado projeção até o fim dos anos 1930, mas o coloca no rol dos grandes escritores europeus. Não penso que isso se dê ao acaso: o Sartre brasileiro, como se demonstra neste capítulo, é um filósofo que tenta ser político, tarefa em que é apresentado como medíocre, mas segue sendo grande escritor, dramaturgo e propagador de modismos.

Se no capítulo anterior foi àquele Sartre que nos endereçamos, neste analisaremos os numerosos indícios que apontam para as apropriações feitas do pensamento de Sartre tomando por base o mundo literário. Afinal, como indicou o gráfico 1, repetido abaixo, Sartre foi muito mais tomado como figura do mundo literário do que do mundo político em *O Globo*, sobretudo se considerarmos que o dramaturgo é também um autor³⁴⁸.

Gráfico 3 - Quantidade de reportagens por ano e por capítulo



No conjunto de reportagens que tomam o filósofo por sua escrita, destacam-se comentários sobre: divulgação de lançamentos e críticas de obras de Sartre, via de acesso a sua imagem e circulação no país; a menção a uma produção brasileira considerada existencialista;

³⁴⁸ O papel de Sartre como dramaturgo será comentado no próximo capítulo.

e, por fim, os literatos Antonio Olinto e Nelson Rodrigues como comentadores de Sartre. Será esse o caminho que empreenderemos nas páginas que se seguem.

2.1 Literatura: Sartre comido com os olhos

Uma pequena pérola abre a sequência de menções à escrita de Sartre. Em *Fichário*, coluna literária em que trechos de obras de diversos autores são citados em português, aparece tradução de trecho de *Baudelaire*, biografia do poeta francês publicada por Sartre em 1947, **até hoje não lançada no Brasil**. As edições deste livro que encontrei em sites de sebos virtuais são francesas (mais de uma), americana e espanhola. Mas, em 1955, um pequeno trechinho podia ser lido em nossa língua:

A atitude original de Baudelaire é a de um homem curvado. Curvado sobre si mesmo como Narciso. Não há nele consciência imediata que não seja traspassada por um acerado olhar. Para nós todos, basta ver a árvore ou a casa; absorvidos em contemplá-las, esquecemo-nos de nós. Baudelaire é o homem que não se esquece nunca de si mesmo. (Sartre - Baudelaire)³⁴⁹

A presença desse trecho traduzido possibilita compreender que obras de Sartre circulam no idioma original no país e que há interesse pela leitura de um trecho do filósofo. Caso contrário, não se publicaria. Ao mesmo tempo, note-se a falta de qualquer contextualização sobre a obra. Penso que isso seja outro indício de uma divulgação oral dos livros que, então, podem ser mencionados sem que sejam minimamente apresentados. *Baudelaire* só será referenciado novamente em 1959, quando os diários do poeta são lançados na França. O literato Antonio Olinto informa que o texto de Sartre sobre ele “provocou debates em 1946”³⁵⁰.

Este é um dos fragmentos encontrados em *O Globo* que apontam para a presença de Sartre como escritor. Veremos que tal presença é variada. Em diversos momentos, Sartre aparece apenas como indicação de lançamento de livro, seguida (ou não) dos registros do sucesso editorial da obra. Noutras, torna-se assunto para debates e análises. Nas entrelinhas, conhecemos como o mercado editorial brasileiro serviu ou deixou de servir o delicioso prato existencialista aos leitores famélicos.

³⁴⁹ LITERATURA, 02/02/1955, p. 3. Não considero *apud*, uma vez que não há tradução da obra no Brasil. Não há menção ao fato de que seja uma tradução livre e, tampouco, quem é o responsável por ela. No original, encontrei o trecho traduzido. Lê-se: “L’attitude originelle de Baudelaire est celle d’un homme penché. Penché sur soi, comme Narcisse. Il n’y a point chez lui de conscience immédiate qui ne soit transpercée par un regard acéré. Pour nous autres, c’est assez de voir l’arbre ou la maison ; tout absorbés à les contempler, nous nous oublions nous-mêmes. Baudelaire est l’homme qui ne s’oublie jamais” (SARTRE, 2006, p. 23)

³⁵⁰ PORTA DE LIVRARIA, 05/10/1959, p. 13.

Em toda essa construção, Antonio Olinto é personagem de destaque. Ganhará relevo adiante pelas colunas em que expressa mais diretamente sua visão sobre Sartre, mas, por ser normalmente o responsável pelo registro das publicações e sucessos de vendas, irá aparecer ao longo de todo o capítulo. É o caso, por exemplo, de um episódio intrigante. Lançado em 1945, *A idade da Razão* é a primeira parte de uma tetralogia cujos dois tomos seguintes, *Sursis* e *Com a morte na alma*, seriam lançados, respectivamente, em 1947 e 1949, compondo a *Trilogia Caminhos da Liberdade*. A quarta parte, inacabada, teve trechos publicados em *Les Temps Modernes* sob o título *La question*. Em 1957, Antonio Olinto anuncia que uma tradução deste primeiro volume seria lançada naquele ano. Realizada por Sérgio Milliet e editada pela Difusão Europeia do Livro (DIFEL), o lançamento é dado como novidade. Olinto abre o texto afirmando que

Depois de “O Muro”, pouca atenção foi dada, no Brasil, à tradução de obras de ficção de Sartre. [...] A tradução de ‘A Idade da Razão’ virá colocar o leitor brasileiro comum em posição de conhecer algo do que tem esse homem estranho a dizer a seus companheiros de tempo.³⁵¹

A assertiva causa estranheza. *O Muro* fora lançado em 1948 pela editora paulista Instituto Progresso Editorial (IPE), de Francisco Matarazzo Sobrinho. Tentei compreender o motivo da confusão de Olinto. De acordo com Juliana Neves (2011, p. 125-126. Grifos meus), em pesquisa sobre o IPE,

O nome desta editora revela muito do espírito de seus idealizadores e, conseqüentemente, de seu projeto que buscou promover uma renovação de impacto no mercado editorial vigente. Apesar do entusiasmo que a proposta causou no meio intelectual paulistano, o IPE teve curto tempo de vida. A editora começou as suas atividades em 1947 e fechou as portas já em 1949. Talvez essa seja uma das razões da obscuridade que a envolve.

[...]

Do universo de autores internacionais contemporâneos da época, o IPE difundiu muitas obras como, por exemplo, *O zero e o infinito* de Arthur Koestler (trad. Domingos Mascarenhas); *O muro* (trad. H. Alcântara Silveira) e *A idade da razão* (trad. Sergio Milliet) de Jean Paul Sartre; *Santuário* de William Faulkner (trad. Ligia Junqueira Smith); *Os velhos e os moços* de Luigi Pirandello (trad. José Geraldo Vieira); *Leviatã* de Julien Green (trad. Almeida Salles).

A Idade da Razão havia sido lançado pelo IPE em 1949 e já com a tradução de Milliet. A confusão, portanto, talvez se explique por aquilo que a pesquisadora afirma: a editora durou pouco tempo e ficou envolta em obscuridade. De todo modo, o mesmo Milliet poderia ter, tranquilamente, corrigido Olinto, o que não ocorreu. Além disso, o texto de Olinto defende a importância de que o público brasileiro possa conhecer a literatura de Sartre, quando, em

³⁵¹ PORTA DE LIVRARIA, 07/03/1957, p. 2. Grifos meus.

verdade, já o conhecia. Penso que pode se tratar de uma estratégia de divulgação do lançamento, mas isso não pode ser afirmado.

Já no mês seguinte, em 03 de abril, informa-se o efetivo lançamento da obra, que já estava à venda nas livrarias de São Paulo³⁵². Sem receber a mesma atenção, no mesmo mês há relançamento de *O Muro*, também em São Paulo. Em 17 de abril, esta obra figura em segundo lugar na lista dos livros mais vendidos: “Dentre os [livros] estrangeiros, ‘O Muro’, de Jean-Paul Sartre, teve um aparecimento fulminante. Sua venda em São Paulo – a cidade do Brasil de maior índice de saída *per capita* de livro – foi enorme”³⁵³.

Só em junho *A idade da razão* passa a figurar ao lado de *O Muro* na lista dos mais vendidos³⁵⁴. Na ocasião, Olinto faz levantamento dos primeiros seis meses de publicação da lista de *best sellers* no jornal e informa que, dentre outros, *O Muro* foi um dos campeões de venda do semestre. O fato de que ambas as obras tenham se tornado *best sellers* confirma a impressão de Olinto de que havia demanda pela literatura de Sartre.

Sucesso similar tem o lançamento de *Sursis*, no fim de 1958, que aparecerá seis vezes na lista de mais vendidos³⁵⁵. O romance também foi editado pela DIFEL, que, em 31 de março, anunciou obras de seu catálogo, evidenciando que também havia lançado *A Convidada*, romance de Simone de Beauvoir³⁵⁶. Aliás, dentre os livros da pensadora, os lançamentos do primeiro volume de suas memórias, *Memórias de uma moça bem comportada*, no fim de 1959³⁵⁷, e o volume *La force des choses* (*A força das coisas*, na tradução em português) quando lançado em francês em 1963³⁵⁸, ganharam destaque no jornal. Esta segunda obra é alardeada pela promessa de conter análise sobre a vinda de Beauvoir e Sartre ao Brasil, bem como revelações sobre ambos³⁵⁹. De acordo com Elsie Lessa, importante jornalista e cronista brasileira, um dos valores de se ler Beauvoir, é poder conhecer Sartre e a *rive-gauche* parisiense³⁶⁰, evidenciando, também no mundo literário, uma apropriação problemática do papel de Beauvoir como secundária a Sartre. Outras ocasiões em que uma tal apresentação de Beauvoir ocorre serão apontadas ao longo do capítulo.

³⁵² ITINERÁRIO, 03/04/1957, p. 8.

³⁵³ PORTA DE LIVRARIA, 17/04/1957, p. 9. Grifos no original.

³⁵⁴ PORTA DE LIVRARIA, 14/06/1957, p. 3.

³⁵⁵ PORTA DE LIVRARIA, 17/12/1958, p. 12; PORTA DE LIVRARIA, 31/12/1958, p. 2; PORTA DE LIVRARIA, 16/01/1959, p. 10; PORTA DE LIVRARIA, 30/01/1959, p. 7; PORTA DE LIVRARIA, 16/02/1959, p. 10; PORTA DE LIVRARIA, 02/03/1959, p. 14.

³⁵⁶ LIVRO É MAIS DO QUE PRESENTE..., 31/03/1959, p. 3

³⁵⁷ PORTA DE LIVRARIA, 30/10/1959, p. 5.

³⁵⁸ REPORTAGEM SOCIAL, 17/09/1963, p. 4.

³⁵⁹ PORTA DE LIVRARIA, 16/06/1964, p. 12. Esta promessa é cumprida pela obra, que relata a visita pelo país (BEAUVOIR, 2018a, p. 495-557).

³⁶⁰ GLOBETROTTER, 28/12/1964, p. 1.

Não eram apenas os romances que tinham público certo. Tiveram boas vendas no Brasil edições argentinas em espanhol de peças de “Brecht, Camus, Sartre, Gabriel Marcel e Chesterton, publicados em Buenos Aires, [e que] desaparecem das livrarias do Rio assim que aqui chegam”³⁶¹. A nota não informa o título das obras, mas permite afirmar que as peças teatrais também são procuradas. Ao mesmo tempo, confirma que o público leitor pertence a certa intelectualidade que, minimamente, lê obras em espanhol.

A mesma nota afirma que editoras nacionais, como a Agir e a Civilização Brasileira, querem publicar roteiros teatrais³⁶². Poucos dias depois, lê-se justamente que a Civilização Brasileira planejava o lançamento de *Nekrassov* nos próximos meses, ainda em 1957. A peça, comentada no capítulo anterior em função da crítica de Sartre à imprensa anticomunista, foi lançada em 1956 e teria tradução agilizada³⁶³. Mas a promessa ganha rumos diversos. Como já informado, no fim de 1958, Olinto noticia que a DIFEL lançará nova edição de *Sursis*³⁶⁴. Entre o anúncio de *Nekrassov* e este aqui, nada mais se falou sobre lançamentos de obras de Sartre. Pode-se depreender que a peça não foi lançada como o prometido e tampouco o fora qualquer outra obra do filósofo nesse ínterim. Aliás, ***Nekrassov é outra peça que resta não lançada no Brasil até os dias atuais.***

Na Argentina, esta agilidade pode ser verificada em maio de 1960, quando *Les séquestrés d’Altona* é lançada em Buenos Aires, bem como em inglês e italiano³⁶⁵. Uma tradução portuguesa da obra foi lançada pela Editora Europa-América e “livrarias do Rio tem exemplares em português [lusitano] dessa peça de Sartre”³⁶⁶. O texto, cuja encenação estreou em 23 de setembro de 1959, **segue até hoje não lançado por editora brasileira.**

Sem ser lançada no país, uma parte de *O que é a literatura?*, de 1947, foi publicada em português em um periódico literário, o *Jornal de Letras*, editado pela União Brasileira de Escritores. O trecho foi intitulado “Posição do Escritor Perante a Sociedade Contemporânea”³⁶⁷. Provavelmente, corresponde ao último capítulo do original, intitulado *Situação do escritor em 1947* (SARTRE, 2010)³⁶⁸. Este livro só seria editado integralmente no Brasil em 1993. Tal qual as obras teatrais em espanhol, Olinto indica que parte de *O que é a literatura?* podia ser encontrado em livrarias traduzido para o inglês, em edição estadunidense de 1957³⁶⁹.

³⁶¹ PORTA DE LIVRARIA, 11/10/1957, p. 9.

³⁶² PORTA DE LIVRARIA, 11/10/1957, p. 9.

³⁶³ PORTA DE LIVRARIA, 21/10/1957, p. 10.

³⁶⁴ PORTA DE LIVRARIA, 08/12/1958, p. 16.

³⁶⁵ COLUNA DE TEATRO, 23/05/1960, p. 8.

³⁶⁶ COLUNA DE TEATRO, 15/08/1961, p. 9.

³⁶⁷ PORTA DE LIVRARIA, 09/04/1959, p. 13.

³⁶⁸ *Situation de l’Écrivain en 1947*, no original.

³⁶⁹ PORTA DE LIVRARIA, 26/07/1960, p. 14.

Em 1960, aproveitando-se da vinda de Sartre ao país, lança-se *Reflexões sobre o racismo*, obra que reúne *Reflexões sobre a questão judaica*, de 1946, e *Orfeu Negro*, de 1948. A primeira vez que o lançamento é mencionado é em sua aparição na lista de mais vendidos, ao lado de *O Segundo Sexo*, de Beauvoir³⁷⁰. Além desses, sabemos, será também lançado *Furacão sobre Cuba* pela Editora do Autor³⁷¹, com grande sucesso.

Outro livro de Sartre que chega ao Brasil, mas no original, é o recém-lançado *Critique de la Raison Dialectique* (CRD), grande obra filosófica que marcaria fase marxista e antropológica das reflexões do pensador (BORNHEIM, 2007; MÉSZÁROS, 2012). Publicada em 29 de abril de 1960, já em 14 de setembro, Olinto escreve que há obras que devem ser lidas com vagar, pois impõem dificuldades ao leitor.

Há, no momento, por exemplo, um livro que precisa ser cuidadosamente estudado. É ‘*Critique de la Raison Dialectique*’, de Sartre. **Chegaram ao Rio cerca de seis exemplares da obra** (de que foi publicado apenas o primeiro tomo). As seis pessoas que o adquiriram precisam, até, de tempo para o estudo do muito de novo que Sartre discute, tanto em metodologia filosófica, na primeira parte do livro [o ensaio de 1959, *Questões de Método*], como no que poderia ser chamado de modificação fundamental de suas antigas ideias do ‘em-si’ e do ‘para-si’, agora mais ou menos dissolvidas no marxismo.³⁷²

Quem seriam esses seis leitores? Um deles parece ser justamente Olinto, porém não há registros que confirmem o fato. Um indício de que ele foi um dos poucos primeiros leitores de CRD no Brasil aparece quando comenta um problema: como equacionar disponibilidade, necessidade e escolha? Afirma que o pensamento de Sartre criou a valorização da não-escolha, algo que ele já havia exposto em outra ocasião, o que se evidencia no personagem Mathieu de *A idade da razão*. Mas, continua o autor, CRD é a solução de Sartre para esse problema. “O Sartre de agora procura representar uma transição da disponibilidade para a escolha”. E conclui:

O primeiro tomo de ‘*Critique de la Raison Dialectique*’, de Sartre, é, por causa dessas mudanças, muito importante. Com ele, parece ter o pensamento francês chegado ao fim de um ciclo. [...] Nas idas e vindas do homem dos últimos cem anos, o começa da década de 60 no Século XX mostra sinais de que a unidade - ou o desejo da unidade - voltou a se impor.³⁷³

Claro que é pouco para afirmar que Olinto tenha adquirido uma das seis cópias da obra, afinal, poderia ter lido ou ouvido sobre ela. De todo modo, esse é um elemento que aponta para uma seleta circulação dos escritos de Sartre. Chama a atenção que seus romances e contos sejam

³⁷⁰ PORTA DE LIVRARIA, 02/08/1960, p. 10. O mesmo volta a ocorrer em 31 de agosto e 16 de setembro (PORTA DE LIVRARIA, 31/08/1960, p. 11; PORTA DE LIVRARIA, 16/09/1960, p. 5.). Nesta última ocasião, aparecem as obras ainda ao lado de *Sursis*, também na lista de mais vendidos.

³⁷¹ A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA, 15/09/1960, p. 2; A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA, 17/09/1960, p. 2.

³⁷² PORTA DE LIVRARIA, 14/09/1960, p. 10.

³⁷³ PORTA DE LIVRARIA, 07/09/1960, p. 8.

publicados, algumas das peças de sucesso, alguns de seus textos políticos. Mas as grandes obras filosóficas, tais como CRD e *O Ser e o Nada* só irão ganhar traduções para o Brasil em 2002 e em 1997, respectivamente. Este, aliás, está em sua 24ª edição. Ao mesmo tempo, o pensamento é debatido. Leu-se o Sartre filósofo? Fala-se nele, entretanto.

De todo modo, por vias indiretas, sabemos que a divulgação em torno do autor é ampla. Afinal, quantas são as reportagens analisadas nesta pesquisa e em apenas um periódico?! Não será diferente com a CRD. *Caminhos de Sartre* faz apresentação geral da obra. O texto, assinado por Olinto, é outro indício de que ele seja um dos seis detentores do livro no Rio. Escreve que, “Um dos aspectos importantes do último livro de Sartre [...] é o estudo da ‘verdade objetiva do subjetivo objetivado’ em que reafirma a precedência da ação sobre a intenção”, frisando a precedência do vivido no pensamento do filósofo que, assim, retoma “a tese defendida por Kierkegaard [em] aspectos mais firmes”³⁷⁴.

Fala sobre o método progressivo-regressivo, tema central do ensaio que abre a obra, *Questões de Método*, afirmando que Sartre o apresenta usando a vida de Flaubert como base, para mostrar como se dava “essa verdade do subjetivo objetivado”. Apresenta a relação da obra com a História e a ontologia, fazendo apresentação enxuta, porém adequada, do livro. Tematiza a importância da consideração da época para o entendimento de um livro e de seu autor; que o homem se faz pela própria ação; que Sartre defende a ideia de *práxis* em oposição ao que chama de *prático-inerte*. Apresenta aquela como a prática refletida e transformadora contra a ação irrefletida e massificada. Defende que é necessária a abertura do campo dos possíveis, pois “a menor redução do possível implica numa redução da liberdade. Qualquer dogmatismo puramente social ou exclusivamente estético leva a um cerceamento da invenção”³⁷⁵. Afirma Olinto, por fim, que voltaria “a considerações sobre aspectos do novo livro de Sartre. E **insisto que se trata da mais importante contribuição da segunda metade deste século para uma nova ontologia**, por estranho que parece este substantivo num filósofo da existência”³⁷⁶.

Esse estranhamento se deve ao fato teórico-filosófico de que, *a priori*, o pensamento sobre a existência, que aponta para a concretude das experiências vividas, se distancia do pensamento ontológico, que se interroga sobre as condições fundamentais do Ser apartado do seu horizonte imediato de realização, que traria determinações diversas e não fundamentais. Para Sartre, no entanto, desde *O Ser e o Nada* e como indica o próprio subtítulo desta obra, o

³⁷⁴ PORTA DE LIVRARIA, 17/09/1960, p. 9. Ressalta-se que este aspecto vem sendo enfatizado no campo das apropriações do pensamento de Sartre para a prática psicoterápica no Brasil, como em ALVIM & CASTRO, 2015; CASTRO, SCHNEIDER & BORIS, 2017.

³⁷⁵ PORTA DE LIVRARIA, 17/09/1960, p. 9.

³⁷⁶ PORTA DE LIVRARIA, 17/09/1960, p. 9. Grifos meus.

que importa é fazer um “Ensaio de Ontologia Fenomenológica” (SARTRE, 2007), *ontologizando* a experiência concreta e cotidiana com aquilo que aparece. Afinal, como ele próprio indica em *Questão do Método*, “Entre nós, nessa época, o livro de Jean Wahl, *Vers le concret* [lançado em 1932], obteve muito sucesso. Ainda assim, ficamos decepcionados com esse ‘vers’ (...)” (SARTRE, 2002, p. 29). *Vers* indica *movimento em direção a*. Decepciona, pois ainda não estava diante do concreto.

Pouco mais de um mês depois, Olinto afirma que irá comentar a CRD aos poucos em sua coluna e indica que a crítica francesa à obra não vinha sendo positiva. Transcreve trecho da opinião do economista e crítico de cinema Jean Domarchi, para quem “o existencialismo nada de novo acrescenta ao marxismo”³⁷⁷. Mas o colunista não cumpre sua promessa. Essa é a última análise da obra que ele publica durante o período pesquisado.

Um outro crítico da obra é Raymundo Souza Dantas, que viria a ser embaixador do Brasil em Gana no ano seguinte e que contribuía com a crítica literária em diferentes periódicos desde os anos de 1940. Escreve, com exclusividade para *O Globo*, análise crítica de *Questões do Método*. Intitulada *O Flaubert de Sartre*, sua coluna apresenta o ensaio como busca por evidenciar que o marxismo “é a única filosofia que pode realmente alcançar toda a complexidade do ser humano”. Sartre critica certo marxismo simplificado, “responsável pelo esclerosamento do método dialético”, que acabou decaindo em uma teoria explicativa da vida e de uma pessoa. O que o filósofo propõe é que sua obra seja

(...) hipótese de investigação para aclarar a biografia do autor [Flaubert]. Ele o define como método de aproximação existencialista, regressivo-progressivo e analítico-sintético, um vaivém da obra à vida e da vida à obra, sem perder de vista a época e os seus valores, para então alcançar o sentido da conduta do artista, satisfeito ou em conflito com o seu tempo, através da profundidade do vivido e da realidade.³⁷⁸

Se peca pela facilitação, a crítica de Dantas é exata ao apresentar os termos gerais da obra. Em que pese que *Questões de Método* só será lançada em português brasileiro em 1966, a coluna é boa introdução ao tema geral do ensaio. Conclui Dantas que o empreendimento de Sartre é “um esforço, dentro do próprio marxismo, tendo em vista não só o enriquecimento da doutrina, mas também a valorização da realidade humana”³⁷⁹.

O Muro, já relançado em 1957 com grande sucesso pela DIFEL, ganha nova edição pela Civilização Brasileira em julho de 1961, agora com tradução de Alcântara Silveira³⁸⁰. No mês seguinte, lê-se que a mesma editora havia também lançado *A prostituta respeitosa*, ao passo

³⁷⁷ PORTA DE LIVRARIA, 28/10/1960, p. 5.

³⁷⁸ O FLAUBERT DE SARTRE, 05/11/1960, p. 11.

³⁷⁹ O FLAUBERT DE SARTRE, 05/11/1960, p. 11.

³⁸⁰ PORTA DE LIVRARIA, 19/07/1961, p. 5.

que *Mortos sem sepultura* – ambos espetáculos teatrais de 1946 – foi lançada em Portugal pela Editora Presença³⁸¹. Aquela peça, porém, não encontrará o mesmo sucesso que as publicações anteriores de Sartre, figurando apenas uma vez entre os livros mais vendidos e não em posição elevada. A peça já teve estrondoso sucesso em duas diferentes encenações no país (SOUZA, 2015), o que talvez ajude a compreender as vendas mais modestas do texto: o público leitor já conhecia o texto. Ao lado dessas obras, *Sursis*, parte da trilogia *Caminhos da Liberdade*, seguia com boas vendas, aparecendo em uma “‘Tabelinha’ da boa leitura” em julho de 1962 como obra indicada para “ele e ela”³⁸², ou seja, que poderia ser lida por homens e mulheres.

O ano de 1964 é especial em termos de lançamentos: *Les Mots (As palavras)*, principal responsável pela vitória do Prêmio Nobel no fim deste ano, é o centro das atenções. Uma sinopse da obra, com citação de trechos, é publicada no *Caderno Ela*. O livro é “outra coisa que não as lembranças da infância: é a história apaixonante de um espírito em vias de se formar”³⁸³. O mesmo teor apresenta a crítica do escritor e diplomata colombiano German Arcienagas, que também faz resumo da obra com trechos traduzidos³⁸⁴. Mas os leitores não precisariam esperar tanto: no mesmo ano, publica-se no Brasil *As palavras* e *O diabo e o bom deus*, tradução de *Le diable et le bon dieu*, peça de 1951.

O lançamento da peça se dá primeiro e aparece em *Porta de Livraria*³⁸⁵ em dezembro, informando que a tradução ficou a cargo de Maria Jacinta, em edição da DIFEL, “publicadora normal de Sartre nesta parte do mundo”³⁸⁶. A peça é dada como retomada de reflexões feitas em *Os caminhos da liberdade*: “o problema da escolha e com a coragem – ou covardia – nele contida”³⁸⁷. A tradução é elogiada em 12 de dezembro, informando que Maria Jacinta “sabe o que faz”³⁸⁸. Afinal, Maria Jacintha Trovão da Costa Campos era uma importante dramaturga brasileira, que também atuava como crítica teatral e tradutora de peças para o português.

O diabo e o bom deus figura na lista de mais vendidos em três ocasiões, nenhuma das quais entre as cinco primeiras posições³⁸⁹, o que aponta para a menor vendagem das obras teatrais de Sartre. *As palavras*, a seu turno, tendo sido lançado bem no apagar das luzes de 1964, aparece como sugestão de presente de Natal por Olinto³⁹⁰. A obra figurou entre as mais vendidas

³⁸¹ PORTA DE LIVRARIA, 14/09/1961, p. 8

³⁸² “TABELINHA” DA BOA LEITURA, 17/07/1962, p. 10.

³⁸³ BÚFALO BILL HERÓI DO MENINO SARTRE, 21/03/1964, p. 4.

³⁸⁴ O VERDADEIRO RETRATO DE SARTRE, 04/04/1964, p. 1.

³⁸⁵ 07/12/1964, p. 16.

³⁸⁶ PORTA DE LIVRARIA, 25/09/1964, p. 2.

³⁸⁷ PORTA DE LIVRARIA, 07/12/1964, p. 16.

³⁸⁸ PORTA DE LIVRARIA, 12/12/1964, p. 6.

³⁸⁹ PORTA DE LIVRARIA, 14/12/1964, p. 8; PORTA DE LIVRARIA, 15/01/1965, p. 2; PORTA DE LIVRARIA, 01/02/1965, p. 10.

³⁹⁰ PORTA DE LIVRARIA, 22/12/1964, p. 2.

por sete vezes, estando nos cinco primeiros lugares duas destas³⁹¹. Entretanto, a obra não tem fortuna crítica no jornal. Sua carreira é suplantada pelo escândalo da negativa do Nobel, já apresentado no capítulo anterior.

Sartre aparece como boa opção para presentes de Natal também em 1965, em uma propaganda de página inteira com lista de autores, seus livros e respectivos preços. No rol de nacionais sugeridos, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga, Guimarães Rosa, Carlos Lacerda. Dentre os estrangeiros, Sartre, Beauvoir, Antoine Saint-Exupéry e Françoise Sagan. O fato de que a tabela traz os preços das obras, possibilita estabelecer, comparativamente, que *As Palavras* era comercializado a um valor similar a R\$ 28,22. A obra mais barata, *A imaginação*, saía a R\$ 23,52, e cada volume da trilogia *Caminhos da Liberdade*, os mais caros, a R\$ 47,05³⁹².

O papel da DIFEL na divulgação de obras de Sartre no país aparece na seguinte enumeração: “Tem a Difusão Europeia do Livro sete livros de Sartre em português: ‘A Idade da Razão’, ‘Sursis’, ‘Com a morte na alma’, ‘Reflexões sobre o racismo’, ‘O diabo e o bom deus’, ‘A imaginação’ e ‘As palavras’”³⁹³. Pelo jornal, contudo, só se pôde saber do lançamento de *A idade da razão*, *Sursis*, *Reflexões sobre o racismo*, *O diabo e o bom deus* e, alguns dias depois, *As palavras*.

Recorrendo à tabela estabelecida por Ariane Ewald, Fernanda Alt e Carolina Mendes Campos (EWALD, ALT & CAMPOS, s/d), confirmei que *A imaginação* foi também lançado em 1964, mas o fato não foi noticiado no jornal. Não há registro nem na tabela nem nos resultados desta pesquisa, sobre o lançamento de *Com a morte na alma*, fechamento da trilogia *Caminhos da Liberdade*. Assim, busquei em outras fontes e encontrei nota na edição de 05 de dezembro de 1959 da *Folha da Manhã*, de São Paulo, que informa o recém-lançado livro pela DIFEL com tradução de Sérgio Milliet³⁹⁴.

A última obra que tem seu lançamento anunciado no período pesquisado é *Esboço para uma teoria das emoções*, pela coleção *Divulgação Cultural* da Editora Zahar³⁹⁵. O livro aparece

³⁹¹ PORTA DE LIVRARIA, 15/01/1965, p. 2; PORTA DE LIVRARIA, 01/02/1965, p. 10; PORTA DE LIVRARIA, 15/03/1965, p. 10; PORTA DE LIVRARIA, 07/04/1965, p. 6; PORTA DE LIVRARIA, 03/05/1965, p. 12; PORTA DE LIVRARIA, 17/05/1965, p. 12; PORTA DE LIVRARIA, 04/06/1965, p. 3.

³⁹² O LIVRO É UM PRESENTE SEMPRE BEM RECEBIDO, 20/12/1965, p. 19. Embora não seja um método exato, verifiquei o percentual do salário-mínimo de 1965 (Cr\$ 66.000,00) que era gasto para adquirir cada livro e apliquei o mesmo percentual sobre o salário-mínimo de maio de 2020 (R\$1.035,00). Os valores em cruzeiros das obras citadas são, Cr\$ 1.800, Cr\$ 1.500 e Cr\$ 3.000, respectivamente.

³⁹³ PORTA DE LIVRARIA, 28/12/1964, p. 8.

³⁹⁴ SARTRE, A VIOLÊNCIA E O MUNDO AFLITO, Folha da Manhã, 05/12/1959, p. 3.

³⁹⁵ A UNIVERSIDADE EM SUA ESTANTE..., 02/03/1966, p. 2; A UNIVERSIDADE EM SUA ESTANTE..., 16/03/1966, p. 2.

na lista de mais vendidos apenas uma vez, não nas posições principais³⁹⁶. Embora só apareça em 1966 no jornal, o livro fora publicado no ano anterior, em 1965 (EWALD, ALT & CAMPOS, s/d). Neste mesmo ano, é também publicada a adaptação que Sartre faz da peça de Eurípedes, *As Troianas*, pela DIFEL, mas este livro não recebe qualquer menção no jornal. Apenas a encenação da peça no Rio de Janeiro será comentada em 1966, sem qualquer menção ao lançamento do roteiro em livro. Por acaso, comprei uma edição do roteiro e reparei que se trata, justamente, de publicação realizada neste ano. Foi assim que me dei conta do fato, que, por pouco, escapa, embora estivesse também presente na tabela estabelecida por Ariane Ewald e apresentada na introdução.

O que se pode afirmar até aqui é que as obras literárias de Sartre são publicadas com primazia sobre aquelas de cunho filosófico, que perdem, ainda, para aquelas de cunho político, como *Furacão sobre Cuba* e *Reflexões sobre o Racismo*. De todo modo, nota-se que há público interessado pela aquisição da literatura de autoria do pensador: são estas as obras que ganham mais destaque na lista de livros mais vendidos. Ao mesmo tempo, uma análise da importância da Difusão Europeia do Livro, editora que chega em 1951 ao país, pode ser um caminho profícuo para compreender a influência do pensamento francês na formação intelectual da geração de 1950-60. Afinal, é a principal publicadora de Sartre e Beauvoir no Brasil naquele momento.

Todavia, não apenas os lançamentos de obras se tornam notícia em conexão com um Sartre-autor. Representações do pensador como escritor emergem nas páginas do jornal. Pinheiro de Lemos, por exemplo, crítico de literatura antes da chegada de Antonio Olinto e sua *Porta de Livraria*, escreve a primeira crítica literária voltada a Sartre no recorte cronológico pesquisado. Analisa a conexão entre as obras literárias e a época em que foram produzidas. A marca do contemporâneo era a angústia, para a qual “nem doutores nem filósofos, ainda que sejam existencialistas, encontram remédio. [...] É esse mal do século que a literatura está começando a retratar em alguns novos romances (...)”³⁹⁷.

Considerando que *A náusea*, de Sartre, data de 1938, e que *O Estrangeiro*, de Camus, de 1942, para citar apenas dois exemplos, a que literatura ele se refere quando, em 1955, afirma que ela “começa a retratar” a angústia humana? “É isso que os livros vêm refletindo, desde Nietzsche e Kafka até Saint-Exupéry e Faulkner”, afirma, deixando entrever que sua noção de “começa a retratar” é distendida³⁹⁸.

³⁹⁶ PORTA DE LIVRARIA, 02/04/1966, p. 9.

³⁹⁷ LITERATURA E FILOSOFIA, 04/01/1955, p. 9.

³⁹⁸ LITERATURA E FILOSOFIA, 04/01/1955, p. 9.

O existencialismo não é relevante para o crítico, que afirma que “existencialistas de Sartre” representaram apenas uma “turbulência um pouco artificial” em um momento de provisória calma no mundo literário³⁹⁹. De todo modo, além do trecho traduzido de *Baudelaire*⁴⁰⁰, publicado durante a gestão de Pinheiro de Lemos na coluna de Literatura do jornal, faz publicar também um trecho de *A Náusea* na já referida sessão *Fichário*: “Creio que fui eu que mudei. É a solução mais simples. E a mais desagradável também”⁴⁰¹. Duas citações em um mesmo mês de um autor apenas gerador de “turbulência artificial”.

Poderíamos pensar em uma *relevante irrelevância* de Sartre escritor? Afinal, até os aspectos mais mezinhas em torno de Sartre são citados. Justino Martins, correspondente do periódico em Paris, relata, por exemplo, a posse de Jean Cocteau na Academia Francesa de Letras. O evento teria sido considerado dos mais importantes dos últimos dez anos, reunindo cerca de quinze mil pessoas. No discurso, “citou [...] um sem número de personalidades, mortas ou vivas”, dentre os quais Sartre, lembrado por Martins como autor da biografia de Jean Genet, que, a seu turno, causou incômodo no evento, onde não se esperava ver um ex-presidiário⁴⁰².

Noutra ocasião, já ao fim de 1956, Martins comenta o coquetel de celebração dos escritores da Editora Gallimard, propriedade do “homem que lançou André Gide, Marcel Proust, André Malraux e Jean-Paul Sartre”. Este, aparece no texto como um “dissidente” que, apesar de tudo, compareceu ao evento, afinal, “todo mundo esquece, por alguns momentos, as preocupações aflitivas dos problemas e conflitos internacionais para festejar o exercício livre da arte e do pensamento puros”⁴⁰³. Sartre não é mero autor, mas é alguém que se posiciona diante de tais conflitos, de modo divergente da maior parte dos demais convidados, considerando que é dado como “dissidente” por Martins.

O colunista, a propósito, não é muito favorável ao filósofo. Comentando o Prêmio Goncourt de 1956, dado a Romain Gary, por *Les Racines du Ciel*, Martins afirma que o vencedor tem “estilo que lembra o de Jorge Amado em *Seara Vermelha* e o de Jean-Paul Sartre em *La mort dans l'ame*, ou seja, um estilo de quem escreve aos borbotões, sem muito cuidado aparente e sem cortes”⁴⁰⁴. A associação de Sartre e Amado é curiosa, já que este é quem convida e ciceroneia aquele em sua visita ao Brasil em 1960 e que ambos se afinam com o pensamento

³⁹⁹ PRIMEIRO VIVER..., 08/02/1955, p. 8.

⁴⁰⁰ LITERATURA, 02/02/1955, p. 3.

⁴⁰¹ LITERATURA, 28/02/1955, p. 8.

⁴⁰² UM ACONTECIMENTO POPULAR EM PARIS..., 28/10/1955, p. 7

⁴⁰³ O MAIOR EDITOR FRANCÊS FALA..., 29/11/1956, p. 1.

⁴⁰⁴ COM UM DIPLOMATA O PRÊMIO..., 15/12/1956, p. 5. Grifos no original.

da esquerda. Para o colunista, ambos não cuidam bem de seu texto, preocupando-se mais em muito dizer.

Elsie Lessa, a seu turno, brinca que, ao dirigir, “as ruas, suas mãos, direções, saídas e buracos, continuam a ser um mistério [...] me esqueço, bem-aventuradamente me esqueço onde começam, desembocam ou se terminam, como uma peça de Sartre, num trágico beco sem saída”⁴⁰⁵. O título da conhecida peça de Sartre *Entre quatro paredes*, em inglês, é exatamente *No Exit*, ou seja, *Sem Saída*. O próprio título em português aponta para um enclausuramento. É interessante perceber como, em pequenas ocasiões, alguma ideia, mesmo que jocosa, sobre o pensamento de Sartre vai construindo um panorama amplo e transmutado de sua obra. A ideia de um teatro de situações, em que coloca as personagens diante de situações-limite que exigem decidir o rumo a seguir (SARTRE, 1973), aparece como um “trágico beco sem saída”, quando o que se quer provocar com o teatro é justamente o oposto, a liberdade situada.

Quadro 9 - J'accuse!

Figura 12 - Cartaz do filme J'Accuse (Polanski, 2019)



O último filme do diretor Roman Polanski (2019) narra os conflitos em torno do caso Dreyfus. Ocorrido entre os anos de 1894-1906, na França, o imbróglio se tornou notório. Acusado de espionagem e colaboração com o Império Alemão, Dreyfus é injustamente preso. A intensa cobertura midiática e o antissemitismo colocados em cena pelo processo tornaram toda a situação um emblema dos riscos e efeitos de um erro judiciário. O título do filme faz referência ao texto homônimo publicado pelo jornalista Émile Zola em defesa da condenação em 1898.

Outra apropriação negativa de Sartre como literato reproduz a opinião de Germaine Brée e Margaret Guitton, que em *An Age of Fiction: the French Novel from Gide to Camus*, afirmam que *A Peste* é a última verdadeira obra literária francesa. A produção nacional de uma

⁴⁰⁵ GLOBETROTTER, 07/09/1956, p. 1.

verdadeira literatura havia entrado em pausa após 1947, “Gide morreu. Malraux se mantém em silêncio. **E Sartre não disse ao que veio**”⁴⁰⁶. Um escritor sem marcas, verborrágico, dissidente, preocupado com conflitos internacionais, cujas peças nos levam a becos sem saída.

Em 1957, publica-se análise cautelosa do pensamento de Sartre assinada por R. G. Dominique pela agência F.P. Procurei em diferentes fontes quem teria sido o autor. A pista mais próxima é que F. P. fosse em referência à Agência France Presse, que existe desde o século XIX em Paris. Mas nenhum dos caminhos pesquisados evidenciou qualquer Dominique como repórter da instituição. De todo modo, o que se lê na coluna é relevante. Traz olhar que busca “analisar com serenidade a obra de Sartre”, uma vez que “o existencialismo ‘transviado’ morreu definitivamente”. Ou seja, findada a moda existencialista, seria possível e necessário refletir com calma sobre o pensamento de Sartre. Ainda na chamada da reportagem, outro elemento importante: a compreensão de que não se pode analisar o existencialismo de modo desintegrado, é preciso olhar para a obra de Sartre como um todo integrado e, ainda, estabelecendo diferenças entre essa filosofia e o comunismo⁴⁰⁷.

Dominique assevera que, embora os intelectuais franceses se deparassem com a questão da responsabilidade diante do mundo desde o famoso Caso Dreyfus, “Nenhum escritor francês reagiu com mais atividade aos ‘compromissos’ de nossa época do que o fez Jean-Paul Sartre”. Sua obra causou furor, mas “se se procurasse definir seu pensamento a luz dos escritos, ter-se-ia podido dispensar aquela confusão e aquela histeria, muito pouco necessárias, que se manifestaram”, reafirmando posições já apresentadas de que Sartre não foi lido, embora amplamente comentado⁴⁰⁸. E afirma:

Muito embora seja ele, por excelência, o apóstolo da liberdade individual, Sartre sustentou sempre que essa liberdade não faz senão aumentar a responsabilidade dos homens diante de seus próprios atos como diante dos atos dos outros. Foi o sentido agudo da responsabilidade social que conduziu Sartre a exprimir suas opiniões sobre todos os grandes problemas contemporâneos, seja o dos negros nos Estados Unidos, seja o da Argélia, o da revolução húngara ou o problema vital que é o da paz mundial⁴⁰⁹.

Apresenta-se como Sartre conheceu a fenomenologia em 1933, no Instituto Francês em Berlim, e o pensamento de Heidegger; a revista *Les Temps Modernes* e o partido efêmero (durou cerca de um ano) *Rassemblement Démocratique Révolutionnaire* (RDR), espaços importantes de luta contra o fascismo, o capitalismo e o regime do General De Gaulle. Assim,

⁴⁰⁶ CAMUS, ÚLTIMO ROMANCISTA DE UMA ÉPOCA, 16/04/1957, p. 8.

⁴⁰⁷ JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 1-2.

⁴⁰⁸ JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 1.

⁴⁰⁹ JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 1.

paulatinamente, constrói-se uma defesa de que Sartre deve ser analisado pela integralidade de seus feitos, afinal, “Não se pode separar as diversas atividades de Jean-Paul Sartre: a de filósofo, a de político e a de escritor”. O existencialismo não se reduz a *O Ser e o Nada*, englobando as mais diversas obras, como *O Muro*, *A náusea*, a trilogia *Os Caminhos da Liberdade*, para citar algumas dentre as enumeradas por Dominique. O teatro é também lembrado, citando as pautas políticas encenadas, como a luta contra o racismo estadunidense em *A prostitua respeitosa* ou contra a ocupação alemã da França, em *As moscas*⁴¹⁰. A defesa do colunista remete à noção de integralidade orgânica do pensamento de Sartre (MÉSZÁROS, 2012), apresentada no capítulo anterior.

O último tema que Dominique endereça são as conexões com o comunismo.

Talvez [seja Sartre] a mais importante personalidade da esquerda francesa não comunista. Profundamente influenciado pelas obras de Marx, de Engels e de Lênin, ele afirmou, em termos que se emparelham ao materialismo histórico, que “o homem não é mais que uma situação, totalmente condicionado por sua classe, seu salário, a natureza de seu trabalho, condicionado até seus sentimentos, até seus pensamentos”. Mas, segundo ele, a grande distinção entre o marxismo-leninismo e o existencialismo é que este último, de maneira contrária ao marxismo-leninismo, não afasta certas correntes novas do pensamento, como a psicanálise e a sociologia moderna.⁴¹¹

Sartre agrega elementos marxistas, psicanálise, sociologia e existencialismo, viabilizando uma leitura do homem situado no mundo. O texto termina lembrando a importância do esforço de Sartre de dialogar com o marxismo⁴¹². Este é o único momento em que se lê uma apresentação correta e mais integralizada do pensamento de Sartre no jornal, o que permite ver que havia leituras adequadas postas em circulação, como o caso do livro de Luiz Carlos Maciel (1967) comentado no capítulo anterior. Se o livro exige do leitor um esforço extra, seja pela extensão ou pelo preço, a coluna está disponível entre os demais textos do periódico. Retomando a pergunta feita mais acima, diria que é possível encontrar bons leitores de Sartre no jornal, mas em poucas ocasiões.

Outro tipo de elogio, mas que não expõe o pensamento de Sartre, aparece em uma brincadeira que Antonio Olinto, pelos idos de 1957, passa a publicar em sua coluna: perguntava a personalidades brasileiras que obras mudaram o mundo. Em novembro daquele ano, o respondente é Guerreiro Ramos, então diretor do Departamento de Sociologia do ISEB. Para Ramos, a questão o faz pensar se e quais livros “promoveram efeitos consideráveis, participaram da causação histórico-social, na época em que foram publicados”. Sente-se

⁴¹⁰ JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 1.

⁴¹¹ JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 2.

⁴¹² JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE, 16/08/1957, p. 2.

impelido a não considerar a questão formulada por Olinto, mas sim responder quais obras “foram decisivas ou culminantes na evolução das ideias”. Para Ramos, mudar o enfoque da pergunta lhe deixaria mais à vontade, já que reconhece papel mais modesto ao poder de um livro. Passa, então, a enumerar uma lista de dez itens, cada um deles trazendo dois ou mais autores que marcaram as reflexões de uma época. Começa por “1 - Platão - Aristóteles” e termina por “10 - Max Weber - Max Scheler - Hartman”, passando pela trinca de filósofos da existência “9- Kierkegaard - Heidegger - Sartre”⁴¹³.

Uma evidência da importância da obra de Sartre para a evolução das ideias, corroborando a opinião de Guerreiro Ramos, é sua aparição no *ranking* de autores mais traduzidos no mundo até o ano de 1963. Organizado pela UNESCO, a classificação traz o pensador na sexta posição, perdendo para Shakespeare, a Bíblia, Lênin, John Steinbeck e Hemingway, em ordem decrescente⁴¹⁴.

Tamanha relevância, claro, convoca diferentes olhares sobre sua obra não só nas páginas dos jornais, como também em livros de revisão e crítica. O de Pierre-Henri Simon, *L’homme en procès*, foi anunciado como análise da “obra de Malraux, Sartre, Camus e Saint-Exupéry”, evidenciando o “lado humanístico” dos autores. “Simon define o humanismo como sendo ‘uma atitude de pensamento que comporta duas afirmações essenciais: 1ª – existe uma natureza humana; 2ª – o humano caracteriza-se pela vida do espírito’”⁴¹⁵. Quais elementos humanistas teria Simon encontrado na obra de Sartre que se adequem a essa definição do termo? Não encontrei o livro para analisá-lo. Considerando que, além de ateu, Sartre defendia que “a existência precede a essência”, deve ter sido difícil afirmar uma “natureza humana” em Sartre.

Pode ser que Simon tenha encontrado o mesmo que, de acordo com a resenha de Antonio Olinto, Raymond Aron encontra no existencialismo em seu novo livro *Mitos e Homens*. A corrente é fruto da geração derrotada do pós-guerra que, passando por modificações, deu em um “neo-humanismo”, já que os jovens teriam conseguido ultrapassar questões às quais a geração que viveu a guerra ainda estava presa, como a divisão entre esquerda e direita⁴¹⁶. O humanismo encontrado no existencialismo por Aron é, na verdade, a ausência de humanismo que acaba, por fim, gerando busca por uma saída “positiva”.

Claro, é necessário lembrar que o próprio Sartre defende, na conferência proferida em 29 de outubro de 1945 publicada sob o título de *O Existencialismo é um Humanismo*, que o

⁴¹³ PORTA DE LIVRARIA, 27/11/1957, p. 8.

⁴¹⁴ 5 NOTÍCIAS, 18/04/1966, p. 10.

⁴¹⁵ PORTA DE LIVRARIA, 15/04/1959, p. 8.

⁴¹⁶ PORTA DE LIVRARIA, 12/06/1959, p. 7.

existencialismo seria humanista, mas justamente por negar qualquer natureza humana e devolver ao homem sua condição de liberdade (SARTRE, 1987).

Noticia-se também o lançamento, na Inglaterra, de uma obra de apresentação de Sartre escrita por Philip Thody⁴¹⁷, que trazia como diferencial a ênfase não apenas no filósofo, mas preocupada “com o Sartre escritor, artista, cada vez mais atraído para a política [...] afirma [o autor] que deve ser observado como Sartre evoluiu do ‘subjetivismo’ para o ‘objetivismo’, do indivíduo para o social e da psicologia para a política e a sociologia”. Na verdade, Thody lançou três livros em 1960 sobre Sartre, um dos quais foi lançado em 1974, no Brasil, pela Edições Bloch, com tradução de Paulo Perdigão e Amena Mayall (THODY, 1974). A obra analisa a biografia de Sartre, conectando-a com as diferentes produções e posições políticas do pensador. Aparentemente, a edição brasileira é uma versão com acréscimos em relação à obra de 1960, uma vez que comenta da infância de Sartre até maio de 1968, o que me leva a crer que, em verdade, foi traduzida de reedição atualizada da obra.

Um livro de Gide traduzido para o português, *Os frutos da terra*, é lançado em 1961. Em um dos trechos, o autor conta a história de carta que recebera em 1946 de um jovem que narrava sua terrível situação no pós-guerra. Escrevera o rapaz que “Os absurdos de Sartre e de Camus só me abrem os horizontes do suicídio. Ainda vivo daquilo que aprendi em seus livros. Mas tenho sede. Todos os jovens têm sede comigo. E o senhor pode fazer alguma coisa por nós.” Gide é mais esperançoso que os existencialistas, assevera o crítico Antonio Olinto, e, em verdade, não nega Deus, embora este não esteja presente em *Os frutos da terra*⁴¹⁸.

Essas publicações são indício de quantos comentadores são atraídos pelo existencialismo. Mas, dentre todo o período analisado, há uma obra sobre Sartre que se destaca. Trata-se de *Sartre e a Revolta do Nosso Tempo*, de Roberto Átila do Amaral Vieira, mais conhecido como Roberto Amaral em sua carreira política. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Ceará, Amaral foi vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) entre 1961 e 1962 e desde o ginásio participava ativamente dos movimentos estudantis. Chegou a vincular-se brevemente ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) em 1966 e desenvolveu carreira acadêmica, jornalística e política (PINHEIRO, 2010). Desde 1985, é filiado ao Partido Socialista Brasileiro.

⁴¹⁷ PORTA DE LIVRARIA, 31/10/1960, p. 15.

⁴¹⁸ PORTA DE LIVRARIA, 15/07/1961, p. 9.

A primeira notícia sobre o lançamento do livro de Amaral pela editora Forense se dá em maio de 1967⁴¹⁹. Outro anúncio aparece em 22 de julho do mesmo ano⁴²⁰, sem qualquer destaque para a obra que, desde 01 de julho, já estava na coluna quinzenal de livros mais vendidos⁴²¹, onde permanece até 14 de dezembro do ano seguinte!⁴²² Nos 35 rankings publicado entre julho de 1967 e dezembro de 1968, o livro de Roberto Amaral aparece nada menos do que dezoito vezes na lista de mais vendidos.

Qual motivo para tamanho sucesso? Uma pista nos dá, por exemplo, a cobertura que Renato Bittencourt faz, em setembro de 1959, sobre o movimento juvenil batizado de *blousons noirs*. Na ocasião, define tal grupo como “os jovens turbulentos de Paris”, “baderneiros” que aterrorizavam a população de bem da capital francesa. Diz ele:

Seja como for, há uma crise geral da juventude, sério motivo de preocupação para os educadores, sociólogos e filósofos. Sartre, recentemente entrevistado em Roma pelo ‘Messagero’, discorreu sobre o assunto, apontando como causas: a ‘guerra fria’; a incapacidade das gerações mais velhas de resolverem os problemas sociais fundamentais; a expectativa constante do fim do mundo. ‘Os jovens estão minados pela incerteza, não sabem o que fazer’. Antigamente, havia uma saída: ingressar nas fileiras do comunismo. Mas, hoje, ‘hélas!’ [ai de mim!], o partido degenerou em instrumento do conservadorismo.⁴²³

Alivia saber que não há só *blousons noirs*, “existe uma outra juventude mais numerosa e mais representativa. Sérios, afáveis, quietos, esses moços [...] vivem à parte das grandes convulsões do momento [...] fogem dos cabarés e outros antros de corrupção.”⁴²⁴

Na opinião do jornalista e escritor Arthur Koestler, que havia recém-encerrado pesquisa sobre os jovens ingleses chamados de delinquentes, os Teddy-Bears, cada juventude, a seu tempo, tenta lidar com os problemas presentes na sociedade. Uma vantagem? Os jovens atuais foram buscar novos modelos, e não mais recorreram aos pensadores da “geração corrupta” anterior: Gide, Céline e Sartre, por exemplo. Assim, são interessados nas questões contemporâneas e que darão, por exemplo, em rapazes “dignos dirigentes de uma nação. Nas moças pode-se reconhecer a futura mãe de família”⁴²⁵.

Outro texto “profetiza” que o jovem existencialista seria o “burguês pai de família e a garota [...] uma honesta matrona cuidando do lar e da filharada”⁴²⁶. A depender dos cursos de etiqueta para moças ofertados pela Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico

⁴¹⁹ DA FORENSE, 27/05/1967, p. 2.

⁴²⁰ PORTA DE LIVRARIA, 22/07/1967, p. 10.

⁴²¹ PORTA DE LIVRARIA, 01/07/1967, p. 12.

⁴²² PORTA DE LIVRARIA, 14/12/1968, p. 14.

⁴²³ NÃO HÁ RAZÃO PARA DESCRER DOS JOVENS, 09/09/1959, p. 1.

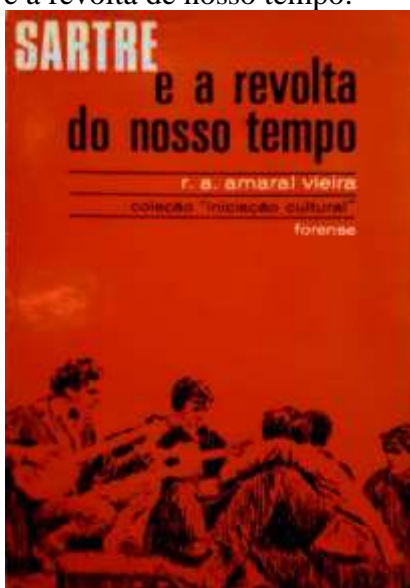
⁴²⁴ NÃO HÁ RAZÃO PARA DESCRER DOS JOVENS, 09/09/1959, p. 1.

⁴²⁵ JOVENS DE HOJE NÃO PODEM MAIS SER CHAMADOS DE ‘PROBLEMAS’. 09/10/1959, p. 7.

⁴²⁶ SOL SOBRE O LAGO, 21/07/1961, p. 1.

(SOCILA), a profecia seria realizada. Uma das aulas “para a cultura da mulher”, com dinamização “pelo sistema audiovisual, com palestras intercaladas de projeção de slides”, era: “A arte moderna. **O Existencialismo de Sartre, de Gabriel Marcel**”.⁴²⁷ A instituição era conhecida por criar “moças para casar” e se incluía Sartre ao lado de Gabriel Marcel, existencialista cristão, não deveria ser por acaso.

Figura 13 - Capa do livro Sartre e a revolta de nosso tempo.



Esse pequeno conjunto de reportagens evidencia um ambiente de preocupação com as vicissitudes da juventude que ajuda a compreender o sucesso de vendas do livro de Amaral, ele próprio ex-líder estudantil. *Sartre e a Revolta de Nosso Tempo* (figura 13) é vendido como espécie de livro de autoajuda para pais e educadores. Uma propaganda tinha a manchete *Você é indiferente ao desafio?*⁴²⁸ e abre afirmando “Pais e educadores se preocupam, diariamente, com a **inquietação da juventude**. Por várias maneiras, tenta-se **diagnosticar o terrível mal**. Não há quem consiga manter-se indiferente diante do desafio.” Apesar dos esforços, o “terrível mal” existia e a obra de Amaral, a seu turno, “responde às indagações diárias, **explorando a crise de valores do atual período histórico**”⁴²⁹.

*Terrível Mal*⁴³⁰, publicada dois dias depois, opta por caminho especializado. Ao invés de afirmar que “pais e educadores” tentam compreender o tal mal terrível, diz que

Sociólogos e psicólogos, educadores, são chamados a diagnosticar o terrível mal: **por que os cabeludos irreverentes, os desarrumados elegantes, agridem a ordem**

⁴²⁷ O GLOBO FEMININO, 17/08/1961, p. 6.

⁴²⁸ 02/08/1967, p. 2.

⁴²⁹ VOCÊ É INDIFERENTE?, 02/08/1967, p. 2. Grifos meus.

⁴³⁰ 04/08/1967, p. 2.

estabelecida, desconhecem o bom-senso? Os beatles, Roberto Carlos, Wanderleia, ídolos da juventude, são fenômenos analisados por ‘SARTRE E A REVOLTA DO NOSSO TEMPO’, obra de R. A. Amaral Vieira (...) ⁴³¹.

Por fim, em *Mundo em desordem*, a mesma ideia se faz presente, mas recorrendo a outra estratégia discursiva. Apresenta o livro como mergulho “na filosofia existencialista de Sartre” para analisar o “mundo angustiado” e de “indefinição em que foi posta a juventude de nosso tempo” ⁴³².

Na obra, parte-se da apresentação de questões gerais, “Vale a pena viver?”, “Que haverá além da morte?”, “A vida tem sentido?” (VIEIRA, 1967, p. 3) para a análise daqueles que o autor chama de “novos personagens”: a juventude problema contemporânea, que buscará ser compreendida. De um lado, o recurso sempre presente a ideias do senso comum: “o mundo que se lhes apresenta [aos jovens] não é lógico” (VIEIRA, 1967, p. 8) ou que a humanidade sempre busca novos mitos. Do outro, diálogos com o pensamento de Sartre, que ora é mola propulsora da rebeldia – entendida de certo modo paternalista, como uma reação às angústias da vida e do mundo que o jovem não consegue elaborar de modo diferente –, ora é chave para uma possível compreensão das angústias que geram seus movimentos. Quanto a estes diálogos, Vieira se preocupa em esclarecer:

Pretendemos oferecer ao leitor oportunidade de um primeiro – ainda que insuficiente – contato com a problemática do existencialismo sartreano, ou, mais precisamente, com o tipo de análise que apresenta dos fatos escolhidos para interpretação. Impossibilitados de discutir a temática sartreana em seu conjunto, **ficaremos adstritos aos pontos fundamentais, ou aos necessários, à correta, já que não profunda, compreensão e domínio de seu verdadeiro pensamento.** (VIEIRA, 1967, p. 19. Grifos meus).

Ficam patentes os limites da obra: sem aprofundamento, Amaral Vieira acaba por apresentar uma leitura do pensamento de Sartre aplicada à situação que se quer analisar e, por mais que seja correto em maior parte de seus apontamentos, acaba recaindo em alguns preconceitos quanto ao existencialismo já presentes nos jornais. Curiosamente, ao invés de trabalhar com os preconceitos vigentes na época em que o livro foi escrito, reatualiza erros comumente reforçados no momento inicial de recepção do existencialismo no Brasil (SOUZA, 2015). Exemplo disso é sua afirmação de que o pensamento de Sartre recai em “imobilismo, sugerindo uma derrota frente ao fatalismo” (VIEIRA, 1967, p. 21).

A ênfase da análise recai sobre a ideia de que, tal qual aponta o existencialismo, não há sentido prévio o viver. A juventude, diante dessas incertezas, angustiada, por vezes, recai na

⁴³¹ TERRÍVEL MAL, 04/08/1967, p. 2. Grifos meus.

⁴³² MUNDO EM DESORDEM, 06/09/1967, p. 2.

rebeldia, que se nota na música, nas artes, no modo de se comportar e se vestir. Deste modo, a “revolta de nosso tempo” é um sintoma dessa carência de certezas, reforçada por um momento histórico de tensões (a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã, o perigo atômico, para citar alguns exemplos trabalhados no livro). Mas qual seria a solução para um tal sintoma? Como vimos, a propaganda indica que o livro traz respostas às questões que se fazem “pais e responsáveis”, “sociólogos e psicólogos, educadores”, mas...

Se o existencialismo tem o mérito de voltar suas preocupações para os problemas descuidados pela filosofia, não nos parece feliz na terapêutica sugerida.

Em verdade, a conclusão que recolhemos é a de que, tendo lentes para enxergar o mal que os outros não veem, **Sartre parece não possuir o instrumental necessário para superar a crise, a náusea, consequentemente. É o clínico; continuamos à espera do cirurgião para extirpar o mal.** (VIEIRA, 1967, p. 37-8. Itálico no original. Grifos meus)

De toda maneira, foi um best-seller e, como muitos que ainda lotam prateleiras das livrarias e as listas de mais vendidos, não cumpre o que promete. Ainda, se o livro busca compreender os movimentos da juventude, por outro lado parece enquadrá-lo em uma visão conservadora, quase como se o autor dissesse que se manifestar era “coisa de jovens” que passa com a maturidade.

Saint Genet: ator e mártir, biografia de Sartre sobre Jean Genet – nascida como prefácio às obras completas do dramaturgo e escritor proscrito –, aparece em uma reportagem sobre turismo na Europa. O livro não é comentado em sua integralidade em nenhum momento, mas se torna importante epíteto para Sartre – autor da biografia de Genet. Este, a seu turno, ganha o epíteto de “biografado por Sartre”. Mencionando coisas como a importância de, ao menos uma vez, se visitar a Torre Eiffel, o túmulo de Napoleão, ver a Vênus de Milo no Louvre etc., a reportagem comenta fatos recentes da cidade luz, como a boa recepção da crítica à peça *Les Nègres*, de Genet. O autor “inspira horror”, que precisa ser ultrapassado para que se frua a obra. Mas o repórter admite: não consegue fazê-lo. Sartre, por outro lado, interessa-se por Genet, o que

Compreende-se. O médico pode entusiasmar-se por uma úlcera ‘interessante’. Apenas, é preciso estabelecer uma graduação: o filósofo existencialista não está imune às chagas que descreve na humanidade, embora no caso em apreço não se partilhe dos vícios de que se vangloria Genet. Como é sabido, este canta hinos ao roubo e ao ‘amour qui n’ose pas dire son nom’ [amor que não ousa dizer seu nome]. Mais do que Peyrefitte, Gide e Jouhandeau, compraz-se na descrição da perversão sexual que tornou Oscar Wilde tristemente célebre.⁴³³

⁴³³ COISAS OBRIGATÓRIAS E COISAS ESQUECIDAS..., 07/12/1959, p. 1.

Quadro 10 - Sagan, a “última existencialista”

Figura 14 - Françoise Sagan



Na ocasião do lançamento de *Nuvens que passam*, da escritora francesa Françoise Sagan, Olinto lembra que *Bom dia, tristeza*, da mesma escritora, teve grande sucesso no país. Para o crítico, a obra dialogava com o existencialismo de Sartre, Beauvoir, Nietzsche e Kierkegaard. Porém, os livros posteriores eram como esse *Nuvens que passam*, mera repetição do sucesso passado (PORTA DE LIVRARIA, 22/02/1962, p. 1).

Sagan tem sua trajetória analisada no jornal também em 1965. A certa altura do texto, lê-se: “Admira Sartre porque este recusa ter um destino, não admite o trilho da fatalidade em seu futuro, vive sem roteiros, ao sabor dos seus impulsos, ama os imprevistos, sua vida não é pré-fabricada” (O SHOW DA CIDADE, 20/10/1965, p. 3). Não por acaso, recebera ao longo de sua vida o epíteto de “a última existencialista”.

Se o dramaturgo causa ojeriza a pessoas de bem, mas atrai Sartre, é porque este se interessa pelo abjeto, no caso, a homossexualidade de Genet.

Em outra ocasião, o dramaturgo é lembrado em espécie de biografia. Reproduz-se fala de Genet quando perguntado o que achou de Sartre tê-lo chamado de “São Genet” e afirmado que ele era “mentiroso, ladrão, pervertido, santo e mártir”. Genet responde: “Tudo isso eu já disse antes de Sartre, é tudo verdade. E daí?”. Genet é, então, “O ‘Santo do Existencialismo’ – e dos sucessores destes [sic], os ‘beatniks’, que criam suas obras nos prostíbulos, nas prisões, nos porões da miséria e depravação humana (...)”⁴³⁴. Esta equalização entre o existencialismo e o movimento *beat* ou *beatnik* estadunidense é recorrente no jornal. Irá reaparecer em outros momentos, sobretudo na coluna *Porta de Livraria*, de Antonio Olinto. Tal conexão será comentada mais adiante, quando analisarmos a visão deste literato sobre as obras de Sartre.

Tal qual a reputada influência do existencialismo sobre os autores *beatniks*, um conjunto de reportagens apresenta conexões entre autores e suas literaturas com o pensamento de Sartre. Em 1964, por exemplo, o escritor e crítico português Luís Forjaz Trigueiras esteve no Rio de

⁴³⁴ GENET, LADRÃO E GÊNIO..., 12/10/1962, p. 1.

Janeiro falando sobre a literatura de seu país. Para ele, autores como Fernanda Botelho e Urbano Tavares Rodrigues evidenciam que o existencialismo é relevante para o modo de compreender o “mundo psicológico português”⁴³⁵. Similarmente, reportagem sobre o último livro do escritor italiano Alberto Moravia, *L'attenzione*, que batia recordes de vendas naquele país, evidencia que a obra usava processos modernos inspirados em James Joyce, Sartre e Faulkner. O tema central do livro é a “autenticidade, palavra-chave das filosofias existencialistas” e traz “um jogo cerebral, frio, desumano. Moravia, como Sartre, sabe excelentemente pintar essas criaturas desprovidas de carne, nervos, instintos, verdadeiros autômatos”. Por outro lado, registra-se que o próprio Moravia considera que o campo da autenticidade sobre o qual fala é obtido por meio da contemplação e não da ação, pois “agir é ser inautêntico”. Disso, depreende a reportagem acertadamente que “Estamos muito longe de Sartre”⁴³⁶.

Mas, desse conjunto de reportagens que comentam autores de outras nacionalidades em conexão com o existencialismo, a mais relevante é a reportagem do jornalista Franklin de Oliveira, que analisa a influência de Sartre sobre a literatura ibero-americana, traçando histórico do desenvolvimento da literatura de língua espanhola nas Américas. Embora fale em literatura ibero-americana e latino-americana, em nenhum momento faz referências à literatura brasileira, sendo mais correto indicar que a análise é sobre a produção em língua espanhola da América Latina. Enfatiza um “novo gênero”: “a série dos grandes romances ibero-americanos, nos quais se processa o **juízo das ditaduras da América Latina**”. Menciona Alejo Carpentier, Gabriel García Marquez, Mario Vargas Llosa, dentre outros, e afirma que se trata de um “gênero de cruel atualidade”⁴³⁷.

Franklin de Oliveira entende que esse fenômeno literário precisa ser considerado de modo complexo, inserido “num quadro sincrônico: o das literaturas dos países subdesenvolvidos ou desigualmente desenvolvidos como a Itália e o Japão. A sua tônica é o realismo crítico, o qual imprime a essa literatura feição de arte de protesto.” Assim, fazem uso da literatura similar àquele que preconiza Sartre, o que Oliveira comprova citando Miguel Angel Asturias, escritor guatemalteco, que disse: “‘A novela é para mim o único meio de revelar ao mundo as necessidades e aspirações de meu povo’. Eis por que o romance ibero-americano contemporâneo é um dos grandes ramos da literatura do Terceiro Mundo”⁴³⁸. Por fim, ainda em diálogo com Asturias:

⁴³⁵ ESCRITOR PORTUGUÊS DESCOBRE..., 24/08/1964, p. 18.

⁴³⁶ A ÚLTIMA MENSAGEM DE ALBERTO MORAVIA, 21/07/1965, p. 1.

⁴³⁷ ANTES DO ÚLTIMO DIA, 30/10/1967, p. 3. Grifos meus.

⁴³⁸ ANTES DO ÚLTIMO DIA, 30/10/1967, p. 3.

Quanto a nós, latino-americanos, acuados pela diátese histórica que o ‘romance de ditadura’ espelha, resta-nos pedir o que Asturias rogou, num poema inesquecível: **No nos juzgues, Bolívar, antes del último día, porque creemos en la resurrección de los héroes y en la vida perdurable de los que como Tú, Libertador, no mueren, cierran los ojos y se quedan velando...**⁴³⁹

Em um primeiro contato com o texto de Franklin de Oliveira, me ocorreu que o jornalista colocava em cena a separação do Brasil em relação ao subcontinente, bastante comum ainda atualmente, como se não fôssemos latino-americanos. Mas a leitura atenta de seu texto permite compreender esse fato como uma estratégia. Sendo seu texto de 1967, durante a ditadura civil-militar brasileira, consegue burlar a já existente censura, indicando esta “nova literatura”, política, de críticas aos regimes totalitários das Américas, como não sendo um fato brasileiro. Por outro lado, se assim o faz ao longo de todo o texto, relembra algumas coisas sub-repticiamente: a literatura é um ato político e deve ser encarada como tal; Sartre, ao ser apontado como influência dessa escrita engajada, é também uma referência às esquerdas; por fim, ao usar uma linguagem que, a todo tempo, exclui o Brasil e seus autores – não há um só exemplo de escritor brasileiro no texto –, Oliveira consegue burlar a censura. Mas, para lembrar que o engajamento da literatura é uma necessidade do tempo e que nos engloba a todos, abre o último parágrafo do texto com “Quanto a nós, latino-americanos”. Este é o único momento em que um “nós” aparece, lembrando que fazemos parte do mesmo cenário. É também o momento em que ele conclama à ação política, por meio dos versos de Miguel Angel Asturias. Sartre comparece aqui como lembrança da importância de tomar a escrita como ato no mundo.

Dentre sucessos de vendas, obras não publicadas, opiniões preconceituosas sobre suas obras e influenciador de novos autores e vertentes literárias, Sartre vai se firmando no imaginário como um escritor, dramaturgo. Se seu papel como figura política ganha em densidade, seu papel como literato vence em quantidade e se sobrepõe àquele. Lembro-me de quando descobri Sartre, no terceiro período da graduação de Psicologia, em 2005. Embora, de lá para cá, tenha sido seu pensamento que estudo com mais ênfase, refletindo sobre as conexões com a filosofia e com a realidade brasileira, cheguei a ele por intermédio da peça *Entre Quatro Paredes*, então reeditada para Civilização Brasileira.

Puxando pela memória essa lembrança de um momento primeiro de contato, recorro de minhas idas frustradas a diversos sebos na cidade do Rio de Janeiro: querendo encontrar a filosofia de Sartre, só encontrava sua literatura. Mesmo hoje, não é muito diferente: ainda que encontrar “agulhas no palheiro” das prateleiras dos sebos tenha se tornado tarefa mais simples com os sites agregadores de livrarias de usados, basta lançar o nome de Sartre no motor de

⁴³⁹ ANTES DO ÚLTIMO DIA, 30/10/1967, p. 3. Grifos no original. Em livre tradução: Não nos julgue, Bolívar, antes do último dia, porque acreditamos na ressurreição dos heróis e na vida duradoura daqueles que, como você, Libertador, não morrem, fecham os olhos e seguem velando...

buscas de um desses sites para vermos que o que mais se apresenta são resultados de sua literatura.

Qual é o impacto disso para as possibilidades de se pensar com Sartre? Ao concordar com Mészáros (2012) e sua ideia de integralidade orgânica do pensamento do filósofo francês, penso que assumimos conjuntamente a importância de um olhar para a integralidade da obra. Só assim as noções caras ao projeto da obra de Sartre podem ser plenamente compreendidas. O modo como o filósofo trabalha ao longo de sua obra não aponta para uma relação cumulativa de conhecimento, como se a cada novo livro ele estivesse mais próximo de uma definição absoluta de um conceito. Este termo, inclusive, é rechaçado por Sartre, que prefere a abertura e a relatividade presentes na ideia de “noção”:

Filósofo, eu busco ser rigoroso por meio de noções e a diferença que estabeleço entre conceito e noção é a seguinte: um conceito é uma definição que se estabelece em exterioridade e que, ao mesmo tempo, é atemporal; uma noção, penso eu, é uma definição que se estabelece a partir do interior e que compreende não apenas o tempo do objeto considerado mas também o tempo em que se considera aquele objeto. (SARTRE, 1976, p. 95)

Como também o afirma Mészáros (2012, p. 23), a partir de uma entrevista do próprio Sartre para o jornal *Le Monde* em 1964, seu pensamento muda “no interior de uma permanência”.

Assim, olhar para a recepção da literatura, evidenciando a prevalência de um Sartre literato sobre o filósofo, na apresentação deste no Brasil, aponta também para um controle social sobre a circulação de suas obras. Se até hoje é necessário saber francês, inglês ou espanhol para que se possa ler boa parte dos escritos do pensador, é que ele não deve ou não pode ser lido por todas e todos. Pensar com Sartre exige conhecer outros idiomas ou, então, a fazer uma leitura de segunda mão, através de comentadores que, como vimos, nem sempre o apresentam com qualidade – muito embora esse cenário venha se modificando, com a publicação de obras de divulgação e de comentários de qualidade, como algumas das utilizadas como referência ao longo desta pesquisa.

Por fim, retomando o olhar de Franklin de Oliveira sobre a nova literatura latino-americana, quais teriam sido os frutos da escrita de Sartre no país? Há autores considerados existencialistas entre os brasileiros? É o que veremos a seguir.

2.2 Produção literária existencialista brasileira

Silvio Castro, crítico literário e escritor brasileiro, analisou a influência das ideias existenciais no Brasil para *O Globo*. Para ele, a humanidade progride a partir de reflexões

propostas por pequenos grupos dispostos a tirá-la da passividade. O existencialismo, da década de 1930 em diante, foi um desses movimentos, permitindo ultrapassar a lógica do “maquinismo social”, que enxergava o mundo como fruto de certo conjunto de mecanismos previamente estabelecidos. Ao humano era relegada posição de passividade, ao passo que o “Existencialismo [promoveu] sistemática valorização do homem”, fazendo confluir “a ideia e a ação”: “No momento em que o Existencialismo faz do homem a medida de todas as coisas, ganha realidade e se expressa como verdadeira filosofia de vida. Não há mais um sistema inerte e indiferente, mas uma atividade”⁴⁴⁰. Nesse sentido, sua análise concorda com o Sartre (1987) de *O Existencialismo é um Humanismo*, que defende que a afirmação existencialista do humano como pura abertura é o humanismo mais radical, que confere ao humano justamente o papel de construção de si e do mundo.

Sobre o Brasil, Castro afirma que o existencialismo chegou aqui em boa hora, quando os movimentos do tempo exigem do povo “tomada de posição, nascida da superação de um período formal e pouco consciente” marcado pela influência do positivismo e seus derivados no campo do pensamento. Sobre isso, conclui:

Se até o final da primeira grande guerra o pensamento brasileiro se apresentava debaixo de influências positivistas e corrente daí derivadas, de um lado, e nas manifestações espiritualistas, do outro lado, debaixo de um tomismo rígido e há muito ignorado, depois de 1930 penetra-nos um novo sentido de vida, igualmente nascente em outras partes do mundo. A direção da inteligência brasileira toma nova dimensão e, já após 1930, podemos ver a preocupação nova de nosso pensamento distanciada marcadamente dos antigos positivistas e tomistas. [...] A filosofia existencial penetra, então, no Brasil, principalmente por meio das indagações de Bergson, naquele momento principiando a ganhar estrutura definitiva. A partir daí, a evolução se processa e o ambiente brasileiro junta-se às indagações universais sobre os existencialismos, **segundo fisionomias certas e próprias de nossa situação cultural**: as correntes cristãs, antigas possessórias das heranças tomistas, buscam novas soluções nascidas de Bergson, Jaspers e Gabriel Marcel; as correntes outras, **não tão presas às heranças nativas de uma formação cristã, procuram as indagações de Heidegger e Sartre**.⁴⁴¹

Vigoram no país, portanto, ambas as perspectivas: o existencialismo cristão e o ateu. Mas o que teriam produzido? Um exemplo é o movimento modernista, marcado por diálogos com o pensamento e a forma existencialista.

A poesia em Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Tasso de Silva, Murilo Mendes, Dante Milano, Joaquim Cardoso; a ficção em Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Adonias Filho, Lúcio Cardoso e novos como Dalton Trevisan, Carlos Heitor Cony, José Loureiro; o ensaio, tanto científico como literário, em Gilberto Freire (sic), Antonio Olinto, etc., **mostram, ainda que obrigado a análises críticas futuras, a fundamentação do indagar existencial no ambiente da cultura brasileira**.⁴⁴²

⁴⁴⁰ EXISTENCIALISMO E BRASIL, 30/04/1960, p. 9.

⁴⁴¹ EXISTENCIALISMO E BRASIL, 30/04/1960, p. 9. Grifos meus.

⁴⁴² EXISTENCIALISMO E BRASIL, 30/04/1960, p. 9. Grifos meus.

Como veremos adiante, Carlos Drummond de Andrade e José Loureiro são autores comentados por terem produzido obras que a crítica literária considerou afinada com o pensamento existencial.

Outro crítico que analisa a participação do existencialismo na constituição das letras nacionais é Eloy Pontes, para quem o marco inicial de uma literatura autóctone é José de Alencar e a “insurreição romântica”. A partir daí, teria ocorrido o rompimento com Portugal, e **“as letras e a cultura brasileiras seguiram as pausas e os ritmos das letras francesas, com inflexível fidelidade e seguros proveitos”**. Todos os movimentos seguintes – parnasianismo, realismo, naturalismo, simbolismo – eram vividos “sob o domínio dos figurinos e dos influxos vindos da França”. O cinema estadunidense, tendo chegado com força ao país, provoca algum abalo nessa relação e, ainda assim, “As letras brasileiras, entretanto, conservaram e ainda conservam imagens, reflexos, sinais digitais, maneiras, **quando não pastiches da literatura francesa**”⁴⁴³. Um exemplo?

Logo após [o modernismo] surgiram as **cópias do existencialismo, com que Jean-Paul Sartre decidiu saciar a sede do êxito, por intermédio de escândalos pueris**. Não faltaram imitadores, enternecidos com a *camelote*⁴⁴⁴ [sic]. Todos eles fizeram juízos estranhos dos cafés de Saint-Germain-des-Prés, com suas ‘caves’, anchas de criaturas fora de forma.⁴⁴⁵

A essa influência, reputada pelo crítico como algo negativo, posto que cópia, ele chama de literatura de “decalque”. Esta, porém, estava perdida, já que suas fontes haviam seguido rumos diversos, Sartre “se lançando nos braços” do Partido Comunista e Beauvoir escrevendo *Os Mandarins*, “romance estranho, de análise e de ideais”. O intervalo na produção literária contemporânea era sinal da ausência de força propulsora: “As letras nacionais nunca tiveram honras, nem ocuparam vaga nas atenções comuns”. Afinal, “No Brasil, escrever é um bico, quando chega a sê-lo”⁴⁴⁶.

Mesmo que os textos sigam caminhos distintos, ambas as críticas – a de Silvio Castro e a de Eloy Pontes – afirmam a influência não apenas da literatura francesa nas letras brasileiras, mas, especificamente, versam sobre os frutos do existencialismo para nossa produção. Pontes, diferente de Castro, não cita autores em sua crítica, mas teria a crítica especializada identificado tais autores? O que disseram sobre eles? Quais obras lançadas durante o período pesquisado foram consideradas “existencialistas”?

O Encontro Marcado, de Fernando Sabino, se destaca nesse quesito: é enfaticamente apontada como de viés existencialista. Antonio Olinto, quando do lançamento do livro, em 1956, assevera que se trata de obra influenciada por esse pensamento. Para o crítico, o livro

⁴⁴³ RUMOS E PERSPECTIVAS NAS LETRAS, 28/07/1955, p. 2. Grifos meus.

⁴⁴⁴ A grafia certa é *camelote*, mercadoria de má qualidade. Originou o abasileirado “camelô”.

⁴⁴⁵ RUMOS E PERSPECTIVAS NAS LETRAS, 28/07/1955, p. 2. Grifos meus.

⁴⁴⁶ RUMOS E PERSPECTIVAS NAS LETRAS, 28/07/1955, p. 2.

coloca em cena a angústia vivida pela geração do pós-guerra no Brasil, o que, aliás, a inclui no rol de livros que corriam o risco de ficarem datados, já que profundamente conectado com seu tempo: é romance representativo da geração que viveu os anos de 1935 a 1950. Olinto filia a obra ao pensamento kierkegaardiano por aquilo que traz de angústia e de rompimento com a dualidade sujeito/objeto.⁴⁴⁷ Com essa visão concorda a crítica Dulce Maria Viana Mindlin (1992), quando afirma, inclusive, o paralelismo do caminho do personagem principal Eduardo Marciano com os estágios da existência em Kierkegaard.

Em análise sobre a fortuna crítica da obra, a dissertação de mestrado de Suzana Barbosa Costa (2007, p. 42) consolida que:

Fábio Lucas, Haroldo Bruno, Tristão de Athayde, Dulce Maria Mindlin apontam para o existencialismo presente no romance. A “angústia”, a “solidão”, a “náusea”, “o drama interior”, são temas presentes nessa filosofia, críticas de Lúcio Cardoso, José Carlos Barbosa Moreira, Antonio Candido apontam para esses temas.

Ora, todos esses temas são também caros ao pensamento de Sartre. E sabemos que Fernando Sabino e sua Editora do Autor lançaram com celeridade a obra do filósofo, *Furacão Sobre Cuba*, em 1960, quando da visita do pensador ao Brasil. Assim, é também provável a filiação da obra com o existencialismo de Sartre, inclusive pela compreensão de que se trata das reflexões angustiadas da geração do pós-Segunda Guerra.

De todo modo, não só Kierkegaard, Sartre, mas é plausível que outros pensadores tenham contribuído para as reflexões existenciais que fazem os personagens do romance. Especificamente sobre Sartre, indícios do contato de Sabino com a obra do pensador aparecem em algumas de suas cartas para amigos. Em 1947, para Otto Lara Resende, escreve que foi “assistir a Les Mouches de Sartre por um Teatro Experimental. É aquilo mesmo.” (SABINO, 2002, p. 136). “Aquilo mesmo” aponta para diálogos prévios, quer seja sobre Sartre, quer seja sobre a qualidade de seu teatro ou, ainda, sobre o teatro experimental. Poucas semanas depois, escreve para a também amiga Clarice Lispector e registra: “Assisti aqui [em Nova York] a uma peça de Sartre, ‘Les Mouches’, não gostei.” (SABINO, 2001, p. 88). “Aquilo mesmo”, não importa sobre o que seja, não é boa opinião...

Entretanto, não haver gostado da peça não significa que se escusava de vê-la nem, tampouco, de ler Sartre. Em outra missiva, também de meados de 1947, conta aquilo que vinha lendo: “Li Apollinaire, Sartre e me esbaldei com Eric Gill, um católico inglês de se tirar o chapéu.” (SABINO, 2002, p. 144). Sobre Kierkegaard, Sabino tece apenas um breve comentário em uma carta de 1965, em que clama por alguém para conversar sobre outras coisas que não trabalho, “tenho milhões de coisas a conversar, de Camus a Oscar Bloch, de Kierkegaard à Sophia Loren” (SABINO, 2002, p. 257). É interessante perceber como as duas pontas trazem

⁴⁴⁷ PORTA DE LIVRARIA, 22/12/1956, p. 6.

filósofos da existência: Kierkegaard e Camus. Além destes e de Sartre, nas missivas menciona Nietzsche e Beauvoir, não faz qualquer menção a Heidegger. Eram estes os existencialistas que Sabino parecia ler e que, de algum modo, contribuíram para as questões existenciais presentes nas falas de Eduardo Marciano e seus amigos Mauro e Hugo, tais como este diálogo entre os três:

— Chegou a hora de puxar angústia.

Puxar angústia era abordar um tema habitual, como el sentimiento trágico de la vida, le recherche du temps perdu, to be or not to be:

— Você já pensou que daqui a cem anos estaremos mortos?

— O que são cem anos, diante da eternidade?

— Esta vida é uma merda.

Tema habitual de Hugo: o efêmero da existência. Nada valia nada, tudo precário, equívoco, contraditório. Vinha escrevendo um livro, uma espécie de ensaio poético, em que procurava traduzir este sentimento da inutilidade das coisas. Era a palavra-chave; bastava dizer, a certa altura, com um suspiro de desalento: “mas que coooisa!” e a angústia baixava logo as negras asas sobre os três. “Angústia? Mal sabíamos com que estávamos brincando”, diria cada um para si mesmo, anos mais tarde, quando a verdadeira angústia os apanhasse.

Tema habitual de Mauro: a incidência no tempo e no espaço: a inexorabilidade do fortuito na vida de cada um. Seu pai jamais se encontrara com sua mãe. Ele próprio nascera cem anos atrás. Cada gesto, cada palavra, cada pensamento seu refletia-se nos outros, alterava-lhes a vida, comandava-lhes o destino. Ali, sentado no banco da praça, ele estava, por uma série de relações, ou ilações (gostava desta palavra) negativas, alterando o curso das coisas, talvez o curso da guerra.

— Vivo em mim a humanidade inteira! — e se erguia, entusiasmado.

Tema habitual de Eduardo: o tempo em face da eternidade. Caminhamos para a morte. O futuro se converte, a cada instante, em passado. O presente não existe. Vivemos a morte desde o nascimento.

— Nascemos para morrer.

E ficavam calados, solenizados, angustiados enfim, diante da gravidade do que Eduardo sentenciara. (SABINO, 2005, p. 59-60)

“Puxar a angústia”, pensar na eternidade, na morte e no morrer, claro, tudo isso aponta para temas existenciais. Entretanto, é à própria existência de Eduardo Marciano, as transformações de sua vida, as mudanças e reflexões que faz para buscar compreender aquilo que experimenta, que são o cerne das reflexões da obra e que a vinculam à tradição existencial. A vinculação da obra de Sabino a correntes existenciais faz sentido na obra, não apenas como tema, mas como aquilo que constitui a própria tônica da narrativa. Isso não se dá com todas as obras, que parecem apenas mencionar as temáticas existenciais. Veremos algumas logo em seguida.

Mas, antes, é preciso dizer que já em 1957, Olinto reconhece a influência de Sartre na obra de Sabino: “(...) mostram [Sabino e Otto Lara Resende em *Boca do Inferno*] a vida sob um aspecto levemente sartriano”⁴⁴⁸. Retoma a ideia em 1962, quando afirma que o livro fala de “Um Rio [de Janeiro] de vida intelectual e boêmia que, de certa maneira, correspondia ao

⁴⁴⁸ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7. Grifos meus.

ambiente narrado por Jack Kerouac em ‘On the Road’, **ao que aparece em ‘Idade da Razão’, de Sartre**, e ao que Henry Miller jogou, com cores mais violentas, nos ‘Tropics’”⁴⁴⁹.

Em 1957, Olinto comenta o lançamento do livro de crônicas *Fala, Amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade, afirmando que uma das narrativas traz “um duelo Aristóteles versus Sartre”. Não identifica o título da crônica, mas registra que versa sobre uma carteira de identidade⁴⁵⁰. Diante do referido livro, penso que a crônica em questão só pode ser *essência, existência* (ANDRADE, 2012, p. 128-29). A história é simples: um homem, “X”, “assistindo a um desfile de escolas de samba”, sente-se dissolvido na multidão. Quando volta a si, percebe que “lhe faltava a carteira”, fato que não lhe importara tanto, pois não tinha levado muito dinheiro consigo. Porém, no dia seguinte, tendo que descontar um cheque no banco, precisa de sua identidade, lembrando-se que já não a tinha, pois estava na carteira perdida. Isso também acontece quando chega na repartição onde teria uma audiência. No espaço, lembra-se do documento funcional, mas percebe que este também fora perdido. Assim também se dá no sindicato, onde lhe pedem a carteira sindical. Diante de tantos lugares em que sua existência só era fiável pela apresentação de sua carteira,

Compreendeu que, desde a perda de suas carteiras, não existia mais. Um homem só existe pelos documentos de identidade. [...] Iluminava-se o velho problema filosófico da essência e da existência. **Kierkegaard vislumbra a solução, ao afirmar que existente é aquele que experimenta certa intensidade de sentimentos em contato com alguma coisa fora dele.** (...) (ANDRADE, 2012, p. 129. Grifos meus)

Ora, não se tratava de Sartre, tampouco de Aristóteles. Era com Kierkegaard que dialogava Carlos Drummond de Andrade. Mas porque Olinto, que, veremos mais adiante, tem predileção pelo existencialismo cristão de Kierkegaard, “enfia” Sartre onde não fora chamado? Não é possível ensaiar uma resposta à questão, mas as posições de Olinto sobre algumas obras permitem ver que sua opinião sobre Sartre não é muito favorável.

Em uma crítica a *O Ventre*, de Carlos Heitor Cony, afirma-se que Sartre é influência daquela escrita. O motivo? A história evidencia espécie de “satanismo”. Este, porém, precisa ser ultrapassado para que se encontre o “lirismo dos mais cheios”⁴⁵¹. O lirismo é marca de Cony e não o tal “satanismo”, emprestado de Sartre. Essa impressão se confirma em 1959, quando, ao falar do livro *Pajuçara*, de Oliveiros Litrento, afirma que Sartre é um autor “a-lírico”. Olinto diz que havia “A tendência para mostrar, em tons de revolta, aspectos considerados como socialmente injustos” na literatura brasileira, mas esta cedeu espaço a duas direções: “a direção a-lírica de Sartre” ou o “primado do sentimento”. Para o crítico, esse é o caso de *Pajuçara*, que

⁴⁴⁹ PORTA DE LIVRARIA, 05/05/1962, p. 9. Grifos meus.

⁴⁵⁰ PORTA DE LIVRARIA, 19/08/1957, p. 33.

⁴⁵¹ PORTA DE LIVRARIA, 09/12/1958, p. 21.

traz uma “falta de compromissos [políticos] que tem o seu lado altamente elogiável”⁴⁵². Não encontrei este livro para poder considerá-lo para além da crítica de Olinto.

Roberto Freire, pelo lançamento de *Cléo e Daniel*, é também reputado como seguidor do movimento existencialista e, tal qual Sabino em *Encontro Marcado*, constrói um “romance estilo Sartre, revelador de um espírito filosófico e das tendências de uma época”⁴⁵³. Aqui, novamente, vemos uma conexão entre Sartre e *O Encontro Marcado* sendo apontada por Olinto. Já o livro de Freire conta a história do casal Cléo e Daniel, que tentam viver seu amor em meio às dificuldades impostas pelo tempo histórico em que viviam, os conflitos familiares e seus dramas pessoais – ambos eram pacientes psiquiátricos (FREIRE, 1987). Não consigo perceber conexão direta dos temas da obra com aqueles trabalhados no pensamento de Sartre.

Outro autor que aparece como tendo sido influenciado não apenas pelo existencialismo, mas também pelas correntes fenomenológicas, é José Louzeiro, em livro chamado *Depois da Luta*. Novamente, porém, Olinto faz referência a um existencialismo não marcado, definido apenas pela vaga ideia de um estilo em que não há separação entre sujeito e objeto. Ao mesmo tempo, encerra a análise, que engloba outros dois autores, afirmando que, por sorte, os livros de contistas florescem no país, sem que estes estejam se atendo a teses – o que, mesmo que não seja uma crítica direcionada a Sartre, leio como reiteração da oposição do crítico à literatura engajada⁴⁵⁴.

Quadro 11 - Roberto Freire (1927-2008)

Figura 15 - Capa do livro
Sem tesão não há solução,
de Roberto Freire.



Médico psiquiatra, jornalista, terapeuta, dramaturgo, escritor, cineasta. Estas foram algumas das ocupações de Roberto Freire. Foi criador de um método psicoterápico chamado de Somaterapia, inspirado pelos estudos corporais de Wilhelm Reich e pelas ideias do movimento anarquista.

⁴⁵² PORTA DE LIVRARIA, 21/07/1959, p. 15.

⁴⁵³ PORTA DE LIVRARIA, 27/05/1966, p. 5.

⁴⁵⁴ PORTA DE LIVRARIA, 29/08/1959, p. 13.

Em um texto em que analisa os caminhos da literatura nacional, em 1959, Olinto afirma que o existencialismo foi uma influência no pós-Guerra, dando frutos literários como *O Encontro Marcado*, de Sabino, *Salto Mortal*, de Ascendino Leite, e, acresce à lista, *Um Ramo para Luísa*, de José Conde⁴⁵⁵. Este livro, consegui encontrar em uma das bibliotecas da UERJ. Narra a paixão de um homem por Luísa, uma prostituta, que acaba morta ao fim da história, marcada por reflexões sobre responsabilidade, escolhas, existência e morte (CONDE, 1987). O que talvez haja de mais existencial na obra é a dificuldade de efetivação do amor, tal qual aparece em *Cléo e Daniel* (FREIRE, 1987). Ambas as obras figuram entre aquelas cuja vinculação com o pensamento existencialista considero que se dê mais por abordarem personagens considerados problemáticos, como os jovens rebeldes Cléo e Daniel e a prostituta Luísa, e, portanto, na esteira da *moda existencialista*, brevemente comentada no capítulo anterior.

No mesmo compasso das obras acima, *A Hora do Anticristo*, de Isócrates de Oliveira, é apresentada como produto nacional com selo existencial de Kierkegaard. O personagem principal é um apátrida e, aos poucos, se revela o anticristo do título. Por meio do personagem, “discute Isócrates de Oliveira todas as ideias de hoje, fala em marxismo, fidelismo, existencialismo, cristianismo, tomismo, entra em problemas de lógicas, num panorama que eu chamaria de monológico e de que não temos [outro] exemplo”⁴⁵⁶. Lendo o livro, deparo-me com um romance de tese no pior sentido do termo. A cada momento, uma ideia é discutida por meio do personagem-título.

Penso se o espírito do tempo fazia enxergar temas existenciais em muitas obras, mesmo que eles não estejam ali de modo pronunciado. Lendo estes últimos livros citados, é o que me parece: apenas um crítico muito conectado com a produção literária existencialista, poderia enxergar ali alguma semelhança, como se trouxesse consigo certo olhar viciado. Isso não é o que se passa em *O Encontro Marcado* (SABINO, 2005), cujo tom existencialista está presente ao longo de todo o livro, mesmo para mim, leitor atual.

Outro elemento que salta aos olhos diante dessas críticas é a importância de Olinto para a pesquisa. Seu olhar constrói boa parte daquilo que se lê sobre literatura no jornal. Pode-se depreender, até aqui, que tem maior afeição pelas correntes cristãs do existencialismo e certa tendência a considerar como vinculado a Sartre os livros que ressaltavam aspectos considerados grotescos à época, em certa afinação ainda presente com a moda existencialista. Mas não é

⁴⁵⁵ PORTA DE LIVRARIA, 28/10/1959, p. 3.

⁴⁵⁶ PORTA DE LIVRARIA, 29/05/1965, p. 17.

apenas em relação aos livros brasileiros que Olinto irá apontar sua escrita para o existencialismo e, em específico, para Sartre. Passemos a olhar de modo mais próximo suas críticas ao filósofo.

2.3 Antonio Olinto, crítico de Sartre

A coluna *Porta de Livraria* faz muito mais do que trazer análises críticas de obras que considera vinculadas ao pensamento de Sartre. Ou também do que anúncios dos lançamentos do filósofo, traduzidos ou não. Em diversas ocasiões, Olinto utiliza seu espaço no jornal para defender um ponto de vista, evidenciando suas opiniões sobre o pensamento do intelectual francês. Embora *Porta de Livraria* tenha sido fonte para a discussão de diversos temas em outros momentos dessa pesquisa, aqui apresento as ocasiões em que o tema central é a opinião do colunista sobre o existencialismo e Sartre.

Quadro 12 - La Dolce Vita

O cineasta italiano Federico Fellini lançou em 1960 uma de suas obras mais conhecidas: *A doce vida*. Marcelo Mastroiani, na pele do jornalista sensacionalista Marcello Rubini, transita por festas e relacionamentos, em uma Roma marcada pelos efeitos da Segunda Guerra. Uma “doce vida” é, na verdade, sinônimo para uma vida superficial, em que as relações e a possibilidade de contato são dificultadas pela fruição e busca desenfreada pelo prazer.

Figura 16 - Frame do filme La dolce vita.



Para Antonio Olinto, o filme representa não apenas os efeitos do pós-Guerra, mas o estilo de vida promovido pela filosofia de *O Ser e o Nada*, de Sartre (PORTA DE LIVRARIA, 07/12/1960, p. 16).

A primeira análise crítica sobre Sartre é de 1957, quando Olinto comenta *A idade da razão*, relançado naquele ano. Retoma ideias de *O Ser e o Nada*, afirmando que uma corrente filosófica faz sucesso porque guarda conexão profunda com a época. Sartre comunica algo para

seu tempo. Mas, ressalva, “há sempre, porém, duas espécies de identidade: a negativa e a positiva. **E Sartre se identifica com o lado negativo do homem comum de hoje**”⁴⁵⁷.

Fazendo apresentação apressada de algumas noções desta obra filosófica, afirma que Sartre coloca os homens como inimigos uns dos outros. Esta é uma compreensão inadequada da noção de Para-Outrem e, sobretudo, da discussão sobre as relações intersubjetivas presentes em toda a terceira parte de *O Ser e o Nada* (SARTRE, 2007).

A afirmação do conflito sempre recolocado na relação entre humanos, como se em um “círculo vicioso” (SARTRE, 2007, p. 454), ou seja, a indicação da impossibilidade de se alcançar uma espécie de absoluto equilíbrio nas relações entre humanos é lida como se o que dissesse é que a relação humana é inviável e que não deve ser sempre e novamente ensaiada. Desagua numa interpretação de que as pessoas sejam sempre inimigas entre si. Esta mesma leitura inadequada é geralmente colocada em cena em torno da célebre frase “O inferno são os outros”, da peça *Entre quatro paredes* (SARTRE, 2014, p. 125), como veremos mais adiante.

De todo modo, é interessante perceber como o texto de Olinto busca apresentar para o leitor da coluna noções fundamentais da obra, como “em-si”, “para-si”, “para-outrem”, “projeto existencial” e a existência humana como projeto de ser “em-si-para-si”⁴⁵⁸. Para Olinto, Sartre acredita que o homem sempre fracassa em seu projeto de ser em-si-para-si pois isso, diz o filósofo, seria ser Deus “e Sartre não aceita Deus”.

É importante lembrar que o que se propõe nesta pesquisa não é a refutação de tudo aquilo que se afirmou sobre Sartre. O que se busca é fazer brilhar diante de nós essa personagem antropofagizada. Mas, para compreender como a deglutição processou o pensamento existencial, é forçoso, em alguns momentos, acenar para a filosofia de Sartre. “A denominação *Para-si* pela qual Sartre designa a experiência subjetiva deve ser esclarecida através da expressão oposta, *Em-si*, que se refere ao ser objetivo” (SILVA, 2019, p. 19. Grifos no original) e sobre a noção de projeto, “(...) Sartre pensa o caráter constituinte do movimento do Para-si, ou o Para-si como movimento, que na filosofia da existência recebe a designação de projeto” (SILVA, 2019, p. 23). Estas são duas definições simples do filósofo Franklin Leopoldo e Silva para esses termos. A partir disso, pode-se compreender que, ao apontar que o humano é projeto de ser em-si-para-si, o que sinaliza Sartre é para a busca universalmente presente e singularmente vivida em cada existência, de constituir-se num movimento que, por um lado busca ser definidor de si ao modo do em-si e, por outro e ao mesmo tempo, mantendo a abertura

⁴⁵⁷ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7. Grifos meus.

⁴⁵⁸ Para alguns comentadores da obra de Sartre que irão expor o sentido desses termos, remeto o leitor a Bornheim (2007), Silva (2010), Castro & Ehrlich (2016) e Silva (2019).

própria ao para-si (SARTRE, 2007). Não é necessário muito esforço para que se compreenda que se trata de um movimento que se recoloca a todo instante dialeticamente para cada existente, sempre exigindo uma nova tentativa de resposta, uma vez que nenhuma será plenamente satisfatória.

O projeto existencial de ser em-si-para-si é também chamado de projeto de ser deus, ideia que agrega justamente a noção de uma plenitude e abertura. Assim, não se trata de negação de deus neste trecho – embora, claro, o ateísmo seja importante elemento do pensamento do filósofo –, mas da impossibilidade de realização desse projeto, consolidado imaginariamente em uma figura mítica. O projeto existencial, nesse sentido, é fracasso. Mas a existência vigora na busca sempre reiterada de realização desse projeto. Claro, porém, isso escapa ao crítico Olinto, que resume para o leitor todo esse pensamento com as reprovações que merece um pensador ateuista.

Em diversos momentos, aliás, o literato retoma seu diálogo incômodo – para quem estuda Sartre – com *O Ser e o Nada*, reafirmando que ela é a defesa da não-escolha, da não-liberdade, que fomentou, em função de seu sucesso, um mundo angustiado e sem caminhos⁴⁵⁹. Muitas incompreensões da obra presentes entre 1945 e 1955, momento inicial de sua divulgação (SOUZA, 2015), reaparecem nesse texto. Sartre é filósofo da angústia e da morte, que defende liberdade tão ampla que leva à inação. Olinto percebe em *A idade da razão* a “perfeita transposição dessa filosofia [de *O Ser e o Nada*] para o plano dos acontecimentos”, sendo um livro que começa e finda à toa. Isso não causava espanto, já que Sartre escreveu que “o homem é uma paixão inútil”, o que prova que, para o pensador, “tudo é inútil”. Assim, conclui que há livros de Sartre que não precisam ser lidos⁴⁶⁰.

É inusitada essa posição se compararmos com trechos já indicados anteriormente, em que o colunista elogia o lançamento deste mesmo livro, à título de propaganda do que era, em verdade, relançamento⁴⁶¹. Noutra ocasião, afirma que o fato de o existencialismo ter se feito presente na ficção, no teatro e na crítica literária, acabou com todo o lirismo destes campos, só se salvando a poesia⁴⁶². Essa última ideia ecoa sua crítica ao livro de Cony, acusado de um satanismo que mata o lirismo característico do autor⁴⁶³. Como conjugar o elogio ao lançamento do livro, com os ataques ao mesmo e à obra como um todo? Persigamos mais rastros.

⁴⁵⁹ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7.

⁴⁶⁰ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7.

⁴⁶¹ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7.

⁴⁶² PORTA DE LIVRARIA, 17/10/1959, p. 7.

⁴⁶³ PORTA DE LIVRARIA, 09/12/1958, p. 21.

Voltemos à crítica à *Idade da Razão*. O contraponto de Sartre é Gabriel Marcel, filósofo da existência cristão que, ao construir uma filosofia que reconhece a existência de Deus, possibilita pensar em um “tu” que aproxime as pessoas. “Tendo achado o ‘tu’, descobriu também o amor e a esperança. Tendo o amor e a esperança por base, foi fácil a Gabriel Marcel construir a fidelidade e a responsabilidade”⁴⁶⁴. É a Marcel que Olinto dedicará toda a coluna da semana seguinte, afirmando que este prefere se distanciar do pensamento de Sartre ao optar por ser chamado de filósofo da existência e não de existencialista; reafirmando a ideia de que Marcel viabiliza a relação entre as pessoas; e que ele se opõe ao pensamento materialista, indicando que há duas correntes de pensamento: a sua própria, que entende como filosofia do espírito, e a do materialismo⁴⁶⁵. A negação de Marcel do método dialético, materialismo histórico e propostas metodológicas do pensamento de Karl Marx se destacam nas ocasiões em que Olinto o comenta.

É ao ateísmo de Sartre que Olinto aponta a maior parte de suas armas. O tema reaparece quando concorda com o ensaísta inglês Colin Wilson, que afirma, partindo de análise das obras de Sartre, Camus, Gide e outros, que a literatura contemporânea matou o herói, substituindo a religiosidade pelo existencialismo⁴⁶⁶. Ou quando indica que não aprova o existencialismo ateu pois tem ojeriza a pensamentos que renunciam ao divino⁴⁶⁷.

De todo modo, ao fim da análise de *A Idade da Razão*, Olinto afirma a existência de uma literatura existencialista no país:

Os dois livros até certo ponto existencialistas aparecidos ultimamente no Brasil – ‘O Encontro Marcado’, de Fernando Sabino, e ‘Boca do Inferno’, de Otto Lara Resende – mostram a vida sob um aspecto levemente sartriano. **O movimento é maior do que se pensa**, porque tem seus fundamentos nos desencontros do homem de hoje.⁴⁶⁸

Sabino, como vimos, e Resende teriam construído suas duas últimas obras em diálogo com o pensamento de Sartre, talvez em função do contato que tinha com a experiência imediata do homem contemporâneo. Por outro lado, é o mesmo Olinto que, em março de 1960, afirma que a literatura brasileira alcançou uma separação das letras francesas e que “a guerra alterou o aspecto geral das coisas e foi começando a ser cavada uma separação cultural que nem o existencialismo de Sartre conseguiu interromper”.⁴⁶⁹ E é ainda o mesmo que, em 1966, afirma

⁴⁶⁴ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7.

⁴⁶⁵ PORTA DE LIVRARIA, 01/06/1957, p. 11.

⁴⁶⁶ PORTA DE LIVRARIA, 08/02/1960, p. 13.

⁴⁶⁷ GIDE: DEZ ANOS DEPOIS, 18/02/1961, p. 9.

⁴⁶⁸ PORTA DE LIVRARIA, 25/05/1957, p. 7. Grifos meus.

⁴⁶⁹ PORTA DE LIVRARIA, 03/03/1960, p. 6.

que o livro de Roberto Freire era existencialista, desdizendo seu próprio diagnóstico de anos anteriores sobre a separação⁴⁷⁰.

Penso que essas inconsistências possam ser compreendidas como algo comum na escrita de uma coluna semanal. Há muito o que se produzir para lançar a cada sete dias novas análises e notícias. Ao mesmo tempo, penso quantos textos de Olinto não eram de fato dele, mas de uma equipe que trabalhava com ele. Ademais, as notas elogiosas quando do lançamento de livros, fariam parte de estratégias de lançamento ainda comuns hoje em dia, com reportagens compradas sem qualquer indicação de que se trata de propagandas? De todo modo, há alguma regularidade quando deixamos de lado essas ocasiões mais circunstanciais, em torno do lançamento de um ou outro livro, e passamos, como neste subcapítulo, a analisar mais de perto as colunas de crítica literária de Olinto. Sartre, para ele, era um escritor mediano, produto de seu tempo, de uma moda que o acolheu, produtor de efeitos na literatura e alguém cujas ideias precisam ser combatidas para que possam se tornar efetivamente ultrapassadas.

Caminha neste mesmo sentido a crítica que faz diante do livro *The town*, de William Faulkner. Diz que o modo como as relações entre os personagens é construído mantém diálogo com as impossibilidades de relação com o outro no pensamento de Sartre⁴⁷¹. Reaparece aqui leitura inexacta do para-outrem, assim como quando comenta lançamento da tradução de *Somos todos vítimas do mundo artificial*, de Alphonse Vinescou. Afirma que a artificialidade do mundo passa por pensamentos que veem o outro como objeto, influenciados pelo existencialismo. Ler a crítica de Vinescou a essas perspectivas gera “sentimento de simpatia”⁴⁷².

Quadro 13 - “Esse tal do Rock’n’Roll”

Para Olinto, “qualquer pessoa poderá reconhecer, no ‘rock’n’roll’, uma forma **norte-americana de existencialismo**” ((PORTA DE LIVRARIA, 10/05/1958, p. 11. Grifos meus). Essa é apenas mais uma das associações descompromissadas entre o existencialismo e um movimento contestatório da juventude.

Os efeitos “deletérios” do novo ritmo ganharam análise do psicólogo Jean Rousselet. Diante do fato de que o rock vinha animando as *caves* de Saint-Germain-Des-Près e de que o gênero musical era atrelado a uma juventude “delinquente”, Rousselet foi convidado a opinar sobre qual seria o olhar da Psicologia para o fenômeno.

“Não há nada de particularmente inquietante no comportamento dessa juventude coca-cola’ – diz o professor. ‘O verdadeiro problema é saber como ela sairá da sua adolescência tumultuosa. É um problema que toma as dimensões do mundo, da sociedade inteira. Tudo entra em jogo: as gerações, as situações sociais, a guerra, o após-guerra, as ideologias, os meios de informação, a imprensa, o rádio, o cinema, o nível das culturas. **Nossa tarefa é compreender tudo isso e tentar as soluções adequadas.**” (VAGA DE “ROCK AND ROLL” NA FRANCA. 11/10/1956. p. 10. Grifos meus)

⁴⁷⁰ PORTA DE LIVRARIA, 27/05/1966, p. 5.

⁴⁷¹ PORTA DE LIVRARIA, 26/10/1957, p. 6

⁴⁷² PORTA DE LIVRARIA, 17/12/1957, p. 18.

Outro aspecto relevante da escrita de Olinto em torno do existencialismo de Sartre se dá na comparação deste com outro movimento. Comentando a literatura *beatnik* estadunidense, com ênfase para Jack Kerouac, afirma que “Na França, o sartrismo, anterior à guerra, encontrou uma resposta firme num homem como Camus, em quem o espírito de justiça eliminava o ódio e o medo ao ‘outro’ do existencialismo de Sartre”⁴⁷³. Em outra ocasião, aproxima a geração beat da ideia de “outro” de Sartre, já que ambas as perspectivas buscam um isolamento e criação de uma mitologia própria. Em contraponto, aqueles teriam como fim “o desejo de busca religiosa”, afirmação que faz a partir de trecho em que Kerouac diz que os *beats* entendem que “encontrar-se é encontrar Deus”⁴⁷⁴.

A associação da geração *beatnik* com a juventude existencialista é colocada em cena em diferentes momentos. Em certa ocasião, afirma-se que eles seriam “uma faceta nova dos famosos ‘existencialistas’ das caves parisienses do começo desta década”⁴⁷⁵. Noutra, que o nome mais moderno para certa “atmosfera existencialista” seria dizer que era *beatnik*⁴⁷⁶. Ou como, ao falar sobre os problemas estadunidenses, afirma-se essa “espécie de existencialismo norte-americano” assustava e requeria atenção, mas, como diz o título da reportagem, *Ninguém melhor do que o Ianque conhece as próprias fraquezas*⁴⁷⁷.

Essa aproximação, porém, não me parece adequada. O movimento *beat*, embora tenha surgido em momento próximo àquele do sucesso do Existencialismo na França, tem pautas distintas e não passa, por exemplo, pela constituição de uma ontologia fenomenológica (SARTRE, 2007) para compreender a existência humana. Uma tal aproximação parece se dar em virtude da juventude existencialista dos anos 1940-50, em Paris, em comparação com os jovens adeptos do movimento estadunidense. Há análises que apontam para a influência do pensamento existencialista europeu sobre os *beatniks*, tendo ambos os impactos da Segunda Grande Guerra como ponto de partida (RUSSELL, 2012). Mas é importante considerar as especificidades do cenário estadunidense do pós-Guerra, constituindo movimento de contestação ao novo estilo de vida do país (SELCIK, 2014). O movimento *beat* participa com força maior na linha dos movimentos de contracultura, sobre os quais alguma influência do pensamento de Sartre ainda precisa ser analisada.

A filosofia existencial do dinamarquês Soren Kierkegaard, cujas ideias propõem a “primazia da vida sobre o pensamento e a necessidade de aceitação da existência sem construir,

⁴⁷³ PORTA DE LIVRARIA, 19/03/1960, p. 11.

⁴⁷⁴ PORTA DE LIVRARIA, 26/03/1960, p. 9.

⁴⁷⁵ O GLOBO NOS CINEMAS, 10/09/1959, p. 6.

⁴⁷⁶ O GLOBO NOS CINEMAS, 13/01/1960, p. 8.

⁴⁷⁷ 08/03/1960, p. 11.

sobre ela, sistemas teóricos”, é vista com bons olhos por Olinto. A angústia e desespero para o dinamarquês não desaguariam no derrotismo de Sartre. Afinal, ao oscilar entre ser e nada, em si e para-si, o francês cria um “pensamento angustiado”. “A frase de ‘Huis Clos’, tantas vezes – ‘O Inferno é o outro’ [sic] –, demonstra bem claramente a tentativa de se isolar no sofrimento individual”. A conclusão é que o pensamento de Kierkegaard possibilita saída positiva para o humano desorientado pelo pós-guerra, ao passo que Sartre, ao colocar o problema da escolha ao modo do não uso da liberdade em seus romances, provoca “estranhas atitudes numa geração”⁴⁷⁸. Parece aqui estar retomando opinião já expressa sobre *A idade da razão*, sem explicitar sobre qual obra fala.

Apesar de todas as críticas, há espaço para um olhar mais benevolente! Quando da vinda de Sartre ao Brasil, sua primeira parada é o Congresso de Crítica Literária em Recife, para o qual é convidado. Um dia antes do início do evento, Olinto apresenta em sua coluna os caminhos seguidos pela crítica literária da época. A Segunda Guerra gerou inflexão nos caminhos da crítica e, na França, passaram a existir dois caminhos: a crítica militante, entendida como aquela cotidianamente apresentada nos jornais e revistas, que acompanha o movimento da literatura; e a não-militante, presente nos livros de estudos literários. Outro ponto demarcado é a Psicanálise ter passado a servir de fundamento para a análise crítica, “recurso salvador” de indivíduos e obras de arte nos EUA pós-crise de 1929. Ao lado desta, “outra diretriz importante na crítica dos nossos tempos tem sido o marxismo. Houve inclusive uma união entre psicanálise e marxismo (como nos casos do trabalho de Sartre sobre ‘Baudelaire’ e de Roland Barthes sobre ‘Michelot’”⁴⁷⁹. Sartre, porém, seria incluído em outra vertente, marcada por seu existencialismo.

A mais forte corrente crítica do momento talvez seja a que procura ver, em toda literatura, simplesmente uma espécie de ‘moral em ação’. Seria a ‘metacrítica’, a de raízes filosóficas, a fenomenológica, a humanista, a existencialista. Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty seriam, na França, os cultores da ‘metacrítica’, ora inteiramente fenomenológica, ora mais especificamente existencialista, mas, sem que haja contradição nos termos, quase sempre humanista. Merleau-Ponty mantém-se fiel a Husserl, enquanto Sartre fica mais perto de Heidegger.⁴⁸⁰

Aqui, pela primeira vez, encontramos um Olinto que reconhece algum humanismo – entendido como valorização do humano – no pensamento de Sartre, embora esse caminhe junto com o existencialismo ateu, sobre o qual já sabemos a opinião do crítico. Por isso, aliás, escreve “sem que haja contradição nos termos”, embora não explicita como compreende que se

⁴⁷⁸ PORTA DE LIVRARIA, 21/03/1959, p. 11.

⁴⁷⁹ PORTA DE LIVRARIA, 06/08/1960, p. 9.

⁴⁸⁰ PORTA DE LIVRARIA, 06/08/1960, p. 9.

ultrapassa esse paradoxo. De todo modo, a conclusão de sua exposição sobre a crítica é simples: esta importa menos do que a literatura⁴⁸¹.

Também em função da vinda de Sartre e Beauvoir, Olinto dedica uma coluna inteira a apresentar a trajetória de ambos. Começa por Sartre, narrando que ele fora aluno de Husserl; que lançou em 1943 *O Ser e o Nada*, que “constitui um dos documentos básicos para a compreensão do pensamento filosófico do nosso tempo”; que escreveu *As moscas*, *Entre quatro paredes*, *Mortos sem sepultura*, *A prostitua respeitosa*, *As mãos sujas*, *O diabo e o bom deus*, *Kean* e *Nekrassov* para o teatro. Todos estes títulos, na verdade, foram registrados na coluna no original em francês. “Terminada a guerra, tornou-se Sartre um dos líderes do pensamento mundial. Sua filosofia ficou na moda [...] e o existencialismo sartriano parecia apresentar uma resposta certa para uma geração desesperada”, escreve Olinto, que prossegue com a lista de ensaios escritos por Sartre, dando ênfase ao *Baudelaire*. “Depois de muitos anos como puramente existencialista, começou Sartre, em 1952, a ocupar-se do marxismo. Daí sua entrada no Partido Comunista, onde ficou até 1956”, afirma erroneamente Olinto⁴⁸², já que Sartre nunca aderira ao PC. E, mesmo rompendo com os comunistas neste ano,

Continuou, contudo, ligado ao marxismo como teoria. Seu mais recente livro de filosofia, publicado neste ano de 1960, chama-se ‘Critique de la Raison Dialectique’ e, nele, tenta Sartre uma aproximação entre o existencialismo e o marxismo. Em entrevista concedida com exclusividade a O GLOBO, esta semana, afirmou Sartre que não deseja uma ‘fusão’ entre as duas correntes, mas o seu livro de quase setecentas páginas propõe mais ou menos isto.⁴⁸³

Apresenta Simone de Beauvoir, mencionando o êxito de vendas de *O Segundo Sexo* no país naquele ano. A apresentação da filósofa é sucinta. Logo, Sartre é retomado.

Do ponto-de-vista filosófico, Sartre e Simone têm algumas diferenças. Talvez pudéssemos dizer que Simone de Beauvoir é mais otimista. A visita dos dois ao Brasil vem num momento em que suas obras têm aqui enorme aceitação. A popularidade de Sartre já foi maior em todo o mundo. Nos anos imediatamente posteriores à guerra 1939-45, pouca gente o desconhecia. Contudo, isto não significava que sua obra fosse muito divulgada. O homem virara símbolo, mas seus livros nem sempre eram muito conhecidos fora da França. Agora, não. As traduções de seus trabalhos de filosofia, de seus romances, de suas peças de teatro, abarcam o mundo inteiro. Os romances de Simone de Beauvoir têm, no Brasil, leitores constantes. É possível que ela venha a descobrir, neste Continente que somos, particularidades que nos escapem – e possa entusiasmar-se da mesma forma como o fizera na China. Para Sartre, o importante em qualquer país é a juventude. Em Recife e na Bahia, procurou conversar com os jovens, saber o que eles pensavam, o que desejavam. O mesmo deverá fazer no Rio e nas outras cidades brasileiras que visitará.⁴⁸⁴

⁴⁸¹ PORTA DE LIVRARIA, 06/08/1960, p. 9.

⁴⁸² PORTA DE LIVRARIA, 06/08/1960, p. 9.

⁴⁸³ PORTA DE LIVRARIA, 20/08/1960, p. 9.

⁴⁸⁴ PORTA DE LIVRARIA, 20/08/1960, p. 9.

Na semana seguinte, Olinto informa que almoçará com Sartre e Beauvoir e que pretendia descobrir algo que o vinha intrigando há anos: por que Sartre não consegue ser tão objetivo em sua filosofia quanto o é em sua ação política? Conta que encontrou respostas para suas angústias filosóficas em Pascal e Kierkegaard e que tinha esperanças de que o mesmo ocorresse ao ler Sartre, mas foi “esperança que não se confirmou”, sendo Camus um caminho melhor, mais objetivo. Como o almoço com os pensadores ia se realizar sem noticiário, de forma mais intimista, esperava poder conversar sobre esse tema⁴⁸⁵. Sartre, aliás, é citado como um dos “continuadores dissidentes” de Kierkegaard na coluna em que Olinto rememora os 150 anos que teria o filósofo dinamarquês⁴⁸⁶.

Nada é registrado sobre esse encontro e essa conversa. E, pelo rumo da crítica de Olinto pós-1960, já apresentado anteriormente, pode-se depreender que nada nesse encontro tenha modificado o modo de compreensão da obra de Sartre. De todo modo, chama a atenção esse Sartre de Olinto. Ainda entre 1955-69, é um filósofo pessimista, marcado pela negação de deus, pela crença no fracasso das relações humanas, do imobilismo. Ou seja, uma persona Sartre que não acompanhou as diversas tentativas do homem Sartre de esclarecer aquilo que ele quis dizer com suas obras entre os anos iniciais de sua divulgação. É preciso queimar Sartre, sempre.

Ao mesmo tempo, é preciso lê-lo. Como vimos antes desse subtítulo específico, a coluna de Olinto é a principal divulgadora de suas obras no jornal. Enfatiza o Sartre literato. O faz apenas por publicidade paga? Isso não é possível saber. Mas conjecturo que também o faça pelo interesse que se tem em ler sobre Sartre. É no mesmo sentido que, veremos a seguir, outro importante colunista convoca outras imagens de Sartre para suas colunas.

2.3 Nelson Rodrigues, leitor de Sartre

O escritor e dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues foi colunista de *O Globo*. Por vezes, manteve coluna de crônica esportivas, noutras, sobre assuntos diversos. Em ambas, entre 1962 e 1969, estabeleceu conexões entre o assunto comentado e a obra, falas ou ação política de Sartre. O francês raramente aparece como elemento central da escrita, mas como espécie de bloco pronto que motiva a crônica. O texto é sempre dividido em parágrafos numerados. A impressão que se têm é que, uma vez um parágrafo criado, era reutilizado em outras crônicas, quer seja integralmente, quer com leve alteração. São diversas as ocorrências em que trechos inteiros se repetem, mas, a partir destes, tira-se conclusões distintas e se comenta assuntos

⁴⁸⁵ PORTA DE LIVRARIA, 29/08/1960, p. 8.

⁴⁸⁶ PORTA DE LIVRARIA, 23/05/1963, p. 9.

diversos. Dentre as 68 colunas analisadas, emergem cinco núcleos de sentido em torno de Sartre, como evidencia a Tabela 4 abaixo.

Tabela 4 - Núcleos de sentido e temas presentes nas crônicas de Nelson Rodrigues que mencionam Sartre (1960-69)

Núcleos	Temas
Lagostas	Esportes
	Críticas à intelectualidade brasileira
	Padres de passeata
O Inferno são os Outros	Esportes
	Cotidianidades
	Críticas à intelectualidade brasileira
	Padres de passeata
Negros e racismo no Brasil	Esportes
	Racismo
	Críticas à intelectualidade brasileira
Sartre cansa de ser genial	Esportes
	Marxismo
	Cotidianidades
	Críticas à intelectualidade brasileira
Comentários gerais sobre Sartre	Críticas à Sartre
	Críticas à intelectualidade brasileira
	Padres de passeata

Cada núcleo diz respeito ao modo como Sartre é utilizado por Nelson Rodrigues. Em “Lagostas”, em que comenta episódio em que o filósofo alucinara com os animais, comenta esportes, faz críticas à intelectualidade brasileira e ao que ele chama de “padres de passeata”, clérigos opositores da Ditadura Civil-Militar brasileira. Corrompendo a ideia de que “o inferno são os outros” (SARTRE, 2014), comenta esportes, assuntos do cotidiano, critica a intelectualidade brasileira e fala dos “padres de passeata. O núcleo “negros e o racismo no Brasil” parte de fala de Sartre quando no país, para atacar o racismo na sociedade e, em específico, nos esportes e na intelectualidade brasileira.

Afirmando que toda pessoa genial se cansa e fala asneiras, o núcleo “Sartre cansa de ser genial” repete temas anteriores, ao que acresce comentários sobre marxismo. Por fim, há um núcleo mais diverso em que Nelson Rodrigues faz comentários sobre diferentes aspectos da obra de Sartre, comentando também a intelectualidade brasileira e os “padres de passeata”. Seguirei a divisão dos núcleos como se fossem subtítulos e buscarei manter alguma ordem cronológica na apresentação deles. Como o leitor notará, os temas que emergem são muitas vezes polêmicos e tive de me conter diante do desejo de me aprofundar neles. O que buscarei evidenciar são os diferentes usos que Rodrigues faz da figura de Sartre, ficando os conteúdos específicos das narrativas para análise futura.

2.3.1 Os negros e o racismo no Brasil.

O apoio de Sartre ao debate contra o racismo se torna tema em *O Globo* em cinco ocasiões, quatro das quais em torno da visita de Leopold Senghor ao Brasil. Senghor era presidente do Senegal e um reconhecido poeta. Por sinal, esse epíteto é o mais utilizado em referência a ele, ficando o importante cargo político em segundo plano, efeito provável daquilo que o próprio Senghor buscava denunciar. A conexão com Sartre nessas reportagens é bastante tangencial. Ele aparece como prefaciador da obra organizada por Senghor, *Reflexões sobre o racismo*, além de colaborador eventual da revista *Présence Africaine*, ao lado de Camus, Gide e Aimé Césaire⁴⁸⁷.

Para além de Senghor, uma reportagem de cunho racista assinada por Henrique Pongetti afirma que jovens africanos enviados para estudar em Paris e Moscou por seus governos, se transformam quando chegam à cidade luz ou à capital soviética. Naquela, “caem no existencialismo, compram blusão de couro, e viram comunistas, depois de encostar marxisticamente o traseiro na cadeira do Café de Flore, onde se sentava Sartre”; nesta, se tornam anticomunistas intolerantes e arrumam confusão. A opinião se embasa na suposta fala de um líder africano. A conclusão, abjeta, é de que os estudantes negros da África são esbanjadores e se aproveitam do mundo, usando o auxílio para os estudos para “fazerem bico doce nas universidades alheias”⁴⁸⁸.

Por fim, uma reportagem de junho de 1960 permite entrever aquilo que, dois anos depois, passa a ser apontado reiteradas vezes por Nelson Rodrigues. A matéria era de José Leal com exclusividade para o *Globo*. José Leal da Silva foi repórter de diversos jornais e revistas brasileiros e venceu o prêmio Esso – importante láurea jornalística brasileira – de 1956 por uma reportagem para *O Globo* sobre alcoolistas. A chamada do texto sobre os negros na França diz que “juventude feminina sem tabus, nascida na era do Existencialismo, prefere os homens de cor nos seus programas sentimentais”⁴⁸⁹. O tom é de espanto e incredulidade ao afirmar que: o “rapaz branco de Paris sente-se humilhado”; que as moças brancas de classe alta são criadas “com o mesmo rigor adotado no Brasil por classes semelhantes”; que as jovens de classe média, “sem grandes possibilidades econômicas, sem tradições familiares, que possuem apenas o suficiente para sua manutenção” são as que “preferem os rapazes de cor”. O jovem brasileiro

⁴⁸⁷ POETA-PRESIDENTE DO SENEGAL..., 06/08/1964, p. 6; DO SENEGAL CHEGA..., 16/09/1964, p. 19; PORTA DE LIVRARIA, 17/09/1964, p. 5; DIZ SENGHOR QUE..., 28/09/1964, p. 5.

⁴⁸⁸ SHOW DA CIDADE, 04/02/1964, p. 3.

⁴⁸⁹ OS PRETOS SÃO VENTUROSOS NA FRANÇA DA ATUALIDADE, 22/06/1960, p. 3.

que mora em Paris não se espanta com a “democracia racial que aqui [na capital francesa] impera no mais elevado grau”⁴⁹⁰.

É importante notar a presença da retórica do Brasil como país da miscigenação, onde há verdadeira democracia racial. Esta é uma mítica construída durante o Estado Novo, período ditatorial que precede a experiência democrática (SCHWARCZ, 1998). Entretanto, se o jovem brasileiro não se espanta, o mesmo não se pode dizer do jornalista, que segue tentando compreender o que acontece com essas moças. Conclui, com a ajuda de conterrâneo residente em Paris, que os negros, mais primitivos, dão sentido a uma juventude que se sente solitária e cética⁴⁹¹.

Este pequeno conjunto de reportagens ajuda a compreender o solo em que as crônicas de Nelson Rodrigues se constroem. Seu conservadorismo se fará notar em todos os outros núcleos temáticos, mas, diante da pauta racial, se coloca a favor do movimento negro. A primeira coluna em que comenta o assunto é da série *À sombra das chuteiras imortais*, título de sua sessão nos Esportes. No parágrafo de número um, comenta que, quando Sartre esteve no país, foi seguido por “gente que não lê nem catálogo de telefone”, e o sucesso foi imenso. No parágrafo dois, indica que, vez ou outra, o filósofo se entediava de ser um gênio e falava besteiras – este é o mesmo conteúdo presente no núcleo *Sartre cansa de ser genial*, mas aqui não adquire centralidade. E continua: “(...) já embarcando, quase na escadinha do avião, o pensador francês pergunta: - ‘Mas os negros? Onde é que estão os negros?’”⁴⁹². No parágrafo três, lê-se:

Amigos, muito lógica a amarga, a dolorosa perplexidade do filósofo. No Rio e em São Paulo, ele falara para um público branquíssimo. Seus ouvintes eram, fatalmente, alvos, louros e, na pior das hipóteses, morenos de praia. Ele jamais surpreendera, nas fartas plateias, um único e solitário negro. Ao sair daqui, Sartre ia convencido de que o Brasil não tinha pretos, ou por outra: – convencido de que o único preto do Brasil é o Abdias Nascimento.⁴⁹³

O tema futebolístico não tarda a aparecer e já a partir do quarto parágrafo entende-se que a discussão é o quanto as maiores estrelas do esporte são pessoas pretas, como Pelé. Sartre, afinal, se não viu negros, é que deu o azar “de não ter comparecido ao Maracanã [...] a verdade é que só no futebol o negro brasileiro alcança a sua plenitude dramática, lírica e humana”. Comenta ainda que faltam negros na literatura brasileira, mas que, finalmente, havia negros de verdade num filme nacional, a película *Assalto ao trem pagador*, de Roberto Farias (1962)⁴⁹⁴. Embora o tom de Rodrigues pareça ser o de exaltação de um lugar para que o negro exista,

⁴⁹⁰ OS PRETOS SÃO VENTUROSOS NA FRANÇA DA ATUALIDADE, 22/06/1960, p. 3.

⁴⁹¹ OS PRETOS SÃO VENTUROSOS NA FRANÇA DA ATUALIDADE, 22/06/1960, p. 3.

⁴⁹² À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 29/06/1962, p. 8. Grifos meus.

⁴⁹³ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 29/06/1962, p. 8. Grifos meus.

⁴⁹⁴ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 29/06/1962, p. 8.

quase ao modo de “lugar de negro é no futebol”, as demais colunas sobre a temática desfazem essa visão.

Em agosto de 1965, afirma que “(...) o brasileiro tem o maior desprezo por outro brasileiro. Mas quando um gringo famoso nos visita, caímos numa dessas admirações de babar na gravata.” Para ele, foi o que ocorreu com a vinda de Sartre, que tinha assistência de Fla x Flu, embora o filósofo dissesse besteiras por vezes, como que o “marxismo é inultrapassável”, opinião de torcedor do Bonsucesso, ironiza. Mas, certa vez, ao fim de uma palestra, Sartre perguntou onde estavam os negros. Gilberto Freyre, de quem Nelson não ousa duvidar, afirma que há aqui uma democracia racial. Mas era necessário contrapor a Freyre um fato: não há um milionário brasileiro negro. Pelé é quem está fundando a primeira fortuna negra do país e Sartre errou ao não ir ao Maracanã vê-lo jogar. A crônica traz uma imagem (Fig. 17) de um homem cochichando ao pé do ouvido de Sartre, que segura *O Ser e o Nada*: “E da **existência** do **Pelé**, o senhor tomou conhecimento?”⁴⁹⁵

Figura 17 - "... e da existência do Pelé, o senhor tomou conhecimento?"



Seguindo a estrutura já enunciada, o autor utilizará a mesma lógica dos três primeiros parágrafos indicados anteriormente para comentar que Sartre fez altas bilheterias no Brasil, mas não encontrou um negro em suas conferências. Afirma que só há dois negros confessos no Brasil: José do Patrocínio e Abdias do Nascimento. Mas agora,

6. De repente, descobriu-se, no meio de 80 milhões de brasileiros, esta coisa inédita: - uma mulata. Note-se: - ‘mulata’ com agravante de ser bonita, e, eu diria

⁴⁹⁵ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 26/08/1965, p. 23. Grifos no original. A mesma estrutura reaparece em *As Confissões de Nelson Rodrigues* (28/08/1969, p. 3), retomando o tema dos jogadores negros. A mudança é que já não é Sartre quem diz que não viu negros no Brasil, mas um amigo do filósofo.

mesmo, linda. Eu só penso na humilhação da nossa imprensa. Imaginem vocês que houve, certo dia, um desastre em Petrópolis. Morreram uns dez ou doze. Lá foi o fotógrafo correndo e bateu chapas em penca. Mas quando o secretário viu uma das fotos, trepou na mesa e urrava para o fotógrafo: – **‘Você acha que eu vou publicar, no meu jornal, cadáver de preto?’**

7. Eu estava na redação, nessa tarde épica. **Todo mundo, ali, se solidarizou com o racismo do secretário.** E o próprio fotógrafo curvou os ombros ao peso da ‘gaffe’ hedionda. **Assim somos nós, da imprensa: – retrato de defunto – só se for branco.** E de repente, nós todos caímos do cavalo. Há quatrocentos e 64 anos que, como narcisos às avessas, nós cuspiamos na própria cor. Aí é que está o terno e luminoso cinismo do brasileiro:– desde Pero Vaz de Caminha, que ele se finge de branco.⁴⁹⁶

A “mulata” em questão era a Miss Guanabara, Vera Lúcia, mulher negra que venceu o certame naquele ano. Como denuncia Nelson Rodrigues, o fato incomoda. Assim, três dias depois, ele próprio informa que Vera Lúcia, a “Miss Guanabara negra”, foi vaiada e chamada de “crioula” no Maracanãzinho. Para Rodrigues, cada palma para a candidata Miss Paraná, mulher branca, era vaia inconfessa para Vera. Não por acaso Sartre saiu do país achando que somos “o mais sueco dos povos”⁴⁹⁷. É essa a ideia que abre toda a análise sobre o concurso de Miss Brasil nessa ocasião. Rodrigues denuncia o racismo do concurso e o quanto os ataques a Vera Lúcia não levavam em conta a beleza, mas unicamente sua cor.

Retomando o tema de que Sartre, por não ter ido ao Maracanã, não viu os negros e não conheceu Pelé, Rodrigues comenta que os negros não são valorizados no país. Incrementa a narrativa sobre a fala de Sartre, tornando evidente o racismo da elite intelectual que frequentava as palestras do filósofo. Escreve ele que algo:

(...) sempre intrigou o conferencista. O seu público era branco, louro, alvo, vermelho, amarelo. Um dia, o filósofo não se conteve e perguntou: – ‘E os negros? onde estão os negros?’ **Um dos presentes arriscou a piada torpe: – ‘Estão por aí, assaltando algum chofer’.** E eu me pergunto se o canarinho negro não extroverte um lamento, ou, mais que um lamento, um protesto racial?⁴⁹⁸

Deste modo, o autor escancara o racismo brasileiro, valendo-se de um comentário de Sartre, que é trabalhando e retrabalhado, sem perder conexão com o futebol.

A partir de 1968, a coluna passa a se chamar *As confissões de Nelson Rodrigues* e já não guarda conexão direta com o desporto. A primeira das *confissões* que tematiza o negro no Brasil abre com os já mencionados parágrafos sobre a fala de Sartre e repete o trecho acima, com a “piada torpe”, mas segue caminho distinto. Afirma que o incômodo do filósofo deveria ser o de todos os brasileiros: **“Quem olha os nossos presidentes, ministros, arquitetos, escritores, mímicos, veterinários e palhaços, há de querer saber, como Sartre, onde estão os negros,**

⁴⁹⁶ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 04/07/1964, p. 3. Grifos meus.

⁴⁹⁷ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 07/07/1964, p. 19.

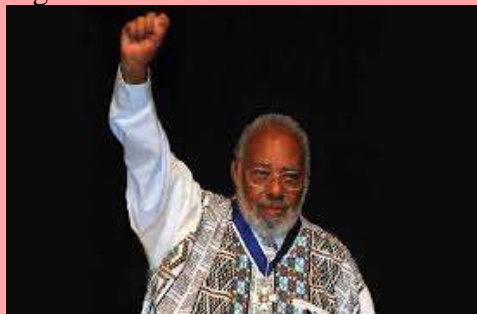
⁴⁹⁸ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 04/05/1966, p. 21. Grifos meus.

os nossos negros.”⁴⁹⁹. Indica que não havia negros representados em nossa estatuária urbana e que a história sempre os colocava em posição de humilhação.

A introdução caminha até chegar em Abdias Nascimento, amigo de Rodrigues, que estava convocando um movimento contra o Apartheid na África do Sul e fazendo protestos contra a entrada do Brasil nas Olimpíadas. Queria Nascimento que o Brasil, cujas equipes esportivas eram – ainda o são – composta por tantas pessoas negras, se recusasse a ir aos jogos. Para Rodrigues, se trata de movimento inócuo, pois “o único preto que nos comove é o norte-americano, porque serve ao ódio contra os Estados Unidos”. Não creio que o autor fale de todos os brasileiros ou de si próprio aqui, mas que esta seja uma crítica aos intelectuais de esquerda, o que confirma em outra ocasião, quando diz que estes só se preocupam em se opor aos EUA⁵⁰⁰. Ademais, diferente do que Nascimento defendia, que os negros eram “não sei quantos milhões” no Brasil, Rodrigues afirma que ele é o único. **“Tive de explicar-lhe que ele era o único negro com plena, violenta, trágica, consciência racial.** Era um negro exultante de o ser. A cor era a sua perene embriaguez” e acrescenta que disse a Abdias do Nascimento que “No Brasil, o branco não gosta do preto; e o preto também não gosta do preto.”⁵⁰¹

Quadro 14 - Abdias do Nascimento

Figura 18 - Abdias do Nascimento



“Dramaturgo, ator, acadêmico, político, artista plástico, poeta, Abdias pertence à elite dos grandes intelectuais engajados nas lutas libertárias dos negros em âmbito mundial. [...] Abdias ganhou destaque inigualável. Seu nome figura do lado de Martin Luther King, Angela Davis, Aimé Césaire, Toussaint Louverture, entre várias outras grandes lideranças afrodescentes que vêm marcando a história e fazendo ecoar a luta negra, em âmbito internacional, de forma eloquente. Seja no seu discurso memorialista, seja pesquisando outras fontes de consulta, não foram poucas as ocasiões nas quais a alma potencialmente revolucionária de Abdias se apresentaria como fadada a aceitar sempre novos desafios, a comprar muitas outras brigas: ‘Eu não vim para trazer a calma das almas mortas, das inteligências petrificadas, dos que não querem fazer onda à flor das águas [...] Eu estava mesmo dispostos a assumir o papel de ‘boi de piranha’. Todo mundo foge desse papel, mas eu não me importo. Se eu for sacrificado em nome do meu povo, estou recompensado de tudo. Toda a minha vida é isso mesmo, é o que indica toda a minha biografia.’” (ALMADA, 2009, p. 12)

⁴⁹⁹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 11/03/1968, p. 2. Grifos meus.

⁵⁰⁰ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/08/1968, p. 2.

⁵⁰¹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 11/03/1968, p. 2. Grifos meus.

Em 1969, relata a censura sobre corpos negros no teatro. Retoma o relato sobre Sartre e os negros para abrir os comentários sobre o racismo brasileiro a partir dos problemas em torno da sua peça, *O Anjo Negro*. A Comissão que selecionava peças para o Municipal queria que ele não convocasse um ator negro para o personagem negro da peça. “Aí está: – **O Municipal não admitia que o herói negro fosse negro. Se fosse um espetáculo folclórico, ou uma macumba altamente sofisticada, vá lá. Mas era um drama, pela primeira vez o preto recebia um tratamento lírico e dramático. Portanto, tinha que ser um branco pintado, pintado com rolha queimada, carvão, piche.**” A peça acabou sendo interdita e liberada pelo ministro da justiça e foi encenada no Teatro Fênix, mas sem um negro no papel principal, que foi assumido por Sandro Polônio⁵⁰².

Por fim, Rodrigues ataca os movimentos de oposição à Ditadura Civil-Militar brasileira. O primeiro alvo é a Passeata dos Cem Mil, organizada em junho de 1968 no Rio de Janeiro. Partindo da mesma ideia de que a plateia de Sartre era unicamente de pessoas brancas, diz que esbarrou em fotografias da Passeata e não encontrou sequer um negro nas imagens publicadas na Revista Manchete. Tal qual Sartre sai sem saber que o negro brasileiro é o povo e que ele havia conhecido apenas representantes da elite, afirma que o povo não estava na manifestação. Disso, conclui que o povo apoiava o regime⁵⁰³. Não encontrei em acervo as referidas fotos, mas penso que a análise de Rodrigues é tendenciosa, afinal há diversidade na negritude. Como considerar, por fotos de multidão, se havia a presença ou não de negros? Penso que o que ele deve ter considerado é a presença de negros de pele retinta nas imagens, desconsiderando outros tons de pele e trajetórias marcadas pelo racismo brasileiro.

2.3.2 Sartre é perseguido por lagostas

A construção da narrativa em torno da alucinação de Sartre com lagostas quando fazia experimentos com a mescalina segue a mesma lógica daquela apresentada anteriormente. Rodrigues estabelece parágrafos em que desenvolve a história e que são retomados, com pequenas variações, em diferentes momentos, servindo como trampolim para outros assuntos. A primeira vez que a temática aparece é em dezembro de 1966. Em um parágrafo, conta que Sartre é

(...) um gênio de carteirinha profissional. No Brasil, eu não dou um passo sem esbarrar, sem tropeçar, num admirador de Sartre. Outro dia, visitei um caro e fraterno

⁵⁰² AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 13/09/1969, p. 3. Grifos meus.

⁵⁰³ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 11/02/1969, p. 3. O tema reaparece em *As Confissões de Nelson Rodrigues* (22/11/1969, p. 3), em que ataca novamente a Passeata dos Cem Mil.

amigo. Fui [sic] encontrado lendo o filósofo. Eis o que eu queria dizer: – **do lábio do meu amigo pendia a baba elástica e bovina das admirações abjetas**. Pois bem. E no entanto, **há coisas em Sartre, que justificam as piores reservas psiquiátricas**.

3 - Por exemplo: – **anos atrás, ele começou a ver lagostas fantásticas. Quem o diz é a insuspeita Simone de Beauvoir**. Suponhamos que Sartre estivesse num sarau de príncipes, duques, condessas, etc., etc. De repente, ele começava a ver lagostas, por toda parte. As lagostas saíam do decote das senhoras, ou do bolso dos embaixadores, ou escorriam do lustre. E elas, as lagostas, faziam as coisas mais singulares. Uma viravam cambalhotas como os clowns, ou vinham lambar o filósofo como cadelinhas, ou equilibravam laranjas no nariz como focas.

4 - **Se Sartre fosse contar o delírio das lagostas, o primeiro psiquiatra havia de amarrá-lo num pé de mesa**. Durante certo tempo, ele viveu muito bem com a sua alucinação. Chegou a pensar até em incluir duas ou três lagostas imaginárias numa maionese real. Tudo cansa, porém. E, um dia, o Sartre vira-se para Simone e diz-lhe: – **‘Estou farto de ser louco! Chega!’ Caçou, a pauladas, as lagostas alucinatórias. Num pânico profundo, elas saíram correndo, e estão pulando muro até hoje**⁵⁰⁴.

Toda a história, que – como dito – será utilizada novamente em outras ocasiões, serve para falar da opinião tresloucada de um colega comentarista esportivo que fazia elogios à seleção da Inglaterra como se ela fosse o que havia de melhor. O colega estava louco como Sartre, mas, um alívio, a loucura pode passar⁵⁰⁵. O mesmo assunto, tal e qual, aparece em *Meu personagem da semana*⁵⁰⁶, mas em relação aos cronistas esportivos que afirmavam que todos os jogos estavam fracos, como “peladas” e não coisa de profissional. Noutra ocasião, a loucura era que os comentaristas falavam “marmelada” para tudo. Tal qual Sartre, bastaria decisão peremptória para que a imprensa esportiva parasse de alucinar com “peladas” e “marmeladas”, o que deixaram para fazer no final do ano, quando passaram a ver a realidade do futebol brasileiro⁵⁰⁷.

A “insuspeita” Beauvoir, como diz Rodrigues, assim registra o episódio das alucinações de Sartre com as lagostas:

Em um dos domingos seguintes, Colette Audry me acompanhou até o Havre. Com as pessoas que lhe agradavam, Sartre esforçava-se sempre para ser amável; espantei-me com seu mau humor. Passeamos na praia e catamos estrelas-do-mar, quase sem falar. Sartre não parecia saber o que Colette e eu mesma estávamos fazendo ali. Saí um pouco zangada.

Quando voltei a vê-lo, ele se explicou. Acontecia-lhe, desde alguns dias, ser tomado de angústia; **os estados em que caía lembravam-lhe os que provocara a mesalina, e assustava-se com isso. Suas percepções deformavam-se. As casas tinham fisionomias zombeteiras, com olhos e maxilares por toda parte; não podia evitar procurar e achar em cada mostrador de relógio uma cabeça de coruja. Obviamente sabia que eram casas e relógios; não era de dizer que acreditava nos olhos e nos rictos, mas um dia acreditaria. Um dia se convenceria realmente de que uma lagosta corria atrás dele. Já uma mancha preta dançava obstinadamente no espaço, à altura de seu olhar**. Uma tarde, passeávamos em Rouen, pela margem esquerda do Sena, entre trilhos, barracões, vagonetes e pedaços de prados leprosos. Disse-me bruscamente: “Sei o que está acontecendo: é o início de

⁵⁰⁴ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 27/12/1966, p. 13. Grifos meus.

⁵⁰⁵ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 27/12/1966, p. 13.

⁵⁰⁶ 24/07/1967, p. 10.

⁵⁰⁷ À SOMBRAS DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 27/12/1967, p. 12.

uma psicose alucinatória crônica.” Tal qual a definiam na época, era uma doença que em dez anos levava fatalmente à demência. Protestei com ardor e, por uma vez, não em virtude de um otimismo preconcebido mas por bom senso. O caso de Sartre não se assemelhava em nada ao início da psicose alucinatória. Nem a mancha preta, nem a obsessão das casas-maxilares indicavam o nascimento de uma psicose incurável. Eu sabia, ademais, com que facilidade a imaginação de Sartre se voltava para a catástrofe. “Sua única loucura está em se acreditar louco”, disse-lhe. “Você verá”, respondeu-me sombriamente. (BEAUVOIR, 2018b, p. 175. Grifos meus)

E assim registra o fim dos episódios:

Sartre preferia as pedras às árvores; meus planos levavam em conta seus gostos. Ora caminhando, ora tomando ônibus, visitamos cidades e aldeias, abadias e castelos. Uma noite, um pequeno ônibus chacoalhante e lotado conduziu-nos a Castelnau-de-Montmiral; chovia. **Ao descer na praça cercada de arcadas, Sartre disse-me que estava farto de ser louco. Durante toda a viagem, as lagostas tinham tentado segui-lo; desta feita, largava-as definitivamente. Manteve a palavra: seu bom humor foi, desde então, imperturbável.** (BEAUVOIR, 2018b, p. 183. Grifos meus)

Para que tenha se referido ao episódio, penso em duas possibilidades: Rodrigues havia lido o relato de Beauvoir ou essas narrativas circulavam pelos jornais, rádio, rodas sociais. Elementos como esse, de uma curiosidade quase *voyeurística* que alguns trechos das memórias de Beauvoir evidenciam, talvez ganhassem preponderância nos relatos, pelo caráter inusitado e grotesco. De todo modo, o que chama a atenção é o uso repetido desse trecho para construir narrativas sempre diversas, dialogando com os fatos cotidianos. Assim como no núcleo anterior, a questão que pendula é: para que recorrer a Sartre como ponto de partida das narrativas?

Em 1968, em uma de suas *Confissões*, Rodrigues começa justamente assumindo que fala muito de Sartre porque as elites gostam do autor⁵⁰⁸. Interessa-nos essa afirmação, pois, além de confirmar as impressões de que o filósofo é lido pelas elites, serve também para compreender que se fala nele como modo de atrair a atenção dos leitores. Penso que não apenas Rodrigues faz isso, mas que tal recurso a Sartre era comum entre diversos colunistas e repórteres já apresentados: Olinto, Bittencourt, Pongetti, dentre outros. Sartre vende, como um bom Prato Feito.

Mas, sigamos. Na ocasião em que assume a finalidade de citar Sartre, conta o caso das lagostas para ridicularizar manifesto de intelectuais brasileiros. Ataca-os por criticarem que, há 20 anos, a URSS havia invadido a Tchecoslováquia, assim como agora os EUA invadiam o Brasil com anuência do governo. Questiona por que essa intelectualidade se calou por vinte anos, apoiando a URSS em detrimento dos estadunidenses. Alegam que assinaram o manifesto intelectuais novos, que não poderiam ter feito oposição aos soviéticos, mas afirma encontrar ali nomes de pessoas mais velhas⁵⁰⁹.

⁵⁰⁸ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/08/1968, p. 2.

⁵⁰⁹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/08/1968, p. 2.

Os intelectuais afirmam que há tanques norte-americanos espalhados na cidade, mas são tanques que ninguém vê, só eles, tal qual Sartre e suas lagostas. Entretanto, dizem que quem não vê os tanques são alienados e vendidos. Critica professor da PUC que diz que nos vendemos a preço de banana e os intelectuais por terem afirmado no manifesto que o “socialismo é liberdade”⁵¹⁰. A pauta reacionária e pró-ditadura do autor aparece aqui na temática. Penso que o texto é outro indício que aponta que, ao falar sobre o antiamericanismo dos brasileiros, Rodrigues endereça a intelectualidade de esquerda, contrária à Ditadura. Ao mesmo tempo, aqui o uso de Sartre serviria, então, como chamariz para que os intelectuais tomassem ciência da crítica que se faz a eles.

Outro movimento contrário ao regime é criticado por Rodrigues. Relembrando a história de Sartre com as alucinações, diz: “Quem o afirma é a doméstica Simone de Beauvoir. Digo, “doméstica” e retifico: – escritora. A Simone tem uma opinião de namorada sobre as ideias, poses, textos e atos do filósofo”. Deixarei a visão machista do cronista de lado para focar o tema central do texto: criticar o posicionamento de parte da Igreja Católica. Dom Hélder Câmara, então arcebispo de Olinda e Recife, é um padre contra o Papa, contra a vida eterna, o sobrenatural e contra sua própria oração⁵¹¹.

Quadro 15 - Beauvoir, mais que namoradinha

A única vez em todo o material pesquisado em que a obra de Beauvoir recebe a devida importância é na coluna intitulada *Luz e Sombra*, assinada por C. P. (?), em que, ao falar que a ordem das coisas mudou e quem estava na sombra ganhou luz, assevera-se que “Quem estava na penumbra, veio para frente. Simone de Beauvoir não é mais a companheira de Sartre. Jean-Paul Sartre é que se tornou o companheiro de Simone” (LUZ E SOMBRA, 22/09/1966, p. 2)

Segundo o cronista, o arcebispo seria capaz de propor a luta armada, sendo, pois, uma lagosta brasileira: “Não existe como padre, já que agride a Hierarquia, tem um Vaticano próprio e é Papa de si mesmo”. A ácida crítica a Dom Hélder Câmara, porém, é apenas mencionada, sendo o foco do texto “outra lagosta brasileira”, a grã-fina, que não tem dinheiro, mas vive gastando o dinheiro que não tem, assim como tem uma beleza não natural⁵¹². O modo como Nelson Rodrigues ataca a parte progressista e anti-Ditadura da Igreja será retomado em outras colunas. Chama a atenção esse modo de ir passando por assuntos polêmicos para desaguar em

⁵¹⁰ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/08/1968, p. 2.

⁵¹¹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 24/04/1969, p. 3. Sobre ataques machistas sofridos por Beauvoir, o capítulo sobre as reverberações da publicação de *O Segundo Sexo* em Kirkpatrick (2020) é fundamental. Embora não enfoque Rodrigues, é possível compreender que se trata de retórica mais ampla, que ele alimenta com seu discurso. Haverá outras ocasiões adiante em que a mesma ideia será repetida.

⁵¹² AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 24/04/1969, p. 3.

um tema de menor relevância. Aqui, partindo das lagostas, critica Beauvoir, Dom Hélder Câmara, a resistência à Ditadura e, por fim, o que discute é a pretensa superficialidade da mulher grã-fina.

2.3.3 O inferno (não) são os outros

Partindo da célebre máxima de Sartre, enunciada pelo personagem Garcin ao fim da peça *Entre quatro paredes* (SARTRE, 2014), Rodrigues comenta diferentes temas, como a sala de espera. Este espaço é muito mais infernal do que os demais humanos⁵¹³, tema repetido em outubro de 1969 ao falar de futebol⁵¹⁴. Do mesmo modo, considera infernais a coabitação no casamento⁵¹⁵ e a dieta com restrição de sal⁵¹⁶.

Em abril de 1969, porém, cita também Paul Valery, afirmando que ele pediu para que se colocasse em seu epitáfio “Aqui jaz Paul Valery, assassinado pelos outros”. Conecta a ideia com “O inferno são os outros”, mas para falar do inferno geral. Em São Paulo, por exemplo, sufoca-se porque não há horizonte possível naquela cidade; no Rio, o ônibus é o inferno do carioca, obrigado à “fulminante intimidade física”. Narra, em seguida, a história de Palhares, seu amigo canalha, que dá carona às moças que trabalham para conquistá-las no caminho. Nelson diz a Palhares que “Para a moça que trabalha, o inferno é a volta para casa”, do mesmo modo que “o inferno da Igreja são os ‘padres de passeata’”. O amigo concorda com a primeira frase, mas discorda da segunda, afirmando que é a favor de “tudo que é pra frente”, como os tais sacerdotes. Arremata Nelson: “E o canalha achava genial que na nova Igreja o padre se parecesse com todo mundo. Não havia mais diferença. E o sacerdote deixa de ser funcionário do Sobrenatural e passa a ser funcionário da SUDENE [Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste]”. Só canalhas gostam e defendem os padres de passeata⁵¹⁷.

Dom Hélder Câmara é novamente atacado por Rodrigues em texto em que comenta que a literatura brasileira é estéril, efeito colateral do engajamento político. Em fala em Roma, o arcebispo teria dito que temia ser assassinado no país, o que Rodrigues entende como jogada de autopromoção, pois, ao dizer isso, o padre desejava produzir seu próprio assassinato para ganhar destaque. Para o arcebispo, a fome e mortalidade infantil no Nordeste seriam minas de

⁵¹³ MEU PERSONAGEM DA SEMANA, 08/01/1966, p. 3.

⁵¹⁴ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 11/10/1969, p. 20.

⁵¹⁵ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 29/03/1969, p. 3; AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 24/12/1969, p. 3.

⁵¹⁶ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 14/11/1969, p. 3.

⁵¹⁷ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 23/04/1969, p. 3.

dinheiro e atenção. Posições como a de Dom Hélder fomentavam uma “nova igreja” que, inclusive, teve dois padres expulsos do Brasil, pois “eram dos tais que querem ver os brasileiros bebendo o sangue uns dos outros”. Arremata: “Diz Sartre que o inferno ‘são os outros’. Para D. Hélder, o inferno é a liberdade. Com divertida crueldade o Exército o deixa livre. Frustrado no seu martírio, tem, sim, uma experiência terrena do inferno”⁵¹⁸. É patente a reatualização da retórica de Rodrigues, colocada em cena nas falas de muitos personagens políticos importantes da contemporaneidade.

2.3.4 Sartre, às vezes, cansa de ser genial

Este núcleo temático já apareceu, de forma periférica, naquele sobre o negro no Brasil, girando em torno de frases ditas por Sartre que são consideradas absurdas pelo cronista⁵¹⁹. O argumento mais recorrente é que, mesmo Sartre, um gênio – embora Rodrigues não goste dele –, fala absurdidades, pois mesmo os intelectuais se cansam de ser geniais. Este argumento é a base para “compreender” outras “absurdidades”, como o mau desempenho de um jogador em campo⁵²⁰ ou a opiniões de um cronista esportivo⁵²¹.

Mas há ocasiões em que o futebol é deixado em segundo plano. É quando, partindo da mesma ideia, comenta o Tribunal Russel, que tomava forma no final de 1966 para julgar simbolicamente os crimes de guerra cometido pelos EUA no Vietnã. Começa descrevendo a chegada de Sartre e Beauvoir ao Brasil e afirma que esta escreve obras sem qualidade de estilo, sendo lida “porque é namorada de Sartre e só por isso. Não fosse namorada do filósofo, e seria uma robusta mãe de oito filhos”. A narrativa prossegue até que afirma que Sartre, mediante o olhar de “admiração bovina” dos “patrícios”, dentre os quais um colega de Rodrigues, afirmou que o “marxismo é inultrapassável”: “Pode-se imaginar uma burrice mais límpida, uma burrice mais cristalina?”. Como se não bastasse Sartre, tinha o cronista agora que lidar com “o ‘pacifismo nuclear’ de Bertrand Russel. Meu Deus do céu! um pacifismo para ser digno de entrar em casa de família tem que condenar até a caixa de fósforo, até o tapa, até a canelada”⁵²².

⁵¹⁸ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 20/02/1969, p. 3.

⁵¹⁹ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 29/06/1962, p. 8. Grifos meus.

⁵²⁰ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 07/08/1962, p. 18; À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 14/08/1962, p. 16; À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 04/12/1962, p. 21; À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 25/07/1963, p. 16; À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 06/08/1963, p. 21; MEU PERSONAGEM DA SEMANA, 28/09/1964, p. 8.

⁵²¹ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 14/05/1966, p. 12.

⁵²² À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 11/10/1966, p. 19. O tema reaparece em AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 17/02/1968, p. 2.

Outra ideia de Sartre virá a ser usada para além da de que “o marxismo é inultrapassável”. Descreve Rodrigues que: “Tempos depois [de vir ao Brasil] andou pela África. Na sua volta, foi envolvido, novamente, pelos jornalistas. Um deles: ‘Que nos diz da literatura africana?’ Veio a resposta monumental: ‘A fome de uma criança africana vale mais que toda a literatura da África’”. Para o cronista, Sartre, não sendo quem era, seria considerado louco por expressar uma opinião dessas⁵²³.

Em contraponto, cansar de ser gênio é ideia que será usada para elogiar o filósofo, que é nobre pois assume que pode ser débil. Já a intelectualidade brasileira, teme parecer imbecil: “(...) gostaria de dizer duas palavras sobre o intelectual subdesenvolvido. O que o caracteriza, acima de tudo, é o pânico de parecer imbecil. O europeu, não. E já cito um nome que está acima de qualquer dúvida ou sofisma: – Jean-Paul Sartre”⁵²⁴. A narrativa é divertidíssima, não repetindo o discurso político comum de crítica à intelectualidade de esquerda. Conta que ele e Otto Lara Resende foram à casa de Hélio Pellegrino, onde haviam sido deixados dois quadros de Volpi. Sentiram-se ambos impelidos a elogiar os quadros para não “parecer [que eram] um[ns] analfabeto[s] plástico[s]”⁵²⁵.

Em abril de 1968, fala sobre Alceu Amoroso Lima, conhecido pela alcunha de Tristão de Ataíde. Imortal da Academia Brasileira de Letras, aproximou-se da Igreja Católica em 1928 e, imiscuído na política nacional, tomou frente em movimentos conservadores, adotando a perspectiva integralista em meados de 1930. Revisa suas posições na década de 1940, mantendo-se próximo à Igreja Católica, mas defendendo pautas liberais. Em 1960, é representante brasileiro no Concílio Vaticano II e adota a posição de parte da Igreja no Brasil, de oposição à Ditadura Civil-Militar (FERREIRA, 2010).

Situar a trajetória do intelectual já permite entrever quais são as reservas de Rodrigues em relação a ele. Recorrendo à narrativa de que Sartre também diz e faz besteiras, conta que “nosso Tristão de Ataíde está só, entregue às suas patéticas fragilidades”, marcadas pelo fato de que ele, tal qual Dom Helder Câmara, sempre precisou de pessoas que pensassem por ele. Agora, passou a ter que pensar sozinho e, por isso, pensava besteiras⁵²⁶. Embora o cronista não informe diretamente o assunto em pauta, em um pedaço do texto menciona a “guerrilha” e, em outra parte, diz que reprova o apoio de Lima à violência. Fala, pois, da resistência à Ditadura e

⁵²³ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 03/12/1966, p. 12.

⁵²⁴ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 25/01/1968, p. 2.

⁵²⁵ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 25/01/1968, p. 2.

⁵²⁶ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 04/04/1968, p. 2.

do apoio, não apenas do intelectual, mas de certa ala da Igreja, que ele batiza de “padres de passeata”.

Por ocasião de uma entrevista da escritora Clarice Lispector com Tereza de Sousa Campos, socialite carioca, Sartre aparece como pretexto para que Rodrigues afirme que “insubstituível” não é o marxismo, mas uma autora como Lispector. Diz que a entrevistadora abre as perguntas afirmando que não simpatiza com a entrevistada, pois não se importa com as mulheres elegantes, já que há “problemas mais sérios do que a moda, individuais ou não individuais”. A certa altura, Lispector pergunta qual seria a vocação de Tereza. Rodrigues espera que ela se sinta confortável para dizer o que é a verdade: ser “apenas bonita, elegante e interessante”, deixando de lado o papo moralista e de preocupação social. A resposta dada pela entrevistada, porém, não é registrada.

‘Por quem você torce na guerra do Vietnam?’ Teresa deu uma resposta apenas hábil e podia ter dito: oi – ‘Não sou asiática.’ Ou ainda: – ‘Sou torcedora do Brasil.’

16. Eis o funesto, burlesco e colossal engano dos intelectuais brasileiros. Vão para a janela, cheiram uma camélia e suspiram pelo Vietnam. E nem desconfiam que estão chorando pelo defunto errado. Não se lembram do Brasil. Teresa podia ter dito que, para nós, o Vietnam não tem importância ou por outra – há, aqui, nas nossas barbas alienadas, importâncias muito mais próximas, visíveis, tangíveis, urgentes, pungentes, plangentes. Somos um terreno baldio, que não povoamos; o Amazonas está lá, esquecido como se não fosse Brasil; as nossas crianças morrem como ratos; há populações brasileiras apodrecendo de fome. E nós chorando pelo Vietnam.⁵²⁷

A pauta nacionalista, tão ao gosto da Ditadura, é aquela que deveria ser tematizada na entrevista. A intelectualidade brasileira de esquerda se preocupa com tanques de guerra que não existem, “babam” por um pensador marxista, os padres agem contra Deus e o papa e as lideranças católicas, como Dom Hélder Câmara, nem sequer são autônomas em seu pensamento. É assim o cenário nacional enxergado por Nelson Rodrigues.

A última crônica que recorre à ideia de que gênios como Sartre também falam besteiras parte da afirmação de que o mundo está acaciano, ou seja, como o Conselheiro Acácio de “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós: pedante, burocrático, medíocre. “Vejam o socialista, qualquer socialista. O socialista não pensa e só repete. Vive de ideias feitas, de gestos feitos, de sentimentos feitos, de ódios feitos.” Não há diferença entre o gênio e o idiota socialista. É o que prova Russel, que não é qualquer um segundo a opinião de uma aluna de Psicologia da PUC citada por Rodrigues. Mas esse idiota diz que não vale a guerra, porque morrer é perigoso e tanto faz viver em qualquer regime, todos se parecem. Não se percebe quão acaciano é isso porque vivemos num tempo acaciano. É o mesmo que acontece com Sartre, que nunca teve “meditação própria”. Repete a história sobre a fome na África e diz que outra aluna de

⁵²⁷ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 07/01/1969, p. 3.

Psicologia da PUC, porém, diz que Sartre é “o homem mais inteligente do mundo”, a “maior cabeça do século”. Ao que contrapõe que foi ele quem disse que o marxismo é inultrapassável. Os marxistas brasileiros, aliás, são Acácios totais. “No dia em que ocorre ao comunista uma centelha de consciência crítica, de ironia interior, faz o que fez Maiakovski ou Jean Palach: – mata-se”⁵²⁸.

2.3.5 Temas diversos

O maior conjunto de colunas de Nelson Rodrigues, porém, recorre a diferentes narrativas – às vezes, até lançando mão de parágrafos já utilizados em outro grupo, mas sem que sua temática seja central no que concerne a Sartre no texto –, para comentar o filósofo francês ou, por meio deste, algo do cenário nacional. É o caso da vez em que, falando da rivalidade entre flamenguistas e torcedores do fluminense, diz que escreve de tudo e sobre tudo em suas crônicas.

Ocorre-me um exemplo, que acho lindo. Eis o caso: um dia desses resolvi soltar uma opinião que me entalava e repito: – uma dessas opiniões que o sujeito só tem em casa, debaixo da cama, sem nenhuma testemunha possível. Pois bem. Fui para a máquina e soltei a bomba: – ‘Como é burro Carlos Marx!’⁵²⁹

Quadro 16 - Sartre, das palavras cruzadas às questões de vestibular

Em 1959, Sartre apareceu como referência para preenchimento de uma palavra-cruzada (“cidade da França, no depart. De Sartre”, lia-se) (PALAVRAS CRUZADAS, 17/10/1959, p. 11). Já em 1968, virou questão da seção de cultura geral do vestibular da Faculdade de Direito Candido Mendes. O candidato deveria assinalar o nome da corrente filosófica fundada pelo pensador. A questão foi uma das mais erradas no certame (CULTURA GERAL REPROVOU..., 24/02/1968, p. 2). Sartre já não era popular entre os jovens... Como que para minimizar erros, em 1969 o existencialismo aparece em questão de simulado. Na série de testes lançados pelo jornal para os estudantes, uma ocasião trouxe perguntas específicas “para os alunos que tentam o ingresso na Faculdade de Psicologia”, englobando temas de “biologia-física-química e de psicologia, consideradas matérias básicas para os candidatos”. Uma das questões era: “13) A ideia básica de adaptação é característica do:

- funcionalismo;
- estruturalismo;
- associacionismo;
- existencialismo;
- gestaltismo”.

(VEJA COMO ESTÁ..., 09/12/1969, p. 22).

Libertar tal opinião faz bem, “sara úlcera, alivia o câncer”. Um segundo exemplo é que, embora Paulo Mendes Campos adore Sartre – e retoma a narrativa da “adoração abjeta”, sem, contudo, dizer que é bovina, talvez porque se refira a um amigo –, “o tal ‘Muro’ é de uma abjeta

⁵²⁸ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 06/06/1969, p. 3.;

⁵²⁹ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 25/01/1964, p. 3.

subliteratura”. Conclui que se é capaz de afirmar que Marx é burro e Sartre, subliterato, pode também dizer que “os urubus rosnam contra o Fluminense”, embora urubu não rosne⁵³⁰.

Em janeiro de 1968, um subtítulo: “Estão fazendo o Anti-Brasil e desumanizando o brasileiro”. Menciona o exorbitante salário de Chacrinha, famoso apresentador de programas de auditório, refletindo sobre a desigualdade social: muitos brasileiros no “Nordeste de Dom Hélder” não têm casa e comida. À menção do religioso, emenda: “Falei em D. Hélder e sinto nas minhas palavras o tom do nosso Arcebispo. Não, não e Deus me livre. Juro que não estou aqui pregando o ódio social.”, do que se depreende, também aqui, que esta é a leitura que faz da militância política de Câmara. Passa, então, a elogiar Chacrinha como símbolo da vitória do “pé-rapado” e que, se o salário evidencia as desigualdades, é também sinal de novos tempos, de um novo Brasil. Ou *Brasis*, já que “há vários projetos do novo Brasil. Qual deles há de vingar, finalmente? Qual deles terá bastante vitalidade histórica?”. Para Rodrigues, há o Brasil do ódio, evidenciado pela impossibilidade, em um concurso de literatura, de que se submetesse uma obra sobre o amor. O edital permitia escrever sobre “Tudo, menos amor!”.

Não seria apenas no Brasil, evidentemente. Anos depois, Sartre andou por aqui e deu uma entrevista. Declarou o seguinte: – ‘Eu não escreveria um romance de amor’. Disse isso ao lado de Simone de Beauvoir. Olhando a santa senhora, cochichou um brasileiro a outro brasileiro: – ‘Está explicado por que ele não gosta do amor.’ Mas que Sartre fizesse a greve do amor, ótimo, ótimo. O que me apavora era um Brasil sem amor, um Brasil árido, árido como três desertos.⁵³¹

O machismo do colunista, resvalando sempre contra a figura de Beauvoir, também aparece aqui. E Sartre é, novamente, exemplo de um contexto que preocupa o escritor. Para ele, vivia-se um momento em que as pessoas estavam promovendo mais ódio do “que marca de refrigerante”, o que corrompe, por exemplo, as relações familiares, jovens se opondo a seus pais. Aliás, diz ele, “não concluirei sem falar do ‘poder jovem’. Pergunto: – quem é o verdadeiro autor do ‘poder jovem’? Será o próprio jovem? Eu não teria nada a objetar se o próprio jovem apanhasse no chão, a mãos ambas, o Poder”. Mas quem lhe concedeu tal poder foram “os velhos, os mais velhos”, nada tendo o jovem que fazer nesse sentido. Tal feito foi realizado pela família, mas com apoio dos “professores, os sociólogos, os sacerdotes, os jornalistas, os políticos”. Alceu Amoroso Lima defendia o tal poder dos jovens. Isso fez com que estes sentissem que poderiam fazer o que quisessem e, então, passaram a odiar. Rodrigues comenta uma chamada para uma queima de poesia na Cinelândia organizada pelos estudantes da Escola

⁵³⁰ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 25/01/1964, p. 3.

⁵³¹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 29/01/1968, p. 2.

Nacional de Belas Artes: “Eles querem e vão queimar versos de amor e porque são de amor”⁵³².

É a todo o cenário descrito que ele chama de “anti-Brasil”, a desumanização do país⁵³³. O salário de Chacrinha é índice de um Brasil de Progresso – que daria, dois anos depois, na marchinha “Pra Frente, Brasil”, que, embora sobre a seleção brasileira de futebol, era também um libelo à Ditadura. Aqueles que lutavam contra o regime, eram, por extensão, contrários ao país onírico. Ao mesmo tempo, a coluna nos remete ao sucesso, três anos depois, do livro *Sartre e a Revolta do Nosso Tempo*⁵³⁴, no sentido de que aponta para a necessidade de compreender esses movimentos da juventude.

Quanto a Dom Hélder, será criticado em outras ocasiões. Rodrigues ataca o Comício do Primeiro de Maio de 1968 no Campo de São Cristóvão, dizendo que o evento era tido como grande comprovação da conscientização do povo, palavra que o arcebispo – ridiculariza – gostava muito. Mas o evento estava esvaziado e o povo, mais interessado no jogo que ocorria no Estádio Mário Filho. Toda a história tem como pano de fundo o retorno de Paulo Francis ao Brasil trazendo a notícia de que a Alemanha Oriental havia, dentre outras coisas, proibido os textos de Sartre⁵³⁵. Em outra ocasião, reconta a história de que Sartre se recusava a escrever livros de amor – desta vez, coloca o filósofo em uma conversa em um apartamento no Leblon, comendo jabuticabas, ao falar isso. O fato de que Sartre não fala de amor serve como prova de que autor e obra são antipessoa. O mundo de Sartre produz o assassinato de Robert Kennedy, morto em 06 de junho daquele ano – dois dias antes da publicação da crônica.

Mais tarde, li uma declaração de D. Hélder. Segundo o nosso Arcebispo, o assassino de Bob Kennedy é o Poder Econômico. Excelente Hélder! Não entendeu nada [...] Somos irresponsáveis e o Poder Econômico tudo justifica e tudo absolve. E nem uma palavra sobre o amor. A Igreja existe para amar. Igreja é amor. (Envergonha-me estar aqui, proclamando o óbvio. Paciência.) E assombra que um sacerdote, como D. Hélder e um líder católico, como o Dr. Alceu [Amoroso Lima], levantem a bandeira da ‘violência justificada’.⁵³⁶

O texto mais ácido de Nelson Rodrigues contra Sartre foi publicado em abril de 1968. Sartre não é usado como trampolim para nenhum outro tema. É o cerne do texto, que comenta a polêmica do Nobel, as relações de Sartre com a URSS e sua literatura. Relata que acordou com dor de úlcera gástrica e, tomando sua papinha para se recuperar, começou a pensar: “De onde vem meu horror a Sartre? Foi numa conferência do mestre. Lembro-me de tudo.

⁵³² À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 25/01/1964, p. 3.

⁵³³ À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS, 25/01/1964, p. 3.

⁵³⁴ PORTA DE LIVRARIA, 01/07/1967, p. 12.

⁵³⁵ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 09/05/1968, p. 2.

⁵³⁶ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 09/06/1968, p. 2.

Conferência, ali, na ABI [Associação Brasileira de Imprensa].” Na ocasião, sala lotada, “mais que a palavra de Sartre, fascinou-me a cara dos seus admiradores.” Descrevendo a sala, retoma o tema das admirações abjetas e bovinas.

Só posteriormente é que tratei de fazer uma revisão da obra sartriana. Mas o ficcionista, ou o filósofo, ou seja lá o que for, me interessa muito menos do que o homem. Deixo de lado as suas peças, toda a sua ficção, a sua filosofia, artigos, ensaios. Vou-me ocupar, apenas, de algumas ‘indignidades’ do ‘grande homem’. **Sua obra é todo um gigantesco julgamento dos valores de vida. Vamos também julgá-lo.**⁵³⁷

Começa a julgar pelo Nobel: foi jogada de marketing recusar o Prêmio, pois Sartre só saiu ganhando ao fazer “aumentar a sua bilheteria”. Ridiculariza, ainda, um dos motivos alegados por Sartre: o de que a láurea só premiava autores alinhados com o Ocidente. Para Rodrigues, isso é diminuir a obra de um autor como o russo Pasternak, dizendo que ele só ganhou porque deixou a URSS. Afinal, Sartre deveria atacar o regime soviético e não o grande poeta, romancista e pensador. Por fim, retoma a defesa de Sartre à URSS como se esta fosse ainda atual em 1968 e o filósofo não tivesse revisto sua posição⁵³⁸.

Esse é um indício de que Rodrigues não lê Sartre, comentando-o a partir de memória construída a partir da oralidade. E não é apenas ele que não o lê: *confessa* em dezembro de 1968 que, a seu ver, ninguém o faz. Conta de uma pessoa que leu artigo que não era de Sartre, mas que saiu publicado como se fosse. A pessoa elogiava o texto e “fez-me jurar que ia ler, imediatamente, sem perda de um minuto, de um segundo aquela página de gênio”. Quando perguntou ao interlocutor sobre o que era o artigo, este não soube responder. Com isso, afirma que não se lê Sartre e, mesmo quem diz que o lê, não saberia reconhecer um texto do filósofo, resultado da “admiração abjeta”⁵³⁹.

No dia seguinte, a crítica a Sartre aparece em suas *Confissões*.

Hoje, ninguém respeita a inteligência, nem a inteligência respeita a si mesma. Mas na minha infância o intelectual tinha o seu espaço. [...] Eis o que me pergunto: – ‘Onde e quando começou a degradação do intelectual?’ [...] Eis o que eu queria dizer: – o aviltamento começou quando o intelectual se politizou. Já não bastava ser ‘poeta’, ‘romancista’, ‘ensaísta’, ‘dramaturgo’, ‘pintor’. Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem que sair de sua solidão criadora. Nunca se pediu um soneto a Bismarck, ou um romance a Roosevelt ou um drama a Churchill. Mas se exige do poeta que, apesar de sua nobilíssima covardia física, pegue no fuzil, trepe na barricada e atire (...)⁵⁴⁰

⁵³⁷ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 22/04/1968, p. 2. Grifos meus.

⁵³⁸ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 22/04/1968, p. 2.

⁵³⁹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 31/12/1968, p. 3. O mesmo conteúdo dessas duas crônicas críticas à Sartre, em mescla, reaparece em agosto de 1969 (AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 06/08/1969, p. 3).

⁵⁴⁰ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 23/04/1968, p. 2

Feita essa introdução, passa a falar de Sartre:

Ontem, escrevi sobre as indignidades de Sartre. Lembro-me de mais uma: há pouco tempo, ele mandou interditar a própria peça, 'As mãos sujas'. Não se conhece nada parecido em matéria de aviltamento próprio, de autoflagelação. Por uma vaga injunção política, um artista se faz Polícia de si mesmo, e a si mesmo se mutila. E esse escritor tem a vil coragem de falar em 'homem', em 'pessoa humana', em 'liberdade'. Nos seus escritos, ousa tratar dos valores da vida. [...]

Dirá alguém que os nossos escritores de esquerda não fazem literatura, mas assumem uma atitude corajosa contra os Estados Unidos. Não há tal coragem. É fácil atacar os Estados Unidos. Até os norte-americanos se auto-atacam, com a maior efusão. Sartre mete o pau nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, cospe na memória de Pasternak. O nosso 'intelectual de esquerda' não suspira contra a 'Cortina de Ferro'. Lá a inteligência é diariamente estuprada. Ninguém diz nada." Do mesmo modo, quando a Segunda Guerra começou, o intelectual de esquerda na Europa estava do lado do nazismo. "Já vimos a hedionda autocastração de Sartre no episódio de 'As mãos sujas'. No seu gesto está todo o destino do intelectual de esquerda. Já se pode falar numa inteligência indigna."⁵⁴¹

No dia seguinte, renova os ataques, mas com outra finalidade: criticar a intelectualidade brasileira. Retomando a mesma narrativa sobre Sartre e Pasternak e a crítica ao engajamento do escritor, diz que os brasileiros se esquecem da realidade nacional, preocupados com o Vietnã, traindo sua língua e seu povo. Não é que se precise abandonar o pensamento, a poesia, a escrita, "O que importa é não ser nem Sartre, nem Elouard"⁵⁴². Aliás, o tema da "politização" das artes reaparece nas *Confissões* em julho do mesmo ano. Partindo da ideia de que Sartre foi enxotado pelos jovens de maio de 68 ao passo que foi adorado no Brasil de 1960, diz que a intelectualidade artística matou o teatro do país. A classe virou massa de manifestações e protestos escritos. "E, por isso, dizia eu que o teatro está morto, no Brasil. Morreu a partir do momento em que nos politizamos"⁵⁴³.

As críticas à relação de Sartre com a URSS como se ela ainda fosse como era até 1956 passou a englobar Russel. Ambos deveriam ser julgados e condenados pelo mundo e não os EUA, como declarou o Tribunal Russel. Os dois filósofos eram os verdadeiros criminosos de guerra. Escandaliza que os intelectuais brasileiros defendam o francês, relatando que soube que um amigo o chama de besta pelas opiniões que tem sobre Sartre⁵⁴⁴. Ainda sobre o Tribunal, afirma que ser vietcongue no Brasil, como faz certa juventude, sobretudo do Leblon, é uma delícia. É o mesmo ridículo do julgamento: idealiza-se o Vietnam como Sartre e Russel idealizam a URSS e se colocam contra os EUA⁵⁴⁵.

⁵⁴¹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 23/04/1968, p. 2.

⁵⁴² AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 23/04/1968, p. 2.

⁵⁴³ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/07/1968, p. 2.

⁵⁴⁴ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 05/09/1968, p. 2.

⁵⁴⁵ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 05/12/1969, p. 3.

A juventude de esquerda, pejorativamente chamada de *esquerda festiva*, é criticada novamente em uma *Confissão*, que também ataca Dom Hélder e Alceu Amoroso Lima. Entre os grã-finos em uma festa, Sartre é unanimidade: “a maior cabeça do século”. Quando no Brasil, a *festiva*, que vinha se fingindo de morta, promoveu o filósofo como um sabonete ou um refrigerante. E Sartre defendeu que a Rússia é a Revolução. Jurariam o mesmo, inclusive após a invasão à Tchecoslováquia, D. Hélder e Alceu Amoro Lima: “Dom Hélder acha graça nos homens da Igreja que, com singular obtusidade, ‘julgam o comunismo o pior de todos os males sociais’. E o cristão marxista, o cristão ateu, o cristão sem sobrenatural diz: – ‘O comunismo não é o pior dos males.’”⁵⁴⁶. Nossos intelectuais bradam que o socialismo é liberdade, mas, pelo contrário, esse regime só fez assassinar as liberdades, sendo os crimes na URSS uma sucessão de evidências disso.

Dirá alguém que todos sabem disso. Não, não sabem. Sartre não sabe. Picasso, comunista, não sabe. Aragon, o traidor, não sabe. Os estudantes franceses não sabem. As nossas passeatas não sabiam. Ou por outra: – fingem não saber que o socialismo é a mais gigantesca impostura do Século.⁵⁴⁷

Noutra ocasião, ridicularizando os manifestos, conta que, em um evento, uma pessoa se recusou a tirar o chapéu, ao que um funcionário protestou. A pessoa em questão era um Ministro e demitiu o contínuo, o que gerou protesto de vários lados: “Quase Bertrand Russel e Sartre lançaram um manifesto.” A crônica passa a atacar outras subversões da moral cotidiana, enfatizando que os brasileiros gostavam da inteligência, mas nossos intelectuais – como Alceu Amoro Lima e os “intelectuais socialistas” – não fazem senão traí-la. A intelectualidade quer acabar com o país, instaurando o stalinismo sem perceber que isso acabaria com a própria intelectualidade, já que não há liberdade de pensamento entre os soviéticos. “Vamos imaginar, por um momento, que as passeatas [de 1968] tivessem tomado o Poder. O Brasil passaria a ser dirigido pelos ‘100 mil’. D. Hélder seria o Stálin. Deixa de lado a parte dos fuzilamentos”⁵⁴⁸. A um só golpe, a Ditadura e o “golpe dentro do golpe”, o AI-5 do fim de 1968, estavam justificados.

Em uma crônica de ácida crítica aos “padres de passeata”, refere-se a diferentes grupos de oposição à Ditadura. Dentre eles, “um terceiro grupo: – dos que não matam, nem morrem, mas ensinam a matar. Eu falo dos dominicanos que estão por trás do terrorismo”. Conta que estes foram chamados a falar em “sarau de grã-finos” e,

⁵⁴⁶ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 21/08/1969, p. 3

⁵⁴⁷ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 21/08/1969, p. 3.

⁵⁴⁸ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 14/08/1969, p. 3.

Em lá chegando, veio a dona da casa, com uma maquilagem atroz (uma máscara amarela e cadavérica) e me fala numa ‘surpresa’. Criou-se um suspense insuportável. Mas em seguida entra a ‘surpresa’. Era, justamente, um dominicano. Novamente, a dona da casa veio sussurrar: – ‘Uma cabeça!’ E, de fato, o religioso, **além de ler Sartre, o que é pouco e trivial, correspondia-se com o gênio, o que é de matar de inveja e frustração a metade das nossas esquerdas.** [...]

E o dominicano (inconfundível ‘padre de passeata’) parecia radiante com aquela plateia, onde os bustos predominavam. [...]

Segundo ele, o defeito do Brasil era a falta de caráter. [...] Aqui, tudo se faz sem ‘derramamento de sangue’. [...] O que faltava ao Brasil, portanto, era sangue. Sem sangue, nenhum povo avança um milímetro. [...]

Quantos dominicanos fizeram a mesma apologia do sangue, com ou sem cachê? Tempos atrás, houve um congresso da UNE num convento paulista. Era a juventude totalitária que se reunião à sombra de sacerdotes também totalitários. Era já a cumplicidade sem risco. Os padres usavam batina porque esta os vestia de imunidades. Quando as autoridades apareceram, foi um Deus nos acuda. Alguns dominicanos foram detidos. Explodiu a indignação nacional. Mas **eram dráculas, simplesmente dráculas, que estavam pedindo sangue.**⁵⁴⁹

Nelson Rodrigues conclui a crônica afirmando que o grande monstro do país eram os “padres de passeata”, articulados com o terrorismo, que traíram a Igreja e o Brasil, bem como à religião, pois, sendo marxistas, eram cristãos sem vida eterna.⁵⁵⁰

O que se acompanha por meio das colunas de Nelson Rodrigues é a transmutação de Sartre em diferentes personas: o gênio cansado, o louco que alucina, pensador que atrai admirações abjetas, o equivocado que luta por causas sem sentido. Enfim, é como se a imagem de Sartre fosse projetada sobre um fractal que refletisse sobre as situações brasileiras. Aquilo que esse lume aclarasse, era o foco do comentário, sendo o lume mero ponto de partida. E para que usar tal recurso? Como vimos, o próprio Rodrigues o afirma: para chamar a atenção daqueles que são ávidos por Sartre. A estratégia é citá-lo para ser lido e buscar, assim, garantir que suas ideias cheguem a quem se destinam.

O Sartre abasileirado tem vários tons, mas é sobretudo um escritor. Pouco lido. Mal lido. Olinto e Rodrigues o evidenciam, assim como outros colunistas aqui mencionados. Mas é possível ler Sartre? Sim, como vimos algumas de suas obras são lançadas. Entretanto, também o vimos, algumas de suas publicações basilares, como *O Ser e o Nada* e *Crítica da Razão Dialética*, só serão lançados no país bastante tardiamente. Postumamente, inclusive. Até hoje não é possível ler Sartre na integralidade que sua obra múltipla e orgânica exige. Por outro lado, seria possível ver Sartre? Ouvir Sartre? Consumi-lo de outro modo, para além das críticas? É o que veremos no último capítulo.

⁵⁴⁹ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 08/11/1969, p. 3. Grifos meus

⁵⁵⁰ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 08/11/1969, p. 3.

3 SARTRE SERVIDO À PLATEIA: CINEMA E TEATRO

As diversas apropriações realizadas em torno da figura de Sartre no cenário político e literário apontam para usos de sua persona pública e de suas ideias ao sabor das intempéries. Um dos elementos para a possível compreensão desse fenômeno já aventados nos capítulos anteriores são a pluralidade de posicionamentos e de assuntos endereçados pelo filósofo, bem como a não disponibilização de muitas de suas obras em português brasileiro no período. Mas não se pode menosprezar que suas produções conheceram outros modos de divulgação, afinal, Sartre era dramaturgo e se enveredou pela escrita de alguns roteiros para o cinema. Assim, para além de ler Sartre ou sobre ele, de que outros modos foi possível degluti-lo?

Este capítulo final reúne registros das ocasiões em que Sartre foi encenado no Brasil, ou que filmes baseados em suas obras foram exibidos, considerando a menção desses fatos em *O Globo*. Além disso, apresenta-se ocasiões em que a influência de Sartre para estas artes foi comentada em torno de um ou outro espetáculo ou película.

O caminho que empreendo a seguir parte do cinema, passa pelas demais artes e deságua no teatro. É sobre este que encontro elementos relevantes para discussão. Se opto por manter as demais ocorrências, é porque não notei em outras pesquisas esse acompanhamento da recepção do cinema e outras artes inspiradas em Sartre no país. Talvez isso não tenha sido feito justamente em virtude da escassez e pouca relevância dos indícios encontráveis. Contudo, opto por apresentá-los na expectativa de que possam ser aprofundados por pesquisas futuras. Buscarei ser breve na apresentação destes, uma vez que não trazem muitos pontos de reflexão para além de sua existência.

3.1 Cinema

As aventuras de Sartre pela sétima arte já eram conhecidas do público brasileiro por meio dos jornais, embora não tenha encontrado entre os anos de 1945 e 1955 nenhuma informação que permita afirmar que tal conhecimento se deu pela exibição de algum dos filmes baseados em sua obra no Brasil. Diferentemente dessa fase, o período entre 1955 e 1969 trouxe indícios de exibições de filmes baseados em obras de Sartre, embora poucos. É sobre tais indícios que me debruço neste momento, buscando estabelecer um panorama dos filmes que partem de textos de Sartre e que foram comentados e/ou exibidos por aqui.

Figura 19 - Dois frames do filme Cinderela em Paris (Funny Face, 1957)



Começaremos por aspectos mais gerais: comentários sobre filmes que fazem conexão com algum aspecto da obra de Sartre ou da moda existencialista. Esse é o caso de *Cinderela em Paris* (*Funny Face*), filme de Stanley Donen lançado em 1957. Narra a história de uma jovem livreira descoberta por uma revista de moda e levada para desfiles e fotos em Paris. Interpretada por Audrey Hepburn, a jovem só aceita o convite pois teria a oportunidade de conhecer o mentor do “empaticalismo”, uma corrente filosófica em voga no momento. Nos trechos do filme em que há “empaticalistas”, nota-se que usam boinas, roupas pretas com golas altas, dançam, fumam, bebem, tudo isso com ar *blasée*, e vivem em bares subterrâneos - uma série de ideias atreladas à moda existencialista (Fig. 19). Não por acaso, portanto, o correspondente de *O Globo* em São Francisco, na costa leste dos Estados Unidos, Marcos André, escreve na coluna *Bazar* que “Quase todo filmado em Paris, esse filme nos dá saudade de Paris! Que cores e que fotografias! As cenas no café existencialista são simplesmente hilariantes e Hepburn notabilíssima num bailado existencialista”⁵⁵¹. Dentro da lógica trazida pelo filme, não se trata de Existencialismo, mas a mensagem endereçada ao público é tão evidente que os *empaticalistas* podem ser facilmente interpretados como sartrianos.

O fato de que o café não é existencialista é lembrado por Ibrahim Sued no ano seguinte. Tendo assistido a *Cinderela em Paris* em sessão fechada para “um pequeno grupo da sociedade carioca” na reinauguração da sala de cinema da Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Sued ressalta que “O enredo, embora medíocre, tem ótimas passagens, **como a sátira do existencialismo de Sartre** e o desfile de modas, com criações de Givenchy, apresentado

⁵⁵¹ BAZAR, 29/04/1957, p.1.

pelo modelo Audrey Hepburn”⁵⁵². Embora aponte a evidente conexão, Sued não toma um movimento pelo outro, evidenciando a proposta satírica da película.

Em 1961, o filme *Beat Girl* - cujo título traduzido seria algo como *Garota Beat*, em referência ao movimento dos *beatniks* - ganhou o título *Garota Existencialista* e estreou nos cinemas cariocas⁵⁵³. As conexões realizadas no Brasil entre ambos os movimentos já foram comentadas no capítulo anterior, em relação à literatura. A crítica de *O Globo*, que já utilizava os famosos desenhos de bonequinhos, ora aplaudindo de pé, ora sentado, ora dormindo etc., para classificar um filme, colocou o dito cujo dormindo para a película. O crítico informa que a obra tenta imitar o estilo de filmes “C” estadunidenses, por trazer os *beatniks* como tema, e as obras “mediócras feitas na Alemanha e na França”, que colocam mulheres fazendo *strip-tease* para tentar atrair o público⁵⁵⁴. O curioso é que, tanto a crítica quanto o resumo do filme - onde lia-se que a história se passa “no ruidoso ambiente musical dos ‘beatnicks’ [sic] londrinos”⁵⁵⁵ -, evidenciam que não se trata de obra com diálogos com o existencialismo. Ainda assim, é esse o nome que o filme ganha nas telas brasileiras.

Enviado como correspondente do jornal para o Festival de Cannes, Renato Bittencourt descreve o movimento da Croisette e dos filmes que estreavam no evento. Ganha destaque em uma de suas reportagens *O Anjo Exterminador*, do diretor espanhol Luís Buñuel, lançado em 1962. Obra marcadamente surrealista, acompanha um jantar entre burgueses que, sem motivo aparente, não conseguem sair do espaço em que o encontro acontecia. Para Bittencourt, o enredo lembra *Entre Quatro Paredes*, de Sartre. “Buñuel parece ter querido mostrar a humanidade presa no absurdo de sua condição. **O clima é inteiramente sartriano, do Sartre [de] antigamente, antes que Marx, Mao Tse-Tung e Fidel Castro o despertassem para a vida...**”⁵⁵⁶. Como sabemos que Bittencourt não era muito elogioso desse “despertar”, depreende-se que se trata de um elogio ao Sartre anterior às conexões com o marxismo.

Ao lado do comentário geral sobre diferentes obras do cinema mundial, há um núcleo específico de reportagens que comenta diálogos de diretores brasileiros com o pensamento de Sartre. Uma pista nesse sentido nos dá Antonio Olinto, comentando livro de Jean-Rene Huguenin sobre a *Nouvelle Vague*, movimento de vanguarda do cinema francês. Afirma o colunista que este é descendente “da fase realmente existencialista - de 1919 a 1939”⁵⁵⁷. Em

⁵⁵² REPORTAGEM SOCIAL, 03/06/1958, p. 4.

⁵⁵³ O GLOBO NOS CINEMAS, 09/10/1961, p. 7.

⁵⁵⁴ O GLOBO NOS CINEMAS, 13/10/1961, p. 11.

⁵⁵⁵ O GLOBO NOS CINEMAS, 10/10/1961, p. 6.

⁵⁵⁶ O SENTIDO DA FALTA DE SENTIDO..., 31/05/1962, p. 1-2. Grifos meus.

⁵⁵⁷ PORTA DE LIVRARIA, 17/04/1961, p. 8.

outras ocasiões, noticia que Sartre elogia a película *Acossado*, de Jean-Luc Godard⁵⁵⁸, um dos criadores do movimento. Assim, é de se esperar pontos de contato entre o existencialismo e o chamado *Cinema Novo brasileiro*, já que este movimento de vanguarda do cinema nacional teve diálogos com o movimento francês e com o Neorrealismo Italiano.

Porém, não é isso que se lê em *BEATNIK quer dizer*⁵⁵⁹, publicado no *Caderno Ela*, onde se afirma que a geração *beatnik* deixou de lado Sartre e adora filmes de Godard e o cinema novo brasileiro. Assim, parece ser demarcada certa distância entre o existencialismo e esse cinema vanguardista. A impressão é reiterada pela fala do romancista italiano Alberto Moravia sobre o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Considerado uma das obras-primas de Glauber Rocha, foi lançado em 1964 e indicado à Palma de Ouro, prêmio máximo do Festival de Cannes, no mesmo ano. Embora não afirme um distanciamento entre existencialismo e a temática do filme, o autor registra que a película prova que Sartre, por mais que seja contundente em suas colocações, não produziu pensamento válido e necessário à sétima arte brasileira. Para Moravia,

O Brasil é um dos muitos países onde existem condições de miséria tais de justificar a teoria de Sartre, segundo a qual não é justo nem possível escrever enquanto no mundo dois bilhões de pessoas morrem de fome [...] Mas o problema de Sartre, para os artistas brasileiros, não conta. A fome, estes artistas a tem debaixo dos olhos, e ela exige em altos brados para ser por eles documentada e representada. E eis de fato neste filme de Glauber Rocha a prova de que Sartre não tem razão e a arte a tem.⁵⁶⁰

Entretanto, outros contatos entre Sartre e o cinema nacional aparecem, não apenas ao modo de um afastamento. É o caso da reportagem do jornalista Armindo Blanco, que começa explicando que o cinema neorrealista italiano encontrou resistências naquele país quando de seu começo, mas conheceu o sucesso nacional e internacionalmente. “O cinema brasileiro - tanto o Novo como os concomitantes - está percorrendo vias idênticas. Internamente, é combatido com extrema ferocidade”. Passa aos exemplos, citando *Terra em Transe*, de Glauber Rocha (1967), e *O Padre e a Moça*, de Joaquim Pedro de Andrade (1966), e

O Desafio de Paulo César Saraceni, [que] foi acusado de **intelectual** e de **hermético**, talvez porque um dos seus personagens discorria sobre Sartre e Kafka o que, em república **semivirgem de letras**, representa provocação intolerável (mais avisado, Domingos de Oliveira em **Todas as Mulheres do Mundo**, limitou-se a citar James Bond).⁵⁶¹

⁵⁵⁸ FRACASSO E TRIUNFO DE..., 08/10/1962, p. 6; DEPOIS DO SEGUNDO..., 20/01/1964, p. 7.

⁵⁵⁹ 18/04/1964, p. 4.

⁵⁶⁰ O SHOW DA CIDADE, 19/09/1964, p. 3. Os diálogos de Moravia com a chamada *Estética da Fome* são evidentes, mas a discussão não ganha relevo para a proposta desta pesquisa. O principal documento em torno das propostas de uma nova estética é o manifesto *Eztetyka da fome*, de autoria de Glauber Rocha, lançado em 1965 (ROCHA, 2004).

⁵⁶¹ A EXPEDIÇÃO BRASILEIRA AO PASSEIO DOS INGLESES, 21/06/1967, p. 7.

Para o jornalista, o caminho percorrido tem sido o de buscar elogios do exterior “para que a louvação alheia faça o milagre de suavizar a hostilidade doméstica que o ameaça [ao cinema nacional] de extinção pelo escárnio, quando não pela mortal indiferença ou pelo humilhante paternalismo”⁵⁶². Além de *O Desafio*, outro filme de Saraceni é dado como tendo influência de Sartre: sua primeira obra, o curta-metragem *Caminhos*, que mostra, de acordo com o jornalista, “dois jovens descobrindo o sexo, amando-se como se o mundo fosse acabar amanhã, e logo se separando, tocados ambos por uma espécie de nojo existencial, a náusea de que fala Sartre”⁵⁶³.

Não consegui encontrar o curta para analisá-lo. Quanto à película de Saraceni, Sartre aparece brevemente citado em um diálogo entre Marcelo, personagem principal, e Nestor, seu colega de trabalho, homem mais velho, em um bar, próximo ao fim do filme. Não farei uma análise da obra e nem da inserção da frase no contexto da narrativa, mas ressalto aqui o conteúdo do diálogo, que se inicia com Nestor contando que escreveu um conto, ao que Marcelo pergunta:

- Belo conto! Você publicou onde?
- Publicar?! Publicar, hoje em dia, é a coisa mais imoral que existe. Publica quem tem necessidade de noite de autógrafo.
- É... Tem que sujar as mãos! [em referência à peça *As mãos sujas*, de Sartre]
- Sartre é um falido! Um homem que traiu a sua filosofia.
- Sartre é um homem em movimento.
- Movimento pra [sic] trás [Nestor ri. Marcelo, sério, o interrompe:]
- Olha, é melhor a gente continuar falando de lirismo, viu? Em matéria de Sartre, cê tá [sic] por fora!

Para a geração que busca compreender os impactos e as possibilidades diante do golpe civil-militar, tônica da representação do personagem de Marcelo e alguns coetâneos (CAMPO, 2011; PINTO, 2013), Sartre faz mais sentido do que para a geração anterior. Além desse momento, mencionando Sartre mais diretamente, todo o clima e muitos debates da obra guardam vinculações com o pensamento existencial. A questão da absurdidade da existência humana está presente em diferentes momentos da obra.

Noutra ocasião, o protagonista do novo filme de Nelson Pereira dos Santos, *El Justicero*, de 1967, é apresentado como “uma mistura de James Bond com Jean-Paul Sartre - um jovem dinâmico, intelectual, mulhereço e com uma incessante e contraditória sede de justiça”⁵⁶⁴. Tendo aparecido apenas duas semanas no jornal, penso que o filme teve carreira curta nas salas de projeção

⁵⁶² A EXPEDIÇÃO BRASILEIRA AO PASSEIO DOS INGLESES, 21/06/1967, p. 7.

⁵⁶³ “CAPITU” PEDE PASSAGEM..., 11/09/1967, p. 11.

⁵⁶⁴ “EL JUSTICERO”, 11/12/1967, p. 9; EL JUSTICERO, 18/12/1967, p. 10.

Diante de tão poucos elementos que apontam para a conexão entre o Cinema Novo e o existencialismo, cujos liames parecem evidentes quando se assiste às películas citadas, compreende-se a relevância de um aprofundamento futuro na temática. A partir desse ponto, porém, abandono esse olhar para os comentários gerais sobre cinema e passo a acompanhar as breves aparições de filmes baseados em obras de Sartre em *O Globo*.

Novais Teixeira, jornalista português que trabalhava como correspondente a partir de Paris, registra, em 1955, que “Sartre volta ao cinema. Não, agora, como dramaturgo adaptado à tela, mas como autor de ‘cenários’ [roteiros], escrevendo para o ‘écran’, diretamente.”⁵⁶⁵ A notícia era sobre a proposta de um filme de amor, cujo roteiro estaria pronto em “quatro ou cinco meses”. Lembra que Sartre estava silencioso desde que se aproximara da URSS, mas que decidira romper o mutismo por meio das películas. Quais seriam as motivações? “Porque – diz ele [Sartre] – estou hoje convencido de que o cinema é um meio de expressão tão válido e do mesmo título que a literatura’. E propõe-se a escrever um ‘cenário’ por ano”. Porém, sobre o que escreveria? Para Teixeira, se quando estava brigado com o Partido Comunista escreveu *As mãos sujas*, talvez agora escrevesse coisas como “‘Les Mains Propres’ ou ‘Les Mains Rouges’”, ou seja, *As mãos limpas* ou *As mãos vermelhas*⁵⁶⁶.

Em julho, *O Globo nos cinemas* comenta a estreia do filme baseado na peça *Entre quatro paredes*, com roteiro adaptado pelo próprio Sartre e lançado no Festival de Berlim de 1955. Situando o leitor diante do roteiro, o crítico (não identificado) considera que

Tanto no livro quanto na adaptação que escreveu para a tela, Sartre deixou-se vencer pela acentuação de aspectos mórbidos, cruéis, amorais e desumanos. O conteúdo a nada conduz porque é exclusivamente destrutivo. O interesse literário é um caso à parte. Particularmente no cinema, a ânsia geral foi a de avivar o que há de mal na essência. Aspectos escabrosos como a paixão lésbica da personagem Inês poderiam ter sido suprimidos na transposição ao filme, com vantagem para o conjunto.⁵⁶⁷

Para além disso, indica que a direção, a cargo de Jacqueline Audry, deixa a desejar, inclusive com uma fotografia que não contribui para a história. “Ao término da exibição, não se ouviu um único aplauso. O silêncio era apenas quebrado por comentários ou expressões desagradáveis. E durante a projeção foram muitos os que se retiraram a fim de fugir do inferno figurado em imagens”⁵⁶⁸. O único aspecto que o agrada no filme são as interpretações, com destaque para Arlety. Entretanto, não há registros que apontem para a exibição desse filme em salas brasileiras.

⁵⁶⁵ SARTRE, RENOIR E LESLIA CARON, 04/04/1955, p. 6.

⁵⁶⁶ SARTRE, RENOIR E LESLIA CARON, 04/04/1955, p. 6.

⁵⁶⁷ O GLOBO NOS CINEMAS, 16/07/1955, p. 4.

⁵⁶⁸ O GLOBO NOS CINEMAS, 16/07/1955, p. 4.

O filme *Les Orgueilleux* (*Os orgulhosos*, em tradução livre para o português), a seu turno, embora tenha sido lançado em 1953, aparece como um dos indicados ao Oscar de “melhores histórias cinematográficas”⁵⁶⁹ em 1957. O filme de Yves Allégret com roteiro de Sartre não venceu o prêmio, perdendo para *Arenas Sangrentas*, de Irving Rapper (1956). Também não há indícios de que tenha estreado no país, embora tenha encontrado registros de promessas de estreia para o ano de 1954 (SOUZA, 2015).

As mãos sujas, baseado na peça homônima de Sartre, dirigido por Fernand Rivers e Simone Berriau, foi lançado em 1951 e não teve estreia no Brasil (SOUZA, 2015). Porém, inusitadamente, Antonio Maria, em sua *Mesa de Pista*, conta que, estando em Petrópolis para as celebrações do aniversário de uma amiga, “em casa dos outros, vimos uma esplêndida fita inglesa, feita sob a influência de ‘Ladrão de Bicicleta’, um documentário sobre Napoleão, ‘**Les Mains Sales**’ (de Sartre) e ‘Ao Sul de Sumatra’, filme em que se acidentou (para a morte) a bonita Susan Ball”⁵⁷⁰. A brevíssima nota permite afirmar a circulação de obras que não estrearam no circuito entre alguns membros da elite nacional, sendo este filme baseado em Sartre um deles.

Outro filme cuja carreira é mencionada em *O Globo* é a adaptação de Sartre para a peça de Alexandre Dumas, *Kean*. O primeiro registro da obra no periódico informa que Vittorio Gassman, diretor italiano, havia encerrado as filmagens em Roma. Sartre aparece como adaptador da peça para a telona e Gassman, além de diretor, é responsável pelo papel principal⁵⁷¹. O filme estreia no Rio de Janeiro em novembro de 1962, com o título *Kean, o rei da aventura*. É apresentado pela primeira vez ao público como a “história de um ator – de seus triunfos, amores e aventuras”⁵⁷². Não é possível saber, por sua trajetória no jornal, se teve sucesso entre os cariocas, mas, certamente, foi pouco comentado, não havendo sequer crítica do mesmo.

Já a contratação de Sartre por John Huston como roteirista da produção de um filme sobre Freud virou notícia em fevereiro de 1960. Foi destaque na coluna *O Globo nos Cinemas*, em que se contou que Sartre foi visitar Huston na Irlanda e que Arthur Miller chegaria logo em seguida. O repórter Roderick Mann foi recebido pelo próprio Huston para uma conversa em que este disse ter se encantado pelo roteiro *The Misfits* (Os Desajustados), de Miller, que seria certamente filmado⁵⁷³. Em seguida, o repórter lhe pergunta:

⁵⁶⁹ 28/02/1957, p. 6.

⁵⁷⁰ MESA DE PISTA, 12/03/1957, p. 2.

⁵⁷¹ O GLOBO NOS CINEMAS, 05/10/1956, p. 8.

⁵⁷² O GLOBO NOS CINEMAS, 10/11/1962, p. 6.

⁵⁷³ De fato, a película foi lançada em 1961.

- Depois de ‘The Misfits’, você não pretende filmar a vida de Freud?
- Pretendo. Deveu-se a isso a estada de Sartre aqui. Ele está redigindo o roteiro. Foi meu hóspede durante três semanas e por pouco que não faz a minha cabeça explodir de tanto falar. Sartre faz uso de pílulas estimulantes com uso indicado para duas por semana. Ele toma seis por dia. [...]
- Você admira a filosofia de Sartre? – perguntei-lhe, com o aperto de mão.
- Em alguns pontos – respondeu-me. – Afirma Sartre que não merecemos o luxo de um Deus enquanto não for alimentada a última criança esfomeada. Estou de acordo – é essa também a minha opinião.⁵⁷⁴

Em setembro do mesmo ano, outra nota registra que Sartre estaria trabalhando na adaptação do livro *La Question*, obra autobiográfica de Henri Alleg sobre o conflito argelino, a pedido do diretor francês Alain Resnais⁵⁷⁵. Não encontrei registros desse fato nas biografias sobre Sartre e, de todo modo, o filme só será realizado em 1977, por Laurent Heynemann, e sem qualquer referência sobre o roteiro ter partido de alguma adaptação inicial realizada por Sartre.

Quanto ao roteiro *Freud*, não há nenhuma outra menção no jornal. O texto estabelecido por Sartre foi lançado postumamente, não tendo sido plenamente aproveitado por Huston, que ficou insatisfeito com a inabilidade de Sartre de trabalhar em um roteiro seguindo os padrões hollywoodianos e, ao mesmo tempo, com a longa duração de um filme que se baseasse no texto do pensador (COHEN-SOLAL, 2008). A película foi lançada em 1962 sem qualquer menção ao nome de Sartre nos créditos, exigência do próprio.

Voltando a 1960, Sartre vende os direitos da peça *Os sequestrados de Altona* para adaptação cinematográfica que, de acordo com Antonio Olinto, seria dirigida por Jules Dassin ou Mankiewicz⁵⁷⁶. Só em março de 1962, porém, é que uma nova nota sobre tal adaptação será lida em *O Globo*. Nesta, lê-se que ficou a cargo do diretor italiano Vittorio de Sica e do roteirista Cesare Zavattini, que escrevera, dentre outros, *Roma*, *Cidade Aberta* e *Ladrões de Bicicleta*, clássicos do Neorealismo italiano. O filme contaria ainda com Sophia Loren no elenco⁵⁷⁷. A mesma notícia é requeitada por Ibrahim Sued no mês seguinte como se fosse “uma notícia ainda não divulgada na América do Sul”⁵⁷⁸. Ao que tudo indica, o colunista não lia o jornal em que trabalhava.

Em novembro do ano seguinte, o filme estreia com sucesso em Paris⁵⁷⁹, apesar de críticas como a do inglês Richard Barkley, que afirmou que “o diretor, não parece à vontade nesse verboso filme. [...] Há um limite para a soma de ação disponível num quarto,

⁵⁷⁴ O GLOBO NOS CINEMAS, 06/02/1960, p. 6.

⁵⁷⁵ O GLOBO NOS CINEMAS, 15/09/1960, p. 6.

⁵⁷⁶ PORTA DE LIVRARIA, 21/09/1960, p. 5.

⁵⁷⁷ COLUNA DE TEATRO, 28/03/1962, p. 8.

⁵⁷⁸ REPORTAGEM SOCIAL, 21/04/1962, p. 4.

⁵⁷⁹ COLUNA DE TEATRO, 21/11/1963, p. 8.

especialmente quando o principal personagem nada mais faz de emocionante do que murmurar”. Para ele, o intuito de realização por Vittorio de Sica é “nos dizer que a Alemanha livre repudia o passado nazista, mas não o seu complexo de poder”⁵⁸⁰.

O filme estreia no Rio de Janeiro em abril do mesmo ano e ganha cotação de “‘Boneco’ aplaudindo sentado” pela crítica de *O Globo*. É apresentado como “Drama inspirado em peça de Sartre, narrando a história de um ex-oficial nazista que viveu 15 anos confinado num sótão entre memórias terríveis de atrocidade e destruição”⁵⁸¹. A regularidade semanal de publicação da lista de filmes em cartaz e o aparecimento da película por três semanas seguidas leva a crer que esta foi a duração de sua carreira nas salas cariocas.

Uma adaptação do conto *O Muro*, de Sartre, feita por Serge Roullet aparece em nota no *Jornal da Tela* em 1966. De acordo com o excerto, Roullet dirigiria a película baseada na história original de Sartre⁵⁸². O filme chegou a ser realizado, sendo lançado em 1967. Porém, a primeira menção ao fato no jornal ocorre apenas em março de 1968, ao anunciar que Roullet deveria rodar um filme no Brasil. O diretor é apresentado, na ocasião, como aquele que dirigiu *O Muro*, “filme baseado num conto de Jean-Paul Sartre”⁵⁸³. Dias depois, ainda comentando a possível vinda de Roullet ao Brasil, registra-se que *O Muro* foi retirado de Cannes em 1967 “por pressões das autoridades espanholas”, sem mais explicações⁵⁸⁴. O filme também não teve estreia no Brasil.

Assim, o que se pode depreender dessa breve fortuna crítica é que o cinema baseado em obras de Sartre não receba atenção no país. É o oposto, por exemplo, do que acontece com o teatro, como veremos mais adiante. Esse fato é, em verdade, uma espécie de continuação da fraca recepção deste tipo de obra já evidente entre os anos de 1945-55. Não é possível afirmar que isso ocorra em função de algum controle da circulação das ideias de Sartre para o grande público, afinal, até curso sobre existencialismo no rádio existiu (quadro ao lado). Mas é no mínimo curioso que uma arte tão popular à época não tenha trazido filmes de um pensador também bastante conhecido. Talvez isso também indique que os frequentadores das salas da Cinelândia, mais populares, por exemplo, não veriam Sartre, mas somente aqueles do Paissandu, a sala da juventude intelectual no Flamengo. Enfim, passemos, então, ao teatro.

⁵⁸⁰ OS CONDENADOS DE ALTONA, 03/02/1964, p. 6.

⁵⁸¹ O GLOBO NOS CINEMAS, 20/04/1964, p. 6; O GLOBO NOS CINEMAS, 04/05/1964, p. 6; O GLOBO NOS CINEMAS, 11/05/1964, p. 7.

⁵⁸² JORNAL DA TELA, 29/08/1966, p. 7.

⁵⁸³ O TENTO DE HONRA, 18/03/1968, p. 2.

⁵⁸⁴ SERGE FARÁ FILME SOBRE ESCRAVOS, 28/06/1968, p. 16.

Quadro 17 - Sartre radiofônico

De todas as formas de entrar em contato com o pensamento de Sartre, certamente nenhuma teve o mesmo potencial de alcance que aquelas veiculadas pelo rádio, como a série de programas produzidos pela BBC para o exterior e transmitida pela emissora em português. Em abril de 1965, estreou *Livros da Nossa Era*, “estudando obras fundamentais de nosso tempo como as obras de Freud, a ‘Teoria da Relatividade’ de Einstein e o ‘Existencialismo’ de Sartre (SABER É PODER, O Globo, 19/04/1965, p. 2). O programa sobre o filósofo francês foi ao ar em 17 de maio de 1965, tendo como palestrante “o professor Cocking, da Universidade de Londres”. A divulgação no jornal evidencia que um dos objetivos era desfazer equívocos da moda existencialista, que não guardava conexão com o verdadeiro pensamento de Sartre. O que os ouvintes encontrariam no programa? “(...) um exame dos antecessores, da vida e do trabalho de Jean-Paul Sartre e especialmente do seu livro ‘O Ser e o Nada’, publicado em 1943, no qual está contido o mais completo relato do **existencialismo** segundo o revolucionário filósofo francês. Para Sartre, a existência é constituída de dois elementos: a consciência humana e o resto. O resto é o mundo das coisas, o mundo já tradicionalmente conhecido por ‘Natureza’. Mas a consciência humana nega, nulifica o mundo das coisas. Ela procura sempre avançar para coincidir com um estado futuro imaginário; mas pela sua própria natureza não consegue.” (O EXISTENCIALISMO, O Globo, 17/05/1965, p. 17. Grifo no original).

Este programa foi veiculado pelo *Serviço Brasileiro da BBC*, fundado em 1938. Uma das atividades realizada foi também a transmissão da peça *As mãos sujas*, de Sartre. Não há identificação do ano, mas lê-se: “E houve a época do rádio-teatro, sempre lembrada com carinho; quando um grupo entusiasta levava até os ouvintes do Brasil dramatizações de contos ingleses ou, num esforço mais ambicioso, peças como ‘Les mains Sales’ (As mãos sujas), de Jean-Paul Sartre, ‘The Rivals’, de Sheridan, ‘Lady Windermere’s Fan’, de Oscar Wilde. Maria Fernanda, Madalena Nicol, Sérgio Viotti e muitos outros integravam o elenco do rádio-teatro, na BBC (UM SONHO PARA DOIS, O Globo, 02/09/1965, p. 4).

3.2 Teatro

Há dois trabalhos que apontam para o estabelecimento de uma revisão sobre o teatro de Sartre no Brasil. No primeiro, Rosangela Patriota (2007) compõe o olhar em torno da ideia de teatro político, pontuando que tal vertente no país sempre foi mais devedora dos russos e alemães. Assim, a questão que enfrenta é “qual seria o lugar de Jean-Paul Sartre no período que o Teatro Engajado dominou a cena e os debates?” (PATRIOTA, 2007, §2⁵⁸⁵). O enfoque do texto é a realização e o lugar do Teatro Engajado no país, estabelecendo-se um contraponto entre a encenação de peças não “por impacto político e/ou filosófico, mas pela densidade que as mesmas poderiam produzir no palco” *versus* “os profissionais que viam na atividade teatral uma possibilidade concreta de intervir no processo de conscientização da sociedade brasileira” (PATRIOTA, 2007, § 10-11).

Assim, nomes como Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, José Celso Martinez Correia, Oduvaldo Vianna Filho, são fiéis da balança. Comenta-se aquilo que circulou pela produção desses dramaturgos engajados em criar um teatro que pudesse refletir/intervir sobre a realidade brasileira. As encenações de peças de Sartre no texto se resumem a poucas

⁵⁸⁵ O texto não tem paginação, mas numeração de parágrafos.

ocorrências (tab. 5), uma vez que olhar para as mais diversas encenações não é a proposta da pesquisa apresentada ali.

Tabela 5 - Encenações de Sartre no Brasil referenciadas em *Patriota* (2007)

Peça	Ano	Companhia
A prostituta respeitosa	1948	Cia. Maria della Costa
Entre quatro paredes	1950	TBC
Mortos sem Sepultura	1954	TBC
As Moscas	1959	Teatro Oficina
A engrenagem	1960	Teatro Oficina

Romecarlos da Costa Nunes (2009), a seu turno, concentra seu olhar para esta última encenação, de *A Engrenagem*, pelo Teatro Oficina, na ocasião da vinda de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil em 1960. Um exemplo do que o enfoque de ambos os autores deixa de fora é a encenação dirigida por Carlos Murtinho de *O Muro* em 1955 no Teatro Universitário de Porto Alegre, com Fernando Peixoto. Não encontrei até o momento trabalhos acadêmicos que tematizem esta e outras encenações que apresento aqui, sobretudo aquelas realizadas por grupos amadores.

Por outro lado, lidar com a diversidade de encenações é correr o risco de fazer uma lista das ocasiões em que Sartre foi representado no país. Assim, buscarei estabelecer um equilíbrio entre três elementos: comentários gerais sobre o teatro brasileiro e internacional que englobam referências a Sartre; um olhar que se detém sobre algumas encenações que ganharam maior repercussão no jornal; e a enumeração das diversas encenações menos comentadas, porém indicadas, de textos de Sartre.

Compreendo que este último elemento, sobretudo, arrisca se tornar uma espécie de lista não exaustiva das encenações de Sartre no Brasil. Por serem diversas as ocorrências, não me foi possível seguir os rastros de todas elas durante a pesquisa aqui apresentada. Ao mesmo tempo, deixar de apontá-las seria invisibilizar alguma capilaridade existente da dramaturgia de Sartre no país do período. Portanto, opto por sinalizar tais representações para que se possa pesquisá-las no futuro. Principalmente, antecipo que tal esforço enumerativo evidencia a relevância dos grupos amadores de teatro, que apontam para uma interiorização dos textos teatrais do intelectual. E, ao mesmo tempo, possibilita contrapor os efeitos da demora na tradução e disponibilização de obras de Sartre no país, com a presença de seus textos ganhando vida nos palcos.

De partida, vejamos algumas considerações gerais sobre o teatro que envolvem Sartre de alguma maneira. A primeira delas diz respeito ao dramaturgo brasileiro Guilherme Figueiredo, cuja peça *A Raposa e as Uvas* faz sucesso no exterior em 1955. O espetáculo, lançado no Brasil em 1953 com direção de Bibi Ferreira, foi considerado pela crítica teatral vienense um texto cujo final “lembra o existencialismo, mas foi pensado como advertência aos contemporâneos sem escrúpulo, menos como um fio trágico de peça”, conforme publicado no periódico vienense *Weltpresse*⁵⁸⁶. Em 09 de julho, aparece outro trecho de crítica, agora do periódico *Neues Oesterreich*⁵⁸⁷ (sic), segundo o qual “o autor pertence ao grupo dos intelectuais que tentam achar um caminho através da problemática existencialista do nosso século”⁵⁸⁸. Outra opinião vem da Argentina: para a portenha Inês Malinow, comentando a peça em cartaz há três meses em Córdoba, Guilherme Figueiredo é “um discípulo de Sartre, ‘preocupado com o problema filosófico e real da liberdade humana’”⁵⁸⁹.

O roteiro, que consegui encontrar graças à versão gratuita disponibilizada para fins acadêmicos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Teatro Brasileiro da Universidade Federal de São João Del-Rei, narra a história de Esopo, escravo de Xantós, filósofo da cidade de Samos. Esopo mostra-se sempre mais sábio e arguto que seu amo que, tendo de se livrar dos efeitos de uma aposta, acaba lhe oferecendo a liberdade em troca de uma astúcia (FIGUEIREDO, 2011). Percebo no espetáculo ecos de duas peças de Sartre. O tema do olhar do outro e das relações interpessoais de *Entre quatro paredes* (SARTRE, 2014) aparece em situações como quando Cléia, esposa de Xantós, ordena que o feio Esopo não a olhe nos olhos, ao que ele responde: “Tens razão. Não é justo que meu rosto se reflita em suas pupilas.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 7). Como não se recordar de Inês, personagem da peça de Sartre, quando ordena a Estelle, a mulher vaidosa e carente de espelhos, “Olha dentro dos meus olhos: você consegue se ver?” (SARTRE, 2014, p. 68).

Ao mesmo tempo, o cenário grego, a narrativa repleta de menções aos deuses, embora não se trate de uma tragédia, bem como o debate em torno do desejo de ser livre, colocado em pauta por Esopo, ressoa trechos importante de *As Moscas* (SARTRE, 2005c). Afirma o fabulista, “Ah, ser livre e ouvir a voz da liberdade que canta em todos os sons! [...] A liberdade é não haver perigo de ser caçado. Olha o meu rosto. Todos sabem aquele é Esopo, escravo de Xantós. A liberdade não é um ato clandestino; é preciso que todos saibam que a gente é livre.

⁵⁸⁶ O GLOBO NOS TEATROS, 25/06/1955, p. 3.

⁵⁸⁷ O nome do periódico é, em verdade, *Neues Österreich*, cuja tradução é Nova Áustria.

⁵⁸⁸ O GLOBO NOS TEATROS, 09/07/1955, p. 3.

⁵⁸⁹ O GLOBO NOS TEATROS, 20/10/1956, p. 3.

Saibam e respeitem.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 6). O trunfo de Orestes, herói de *As Moscas*, marca de sua “vitória” contra os deuses e o destino trágico, é justamente a compreensão da absoluta liberdade do humano: “Sou livre, Electra; a liberdade desabou sobre mim como um raio.” (SARTRE, 2005c, p. 83). Penso que é a partir de elementos como esses e pela centralidade do tema da liberdade e da responsabilidade no roteiro da peça que Guilherme Figueiredo é apontado como um autor existencialista. A encenação consegue longa carreira, notando-se que inicia sua trajetória em 1953 e as críticas encontradas datam de 1955-56.

Ao mesmo tempo, um elemento me chama atenção. É a crítica estrangeira que irá apontar tais elementos existencialistas à Sartre na peça de Figueiredo. Na pesquisa empreendida para minha dissertação, que engloba os anos de 1945-55, nada encontrei de referência sobre o espetáculo em *Última Hora* (SOUZA, 2015). Optei, então, por verificar em *O Globo* e em *Folha de São Paulo* o que foi dito sobre o dramaturgo e a peça. No jornal paulista, registra-se o fim da encenação no Rio, em 28 de junho de 1953⁵⁹⁰ e, na retrospectiva do ano, há indicação da estreia em São Paulo no mês de setembro, com grande sucesso, sobretudo pela atuação de Sérgio Cardoso⁵⁹¹. Em 1954, Guilherme Figueiredo vence o prêmio da Associação Brasileira de Crítica Teatral, no Rio de Janeiro, como melhor autor⁵⁹². Acompanhei o nome do dramaturgo neste periódico e não há qualquer elemento que aponte para uma fortuna crítica sobre ele ou sobre a peça. Em *O Globo*, resgatando os anos de 1953-54, não analisados nesta pesquisa, encontro uma nota sobre a estreia em junho de 1953⁵⁹³ e, em janeiro de 1954, o registro de que ela se tornou o maior êxito teatral da Companhia Dramática Nacional⁵⁹⁴. Deste modo, pode-se confirmar que será a crítica e a imprensa internacional que enxergam elementos existencialistas na peça de Figueiredo. O espetáculo é elogiado, mas não analisado e, tampouco, as conexões com o teatro de Sartre são evidenciadas pela crítica brasileira, ao menos considerando ambos os periódicos.

Em 1957, Gustavo Doria rebate a crítica do diretor teatral italiano, Alberto D’Aversa. Em conversa com jornal paulista não identificado, este teria afirmado que o Brasil se volta muito para a cena francesa e inglesa, deixando de lado contribuições da Argentina e da Espanha, por exemplo. Doria afirma que isto não ocorre apenas no Brasil. “Se existe entre nós a predominância da cultura francesa, esse fenômeno, que parece ser de caráter praticamente

⁵⁹⁰ TEATRO NACIONAL, Folha de São Paulo, 28/06/1953, p. 4.

⁵⁹¹ RETROSPECTO DE 1953, Folha de São Paulo, 27/12/1953, p. 2.

⁵⁹² NOTÍCIAS DO RIO, Folha de São Paulo, 03/02/1954, p. 8.

⁵⁹³ TEATRO MUNICIPAL, 01/06/1953, p. 6.

⁵⁹⁴ O GLOBO NOS TEATROS, 07/01/1954, p. 4. A Companhia Dramática Nacional teve vida breve, durando apenas entre os anos de 1953 e 1954. Era patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro e contou com a participação de Sérgio Cardoso, Bibi Ferreira e Henrique Pongetti.

internacional, se deve, antes de mais nada, à nossa formação”. E arremata: “E se Sartre, como Kafka, nos é mais familiar, não resulta isso numa preferência pelo papa do existencialismo do pós-guerra porém ao fato de estarem eles mais próximos da geração de hoje”⁵⁹⁵. Aponta para uma dupla-chave de interpretação: por um lado, nossa formação se orienta para o mundo francês – como já debatido no primeiro capítulo –, por outro, todo o mundo se volta para autores como Sartre e Kafka, uma vez que eles dialogam mais profundamente com a geração contemporânea.

Quadro 18 - *Le désir attrapé par la queue*, de Pablo Picasso

Figura 20 - Fotografia do elenco de *O desejo pego pela cauda*.



A coluna *Micro-ondas* (03/04/1965, p. 4) registrou uma curiosidade: a primeira peça escrita e dirigida por Pablo Picasso, *O Desejo Pego Pela Cauda*, “foi levada uma única vez numa galeria de arte, sendo que os papéis principais foram interpretados por Jean-Paul Sartre.

Em 1960, Zora Seljan assume a *Coluna de Teatro*. É sob sua responsabilidade que Sartre e Beauvoir, quando no Brasil, são entrevistados sobre as artes dramáticas. Respostas lacônicas surgiram de perguntas de qualidade duvidosa, como: “P. Não acha que suas peças possam levar os espectadores comuns ao desespero? R. Não, nunca.”. Diante da questão sobre se acreditava que o teatro tinha maior influência sobre o povo do que a literatura, Sartre respondeu: “Não. Na França, o teatro atinge a uma pequena minoria. A maioria do povo francês ainda não foi ao teatro. Mesmo as tentativas do teatro popular, inclusive as que obtiveram êxito, como a de Vilar, atingem apenas à pequena burguesia.”⁵⁹⁶

Sobre este tema, Sartre explica sua posição em entrevista concedida em 1955. Perguntado se o termo “teatro popular” faz sentido, responde que sim, que é, em verdade, o único teatro que faz sentido, embora haja outros teatros. Especificamente, é instado a comentar

⁵⁹⁵ O GLOBO NOS TEATROS, 28/10/1957, p. 12.

⁵⁹⁶ COLUNA DE TEATRO, 18/08/1960, p. 10.

a experiência do Teatro Nacional Popular (TNP), dirigido por Jean Vilar. Sua exposição sobre a companhia é exemplar de sua posição: ao representar obras clássicas, de repertório, como Shakespeare, o TNP seguia fazendo um importante trabalho para a cultura, mas não era popular, uma vez que “a um público popular, deve-se primeiramente representar peças para ele: que foram escritas para ele e que falam sobre ele” (SARTRE, 1973, p. 69). Fazer um teatro verdadeiramente popular exigiria um trabalho de reaproximação da classe operária com o espaço do teatro, que deveria ser revisto em suas propostas.

De modo similar, na entrevista registrada por Beauvoir entre agosto e setembro de 1974, Sartre afirma que, embora tivesse, desde garoto, a certeza de que iria fazer algo para o teatro, a escrita teatral havia se encerrado para ele.

S. de B. - Por quê?

J.-P.S. – Por quê? Há uma idade em que nos desligamos do teatro. As boas peças não são escritas por velhos. Há algo de urgente numa peça. [...] Não estamos na urgência; podemos estar sofrendo uma grave ameaça, mas não estamos na urgência. Ao passo que não se pode escrever uma peça sem que haja uma urgência. (BEAUVOIR, 1982, p. 262).

Beauvoir percebe o que há de má-fé⁵⁹⁷ nessa resposta e contra-argumenta que a velhice traz um senso de urgência em função da finitude. Aponta, assim, para outros dois elementos que auxiliam na compreensão do abandono dos investimentos de Sartre no teatro. Primeiro, a mudança do teatro francês, que passou a trabalhar com outras formas textuais, como obras escritas pelo coletivo de atores em detrimento do “teatro de autor”. Além disso, retoma a entrevista de 1955, em que Sartre afirma que não tem mais o que dizer ao público burguês que lotava os teatros, mesmo aqueles ditos “populares”. O verdadeiro teatro popular, na concepção de Sartre, reaparece a esta altura na entrevista, quando ele conta que soube que *Nekrassov* e *La putain respectueuse* foram encenadas para operários – esta última, inclusive, nas fábricas (BEAUVOIR, 1982).

O último trabalho de Sartre como autor de teatro a partir de uma ideia original, aliás, é em *Os Sequestrados de Altona*, de 1959. Após isso, ele irá falar sobre teatro em algumas ocasiões, mas já não se engajará na criação de um texto, salvo a adaptação de *As troianas*, de Eurípides, preparada no verão de 1964 em Roma e com estreia em 1965, pelo TNP. Há, ainda, em 1969, a estreia de uma adaptação do roteiro de cinema *A engrenagem*, mas que não é considerada criação do teatro de Sartre, uma vez que o roteiro original é para as telas.

⁵⁹⁷ A má-fé é a possibilidade sempre presente à realidade humana de se auto enganar quanto a seu caráter mais originário. É uma atitude sempre recolocada em nossa existência e da qual não há formas definitivas de escape. Sartre a compara com a mentira. Enquanto esta envolve alguém a quem se mente, a má-fé se dá na unidade de uma consciência, ou seja, mente-se para si próprio (SARTRE, 2007).

A leitura apresentada pelo literato inglês Benedict O'Donohoe (2005) é de que a dimensão mítica do teatro de Sartre fica comprometida, uma vez que se baseia em dramaturgias centradas na ideia de um herói. Assim, Sartre teria “abandonado o gênero porque ficou sem protagonistas que coubessem nesse papel, ou – mais exatamente – porque Sartre parou de acreditar nessa ideia” (O'DONOHOE, 2005, p. 275). O filósofo passa a perceber que não é necessária ou possível uma tal figura de herói, sendo mais importante afirmar que este pode ser qualquer um. Assim, torna-se problemático mitificar a figura em torno da qual se constrói a peça. A biografia, analisando uma pessoa em sua existência concreta, ganha mais valor a partir dessa compreensão, o que resulta na longa dedicação ao projeto de Flaubert (O'DONOHOE, 2005). Mais vale olhar para pessoas em suas vidas cotidianas, sem uma dimensão heroica, como tem o Orestes, de *As Moscas*.

Penso que essa é uma perspectiva interessante para a compreensão do fim do teatro de Sartre, sobretudo naquilo que o autor traz de desconstrução da visada de má-fé do pensador, que coloca o peso de sua decisão mais em elementos externos do que atrelados a uma reflexão sobre os caminhos que queria percorrer com sua obra. Por outro lado, compreendo que, mesmo que seja tomado como o *idiota da família*, Flaubert não é uma figura cotidiana. Sartre não biografava “zé-ninguém”, por assim dizer. Ainda há uma dimensão mais ampla em torno de seus biografados. Enfim, de todo modo, o que se deu é um abandono do teatro nos quinze últimos anos de vida de Sartre.

Antes de passarmos a olhar especificamente para as encenações de diferentes peças do pensador no Brasil, um *fait divers*. Sem indicação de qual foi a peça, a inauguração do Museu de Arte Popular do Forte dos Reis Magos, em Natal, contou com a encenação de um texto de Sartre “ao ar livre, no patamar do Forte”⁵⁹⁸. Busquei detalhes sobre o evento nos periódicos *Diário de Natal* e *Poti*, ambos do Rio Grande do Norte, na década de 1960, com os termos “Museu de Arte Popular” e “Forte dos Reis Magos”, sem sucesso. Embora ambos noticiem a intenção de construção do Museu e as obras dele, saltam para eventos já ocorrendo no espaço, sem registrar a inauguração. Tampouco há registros em ambos os jornais de que alguma peça de Sartre estivesse em cartaz no Rio Grande do Norte naquele período. Busquei também mais informações no acervo de *O Globo* e *Folha de São Paulo*, também sem êxito. Mas é interessante pensar nessa escolha, caso ela tenha efetivamente se dado. Que peça terá sido essa?

Bom, deste ponto em diante, passo a organizar as ideias em torno das peças de Sartre. Alguns ocuparão mais espaço, em função de terem maior fortuna crítica, mais récitas e

⁵⁹⁸ MUSEU CONTARÁ HISTÓRIA..., 20/09/1965, p. 10.

montagens, ao passo que outros serão brevemente sinalizadas. Sempre que necessário, farei uma breve apresentação do enredo do espetáculo, mas enfatizo que esta não é a finalidade do texto, que busca evidenciar os caminhos do teatro de Sartre no país.

Ao longo de sua trajetória como dramaturgo, Sartre escreveu dez peças originais: *Bariona, ou o filho do trovão* (1940) – uma peça incipiente, criada durante o tempo em que foi prisioneiro de guerra –, *As Moscas* (1943), *Entre quatro paredes* (1944), *Mortos sem sepultura* (1946), *A prostituta respeitosa* (1946), *As mãos sujas* (1948), *O Diabo e o Bom Deus* (1951), *Kean* (1954), *Nekrassov* (1955) e *Os sequestrados de Altona* (1959). Dentre estas, todas, com exceção de *Bariona*, foram comentadas no período pesquisado, porém há indícios de que apenas cinco foram encenadas. Além destas, temos a já comentada adaptação de *As troianas*, encenada no país.

Ademais, dois textos serão adaptados especialmente para encenações por companhias brasileiras: o roteiro cinematográfico *A Engrenagem* e o conto *O muro*, publicado em 1939 na coletânea de contos homônima. Todas essas menções e montagens serão apresentadas a seguir, seguindo os rastros do teatro de Sartre no Brasil. As únicas exceções são: *Nekrassov*, cuja fortuna crítica breve já foi comentada quando se discutiu Sartre e a política; *Kean*, cujo registro único dá conta da estreia da peça na Broadway em 1961⁵⁹⁹; e, por fim, a adaptação de Sartre para *As feiticeiras de Salém*, de Arthur Miller, sobre a qual se indica que foi levada aos palcos com sucesso na França e para as telas de cinema⁶⁰⁰, mas sem registros de encenação no país a partir da adaptação do pensador.

3.2.1 A prostituta respeitosa

A peça é estruturada em ato único e acompanha a decisão de Lizzie – a prostituta do título – diante da pressão da polícia, de um senador e de seu filho, todos brancos, para incriminar um homem negro – sem nome próprio – por um estupro ocorrido em um trem, dois dias antes da ação. Lizzie acaba cedendo à retórica do político e assinando documento que incrimina o negro. Este, ao fim da peça, empreendendo fuga, é acolhido pela prostituta na casa dela – que tem dúvidas sobre ter tomado a decisão certa quando o incriminou –, mas acaba sendo descoberto. Enquanto escapa do local, ouve-se dois tiros que um personagem branco afirma não terem acertado o alvo, do que a plateia não pode se certificar.

⁵⁹⁹ BAZAR, 30/08/1961, p. 1.

⁶⁰⁰ ATUALIDADES DO TEATRO, 10/06/1965, p. 9.

Em 1957, noticia-se que este roteiro entraria em cartaz em São Paulo. A cargo do grupo franco-brasileiro *Le Strapontin* e com patrocínio da Aliança Francesa, seria representada em francês e traria a atriz Maria Fernanda como a personagem-título. A direção ficou a cargo de Jean Luc Descaves⁶⁰¹. O fato de que era encenada em francês aponta para o público-alvo da peça, que não poderia ser popular. Entretanto, *A... Respeitosa* (assim, com o título censurado) já havia sido encenada em versão traduzida, em 1948, pela junção da Companhia Sandro Pollônio, Teatro Fênix e a Companhia Maria Della Costa, com grande sucesso. Aliás, este foi o primeiro texto de Sartre encenado em português no país, com tradução de Miroel da Silveira (SOUZA, 2015). Logo, a encenação do *Le Strapontin* não foi a única oportunidade de assistir ao texto de Sartre.

Essa encenação levada a cabo pela atriz Maria Della Costa e seu esposo Sandro Polônio, aliás, é representada com grande êxito em Lisboa neste ano de 1957. De acordo com Gustavo Doria, a imprensa local considerou o espetáculo “a melhor interpretação que lhe vimos fazer em Lisboa”⁶⁰². Henrique Pongetti assevera que foram “sete meses de ‘records’ de bilheteria” e que a peça desencadeava “tempestades de aplausos e um afluxo inédito de cartas onde põe os pingos nos ii [sic] das reações sentidas”. Para o jornalista, trata-se de um caso extraordinário em função do espetáculo ter passado pelo rigor da censura portuguesa. Conta que, quando encenou sua peça *Manequim* em Portugal, a simples menção ao nome de Sartre em certo trecho do espetáculo teve que ser retirada e, agora, autorizavam a montagem de um texto do filósofo. Pongetti pensa que contou o pedido de Maria Della Costa à Embaixada brasileira no país e o desejo dos portugueses de agradarem os brasileiros. Por fim, a peça servia mesmo para que o público lisboeta reconhecesse que Sartre não é imoral, já que a prostituta era uma moça bem comportada que “vai-se impondo ao respeito de todos e ninguém mais se lembra das pernas e do colo de fora (...)”⁶⁰³.

De volta ao Brasil, a companhia leva o espetáculo para Porto Alegre, onde faz temporada de “quase três meses, com lotações esgotadas” e parte, em seguida, para Montevideú, onde apresenta peça de Jean Anouilh, Carlo Goldoni, Abílio Pereira de Almeida e, claro, *A... Respeitosa*, de Sartre⁶⁰⁴. A reencenação na capital gaúcha com êxito parece uma espécie de reparação, já que, em 1952, quando levaram a peça para lá, sofreram atentados, com explosões

⁶⁰¹ MESA DE PISTA, 24/04/1957, p. 2.

⁶⁰² O GLOBO NOS TEATROS, 24/05/1957, p. 9.

⁶⁰³ O SHOW DO MUNDO, 05/06/1957, p. 3.

⁶⁰⁴ O GLOBO NOS TEATROS, 08/11/1957, p. 5.

de rojões juninos durante uma das récitas (SOUZA, 2015). Fernando Peixoto, importante ator e diretor teatral, registra, aliás, uma memória sobre esse ocorrido:

(...) um dia no Colégio Anchieta, um grupo de colegas me pedia para assistir *A prostituta respeitosa*, que Sandro e Maria Della Costa estavam apresentando. O plano era ver o espetáculo e jogar ovos podres no palco! Depois desistiram de me convidar, eu era menor. Mas os ovos podres foram jogados. Em 1958, em Montevideú, excursionando com o elenco de Maria e Sandro, fiz uma pequena aparição no final de *A Respeitosa!* Não esqueci os que um dia me convidaram para jogar ovos podres. Lembro os rostos de ódio. Hoje sei o que eles representam. O plano de ataque ao espetáculo nasceu no colégio, organizado por alguns padres e professores. Na época eu não entendia nada. Isto terá acontecido em 51 ou 52, mais ou menos, eu tinha catorze ou quinze anos. **Provavelmente para mim Sartre era o demônio...** (PEIXOTO, 1980, p. 109. Grifos meus)

O incomodo de alguns religiosos diante do pensamento de Sartre era capaz de produzir ações como essa, orquestradas dentro de um colégio católico.

Em abril de 1958, Della Costa e sua companhia chegam ao Rio de Janeiro, onde reencenam cada peça do repertório por quatro semanas⁶⁰⁵. Chama a atenção que os diversos anúncios de espetáculo sempre trazem, desde o início da temporada, a informação de que haverá encenação de Sartre dentro de algum tempo. Já que os anúncios não nomeiam todos os espetáculos em sequência, dando destaque para aquele que está em cartaz no momento e um ou dois outros, é importante perceber que o de Sartre esteve sempre entre estes espetáculos futuros apontados nos anúncios⁶⁰⁶. Penso que isso se deva ao sucesso da encenação, já conhecida pelos cariocas em 1948.

A sessão de pré-estreia foi fechada para a crítica e ocorreu em 28 de maio de 1958. Na ocasião, Gustavo Doria lembra aos leitores que *A... Respeitosa* já fora representada no Rio de Janeiro, tendo Olga Navarro no papel principal⁶⁰⁷. Erroneamente, há informação de que o espetáculo tendo Navarro no papel-título foi realizado pela Companhia Tônia-Celi-Autran⁶⁰⁸ que, como veremos adiante, fez, em verdade, uma incensada montagem de *Entre quatro paredes* entre 1956-59.

É digno de nota que, no dia 31 de maio de 1958, pela primeira vez, a peça é referida em *O Globo* por seu nome completo: na sessão “Veremos Hoje e Amanhã” de *O Globos nos teatros*⁶⁰⁹ registrou-se: “no Carlos Gomes, ‘A Prostituta Respeitosa’, de J. P. Sartre, com Maria Della Costa”. Ventos progressistas permitiam a menção ao nome completo? Acho pouco

⁶⁰⁵ O GLOBO NOS TEATROS, 02/04/1958, p. 16.

⁶⁰⁶ CARTAZ TEATRAL, 13/05/1958, p. 12. O anúncio é reprisado entre 13 e 21 de maio. Com destaque para *A... Respeitosa*, são publicadas quatorze propagandas entre 22 de maio e 06 de junho de 1958.

⁶⁰⁷ O GLOBO NOS TEATROS, 28/05/1958, p. 14.

⁶⁰⁸ COLUNA DE TEATRO, 30/04/1960, p. 8.

⁶⁰⁹ 31/05/1958, p. 3.

provável. Aposto em um lapso de *copydesk*⁶¹⁰, já que o uso do título sem o termo *Prostituta* segue sendo constante nas demais ocorrências.

Retrocedendo a 1957, quando Della Costa fazia sucesso em Lisboa, o assassinato de uma das líderes do movimento feminista e pró-divórcio, a “divorcista Anita Carrijo”, virou notícia⁶¹¹. O suposto criminoso, o “jovem Frederic Cappellin, de nacionalidade italiana ou francesa”, era cliente da cirurgiã-dentista. A reportagem trazia o detalhe de que o rapaz havia atuado na peça *A respeitosa*, fazendo o policial John, quando encenada pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)⁶¹². Entretanto, não encontrei registros de encenação desse texto realizada pelo TBC, que, em termos do teatro de Sartre, celebrizou a peça *Entre Quatro Paredes* no país (SOUZA, 2015)⁶¹³. Pesquisando em *Folha de São Paulo* é que esbarrei em outra montagem desse texto, ocorrida aproximadamente em março de 1957, no Teatro da Cultura Artística, de forma amadora e no idioma original⁶¹⁴. Foi nessa ocasião em que Cappellin atuou como John. *O Globo* não traz registros da inocência do jovem ator, comprovada pela investigação posteriormente (FLOSI, 2012), assim como não desvincula a imagem do TBC do crime.

No Rio de Janeiro, o grupo amador Teatro de Estudos, da Fundação Brasileira de Teatro, realiza nova encenação de *A... Respeitosa* em 17 de junho de 1961, no Colégio da Piedade⁶¹⁵, com a atriz Isolda Cresta no papel título. A peça foi novamente anunciada no jornal para o dia 19 de junho, com a informação de que, além de Isolda Cresta, o espetáculo ganhou o primeiro lugar de Direção no curso de Gianni Ratto e foi dirigida por José Bateli Sobrinho⁶¹⁶. O que mais me chama a atenção é que temos aqui o registro de um segundo grupo de amadores – ao lado daquele em que Cappellin fez a peça em São Paulo – montando Sartre. Além disso, confirmei que o Colégio da Piedade ficava realmente no bairro de Piedade, região suburbana da Zona Norte do Rio⁶¹⁷. Este elemento, junto com outros que serão apresentados mais adiante, vão

⁶¹⁰ Figura comum no ambiente jornalístico, é um redator que, além de verificar as questões gramaticais e ortográficas de um texto, também busca ajustá-lo à linha editorial e ao marketing do periódico.

⁶¹¹ O divórcio só foi autorizado no Brasil em dezembro de 1977, sendo um dos últimos países do mundo a autorizar a prática. Até aquele momento, o que existia era a figura legal do desquite, que não encerrava o matrimônio – considerado indissolúvel –, mas efetivava o fim da sociedade conjugal, regularizando a separação de bens e de corpos (BELTRÃO, 2017).

⁶¹² O SUSPEITO DO ASSASSÍNO..., 15/05/1957, p. 6. É provável que a dupla existência de indícios apontando para uma montagem desse texto pelo TBC se deva a uma confusão em torno da figura de Adolfo Celi, que foi diretor artístico desta companhia.

⁶¹³ Um elemento que aparece para mim, hoje, com mais evidência, mas que ainda requer análises mais aprofundadas, é a relevância dos textos de Sartre nesta fase de profissionalização do teatro moderno brasileiro. Fernando Peixoto aponta para a presença de Sartre nos palcos nos momentos iniciais de um teatro “sério” em, pelo menos, duas ocasiões (PEIXOTO, 1980; 2002).

⁶¹⁴ MALOGRAM AS BUSCAS..., Folha de São Paulo, 15/05/1957, p. 2.

⁶¹⁵ COLUNA DE TEATRO, 17/06/1961, p. 8.

⁶¹⁶ COLUNA DE TEATRO, 19/06/1961, p. 7.

⁶¹⁷ O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONVOCA..., 05/11/1964, p. 22.

compondo um panorama que permite afirmar a relevância do teatro amador para a capilarização do teatro de Sartre.

Também no sentido de acompanhar a capilaridade das encenações, há uma notícia sobre a representação de *A Prostituta Respeitosa*, anunciada com o título integral, no Teatro de Arena do Recife em setembro de 1962, por Oscar Filipe⁶¹⁸. Claro que o Recife é uma capital, porém, como indicado previamente, é mais comum que as pesquisas sobre encenações das peças de Sartre no Brasil acompanhem o eixo Rio-São Paulo.

Quem também queria trabalhar com este texto de Sartre era a atriz Dercy Gonçalves. Estreando em São Paulo uma peça de Abílio Pereira de Almeida, *Diário de uma Cariquinha Infeliz*, a comedianta informou que seguia desejando montar o espetáculo⁶¹⁹. Infelizmente, isso nunca aconteceu. Seria curioso uma Dercy encarnando o papel título e descobrir o que ela faria com Lizzie, a prostituta. Afinal, a peça não é uma comédia, tão ao gosto das produções da atriz, mas sim um drama que busca denunciar o racismo estadunidense.

Quem acabou por ganhar uma oportunidade no teatro “sério” com esse texto de Sartre foi a atriz Darlene Glória. Conhecida por algumas atuações no cinema e na televisão, a atriz foi “escolhida, depois de vários testes”, para atuar em *A prostituta respeitosa*, com direção de Oscar Filipe e produção de Fábio Sabag⁶²⁰. Filipe foi o mesmo diretor da encenação do texto no Recife.

Como já indicado, a primeira representação dessa peça com tradução para o português ocorreu em 1948, aos cuidados da Companhia de Teatro Maria Della Costa. Victor Carvalho, porém, ao anunciar a previsão de estreia da nova montagem para março, afirma que a primeira encenação ocorreu há quarenta anos pela Companhia Olga Navarro⁶²¹. A informação é semi-correta: de fato, Olga Navarro foi a atriz principal dessa primeira montagem pela Companhia Maria Della Costa. Por outro lado, erra grosseiramente na cronologia: o texto original é de 1946, não havendo sequer a distância de quarenta anos entre o lançamento da peça no original em francês e este ano de 1966.

A tradução levada à cena foi a mesma de 1948, feita por Miroel Silveira, e Darlene Glória ficou com o papel principal, da personagem título, já que “desta vez a peça de Sartre servirá para introduzir na carreira teatral a artista de televisão”⁶²². Esta intenção reaparece dias

⁶¹⁸ COLUNA DE TEATRO, 06/09/1962, p. 10.

⁶¹⁹ COLUNA DE TEATRO, 13/02/1962, p. 8.

⁶²⁰ STAGE DOOR, 10/02/1966, p. 7.

⁶²¹ TEATRO, 15/02/1966, p. 8.

⁶²² TEATRO, 15/02/1966, p. 8.

depois, afirmando que Darlene Glória tinha agora “sua grande oportunidade no chamado teatro sério”⁶²³.

A considerar pelos anúncios abundantes, que ocupam espaço cativo na coluna de cartazes de 16 de fevereiro a 16 de abril de 1966, houve investimento de monta na divulgação do espetáculo⁶²⁴. A estreia para a crítica e imprensa no Teatro do Rio foi marcada para quarta-feira, dia 02 de março de 1966⁶²⁵, e Victor Carvalho lembra que a ocasião servia “para a estreia no Teatro declamado, de Darlene Glória”⁶²⁶. Nina Chaves registrou que foi na estreia e arrematou: “deixo os meus... respeitos ao trabalho de Darlene Glória, que estreia no teatro sério, muito mulher, bonita de se ver.”⁶²⁷. Não são aplausos, mas respeito, o que se pode compreender melhor pela análise de Martim Gonçalves publicada em 09 de março: a peça envelhecera mal, já não se comunicava com o público. Os personagens são esquemáticos, sendo o melhor o da prostituta. “O envelhecimento do texto de Sartre é um fato. O que é totalmente inadmissível é a maneira barata e vulgar como foi encenado. O que pretendia ser um documento pungente, transformou-se numa farsa. Não existe nenhum clima, nenhuma tensão”⁶²⁸. Gonçalves registra que o público ria frequentemente, sobretudo dos “maneirismos da estreante (no teatro dramático), que não perde deixa para exhibir a plástica. Darlene Glória é realmente uma glória de mulher e ela sabe muito bem disso. [...] Tão somente ainda não está preparada para interpretar a respeitosa.”⁶²⁹. Os demais atores não conseguem exprimir verdade e a peça passa sem grandes alardes.

Apesar da crítica negativa, ainda em julho encontrei divulgação do espetáculo, o que evidencia uma temporada longa⁶³⁰, que irá, inclusive, em 1967, ganhar representação no Hotel Quitandinha, em Petrópolis⁶³¹. Este é, aliás, o ano da última montagem da peça dentro dos limites da pesquisa. Se trata de récita no Festival Delorges Caminha, organizado e encenado por alunos da tradicional Escola de Teatro Martins Pena, no centro do Rio de Janeiro⁶³².

A prostituta respeitosa, considerando o recorte do levantamento realizado, pode ser considerada uma das peças de Sartre mais encenadas no país. E com trajetória longa. O que não consigo responder ao fim dessa pesquisa é o que se discute no Brasil quando se encena *A Prostituta Respeitosa* nestes anos de 1957 a 1967. Não há indícios, na fortuna crítica das

⁶²³ TEATRO, 18/02/1966, p. 8.

⁶²⁴ CARTAZ TEATRAL, 16/02/1966, p. 8; CARTAZ TEATRAL, 16/04/1966, p. 8.

⁶²⁵ LINHAS CRUZADAS, 26/02/1966, p. 6.

⁶²⁶ TEATRO, 01/03/1966, p. 8.

⁶²⁷ LINHAS CRUZADAS, 05/03/1966, p. 6.

⁶²⁸ TEATRO, 09/03/1966, p. 8.

⁶²⁹ TEATRO, 09/03/1966, p. 8.

⁶³⁰ TEATRO, 02/07/1966, p. 4.

⁶³¹ PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA E SOCIAL, 03/01/1967, p. 7.

⁶³² FESTIVAL DELORGES CAMINHA, 02/08/1967, p. 7.

montagens, que apontem para um relevo da temática racial, cerne da peça. Talvez a crítica de Nelson Rodrigues discutida no capítulo anterior, quando afirma que “o único preto que nos comove é o norte-americano, porque serve ao ódio contra os Estados Unidos”⁶³³, seja uma das possibilidades de compreensão desse fenômeno. A peça seria representada, sobretudo, para certa intelectualidade afinada com os ideais anti-estadunidenses, tendo como atrativo para a outra ala do público alguma estrela no elenco.

Ao mesmo tempo, se a instauração da ditadura civil-militar desarticula movimentos negros no Brasil, há a persistência de organizações, de modo menos organizado, e uma retomada mais evidente dos movimentos após os anos 1970, como afirma Lélia Gonzalez (2018). Busquei indícios de diálogos, por exemplo, do Teatro Experimental do Negro, companhia criada e dirigida por Abdias do Nascimento entre 1944 e 1961, com esse ou outros textos de Sartre, sem sucesso. Isso me faz pensar em quanto a peça é, evidentemente, um trabalho de branco para discutir o racismo ainda em uma perspectiva branca, sem dar ao negro um papel diferente daquele comumente encontrado, até os dias atuais, em muitas dramaturgias. É esse o olhar também presente no *Dicionário Sartre* (NOUDELDMANN & PHILIPPE, 2004, p. 403), que afirma que “a peça não coloca a ‘questão negra’ mas propõe uma galeria de representações de brancos confrontados com a alteridade racial. O único negro da peça é um personagem de pouco relevo dramático e psicológico”. O que se evidencia no roteiro é a fraqueza do oprimido.

Fernanda Vieira Fernandes (2017, p. 13), em artigo que analisa o papel do negro e a crítica ao racismo nessa peça, conclui que, de todo modo,

A força de representação de um personagem negro impotente e solitário em um mundo corrompido pelos opressores brancos abre um primeiro canal de fala para aqueles a quem não era dada nenhuma voz. Sartre não muda o seu destino, não ilude o leitor/espectador com qualquer espécie de final feliz e otimista. O dramaturgo mostra a realidade dos fatos e espera que surja disso um desejo de revolta e modificação da situação de opressão.

Ainda assim, ao acompanhar os rastros das encenações, desde 1945 – incluindo-se aqui as pesquisas realizadas para a dissertação (SOUZA, 2015) – até 1969, não encontro indícios de que essa importância tenha ficado em relevo nas encenações brasileiras. Ao que parece, as reflexões sobre a situação de opressão não foram realizadas. Um bom exemplo disso é a crítica já citada de Martim Gonçalves, para quem o texto envelheceu⁶³⁴. Melhor seria se tivesse, efetivamente, envelhecido.

⁶³³ AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES, 26/08/1968, p. 2.

⁶³⁴ TEATRO, 09/03/1966, p. 8.

3.2.2 Mortos sem sepultura

Datada de 1946, a peça *Mortos sem Sepultura* foi criada por Sartre antes de *A prostituta respeitosa*. Esta, a seu turno, foi escrita para acompanhar a encenação daquela, já que Simone Berriau, diretora do Teatro Antoine, considerava aquele texto muito breve para sustentar uma récita (FERNANDES, 2017). Narra a história de cinco presos, todos membros de um grupo de resistência, que serão torturados ao longo da peça para entregarem o paradeiro de seu chefe, Jean. Este é também apreendido, mas sem ser identificado. A questão passa a girar em torno de entregá-lo ou não. O maior temor do grupo diz respeito a um jovem de quinze anos, François, irmão de outra prisioneira, Lucie. O grupo teme que ele não resista à tortura e entregue o líder Jean. Acabam optando por assassiná-lo antes que ele delate. A peça causou polêmicas quando de sua encenação, sobretudo pelo uso da tortura em primeiro plano, diretamente encenada no palco. Além disso, apontam Noudelmann e Philippe (2004), as técnicas encenadas eram diretamente inspiradas naquelas utilizadas contra a resistência na Argélia.

A primeira encenação deste texto no Brasil data de 1954, pelo TBC, com Cleyde Yáconis, Paulo Autran e Zbigniew Ziembinski no elenco (SOUZA, 2015). E foi reencenado em 1955 por um grupo de teatro experimental, o Grupo 13. De acordo com a nota publicada por *O Globo no Teatro*, o grupo se formou na Faculdade de Filosofia (FaFi) – quando se chamava *Teatro da Coruja* – e decidiu se manter unido após o fim dos estudos. Dentre as peças realizadas por eles, figuram esta de Sartre, além de *A casa fechada*, de Roberto Gomes, *Antígona*, de Sófocles, e *A primeira legião*, de Emmet Lavevy. Um dos membros do grupo era Luiz Carlos Saroldi, que disse que os objetivos das representações não eram financeiros, mas “de natureza cultural”⁶³⁵. Registros dessa encenação já haviam sido encontrados durante as pesquisas da dissertação, mas também sem fortuna crítica.

Em dezembro de 1956, a Fundação Brasileira de Teatro organizou o I Festival de Amadores Nacionais (I FAN), trazendo ao Rio diferentes companhias amadoras do país para se apresentarem ao longo de janeiro de 1957. Um dos espetáculos anunciados era justamente *Mortos sem sepultura*, mas ainda sem indicação de qual companhia era responsável pela montagem⁶³⁶. A crítica da totalidade do I FAN foi publicada em fevereiro de 1957, informando que o Festival durou mais de vinte dias no Teatro Dulcina. A peça de Sartre, encenada pelo grupo *Os intérpretes*, foi dirigida por Isaac Bardavid, uma “revelação como diretor”, na opinião de Gustavo Doria, para quem, porém, ele não obtivera o mesmo êxito como ator. A trupe

⁶³⁵ O GLOBO NOS TEATROS, 18/06/1955, p. 3.

⁶³⁶ O GLOBO NOS TEATROS, 04/12/1956, p. 21.

arrematou o sétimo lugar pela representação. A grande revelação do I FAN, porém, ficou a cargo da peça *O Auto da Compadecida*, que tornou Ariano Suassuna conhecido pelo público carioca⁶³⁷.

Quadro 19 - Sartre no Morro

Dentre os compositores que concorreram ao Festival da Canção Popular de 1967, no Rio de Janeiro, estava Francis Hime. No certame estavam duas canções suas em parceria com Vinícius de Moraes. Sobre uma delas, descrita como um “samba médio – ‘Tempo de Flor’”, Hime afirma que a fez “contrariamente aos outros sambas de carreira de compositor, de fio a pavio. Sempre acontece de eu fazer aqui uma frase, amanhã outra. Depois Vinícius pôs a letra, às pressas, aqui no Rio mesmo, numa reunião informal. **E Vinícius batizou-a como Sartre no Morro, pois fala de um crioulo muito sábio, dizendo coisas de filosofia na favela**” (MAIORIA APOSTA EM SI, O Globo, 21/10/1967, p. 4. Grifos meus).

Confesso que tive dificuldade em acreditar que se pudesse se tratar da canção abaixo, uma vez que nenhum homem negro nem qualquer morro pode ser percebido na letra. Nela, cujo nome correto é *Tempo da Flor*, ouve-se: “Quem será que inventou / O tempo da flor / Que não dura mais / Que o tempo do amor / E a tristeza do amor / Quem será que inventou / Esse instante de paz / Que também se desfaz / Como o tempo da flor / Quem será que inventou toda a dor / Desse instante de luz / Que antecede a manhã / E também se desfaz / Como o tempo do amor / Quem será que inventou / A beleza do amor / O perfume da flor / Tanta poesia.”

Dois dias depois, em novo balanço sobre o Festival, Doria afirma que o FAN foi a prova de que há uma evolução nas cenas brasileiras, pois as escolhas de repertório pelas companhias amadoras evidenciam apuro. Repete que Suassuna e sua “*A Compadecida* [sic]” foram a grande revelação, ao lado de oito peças de autores nacionais. Como destaque de direção, pontua novamente a revelação de Bardavid pela peça de Sartre, ao lado de Clênio Vanderlei – pela encenação de Suassuna – e Antonio Abujamra por espetáculo de Tennessee Williams, *À margem da vida*⁶³⁸.

Outra vez, agora em São Paulo, um grupo de amadores monta este espetáculo. De acordo com Zora Seljan, em 1960 um relevante movimento de teatro amador se formava naquela capital. Só no primeiro semestre deste ano, dezoito peças, sendo onze de autores estrangeiros e sete de nacionais, estraram na cena amadora da cidade. Um dos próximos *debuts* seria de *Mortos sem sepultura*, no Teatro Leopoldo Fróis, com direção de Angelo Rick e a Companhia Teatro Moderno⁶³⁹. Como veremos mais adiante, é neste mesmo momento, véspera da chegada de Sartre ao país, que se registra aumento de público para *Entre Quatro Paredes*, em encenação iniciada em 1957, pela Companhia Tonia-Celi-Autran (CTCA).

A montagem do Teatro Moderno foi considerada extemporânea pela crítica de *O Globo*. Lembra que a peça é de 1946, profundamente marcada pelo fim da Segunda Guerra e por ter

⁶³⁷ O GLOBO NOS TEATROS, 18/02/1957, p. 7.

⁶³⁸ O GLOBO NOS TEATROS, 20/02/1957, p. 5.

⁶³⁹ COLUNA DE TEATRO, 19/07/1960, p. 6.

sido Sartre “adepto fervoroso da Resistência”. Lembra ainda que foi levada aos palcos em 1954 pelo TBC. A escolha do texto para a realidade de 1960 foi vista como infeliz.

Sartre oferece uma série de dificuldades para os nossos artistas, desde uma problemática que não se identifica com a nossa, até uma ausência de movimento cênico, que prende o ator exclusivamente ao valor das palavras, exigindo-lhe o máximo de técnicas de poder de transmissão. Os que estão aptos a interpretá-lo de maneira ortodoxa, não fazem, dando uma linha inautêntica à “Entre Quatro Paredes”, para maior proveito da bilheteria; em compensação, os que desejariam bem servir ao filósofo-teatrologista não estão em condições de fazê-lo. O Teatro Moderno utiliza-se de atores que vão do aceitável ao péssimo.⁶⁴⁰

Talvez por isso o espetáculo não tenha durado mais do que uma semana em cartaz⁶⁴¹. Por outro lado, as premissas que apontam para a extemporaneidade do texto e de sua desvinculação com o cenário brasileiro não aparecem nas críticas de 1954 à encenação do TBC, quando também já seria uma peça “datada”. Fico pensando em uma adaptação de *Mortos sem Sepultura* que se passe no entrecruzamento entre jovens militantes favelados no Rio de Janeiro e milicianos que controlem a região. Não seria atual? Afinal, Sartre não situa a peça em nenhum lugar específico, apenas na França. Ela pode ser em qualquer lugar daquele país. Mas talvez também pudesse ser aqui... Sartre foi deglutido em muitas ocasiões, mastigado... por que não nesta?

Outro elemento relevante parece ser o aspecto da atuação, a possibilidade de reatualização do roteiro a partir dos corpos de atores experientes. Afinal, caso o texto fosse efetivamente datado de modo incontornável, não teria novamente conhecido sucesso por meio de outra montagem. Em agosto de 1965, lê-se na coluna *Teatro*, a antiga *Coluna de Teatro*, agora reformulada e a cargo de Victor de Carvalho, que “um novo movimento teatral” surgia sob a responsabilidade de Paulo Afonso Grisolli, Tite de Lemos e Luís Carlos Maciel. O grupo, chamado *Teatro de Repertório*, estrearia com *Mortos sem sepultura*, “de Jean-Paul Sartre, em tradução de Jorge Amado. Esta peça de Sartre, já foi montada há alguns anos pelo Teatro Brasileiro de Comédia, sendo um dos seus maiores sucessos”⁶⁴².

A estreia estava prevista para 09 de setembro, contando no elenco com Aldo de Maio, Roberto de Cleto, Ari Coslov, dentre outros, sob a direção de Paulo Afonso Grisolli, no novo Teatro de Arena da Guanabara, no Largo da Carioca⁶⁴³. Esse mesmo recorte de jornal traz ainda uma imagem dos ensaios do espetáculo (fig. 21). De 28 de agosto até sua estreia, em 09 de

⁶⁴⁰ COLUNA DE TEATRO, 26/07/1960, p. 16.

⁶⁴¹ COLUNA DE TEATRO, 09/08/1960, p. 10.

⁶⁴² TEATRO, 12/08/1965, p. 7.

⁶⁴³ NOVO GRUPO ESTREIA COM SARTRE, 26/08/1965, p. 6.

setembro, a peça será divulgada diariamente no jornal, sempre trazendo a informação de que se trata de uma peça de Sartre com tradução de Amado⁶⁴⁴.

Figura 21 - Ensaios de Mortos sem Sepultura pelo Teatro de Repertório.



Além disso, no dia 02 de setembro, um dos fundadores do grupo *Teatro de Repertório* escreve um texto sobre o espetáculo. Trata-se de Luís Carlos Maciel, que é apresentado como “um dos mais sérios diretores da nova guarda, com cursos nos Estados Unidos, e experiências como diretor e professor de interpretação na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, onde esteve por dois anos”⁶⁴⁵. Em seu texto, Maciel apresenta não apenas a peça, mas também o novo empreendimento. Afirma que o grupo buscará encenar textos “em função do significado vivo que possam ter para as nossas plateias [...] Existem peças possuidoras [sic] de um sentido efetivo para o público que as assiste e peças que só querem dizer coisa que não interessam. As primeiras constituem nosso programa de trabalho”⁶⁴⁶. Neste sentido, a escolha de *Mortos sem Sepultura* se justifica, pois

é uma peça cujo sentido fere o coração dos problemas principais que cada um de nós enfrenta: é uma peça de preocupações de ordem ética – não numa formulação abstrata, mas colocada num contexto concreto. Há um problema que nos afeta a todos, como indivíduos: o problema de nosso comportamento prático diante de cada situação em que nos encontramos. Tanto mais grave é esse problema quanto mais grave é essa situação. Há situações extremas que colocam a opção moral nos termos mais rigorosos: essas são chamadas por Sartre de **situações-limite**, termo com que designa a sua importância. “Mortos sem Sepultura” examina o comportamento de uma série de indivíduos típicos diante de uma situação-limite perfeitamente configurada.⁶⁴⁷

Mas qual seria a situação-limite encenada e que contato ela propõe com os tais “problemas principais que cada um de nós enfrenta”? Mais adiante, Maciel reafirma que o

⁶⁴⁴ TEATRO DE REPERTÓRIO ANUNCIA..., 31/08/1965, p. 10 é um dos exemplos de divulgação.

⁶⁴⁵ MORTOS SEM SEPULTURA, DE SARTRE, 02/09/1965, p. 6.

⁶⁴⁶ MORTOS SEM SEPULTURA, DE SARTRE, 02/09/1965, p. 6.

⁶⁴⁷ MORTOS SEM SEPULTURA, DE SARTRE, 02/09/1965, p. 6. Grifos no original.

compromisso do Teatro de Repertório era o de fazer pensar e debater com o público temas que realmente interessam. Assim, a escolha desse espetáculo se dá pela necessidade de endereçar um tópico. No caso,

O conflito coloca, nos seus verdadeiros termos, **uma realidade brutal: a tortura**. A tortura é um dos principais instrumentos da irrazão contra a razão. **Ela é sempre chamada a intervir em seus momentos de luta, em cada esquina da História**. Assim foi durante o nazismo na Alemanha. **Assim tem disso em outros países, em épocas mais recentes. Diante da tortura, cumpre-nos** – mais uma vez a interrogação moral que Sartre leva até o fim – transferir o absurdo da irrazão para a totalidade do real e **aceitar a adesão vil ou exercer, no limite de nossas forças, o protesto e nossa crença no Homem?**⁶⁴⁸

É provável que o texto tenha ganhado novos sentidos com a instauração da ditadura civil-militar em 1964. Embora não se possa afirmar que houvesse, em 1965, estratégias sistemáticas de tortura⁶⁴⁹, o caráter da liberdade e da responsabilidade da ação de cada indivíduo diante da realidade, tônica do texto de Sartre, já se faziam importantes ali. A atualidade do texto ganha corpo na atualidade da carne dos atores, que consegue pautar isso para a plateia em uma dada época.

Poucos dias depois, a coluna *Arte em poucas palavras* apresenta o que é o teatro de repertório, afirmando que se trata justamente, como aponta Maciel, de uma possibilidade de criar um programa que dê visibilidade à função social do teatro. Para o colunista, novamente Maciel, “discutimos com o próximo, mais facilmente o que somos, o que valem nossos valores e o que podemos esperar de nossas esperanças, a partir desse ponto de referência comum. Essa é a missão do teatro, a sua função social”⁶⁵⁰. Assim, esta arte funciona como um combustível: faz ver as situações que precisam ser debatidas e promove o encontro de pessoas que, então, passam a ter um ponto comum para diálogo. Ainda, diante da questão de como pode o teatro nos mudar, reafirma a presença de tantas mídias – rádio, jornal, cinema e televisão – disputando espaço, que defende então que o recurso à lógica de repertório, tendo uma série de peças escolhidas como um programa para estabelecer diálogos com o público, é importante e mais eficaz na possibilidade de ação e transformação social⁶⁵¹. Encenar para fazer pensar, se encontrar para poder debater e debater para poder agir: coisas que um Maciel profundamente atravessado pelas ideias de Sartre – como vimos no primeiro capítulo – coloca como premissas do grupo teatral que passava a constituir.

⁶⁴⁸ MORTOS SEM SEPULTURA, DE SARTRE, 02/09/1965, p. 6. Grifos meus.

⁶⁴⁹ *Brasil: nunca mais* (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1991) traz registros de tortura desde 1964, mas não é possível afirmar o quanto essas torturas eram de conhecimento público já em 1965.

⁶⁵⁰ ARTE EM POUCAS PALAVRAS, 11/09/1965, p. 6.

⁶⁵¹ ARTE EM POUCAS PALAVRAS, 11/09/1965, p. 6.

Um teatro de repertório – como o grupo do qual somos um dos fundadores, e que estreou, ontem, com a peça de Jean-Paul Sartre, **Mortos sem Sepultura** –, se afirma, não através do possível brilhantismo de um espetáculo, mas pela eficiência de seu programa. Esse programa permite a continuidade de seu diálogo com o público, a permanente ampliação e aprofundamento de sua mensagem e a formação de uma equipe estável capaz de desenvolver, através do trabalho conjunto e incessante, meios artísticos mais eficazes para o espetáculo.⁶⁵²

Um tal programa, no caso específico do grupo Teatro de Repertório, poderia não se efetivar apenas pela encenação teatral, mas englobar outras artes. A companhia criou o Cineclube Repertório, que estreou com exibição de onze filmes de Charles Chaplin⁶⁵³. A considerar pelos registros das duas colunas anteriores, a apresentação de Chaplin deveria dialogar com os objetivos da companhia. Esta, aliás, viveu um percalço insólito na carreira de *Mortos sem Sepultura* no Teatro de Arena da Guanabara: no intervalo entre a sessão do fim de tarde e a encenação noturna, um gravador necessário para a execução da trilha sonora foi furtado, impedindo a representação para a sala lotada, deixando público indignado⁶⁵⁴.

A crítica de Victor de Carvalho, publicada em 07 de outubro, possibilita perceber, dentre outras coisas, que a peça completava quase um mês em cartaz. Afirma que a “iniciativa do Teatro do Repertório é algo de sério. É qualquer coisa que ficará marcada na história do nosso teatro (...)”⁶⁵⁵. Sobre a representação e o enredo, registra que se trata de

uma reunião de inteligências (e não dizemos talentos para não parecer exagero) como não se vê todos os dias, principalmente em nossos palcos. O texto de Jean-Paul Sartre, como sempre, [...] fascinou-me. É esplêndido! Para aqueles que não estão bem a par do que se passava entre os nazistas, essa peça de Sartre pode parecer até “grand-guignol”⁶⁵⁶. [...] O drama de Sartre se é, por vezes, granguinholesco, é sempre realista. E, aqueles que só conhecem de leitura ou pelos filmes, o terror nazista empregado, também, pelos colaboracionistas fanáticos de Hitler, para que não tenham mais dúvidas a seu respeito, devem ir ver o drama do “pai do existencialismo”.⁶⁵⁷

Já especificamente sobre a encenação, afirma que era admirável, o que se percebia no rosto dos espectadores, repletos de tudo aquilo que puderam presenciar: angústia, revolta, piedade “e a pergunta COMO FOI ISSO POSSÍVEL?”⁶⁵⁸. Com a distância temporal a partir da qual escrevo, em 2020, penso que a questão se tornaria válida para nós, que olhamos retrospectivamente para a ditadura civil-militar e nos perguntamos: “como foi isso possível?”.

⁶⁵² ARTE EM POUCAS PALAVRAS, 11/09/1965, p. 6. Grifos no original.

⁶⁵³ FESTIVAL CHAPLIN, 15/11/1965, p. 9.

⁶⁵⁴ FURTO DE UM GRAVADOR PREJUDICOU..., 20/09/1965, p. 19.

⁶⁵⁵ TEATRO, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁵⁶ Teatro infantil de bonecos tradicional na França. Nas estruturas narrativas desse teatro, há sempre um vilão a ser vencido pelo herói, figura um tanto atrapalhada.

⁶⁵⁷ TEATRO, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁵⁸ TEATRO, 07/10/1965, p. 7.

Ao mesmo tempo, no presente, podemos nos perguntar: “o que torna isso que vivemos possível?”.

No elenco da peça, Carvalho destaca o trabalho de Leonardo Villar, Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Sérgio Brito, Luís Linhares, Jardel Filho e Ítalo Rossi. E arremata: “Esse espetáculo do TEATRO DE REPERTÓRIO honra a presente estação teatral, e esse grupo, pelo ardor e mocidade, merece o grande público que está ocorrendo ao Teatro de Arena do Largo da Carioca, para aplaudi-lo”⁶⁵⁹. Aliás, neste mesmo dia e coluna, Carvalho registra, ao apresentar as peças em cartaz que “NO TEATRO DE ARENA DA GUANABARA (Largo da Carioca) é grande a tensão estas noites. O público, que enche a Arena, segue impressionado pela ação da peça de Sartre. Violência e Poesia andam de mãos dadas (...)”⁶⁶⁰.

Ao lado da coluna de Carvalho e ainda no dia sete de outubro, duas colunas comentam Sartre. A primeira, sem assinatura, identifica-o como um dos autores mais falados dos últimos tempos, seja para o bem ou para o mal, lembrando que tanto alarde se deu, a princípio, em função “de moda, de curiosidade e até de gracejo”⁶⁶¹, o que o próprio Sartre rechaçava. *Náusea* é apresentado como um livro sobre os burgueses do Havre; *O Muro* é mencionado como obra produzida em momento de dificuldade financeira e por um autor que só enxerga de um olho: “(Sartre é cego de um olho)”; os romances são tidos como escandalosos; *As moscas*, um sucesso; e

HUIS CLOS, sua mais famosa peça, não é compreendida, nos Estados Unidos, e deixa o cartaz da Broadway, em menos de um mês. Hoje, corre mundo. LA P... RESPECTUEUSE não alcançou menos popularidade e MORTOS SEM SEPULTURA, traduzida pelo nosso Jorge Amado, é hoje o cartaz de sucesso do Teatro de Repertório, na Arena do Largo da Carioca. É assim Jean-Paul Sartre: insultado, desprezado, adorado. Mas, indiscutivelmente, um grande talento, um dos maiores dos tempos modernos.⁶⁶²

Tal opinião é seguida pela de Alexandre Eulálio, que escreve *Um pouco de Sartre*⁶⁶³. Seu texto é mais devotado ao teatro, que começa por apresentar como um conjunto de obras “de intenso debate moral”. Sartre consegue, pelo talento de romancista, apresentar personagens fortes sem cair na caricatura, “as ideias deste sempre serão propostas através de convincente e mesmo vigoroso arcabouço dramático”. Equilibra “harmoniosamente os dois elementos, a movimentação dramática e a exposição didática”⁶⁶⁴.

⁶⁵⁹ TEATRO, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁶⁰ TEATRO, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁶¹ SARTRE, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁶² SARTRE, 07/10/1965, p. 7.

⁶⁶³ 07/10/1965, p. 7.

⁶⁶⁴ UM POUCO DE SARTRE, 07/10/1965, p. 7.

Quadro 20 - Elizete Cardoso, uma cantora existencialista

Figura 22 - Elizete Cardoso



Elizete Cardoso, também conhecida pelo epíteto de *A Divina*, foi uma importante cantora brasileira. Sua carreira transpõe barreiras de gênero musical, tendo dado contribuições ao samba, à bossa nova, ao choro. Ainda em início de carreira, mas já com reconhecimento do público, sua estreia no auditório da rádio Mayrink Veiga em 1955 vira notícia. Sem situar o setlist entoadado no evento ocorrido em 07 de março, segunda-feira, o texto é um chamado para que Elizete volte a cantar como uma cantora de “nossa verdadeira música popular, rica, sonora e fecunda”. De acordo com o autor, identificado como “O Ouvinte Desconhecido”, a jovem cantora estava “descambando para o gênero de canção de ‘cave’ existencialista, que, se foi efêmero na França onde nasceu, aqui no nosso clima é falso como jura de amor eterno do príncipe Ali Khan” (NÓS, OS OUVINTES, O Globo, 11/03/1955, p. 7).

O sucesso da montagem do Teatro do Repertório foi tanto que a própria ideia de apresentar diferentes peças ao longo da temporada teve de ser adiada. O público lotava o teatro todas as noites para ver *Mortos sem Sepultura*⁶⁶⁵. Até um grupo de “esclarecidas Freiras do Colégio Santa Úrsula” foi assistir ao espetáculo e saiu “discutindo Sartre com os atores”, ao passo que uma moça da alta sociedade carioca, Verinha, filha do então deputado Carlos Otávio Flexa Ribeiro, não suportou o espetáculo, saindo durante a exibição⁶⁶⁶. De todo modo, em novembro, a companhia anuncia que pretendia encerrar as encenações de *Mortos* dentro de poucas semanas, pois gostaria de seguir o planejamento de variar as peças⁶⁶⁷. O último anúncio que informa da peça data de 04 de dezembro daquele ano⁶⁶⁸, dando espaço para *O Labirinto*, de Fernando Arrabal, e não a um texto de Brecht que estava previsto⁶⁶⁹. A montagem de Sartre acabou reconhecida como um dos destaques de 1965 na cena carioca⁶⁷⁰.

3.2.3 O Muro

O Muro não é uma peça de Sartre, mas sim uma reunião de contos lançada em 1939, dentre os quais está aquele que intitula a coletânea. Mas é assim que foi apresentado na capital

⁶⁶⁵ TEATRO, 14/10/1965, p. 11.

⁶⁶⁶ LINHAS CRUZADAS, 30/10/1965, p. 8.

⁶⁶⁷ TEATRO, 03/11/1965, p. 8.

⁶⁶⁸ TEATRO, 04/12/1965, p. 8.

⁶⁶⁹ TEATRO, 24/11/1965, p. 8.

⁶⁷⁰ 1965 NO TEATRO, 06/01/1965, p. 7.

gaúcha por um grupo amador. Ao apresentar o movimento teatral de Porto Alegre uma reportagem chama a atenção para o “impulso a um movimento que não tem similar em qualquer outra capital brasileira” dado por grupos de teatro amador naquela cidade. Nasceram pela “falta de um teatro estável, em bases profissionais” e prosperavam, agitando a cena cultural local. Um deles era o Clube Teatro da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul. Dirigidos por Carlos Murtinho, encenavam naquele momento *Nossa Cidade*, de Thornton Wilder. Antes, porém, haviam representado, dentre outras, uma adaptação do livro de contos *O Muro*, de Sartre, com texto estabelecido pelo poeta gaúcho Lineu Dias⁶⁷¹. Em entrevista a esta coluna em junho de 1956, Murtinho indica a direção de *O Muro* como uma de suas contribuições importantes à cena amadora de Porto Alegre, que, de acordo com ele, seguia florescendo⁶⁷².

Sem outros elementos sobre essa montagem, parti para a busca de rastros deixados por ela em jornais locais e outras fontes. Não há qualquer indicação de que Lineu Dias, poeta e dramaturgo gaúcho, tenha trabalhado em *O Muro* nos sites com memória de sua trajetória. Na *Enciclopédia Itaú Cultural* (2020), o espetáculo aparece vinculado aos nomes de Carlos Murtinho (diretor), Antônio Abujamra, Fernando Peixoto e Paulo José (elenco). Peixoto (1980, p. 109) apenas indica a existência do espetáculo, sem discuti-lo, mas faz um registro sobre os ensaios:

Foi uma bem sucedida tentativa [a de formação do grupo], por incrível que pareça sobretudo em termos de teatro amador, de “teatro de repertório”. Sartre a gente ensaiava escondido no palco da Pontifícia Universidade Católica. Quando aparecia um padre, a gente mudava o texto. Um dia me disseram que seria excomungado por tomar parte num espetáculo de Sartre! Pensei uma noite com certa aflição, mas, entre a religião e o teatro, fiquei com Sartre, graças a Deus.

Indica também que o grupo seguiu crescendo após esta encenação, culminando, em 1958, com a criação do Curso de Arte Dramática (CAD) da Universidade do Rio Grande do Sul, por esforços de Abujamra. Peixoto se torna aluno da primeira turma e estuda, dentre outros, com Gerd Bornheim, professor do curso. Ressalta a importante formação filosófica dadas aos atores na ocasião, “Fiquei dois anos no CAD. Descobri Hegel e outros filósofos alemães” (PEIXOTO, 1980, p, 111).

Pesquisando pelo nome do diretor Carlos Murtinho na *Hemeroteca Digital Brasileira*, apenas os periódicos gaúchos *Diário de Notícias* e *Jornal do Dia* registram peças do diretor, mas sem menção às encenações de *O Muro*. Naquele jornal, descubro uma encenação amadora

⁶⁷¹ O GLOBO NOS TEATROS, 19/11/1955, p. 3.

⁶⁷² O GLOBO NOS TEATROS, 23/06/1956, p. 8.

de *Entre quatro paredes* na capital gaúcha em junho de 1955, dirigida por Silva Ferreira⁶⁷³ ao pesquisar pelo termo “Fernando Peixoto”, mas também sem mais detalhes sobre a adaptação do conto. De todo modo, o registro das memórias de Peixoto nos permite indicar que a menção à encenação em *O Globo* não se trata de um equívoco. E ressaltar, novamente, o papel dos grupos amadores na disseminação da arte teatral no interior do país, inclusive do teatro de Sartre.

Há notícias, sem indicação de quando ocorrera, de que *O Muro* foi adaptado para o teatro no Rio Grande do Norte, tendo sido dirigido por Sandoval Vanderlei. A informação é dada em função de um pedido de desagravo feito por Celso Silveira a Gustavo Dória. Este teria afirmado que Meira Pires desbravava a cena teatral em Natal, ao que Silveira lhe pediu para se corrigir, lembrando do importante papel pioneiro de Sandoval Vanderlei⁶⁷⁴. Sobre a encenação, o único registro que encontrei para além dessa querela foi no jornal potiguar *Diário de Natal*. Registra-se ali, em 1950, que, no ano anterior, o Conjunto Teatral Potiguar havia encenado “com estrondoso sucesso”, a adaptação de Newton Navarro para o conto *O Muro*, do “‘Papa do Existencialismo’ Jean-Paul Sartre”⁶⁷⁵. Nesta ocasião, portanto, consegue-se confirmar que a adaptação não foi do conjunto de histórias presentes no livro homônimo, mas unicamente do conto *O Muro*.

Não é possível afirmar que a peça, tanto a montagem gaúcha quanto a potiguar, tenham circulado para além das capitais, mas há probabilidade de que isso tenha ocorrido, uma vez que eram comuns os Festivais de Teatro Amador regionais, com circulação por algumas grandes cidades.

3.2.4 O diabo e o bom deus

O espetáculo estreou no dia 07 de junho de 1951 em Paris. Segundo Sartre, era uma peça que lhe “dava prazer. Foi um grande sucesso.”, sendo seu roteiro preferido (BEAUVOIR, 1982, p. 260). *O Globo* publicou uma série de memórias escritas pela famosa estilista italiana Elsa Schiaparelli em 1955 onde se encontra conexão com essa primeira montagem parisiense do texto. Em um dos registros da estilista, lê-se que ela foi responsável pelo figurino desta peça de Sartre. Conta que ela, Sartre, Louis Jouvet, empresário financiador da montagem, e Simone Berriau, diretora do teatro onde estreara, brigaram muito. Tendo sido uma fase estressante a de

⁶⁷³ 24H FOI VIU E COMENTA, Diário de Notícias, 02/06/1955, p. 8.

⁶⁷⁴ O GLOBO NOS TEATROS, 04/04/1957, p. 1.

⁶⁷⁵ DAS COXIAS, Diário de Natal, 05/02/1950, p. 9

produção, relata que os quatro se emocionaram ao ver o sucesso da estreia. Diz ela: “Como se sabe, Sartre não costuma fazer coisas triviais. Ele não me chamou apenas para idealizar alguns vestidos bonitos. O tema da sua obra era muito complicado”. A principal dificuldade é que o autor exigia realismo extremo na confecção dos trajes, o que carecia de um grande esforço físico para que, por exemplo, os andrajos dos mendigos da peça fossem rasgados manualmente e esfregados diretamente no chão e na lama para terem aparência de reais⁶⁷⁶.

De acordo com Cohen-Solal (2008, p. 372),

(...) a peça, durante os ensaios, ocasiona verdadeiros psicodramas. Convém explicar que as personalidades dos diversos interlocutores estavam mais propensas a confrontações heroicas, no estilo dos mais palpitantes filmes de faroeste texano. [Considerando que] os ensaios começam antes mesmo de Sartre aprontar o texto, que Simone Berriau exige cortes, que o tom de voz de Sartre e Jovet vai se intensificando cada vez mais, que a equipe trabalha 19.400 horas para fazer os cenários e as roupas [...] já dá para imaginar um pouco as tensões, o nervosismo que toma conta, num ritmo de trabalho insano (...)

Apesar dos eloquentes elogios que recebe essa grande produção – ao lado das críticas negativas, claro, sobretudo incomodadas com os aspectos morais e religiosos colocados em cena (SOUZA,2015) –, não há indícios que apontem para uma encenação traduzida desse texto no Brasil. É representada por um grupo de amadores no Rio de Janeiro, que já havia trabalhado com outros textos de Sartre antes: o *Les Comédiens de l’Orangerie*. Ligado ao Consulado da França no Rio de Janeiro, a trupe apresentava peças no idioma original francês para popularizar a língua⁶⁷⁷.

Uma nota sobre esse grupo retoma que, por exemplo, em 1948, encenaram *Les Mains Sales* no Teatro Ginástico, no centro do Rio de Janeiro, com grande sucesso. Esta, como era a proposta do grupo, também foi no idioma original⁶⁷⁸. Em outra ocasião, em que a matéria sobre Sartre trata de um boato desinteressante envolvendo a atriz Marie Olivier, chamou-me a atenção o registro de que *Les Comédiens* estavam excursionando pelo Recife com um espetáculo⁶⁷⁹. Não consegui descobrir qual seria com certeza, mas por se tratar de época próxima, suponho que seja *Le diable et le bon dieu*. Este é um outro indício de circulação das peças de Sartre pelo Nordeste. Fernando Peixoto, aliás, importante dramaturgo brasileiro, afirma, em texto de 1959, a força do cenário teatral na Bahia, Recife e Porto Alegre (PEIXOTO, 1980). Esse é mais um convite à expansão do olhar para o cenário teatral para fora do eixo Rio-São Paulo.

⁶⁷⁶ O GLOBO FEMININO, 17/09/1955, p. 8.

⁶⁷⁷ O GLOBO NOS TEATROS, 03/05/1956, p. 11.

⁶⁷⁸ O GLOBO NOS TEATROS, 03/09/1958, p. 10.

⁶⁷⁹ COLUNA DE TEATRO, 03/06/1960, p. 13.

3.2.5 As Moscas

A primeira reportagem que menciona essa importante peça de Sartre, lançada em 1943, é de outubro de 1957. Em *Porta de Livraria* lê-se um subtítulo em destaque: “Viagens de Sartre”. Noticia-se ali que o filósofo estava em Capri e que “no decorrer deste mês de outubro deverá Sartre ir à Polônia, a fim de assistir à ‘première’ em Varsóvia, da encenação de sua peça ‘As Moscas’”⁶⁸⁰. A primeira estreia desse texto no Brasil data de 1959, pelas mãos de um grupo de teatro até então amador e novato na cena paulista. Em uma sessão dedicada a comentar a atuação dos “Amadores em São Paulo”, na *Coluna de Teatro*⁶⁸¹, de Zora Seljan, lê-se:

Com apenas um ano de existência, o **‘Oficina’ – grupo composto, na maioria, de estudantes**, vai de vento em popa: já foi premiado 7 vezes, entre o I Festival Paulista de Televisão e o II Festival Nacional de Teatro dos Estudantes, realizado em Santos. [...]
Aliás, o ‘Oficina’, com ‘Le Strapontin’, ligado à Aliança Francesa, pretende encenar, em novembro, duas outras peças: ‘As Moscas’, de Sartre, em português, e ‘Calígula’, de Camus, em francês.⁶⁸²

O grupo *Le Strapontin* já foi mencionado anteriormente. Foi o grupo que, em 1957, montou *A respeitosa* com a atriz Maria Fernanda no idioma original em francês, já que se trata de companhia semelhante aos *Comédiens de l’Orangerie*. Já o Oficina, foi mencionado no primeiro capítulo como grupo que teve a intenção de encenar *Nekrassov*, o que acabou não ocorrendo. Criado em 1958, dentro da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, o Teatro Oficina se formou pela reunião de estudantes, “dentre os quais José Celso Martinez Correa, Carlos Queiroz Telles e Hamir Hadad, [que] resolveu encenar duas peças: *Vento Forte para Papagaio Subir* de José Celso Martinez Correa e *A Ponte* de Carlos Queiroz Teles” (SILVA, 1981, p. 17).

Assistindo à remontagem daquele primeiro espetáculo, hoje disponível em DVD, consigo perceber elementos já bastante sartrianos naquele texto, como a busca pela compreensão do projeto existencial do personagem principal, alterego do próprio Zé Celso. Afinal, o que faz um jovem querer sair de sua cidade, Araraquara, e ir para a capital? Que ventos são fortes o suficiente para fazer um papagaio subir? O registro fílmico da peça é encontrado em um box em comemoração pelos 50 anos da Companhia, em 2008. No box, a peça é batizada como *Vento forte para um papagaio subir*. Demarca-se a indefinição do papagaio – é qualquer um – ao mesmo tempo que sua singularidade, a jornada do herói do espetáculo às voltas com

⁶⁸⁰ PORTA DE LIVRARIA, 14/10/1957, p. 20.

⁶⁸¹ 16/09/1959, p. 19.

⁶⁸² COLUNA DE TEATRO, 16/09/1959, p. 19. Grifos meus.

seu projeto existencial. Silva (1981), porém, indica que essa é uma fase não-engajada da companhia, que passa a fazer um teatro ““preocupado socialmente”” somente a partir do contato com o Teatro de Arena, de José Renato.

Em minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2015), discuto a noção de engajamento proposta por Sartre em 1947, apontando como ela foi mal compreendida (ou bem compreendida e, por isso, deturpada), sendo tomada como algo que se faz justamente com essa “preocupação social”. O que defendo é que aquilo que Sartre evidencia é a própria ideia de que tudo aquilo que se faz já é, de partida, engajado, posto que situado no mundo, apontando para um modo de produzir a si mesmo e ao que nos cerca (SOUZA, 2015). Penso que Silva (1981) está preso em uma qualquer dimensão que compreende o engajamento de maneira mais objetivamente conectada com pautas “sociais” ou “político-institucionais”. De todo modo, essa construção não se dá apenas por si mesmo, mas por uma forma de fazer “teatro político”, como já indicado anteriormente a partir das análises de Patriota (2007).

Efetivamente, o grupo Oficina faz uma virada em seu modo de produzir espetáculos, saindo de um horizonte de peças autobiográficas, para a escolha de textos de cunho mais diretamente político. Mas, registra Silva (1981, p. 19) que, nesse sentido, “em 1959, o autor preferido do grupo, e principalmente de José Celso, era Jean-Paul Sartre. Naquele mesmo ano, o Teatro Oficina montava *As Moscas* de Sartre, uma coprodução com a Aliança Francesa, direção de um francês chamado Jean Luc Descaves.”. Penso que não seria demais supor que Zé Celso, em 1958, já fosse leitor de Sartre e que reflexões presentes no pensamento do filósofo tenham desempenhado importante papel da criação do roteiro de *Vento forte para papagaio subir*.

De todo modo, a opção do grupo por montar *As Moscas* é lida como tentativa de saída para o impasse que o Arena colocou para a trupe: agregar-se a José Renato ou seguir uma linha diversa?

Esse interesse pelo filósofo francês ajudou, de certa maneira, o grupo a orientar-se nos seus desencontros. Desligados de qualquer instituição, longe de qualquer envolvimento com ideologias, ainda às voltas com os graves problemas das opções pessoais na escolha de caminhos, estando ainda praticamente para decidir-se em relação ao próprio teatro, o elenco encontrou no pensamento de Sartre algumas respostas para suas indagações fundamentais. [...]

Assim, é que com a montagem de *As Moscas*, de Sartre, o Oficina pode levar ao palco os primeiros germes do que seria seu futuro desenvolvimento. A proposta dramaturgica de Sartre mostrava um caminho a ser seguido. Desviando o grupo do plano individual em que até aquele momento ele se colocava, levava-o a encarar **o problema do engajamento e a entrar numa discussão de caráter mais amplo e de implicações sociais mais gerais.**

A peça trata justamente das vias do comprometimento. A trajetória de Orestes ilustra esse caminho, essa alteração de rumo. Ao iniciar-se a ação, a personagem tem uma postura distanciada, alienada em relação ao sofrimento que aflige toda uma cidade, a

de Argos. Aos poucos, entretanto, ela vai se engajando numa situação de envolvimento social e assumindo a responsabilidade de mudar o estado triste da comunidade. Vai da alienação total, para a participação completa. Mata o Rei Egisto, o responsável pela situação. Essa morte alteraria a conjuntura política de Argos e devolveria a dignidade de cada cidadão⁶⁸³. (SILVA, 1981, p. 101-102)

Outro olhar importante que discute a distinção que começa a se estabelecer entre o Arena e o Oficina nessa busca por um teatro próprio a este grupo é trazida por Fernando Peixoto, que afirma que existe “mais Sartre que Marx no ‘Oficina’, mas ambos os grupos defendem os mesmos ideais. Apenas diferem na maneira de tratá-los” (PEIXOTO, 1989, p. 69). Noutra ocasião, diz que “o que queriam [os integrantes do Oficina] era transmitir à classe média uma ‘consciência socialista’ – se bem que mais através de Sartre do que de Marx.” (PEIXOTO, 2002, p. 89).

Expandindo o olhar para essa influência, penso que ela seja um dos elementos importantes para que a companhia passe a se chamar, em meados dos anos 1970, Teat(r) Oficina, demarcando a ideia do Te-ato. Silva (1981), em suas pesquisas, registra a mutação para o Te-Ato como parte de um processo orgânico, em diálogo com os diferentes textos encenados, estudos sobre atuação realizados e pela profunda marca deixada por uma excursão pelo interior do país. Não situa a importância da noção de ação para Sartre como um dos elementos que compõem o Te-Ato, mas essa é uma leitura que, embora não tenha encontrado meios de confirmar ao longo das pesquisas, me parece plausível. O Te-Ato é marcado como uma espécie de passagem de bastão dos atores para o público, em um outro modo de relação que coloca a todos como atuadores (SILVA, 1981). As conexões com as ideias de liberdade, ação, responsabilidade e engajamento tais como pensadas por Sartre e já apresentadas em outros momentos dessa pesquisa me parecem evidentes.

Voltemos à encenação de *As Moscas*. Aparece como sendo uma das peças em cartaz em São Paulo em 01 de dezembro de 1959, no Teatro das Bandeiras⁶⁸⁴. Na semana seguinte, registra-se que o espetáculo seguia em cartaz e que o Juizado de Menores não havia autorizado o menino Antônio Carlos a trabalhar na peça⁶⁸⁵. Por fim, em 15 de dezembro, afirma-se que o espetáculo saíra de cartaz, tendo feito uma “Boa temporada, no Mês Teatral”, espécie de movimento realizado para incentivar o teatro⁶⁸⁶. É Fernando Peixoto (2002, p. 191) quem registra que o espetáculo “não se constitui num sucesso de público”.

⁶⁸³ Embora muito esquemática, fazendo a peça caber nos dramas do grupo teatral, penso que essa apresentação do enredo do espetáculo empreendida por Silva seja suficiente para nossos propósitos.

⁶⁸⁴ COLUNA DE TEATRO, 01/12/1959, p. 10.

⁶⁸⁵ COLUNA DE TEATRO, 08/12/1959, p. 12.

⁶⁸⁶ COLUNA DE TEATRO, 15/12/1959, p. 12.

O Teatro Oficina voltou ao noticiário com a estreia de *Fogo Frio*, obra de Benedito Rui Barbosa. De acordo com a nota de Zora Seljan, era “a estreia do autor na dramaturgia e passagem para o profissionalismo do elenco do Oficina”. Antes, o grupo havia realizado, como amadores, três temporadas em São Paulo, encenando: “‘A ponte’, de Carlos Queirós Teles, e ‘Vento forte para um papagaio subir’, de José Celso Martinez Correia, no Teatro Novos Comediantes; ‘A Incubadeira’, de José Celso, no Arena; e ‘As Moscas’, de Jean-Paul Sartre, no Teatro das Bandeiras”⁶⁸⁷.

A peça de Benedito Rui Barbosa fez sucesso com o grupo, que planejava encenar “‘Cadeiras na Calçada’, de José Celso Martinez [...] depois da sua atual temporada no Teatro de Arena. **Está em vista, também, a montagem da nova versão de ‘As Moscas’, de Jean-Paul Sartre, coincidindo com a visita do autor francês a esta Cidade**”⁶⁸⁸. Esta remontagem, porém, foi abandonada, dando espaço a um texto de Thornton Wilder, *Nossa Cidade*⁶⁸⁹.

Para além do Oficina, o grupo *Les Comédiens de L’Orangerie* encenou *Les Mouches* no idioma original em Salvador, para a inauguração de um anfiteatro local⁶⁹⁰. Os ensaios são anunciados em maio, com a informação de que o grupo sairia em excursão pelo Brasil com a peça⁶⁹¹. Em 18 de julho, anuncia-se que o espetáculo estreou no Teatro da Escola da Bahia, em Salvador, com patrocínio da Universidade da Bahia e que, de lá, iria para o Teatro Santa Isabel, em Recife, bem como para Maceió e João Pessoa⁶⁹². Já em agosto, há o anúncio de que o grupo estava chegando para encenar o espetáculo no Rio de Janeiro⁶⁹³. Antes de vir ao Rio, porém, passaria por Brasília e Belo Horizonte⁶⁹⁴. Na mesma coluna de Carlos Swann, lê-se que o presidente João Goulart havia “confidenciado a amigos íntimos que tem tido que se esforçar para conter as veleidades golpistas de alguns militares a ele ligados, que estimaria fechar o Congresso (...)”. São assim os jornais: muitos mundos habitam uma mesma página. É digna de nota a carreira desse espetáculo. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer o seletor público que conseguiria acompanhar o texto em francês, mesmo levando em conta que o ensino público oferecia aulas de francês à época.

Enfim, em 05 de setembro é que se dá a estreia de *Les Mouches* no Rio de Janeiro⁶⁹⁵. É provavelmente em função desta encenação que a peça ganha uma análise pelas mãos de Geraldo

⁶⁸⁷ COLUNA DE TEATRO, 19/04/1960, p. 10.

⁶⁸⁸ COLUNA DE TEATRO, 03/05/1960, p. 10. Grifos meus.

⁶⁸⁹ COLUNA DE TEATRO, 07/06/1960, p. 6.

⁶⁹⁰ COLUNA DE TEATRO, 03/04/1963, p. 10.

⁶⁹¹ COLUNA DE TEATRO, 17/05/1963, p. 7.

⁶⁹² COLUNA DE TEATRO, 18/07/1963, p. 5.

⁶⁹³ COLUNA DE TEATRO, 08/08/1963, p. 6.

⁶⁹⁴ REPORTAGEM SOCIAL, 14/08/1963, p. 4.

⁶⁹⁵ COLUNA DE TEATRO, 26/08/1963, p. 8.

Queiroz na *Coluna de Teatro*. Para o crítico, “Foram as peças de Jean-Paul Sartre que o tornaram um autor acessível do grande público”, mas, lembra, nem por isso o teatro é mais fácil de compreender do que seus textos filosóficos, embora tenha sido “a maneira mais direta que ele encontrou para ilustrar ou pôr em cena a quase totalidade dos temas sartrianos”⁶⁹⁶. Apresenta, então, a noção de Teatro de Situações de Sartre, para o que faz uma extensa transcrição de texto não identificado de Sartre sobre o tema. Resumidamente, o que Queiroz opta por apresentar a seus leitores é a ideia de que, uma vez que cada pessoa se escolhe diante de uma dada situação, nada mais justo do que representar esses momentos situados de escolha, partindo de ocasiões extremas. Conclui Queiroz que “Esse teatro de situações identifica-se com um teatro da liberdade. E são estes dois temas ou se se preferir, estes dois aspectos de um mesmo tema: a liberdade, conforme a situação, que encontraremos arraigados na primeira peça de Sartre, ‘Les Mouches’”⁶⁹⁷.

O espetáculo ganhou apenas duas encenações no Teatro Maison de France⁶⁹⁸. É certo que não há uma referência direta ao fato de que a encenação se deu no idioma original, mas tampouco há, na ficha do espetáculo apresentada no jornal⁶⁹⁹ e nas diversas ocasiões já citadas em que fora mencionada, qualquer referência à tradução do texto. Sendo a companhia financiada pela Aliança Francesa e tendo o objetivo de promover o idioma francês no Brasil, encenando algumas de suas peças no original, suponho que este tenha sido o caso. O fato de que o nome em francês, *Les Mouches*, é mais utilizado no periódico do que sua tradução é também um indício que corrobora para a afirmação.

Não apenas em francês, mas também em italiano se pôde apreciar este roteiro de Sartre. Trechos da peça ganharam encenação neste idioma no Teatro Record, em São Paulo, com o ator Vittorio Gassmann, o mesmo que dirigiu o filme sobre *Kean*. Ele estabeleceu um texto a partir de trechos de peças de Ésquilo, Sêneca, Shakespeare, Sartre, Dumas, dentre outros⁷⁰⁰. A encenação de Gassmann vem também para o Rio de Janeiro, sendo apresentada no Theatro Municipal, no dia 04 de junho de 1963, em única récita⁷⁰¹.

⁶⁹⁶ Contra essa leitura rasa de que o teatro seja uma mera ilustração das ideias filosóficas de Sartre, as noções de vizinhança comunicante (SILVA, 2004) e de integralidade orgânica da obra (MÉSZÁROS, 2012) são relevantes.

⁶⁹⁷ COLUNA DE TEATRO, 09/09/1963, p. 8.

⁶⁹⁸ LES MOUCHES, 09/09/1963, p. 8.

⁶⁹⁹ COLUNA DE TEATRO, 12/09/1963, p. 5.

⁷⁰⁰ COLUNA DE TEATRO, 16/04/1963, p. 10.

⁷⁰¹ CARTAZ TEATRAL, 15/05/1963, p. 8.

3.2.6 As Mãos sujas e A Engrenagem

Uma extensa análise da peça *As mãos sujas* em comparação com o roteiro cinematográfico *A Engrenagem*, ambos lançados em 1948, foi publicada em *Porta de Livraria*⁷⁰². O crítico confronta os textos tendo em vista que Sartre admitira que *A Engrenagem* foi escrito dois anos antes de seu lançamento e tinha, originalmente, o título de *As mãos sujas*, que acabou perdendo para a peça assim batizada. Embora Sartre negue conexões entre ambos os trabalhos, afirma-se que, se puderam ter o mesmo título, é porque “um fundo comum existia entre um e outro assunto”. Em ambos os textos

prevalece o contraste entre as teorizações dos reformistas, as promessas generosas dos doutrinadores, os arroubos românticos dos ideólogos e as necessidades imperiosas da ação política, as conciliações, transigências e compromissos em que se perdem, ou desviam, aqueles mesmo espíritos, cheios de boas intenções, às vezes mesmo de radicalismo, mas que trouxamente contemporizam, quando no exercício do poder, pois já então fazem parte de uma máquina, não são apenas eles mesmos, consideram-se parte integrante do Estado, com deveres de homens de Estado.⁷⁰³

Ambos os movimentos dos textos são analisados tendo como pano de fundo o “momento em que há um político brasileiro, em plena campanha, apresentando como ‘slogan’ eleitoral as ‘mãos limpas’”, em referência a Jânio Quadros. Para Magalhães Jr., crítico responsável pela análise, a confluência desse momento eleitoral com a chegada de Sartre ao Brasil elicit as reflexões do filósofo, para quem “o homem fora do poder, lutando pelo poder, não é o mesmo homem quando alcança o poder e passa a lutar para retê-lo, para defender suas prerrogativas, sua autoridade, sua posição”⁷⁰⁴. Narra, então, o enredo de *A Engrenagem* e conclui que ambas as obras formam “um tratado de ceticismo político”, já que “Sartre não crê em ‘mãos limpas’”⁷⁰⁵.

Essa crítica nos ajuda a compreender a opção do Teatro Oficina de realizar *A Engrenagem* como forma de celebrar a vinda de Sartre ao país, adaptando o texto cinematográfico para o teatro. Originalmente, como vimos, a ideia era reencenar *As Moscas*, mas optam por este outro texto. O fato aparece em uma *Coluna de Teatro*, afirmando que a estreia seria no Teatro Bela Vista em 16 de setembro de 1960⁷⁰⁶. Na mesma ocasião, outra pequena nota na coluna registra que Solano Trindade, do Teatro de Arena, estava chateado com

⁷⁰² PORTA DE LIVRARIA, 27/08/1960, p. 9, 11.

⁷⁰³ PORTA DE LIVRARIA, 27/08/1960, p. 9.

⁷⁰⁴ PORTA DE LIVRARIA, 27/08/1960, p. 9.

⁷⁰⁵ PORTA DE LIVRARIA, 27/08/1960, p. 11.

⁷⁰⁶ COLUNA DE TEATRO, 13/09/1960, p. 10.

os cicerones de Sartre e Beauvoir que, de tanto o monopolizarem, acabaram dificultando que o filósofo comparecesse para assistir “ao espetáculo folclórico que lhe era dedicado”⁷⁰⁷.

A *Engrenagem* ficou duas semanas em cartaz no Teatro Bela Vista⁷⁰⁸ e partiu para mais três semanas no Teatro Novos Comediantes, em um total de cinco semanas de récita⁷⁰⁹. Para Zora Seljan, a peça, assim como *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, em cartaz no Teatro de Arena, é daquelas que provocava opiniões diversas. A montagem tinha como missão “despertar a consciência popular sobre determinados aspectos da máquina política”, sendo um dos “mais sérios trabalhos de Sartre”. Por isso,

seria sua melhor peça se tivesse sido escrita originariamente para o palco e não para a tela, como foi. Todavia, não podemos elogiar a encenação do grupo Oficina, embora reconhecendo que Augusto Boal, como diretor e adaptador, fez milagres montando o espetáculo em apenas quinze dias. Foi necessário o concurso de um número muito grande de intérpretes, muitos deles sequer acostumados ao palco. Como consequência, o nível artístico resultou medíocre, apenas realçado por dois ou três artistas profissionais que fazem parte do elenco da peça.⁷¹⁰

O Teatro Oficina, ao fim, ainda não havia se profissionalizado, apesar das promessas anunciadas. O custo do processo era demasiado e eles ainda buscavam espaço para se fixarem. A encenação da peça no Teatro dos Novos Comediantes serviu para que se publicasse que o grupo desejava comprar aquele espaço com subvenção da Comissão Estadual de Teatro de São Paulo. Aliás, a reprise da peça neste local fez parte da programação da Quinzena Teatral, patrocinada por esta comissão. Nesta mesma publicação da *Coluna de Teatro*, diversas informações esparsas sobre o Oficina foram encontradas: como o registro de alguns nomes do elenco de *A Engrenagem*, “Rosamaria Murtinho, Alzira Cunha e atores não-profissionais”. Por fim, um fato que considero de grande relevância é a breve nota que afirma que “O Oficina achou boa a experiência de representar ao ar livre ao pé do Monumento da Independência e já programou espetáculos em palco móvel nos bairros da capital, todos os domingos com uma peça inédita”⁷¹¹. Quantas pessoas podem ter assistido a esta encenação a céu aberto? Fui buscar informações no jornal *Folha de São Paulo*.

O único registro que encontrei fala justamente da proibição da realização desta encenação pública no dia 30 de outubro de 1960. O juiz de menores da capital havia proibido o evento, levando em consideração que a Divisão de Diversões Públicas de São Paulo havia considerado o espetáculo impróprio para menores de dezoito anos. A nota informa que a peça

⁷⁰⁷ COLUNA DE TEATRO, 13/09/1960, p. 10.

⁷⁰⁸ COLUNA DE TEATRO, 27/09/1960, p. 9.

⁷⁰⁹ COLUNA DE TEATRO, 15/11/1960, p. 10.

⁷¹⁰ COLUNA DE TEATRO, 27/09/1960, p. 9.

⁷¹¹ COLUNA DE TEATRO, 01/11/1960, p. 6.

seria encenada neste mesmo dia 30⁷¹². Assim, quando a *Coluna de Teatro* dá a nota sobre o evento, ele já havia sido cancelado. A informação não é corrigida em *O Globo*. E a felicidade do pesquisador, definitivamente, dura pouco. Contudo, volta logo em seguida, quando descubro em Fernando Peixoto (2002, p. 191. Grifos meus) o registro de que o espetáculo foi apresentado “a princípio no Teatro Bela Vista, depois **em sindicatos e bairros**”. As pesquisas de Nunes (2009) sobre este ponto não se aprofundam na busca por tais encenações populares. De todo modo, a escolha dessa peça e representá-la em espaços proletários é um elemento relevante. É o próprio Sartre quem registra, na ocasião da adaptação do roteiro para encenação no teatro *de la Ville*, em Paris no ano de 1969, que é uma peça que reflete sobre uma questão que o perseguia:

(...) em momento de coletivização, quem é forçado e quem não o é? Quem governa? A necessidade ou um homem? Na verdade, o stalinismo não estava em questão [na peça]. Eu simplesmente parti de uma afirmação bastante em voga e, em grande parte, falsa na minha opinião: “Stalin não poderia ter feito nada de diferente em relação ao que ele fez”. Pensei em um país em que realmente não se pudesse “fazer nada de diferente”. Um pequeno país rico em petróleo, por exemplo, que vivesse totalmente na dependência do estrangeiro. E imaginei o caso de um homem que chegasse ao poder com intenções revolucionárias, que estivesse realmente decidido a levá-las adiante, e que finalmente se resignasse a fazer a política contrária em função das exigências de um país vizinho poderoso.

Em 1946, a maior parte da América Latina se encontrava em uma situação desse tipo. (SARTRE, 1973, p. 368)

Sobre a realização da peça e sua importância política para o momento vivido no país, Silva (1981, p. 104) resgata o registro de Augusto Boal (1960) para o jornal *O Estado de São Paulo* da palestra realizada com a classe teatral e Sartre em São Paulo. Escreveu Boal que Sartre fez uma advertência na ocasião, dizendo que

Somos os responsáveis pelo afastamento, que ainda se observa no Brasil, entre o teatro e a vida social. Por maiores que sejam nossas crises nacionais, o teatro tem se mantido limpo de qualquer manifestação mais direta. É necessário sujá-lo. As nossas mãos estão limpas, mas vazias.

Assim, a escolha do roteiro pelo grupo Oficina era uma posição da trupe, que fazia a “escolha de temas controvertidos e de grande atualidade. Era justamente uma época em que se procurava discutir e entender o problema da relação entre países pobres e imperialistas. Por causa disto, pode-se imaginar os debates provocados pelo espetáculo (...)” (SILVA, 1981, p. 104). Em função desses debates e da conexão mais direta entre o enredo, brevemente exposto no registro do próprio Sartre acima, com o que se vivia no país, é que se torna potente pensar na encenação dessa peça em espaços populares.

⁷¹² PROIBIDA A ENCENAÇÃO..., Folha de São Paulo, 30/10/1960, p. 12.

Uma indicação sobre um dos sindicatos em que *A engrenagem* foi apresentada aparece nas memórias de Zé Celso. O dramaturgo considera que este foi o primeiro trabalho político do grupo e reagrega em seus registros elementos apresentados até aqui:

Sáímos de casa, quebramos a incubadeira [referência à outra peça do grupo, mas também ao ambiente familiar], rompemos com a família e de repente descobrimos que, além da família, existiam outras engrenagens para quebrar ainda: a engrenagem do imperialismo, por exemplo. A ideia de imperialismo não era muito concreta para nós... mas na peça do Sartre, no roteiro dele, era uma ideia muito bonita. Contava a história de uma revolução que derruba um ditador. Quando o ditador cai, o líder revolucionário sobe e recebe a visita de um embaixador americano. Esse embaixador argumenta, pressiona; o líder é obrigado a ceder, fecha a imprensa e se deixa triturar pela engrenagem. Uma nova revolução tem que vir à tona para derrubá-lo em nome de um outro líder. A peça termina com o novo líder recebendo a visita do mesmo embaixador americano.

Nesse momento o país estava em eleições: era a época do Jânio Quadros e do Lott. Então, durante a representação a gente perguntava a sério para o público: “O que vocês vão fazer dessa engrenagem, o que vocês vão fazer do imperialismo?”. Inclusive, nós utilizamos o teatro para uma exposição sobre esse tema, sobre a Petrobrás, aquelas coisas da época. Cada noite tinha um debate e nós perguntávamos de que lado os caras estavam. Foi aí que tivemos a nossa primeira experiência com a censura. Íamos representar *A engrenagem* no Museu do Ipiranga, em São Paulo, e a representação foi proibida com a desculpa de que as crianças não poderiam assistir ao espetáculo. Nós nos amordaçamos com umas tiras de pano branco e fizemos uma passeata até o Sindicato dos Metalúrgicos para mostrar a peça lá. [...]

Eu já lia Sartre e já conseguia localizar nos textos dele certos pontos de identificação com a gente. Por exemplo, a minha geração sentia que tinha que se virar por ela mesma. Aí entrava a noção sartriana de “liberdade”, de que não tem desculpa, de que você tem que se atirar nas coisas mesmo. Não tem pai, não tem mãe, não tem ditadura que lhe justifique, não tem opressão, não tem nada! Ou você age ou você se fode. Você tem que se virar? Se vire! [...]

“O dever do revolucionário é fazer a revolução”: essa frase, **essa noção da filosofia sartriana não batia como um slogan, não! Ela te entregava à vida.** (CORREA, 1998, p. 25-27. Grifos meus)

A Folha de São Paulo faz uma pesquisa com o público de cinema e teatro, pedindo para que as plateias cotassem aquilo que assistiram como ótimo, bom, regular ou mau. *A engrenagem* figura, no dia 29 de outubro, com 81,5% de ótimo e bom, um excelente resultado⁷¹³. A encenação é lembrada por Geraldo Queiroz, herdeiro da coluna de Zora Seljan, quando da celebração de um ano da existência oficial do Teatro Oficina⁷¹⁴, tendo a companhia se fixado na Rua Jaceguai – onde prossegue até os dias atuais, não sem dificuldades em função da pressão do grupo Sílvio Santos e da falta de investimento público⁷¹⁵.

O grupo seguirá sendo lembrado por suas encenações de Sartre em *O Globo* por algum tempo, o que passa a ser utilizado como um aposto a seu nome. É o caso, por exemplo, de

⁷¹³ BOLSA DE CINEMA E TEATRO, *Folha de São Paulo*, 29/10/1960, p. 13.

⁷¹⁴ COLUNA DE TEATRO, 17/08/1962, p. 6.

⁷¹⁵ Há uma disputa em torno do terreno em que se situa o Teat(r)o Oficina. O grupo econômico encabeçado por Sílvio Santos busca autorização para construção de três grandes prédios no local em que o grupo de José Celso pretende construir o Parque Bixiga. Em fevereiro de 2020, em um novo capítulo da disputa, iniciados em 1980, obteve-se a aprovação para a construção do Parque.

quando se apresenta no Theatro Municipal do Rio de Janeiro com o espetáculo *Todo Anjo é Terrível*, de Ketty Frings, com Henriette Morineau e Renato Borghi, com direção de José Celso Martinez Correia. A companhia é apresentada não apenas pelo sucesso da montagem em São Paulo, mas também como sendo aquela que já encenou “Cliford Odets, Tennessee Williams, Jean-Paul Sartre e Augusto Boal”⁷¹⁶.

Para além de *A Engrenagem*, seu duplo *As mãos sujas*, de acordo com a crítica de Magalhães Jr., foi anunciada como próximo espetáculo do Teatro de Arena, sob direção de Augusto Boal. A nota lembra que se trata de uma “peça política, bem dentro da orientação da companhia paulista e que até bem pouco fora interdita pelo próprio autor de ser representada sem sua autorização”⁷¹⁷. Em 12 de abril, outra nota dá conta que a companhia estava em fase de seleção de atores para o espetáculo⁷¹⁸. Da seleção emergem os nomes de Paulo José, Arnaldo Weiss, Milton Gonçalves e Ari Toledo como destaques, mas Boal seguia com dificuldade para fechar o elenco⁷¹⁹. Não há registros que indiquem a efetiva realização da montagem.

Já sem conexão direta com um texto de Sartre, o Teatro Oficina, em 1966, decide levar aos palcos a peça *Andorra*, de Max Frisch. Para o crítico Martim Gonçalves, há ali conexões evidentes com o pensamento exposto pelo filósofo em *Reflexões sobre a questão judaica*. Coloca em cena uma sociedade burguesa, num país fictício – Frisch registra em entrevistas que sua peça nada guarda de relação com Andorra, o principado europeu –, onde se mata e se vilipendia algumas pessoas sem pena, mas sempre guardando aura de pureza.

O “judeu” de Andorra se converte assim num símbolo de todos que são perseguidos e carregam as culpas da sociedade que os engendrou para destruí-los. É como afirmou Sartre, a sociedade que inventa o judeu e a ele impõe esta máscara que reúne quase todos os defeitos mais típicos da própria burguesia. Nesta peça, é espantosa a coincidência de sua posição diante do anti-semitismo, e do fenômeno do bode expiatório em geral, com a de Jean-Paul Sartre em seu “Reflexion de la question juive”⁷²⁰.

Opto, porém, por não me aprofundar nesta análise. Penso que todos os elementos apresentados até aqui já são suficientes para afirmar as conexões inequívocas entre o pensamento de Sartre e a proposta do teat(r)o Oficina. Evoé, Zé Celso!

⁷¹⁶ COLUNA DE TEATRO, 10/11/1962, p. 8.

⁷¹⁷ COLUNA DE TEATRO, 02/04/1962, p. 7.

⁷¹⁸ COLUNA DE TEATRO, 12/04/1962, p. 9.

⁷¹⁹ COLUNA DE TEATRO, 19/04/1962, p. 8.

⁷²⁰ TEATRO, 26/09/1966, p. 8.

3.2.7 Entre Quatro Paredes

Peça de grande projeção em encenações no Brasil, *Entre quatro paredes* foi representada pela primeira vez no país pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em 1950. Na ocasião, teve grande sucesso de público e crítica, conseguindo arrancar aplausos até dos censores na encenação realizada para a aprovação da montagem (SOUZA, 2015). A história de Inês, Garcin e Estelle, que se encontram em um inferno sem grelhas e fogueiras, onde são obrigados a conviver ininterruptamente uns com os outros e cada um consigo próprio, ficou celebrizada pela frase, ao fim do roteiro, em que Garcin afirma que “(...) o inferno são os outros” (SARTRE, 2014, p. 125). Esta ideia, tantas vezes retomada, por exemplo, por Nelson Rodrigues, foi também muitas vezes incompreendida, como já comentado.

Durante o período aqui pesquisado, o primeiro grupo a retomar esse texto de Sartre foi a Companhia Tonia-Celi-Autran (CTCA), de Tônia Carreiro, Adolfo Celi e Paulo Autran. Com cenário de Nilson Pena, estreou em uma dúode, ao lado de *Dois a dois*, de Georges Neveux, ambas com direção de Celi. A primeira nota sobre a estreia apareceu no início de agosto de 1956⁷²¹ e a primeira récita em 28 do mesmo mês. A tradução da peça é aquela feita por Guilherme de Almeida, jurista, jornalista, poeta e tradutor brasileiro. Foi também dele a tradução levada aos palcos pelo TBC e suponho que se trate exatamente do mesmo texto. A versão mais facilmente encontrada nos dias de hoje em sebos e livrarias, publicada pela Civilização Brasileira, é traduzida por Alcione Araújo e Pedro Hussak (SARTRE, 2014). Sem acesso ao texto estabelecido por Almeida, não é possível afirmar se há diferenças expressivas entre as traduções. A CTCA ficou em cartaz no Rio até o fim de setembro, depois do que partiu para temporada em São Paulo⁷²².

Em entrevista, Celi afirma que o pensamento de Sartre rapidamente foi tomado por uma grande moda, distanciando-se do que o filósofo pretendia. Enumera críticas feitas a Sartre pelos católicos e pelos comunistas, resumindo o que o pensador narra na abertura da conferência *O Existencialismo é um Humanismo* (SARTRE, 1987). Cita ainda a marchinha *Chiquita Bacana* como prova da corrupção feita do pensamento de Sartre no país. Sem dizê-lo diretamente, o que parece defender é que a encenação do texto é oportunidade de travar contato com as ideias de Sartre sem preconceitos ou facilitações. Celi reforça em suas falas a frase “O inferno são os outros”, que, para ele, representa justamente que o inferno não existe, sendo infernal a clareza

⁷²¹ O GLOBO NOS TEATROS, 03/08/1956, p. 5.

⁷²² O GLOBO NOS TEATROS, 09/08/1956, p. 7.

da consciência humana. “Sartre tomou emprestado um símbolo sobrenatural para demonstrar uma naturalidade total, tremenda, subjetiva”⁷²³.

Na propaganda da encenação, é a peça de Sartre que ganha destaque. Vale lembrar que se tratava de uma dupla apresentação: na mesma noite a plateia via, pelo valor de um só ingresso, *Entre quatro paredes* e *Dois a dois*, que ganhou apenas um canto na parte superior direita do anúncio no jornal ⁷²⁴. Em um caso específico, fica evidenciado que as duas peças fechavam a temporada da Companhia na cidade, que já havia contado com outros espetáculos em seu repertório no ano de 1956⁷²⁵.

No dia 04 de setembro, a crítica assinada por Gustavo Dória afirma que se trata da primeira encenação em português da peça no Brasil – o que sabemos ser falso – e que este é o texto em que Sartre “marca de maneira mais acentuada a sua presença como estudioso de filosofia, criador de uma nova interpretação de existencialismo e onde suas ideias são mais claramente expostas (...)”. Para Dória a obra é um marco de “uma época dentro da literatura dramática”, de tal modo que “o seu [de Sartre] ‘Huis Clos’ resultará, a nosso ver, num espetáculo sempre aceitável, toda vez que três elementos de valor se dispuserem a interpretá-lo”, o que, claro, vale para a montagem. Se há um defeito, registra Dória, foi o recurso de Celi de marcar a entrada em cena de cada personagem com o soar de um gongo, “efeito desnecessário num espetáculo que deve ser despojado de tudo que não seja apenas texto”. Conclui que foi o que houve de melhor da temporada carioca e, por conseguinte, o melhor da companhia apresentada em seu repertório anual. Registra, também, que foi a melhor atuação de Tônia Carrero, que fez o papel da mulher vaidosa, Estelle⁷²⁶.

Antonio Maria, na coluna *Mesa de Pista* do dia seguinte, reitera a crítica de Dória e “recomenda, com urgência” que se veja o espetáculo. Para ele, o sofrimento da peça de Sartre seguido pela comédia *Dois a dois* traz um equilíbrio para a plateia⁷²⁷. Elsie Lessa afirma que “a cortina cai, sob uma tempestade de aplausos” e que a peça reúne “Mistério, inferno e paixão que moram nas raízes de toda obra de arte, que é em essência um anseio de comunicação”. Todo o espetáculo a fez sair reflexiva sobre o peso que é o ofício de ator. “Conversei depois com Tônia Carrero e pude sentir melhor como é angustiante [...] o problema de comunicação entre palco e plateia, [...] O triunfo de uma noite pode ser feito com os mesmos ingredientes da

⁷²³ O GLOBO NOS TEATROS, 21/08/1956, p. 6.

⁷²⁴ SARTRE “ENTRE QUATRO PAREDES”, 28/08/1956, p. 6.

⁷²⁵ O GLOBO NOS TEATROS, 25/08/1956, p. 3.

⁷²⁶ O GLOBO NOS TEATROS, 04/09/1956, p. 5.

⁷²⁷ MESA DE PISTA, 05/09/1956, p. 2.

indiferença gélida de outra (...)"'. Encerra com um agradecimento àqueles que exercem tal ofício⁷²⁸.

Perto do fim da temporada, lembra-se que a CTCA teve seis meses de êxito na capital e partiriam, em breve, para o Teatro Santana, em São Paulo⁷²⁹. Na opinião de Adolfo Celi, o êxito do ano foi tão grande que tiveram que prorrogar os espetáculos de Shakespeare, Goldoni e Sartre, limitando-se a três e não seis trocas de peças ao longo dos seis meses. A companhia entendia que era um fato digno de nota, pois não são autores populares, que encontrariam dificuldade de ser encenados diante da lógica do teatro comercial, mas que demonstraram vivacidade, com grande sucesso de público e crítica⁷³⁰.

Uma carta publicada por Antônio Maria em sua *Mesa de Pista* relata grande sucesso da peça em São Paulo⁷³¹. Alguns dias depois, na mesma coluna, lia-se:

‘Huis Clos’, de Sartre, está com um êxito tão grande no Santa que somente na próxima quarta-feira será encenada a peça ‘Um Deus Dormiu lá em Casa’. A opinião geral é a de que Tônia Carrero, Paulo Autran e Margarida Rey, com seu trabalho em ‘Huis Clos’, marcaram época na história do teatro em São Paulo. E, evidentemente, Adolfo Celi se afirmou um diretor de garra excepcional.⁷³²

Tônia Carrero, aliás, é lembrada pelo cronista Antonio Maria, em uma de suas *Mesa de Pista*. Faz memória das relações dele com a Bahia e a culinária local. A certa altura, lembra-se de um lugar em que ele levava todos os seus convidados nas incursões por Salvador, um sobrado próximo ao Mercado Modelo, onde cozinhava Maria de São Pedro. “Um dia foi o Braga, com Tônia Carrero (naquele tempo, Mariinha) e Aníbal Machado. **Voltavam da Europa e traziam as primeiras notícias do existencialismo.** Contavam de Sartre, como ele era, onde parava, quem o seguia. Anísio Teixeira ouvia e comentava com acolhimento”⁷³³. Infelizmente, o texto não situa em que ano a história ocorreu, mas registra uma circulação inicial das ideias do pensador que, imagino, remetam ao fim dos anos 1940.

A companhia remontou o espetáculo no Rio de Janeiro no final de 1959, no Teatro Mesbla⁷³⁴. A curta temporada ocorreu entre 10 e 29 de novembro⁷³⁵. A publicação de um quadro com as peças em cartaz, novidade introduzida pela editoração de Zora Seljan na *Coluna de Teatro*, permite saber que, dessa vez, a peça foi censurada, só habilitada para maiores de 18

⁷²⁸ GLOBETROTTER, 12/09/1956, p. 1.

⁷²⁹ O GLOBO NOS TEATROS, 25/09/1956, p. 15.

⁷³⁰ O GLOBO NOS TEATROS, 29/09/1956, p. 3.

⁷³¹ MESA DE PISTA, 07/12/1956, p. 2.

⁷³² MESA DE PISTA, 18/12/1956, p. 2.

⁷³³ MESA DE PISTA, 04/06/1958, p. 6. Grifos meus.

⁷³⁴ AVISO!, 30/10/1959, p. 8; AVISO!, 31/10/1959, p. 6; AVISO!, 03/11/1959, p. 12.

⁷³⁵ “ENTRE QUATRO PAREDES”, 04/11/1959, p. 8.

anos. No mesmo dia em que tal quadro é publicado, lê-se a crítica de um leitor, Luis Castilho de Andrade: “Escolhi esta peça porque a achei ótima lendo-a em livro e gostaria imensamente de vê-la representada por um elenco formidável como é o da C.T.C.A.”⁷³⁶.

A coluna de Seljan passou também a realizar uma “Pesquisa de Teatro”: um formulário a cada coluna para que o leitor preenchesse, recortasse e enviasse ao jornal. Neste, pergunta-se: “Qual a peça a que você deseja assistir? [...] Por que escolheu esta peça?”. *Entre quatro paredes* foi a terceira peça com mais respostas no levantamento, ficando atrás de *Eles não usam Black-tie* e *Tia Mama*⁷³⁷. Três dias depois, outro trecho de uma das respostas do leitor, como aquele que lemos logo acima, foi publicado. A opinião do leitor Ronaldo Martin Dereigard, dizia: “[quero ver a peça *Entre Quatro Paredes*] porque sou grande admirador da arte de Tônia Carrero”⁷³⁸. Nem só do nome do autor vive o espetáculo, mas também de um elenco afinado que consiga encarnar o drama representado.

Sartre ocupa a quase integralidade da *Coluna de Teatro* de 25 de novembro de 1959⁷³⁹. Seljan escreve uma crítica da peça encenada pela CTCA. Seu texto também analisa o roteiro de Sartre. Em seguida, publica um relato de Renato Bittencourt sobre a estreia de *Os Sequestrados de Altona* em Paris – que será apresentado adiante. Em sua crítica, Seljan começa afirmando o desafio que é a convivência humana, dizendo que mesmo “Cristo incentivou o homem a conhecer-se partindo da descoberta do ‘outro’”. E passa a uma análise das ideias de Sartre presentes em *O Ser e Nada* (SARTRE, 2007), partindo do livro *A filosofia atual*, de J. M. Bochenski. A interpretação de Seljan dessa filosofia, a partir da fonte utilizada, é que ela

(...) leva o homem a odiar o mundo, a detestar-se e a almejar a morte como libertação para a angústia atual. [...]

Essas ideias paranoicas em outras épocas desapareceriam como todas as coisas estéreis. Hoje, infelizmente, podem abrir as portas da ‘esquina perigosa’. Conduzem ao genocídio, e denunciá-las, contrapondo-lhes a paixão de Cristo, é zelar pela vida. A filosofia de Sartre, encontrando no teatro um excelente meio de propaganda, tornou-se virulenta. ‘O inferno são os outros’ é a mensagem de ‘Entre quatro paredes’ (‘Huis-clos’), peça de Jean-Paul Sartre, que, em tradução de Guilherme de Almeida, está sendo reprisada pela Companhia Tônia-Celi-Autran. Magnificamente tramada, desenvolvida e bem escrita, ‘Entre quatro paredes’ representa um ponto de ouro na dramaturgia contemporânea. O desempenho é extraordinário. Três grandes intérpretes prendem a atenção da plateia, emocionam, fazem com que se participe do seu Inferno, se desespere, se odeie o vizinho do lado. E quando a cortina fecha, como feras recém-humanizadas, os espectadores vão aos poucos se recompondo. Cada um veio acompanhado. Nas fisionomias conhecidas os traços simpáticos reaparecem. E então temos vergonha de nós mesmos, **vergonha de termos nos deixado levar por aquele**

⁷³⁶ COLUNA DE TEATRO, 14/11/1959, p. 8. Um elemento que me chamou a atenção é a separação existente no referido quadro de espetáculos em cartaz: há um para o que se chama “Cartazes” e outro para “Revistas em Cartaz”, indicando uma separação entre o teatro “sério” e o teatro de revista.

⁷³⁷ COLUNA DE TEATRO, 18/11/1959, p. 6.

⁷³⁸ COLUNA DE TEATRO, 21/11/1959, p. 7.

⁷³⁹ p. 8.

ódio, vergonha das palavras ignóbeis que acabamos de ouvir com volúpia. Dentro de nós, alguma coisa grita: o rei está nu. Mas dizer-se que o teatro de Sartre é um teatro sem fé, sem sabedoria, sem amigos, sem família, sem rumo na vida, é arriscar-se à taxa da imbecilidade ou da ignorância. As pessoas tímidas se calam e desconfiam dos próprios juízos. Habitamos um tempo decisivo, é preciso repetir. Habitamos um tempo-chave. [...] Como é fácil culpar o vizinho, como é fácil atribuir aos outros a causa de nossas angústias, como é fácil desejar a morte dos importunos pra [sic] que nosso espaço cresça. A filosofia de Sartre cai em terra propícia. [...] Amanhã estaremos aplaudindo o lançamento de bombas atômicas em populações indefesas porque ‘o inferno são os outros’. Eis então a nossa responsabilidade no setor teatral, a da cronista e a vossa, artistas, empresários e diretores. Para onde estamos levando o público? [...] é preciso que cada homem acredite em si, ame seu semelhante, valorize a vida que lhe foi dado viver, que haja respeito, piedade, sentimento de justiça. E o teatro, que está fazendo o teatro? Qual é a missão do teatro num tempo assim perigoso? É propagar a vida ou o desespero?⁷⁴⁰

As discussões em torno das relações com o outro, presentes em *O Ser e o Nada*, já foram brevemente apresentadas no capítulo anterior, quando iniciamos as discussões sobre Antonio Olinto como leitor de Sartre. Assim, o que se torna relevante aqui é a possibilidade de percebermos como a deturpação da frase “O inferno são os outros” está presente também a partir da própria encenação do roteiro. A interpretação deste como sendo a defesa da ignomínia humana e da impossibilidade de relação, tantas vezes efetivada e apresentada no jornal, é possível a partir da própria leitura ou da fruição da encenação e não simplesmente de um falar “a partir de ouvir dizer”. Penso que é relevante evidenciar isso: Sartre nem sempre deixou de ser lido, as opiniões nem sempre são infundadas, mas se dão por uma possibilidade sempre aberta na relação entre leitor e obra, apontada pelo próprio Sartre como um dos elementos centrais na experiência literária (SARTRE, 2010).

Seljan reitera sua visão de que o pensamento de Sartre é pessimista e serve como propulsor do pior do humano em outra oportunidade. A peça *A lógica de Mister Ego*, com texto, direção, produção e atuação no papel título a cargo do ator Jece Valadão, buscou construir uma adaptação da filosofia espírita de Ramatis para o teatro. Para a colunista, havia no espetáculo traços similares ao de Sartre, com a diferença de que Valadão tentou construir texto mais espiritualista e amoroso do que a “filosofia negativa de ‘Entre Quatro Paredes’”. Porém, reconhece Seljan, Valadão falhou, pois, em comparação, mesmo que discorde do conteúdo da peça de Sartre, “esta é uma obra-prima e a outra, um exercício mal acabado”⁷⁴¹.

Depois de passar pelo Rio e, novamente, por São Paulo, a CTCA partiu em excursão pelo interior do estado de São Paulo com a peça⁷⁴². Passaram por Taubaté, Santos, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, São Carlos, Araraquara, Limeira, Americana, Piracicaba e

⁷⁴⁰ COLUNA DE TEATRO, 25/11/1959, p. 8. Grifos meus.

⁷⁴¹ COLUNA DE TEATRO, 15/08/1960, p. 8.

⁷⁴² COLUNA DE TEATRO, 08/12/1959, p. 12.

Campinas, encenando Sartre, Gheon e Verneil⁷⁴³. Houve também novas récitas durante cinco dias em Santos⁷⁴⁴, em função da realização do I Festival de Teatro Brasileiro naquela cidade⁷⁴⁵. Nesta mesma ocasião, Seljan intui que “a peça não deixará de suscitar polêmicas, ainda mais quando se anuncia a vinda de Sartre ao Brasil. Acusado por católicos e comunistas de negar a realidade e seriedade da ação humana e abalado em suas convicções outrora intransigentes, aí vem Sartre.” Aliás, a chegada do filósofo ao país provoca um aumento do interesse do público pela representação de *Entre quatro paredes* e a CTCA retoma as encenações em São Paulo⁷⁴⁶.

Embora com encenação longeva, não foi apenas a CTCA que levou *Entre quatro paredes* aos palcos no período pesquisado. O grupo do Teatro Guaíra, de Curitiba, fez uma montagem com grande sucesso em 1961, excursionando pelo interior do Paraná e fazendo récitas também no Rio Grande do Sul⁷⁴⁷. Também no Paraná surge uma nova montagem, agora pelo Teatro de Estudantes, em 1962, que se apresentou no IV Festival de Teatro de Estudantes, realizado em Porto Alegre por iniciativa de Pascoal Carlos Magno⁷⁴⁸. Por fim, o roteiro volta a ser encenado em 1968 por esse mesmo grupo de amadores no I Festival Nacional do Teatro Amador, no Clube Ginástico Português do Rio de Janeiro⁷⁴⁹. Novamente aqui pode-se afirmar a relevância da cena amadora para a capilarização do teatro no país, no que se inclui a popularização dos roteiros de Sartre.

3.2.8 Os sequestrados de Altona

Em outubro de 1958, noticia-se que “Jean-Paul Sartre, que não cessa de combater o atual governo do General De Gaulle, termina a sua última peça de teatro, ainda sem título, e que será levada à cena em Roma, por um elenco italiano”⁷⁵⁰. Talvez seja ainda sobre este espetáculo de que fala uma reportagem de Renato Bittencourt em julho do ano seguinte:

O PAPA DO EXISTENCIALISMO - Jean-Paul Sartre, que anda um tanto esquecido, prepara uma nova peça de teatro para a ‘rentrée’, em setembro. Pouco se sabe sobre ela: trata de amor e, naturalmente, de política. Os atores ensaiam sem noção do conjunto, ignorando o epílogo, envolto em mistério.⁷⁵¹

⁷⁴³ COLUNA DE TEATRO, 29/03/1960, p. 14.

⁷⁴⁴ COLUNA DE TEATRO, 05/07/1960, p. 10.

⁷⁴⁵ COLUNA DE TEATRO, 15/07/1960, p. 8.

⁷⁴⁶ COLUNA DE TEATRO, 19/07/1960, p. 6.

⁷⁴⁷ COLUNA DE TEATRO, 09/05/1961, p. 10.

⁷⁴⁸ COLUNA DE TEATRO, 26/01/1962, p. 13.

⁷⁴⁹ FESTIVAL DE TEATRO TERÁ UM MÊS DE APRESENTAÇÕES, 26/10/1968, p. 13.

⁷⁵⁰ O GLOBO NOS TEATROS, 02/10/1958, p. 3.

⁷⁵¹ UM “BALLET” NORTE-AMERICANO E PICASSO..., 28/07/1959, p. 1.

A *rentrée* é a retomada da temporada teatral em Paris. Assim, o projeto de uma encenação que iniciaria em Roma não vingou. Não há uma confirmação direta de que a peça comentada nessas duas ocasiões é *Os Sequestrados de Altona*, mas o fato de que, em setembro de 1959, é essa a peça que estreia em Paris faz crer que, sim, é este espetáculo que Doria e Bittencourt antecipam em suas colunas. Aliás, quem faz o primeiro relato sobre a expectativa em torno dessa estreia é este mesmo correspondente.

O repórter começa dizendo que “A peça de teatro guardada com maior cuidado nesta temporada em Paris: ‘Les Séquestrés d’Altona’, de Jean-Paul Sartre. Inicialmente tinha mais de 5 horas de duração; o autor conseguiu reduzi-la a 4 horas e 55 minutos.” De acordo com relato de Sartre, afirma Bittencourt, o espetáculo é sobre a ambiguidade, já que nada mais é simples no mundo contemporâneo, e caracteriza a peça como uma espécie de *Entre quatro paredes* com cinco personagens. Para o colunista, a peça deve ser explosiva, em consonância com o histórico de Sartre, havendo “mesmo alusões à guerra da Argélia”. Por fim, informa aos leitores que, além do espetáculo, Sartre já tem pronto um novo livro, “um ensaio filosófico, ‘Crítica da Razão Dialética’, e prepara a redação de suas memórias”⁷⁵².

Na *Coluna de Teatro* de 25 de novembro de 1959, como já informado, lê-se dois textos sobre a dramaturgia de Sartre: o primeiro, da própria colunista, avalia *Entre quatro paredes*. O segundo é de autoria de Renato Bittencourt e conta sobre a recepção de *Os Sequestrados de Altona* em Paris. Segundo ele, a peça “foi violentamente atacada pelo crítico de ‘Le Figaro’, Jean-Jacques Gautier, que conclui o seu requisitório dizendo: ‘Sou por um teatro que se compreende’”. Curiosamente, Mauriac, opositor de Sartre, defende a peça, afirmando que ele era favorável aos “críticos que compreendem”.

Bittencourt afirma que a montagem vinha sendo considerada a mais importante do ano e que mesmo a longa duração não afastou o público. A obra oprime tal qual *Entre quatro paredes*, já que nos coloca diante do ambiente enclausurado dos cinco protagonistas. Além dessa semelhança, indica outra: a importância e as dificuldades da relação com o outro, também tematizados. Afinal, “Sartre tem o dom de expressar de forma dramática e persuasiva as frias abstrações da teoria. Sua linguagem é incisiva.”⁷⁵³

A primeira notícia de uma tradução do espetáculo para o Brasil é publicada em 10 de fevereiro de 1961, na *Coluna de Teatro*⁷⁵⁴. Segundo Seljan, “Jorge Amado, na Bahia, traduz a parte final de ‘Les Séquestrés d’Altona’, de Jean-Paul Sartre, para a Companhia Maria

⁷⁵² INTENSA EXPECTATIVA POR UMA PEÇA DE SARTRE, 16/09/1959, p. 1.

⁷⁵³ COLUNA DE TEATRO, 25/11/1959, p. 8.

⁷⁵⁴ p. 7.

Fernanda, que espera lançar a peça no Rio em março próximo”. A colunista lembra que o roteiro obteve grande sucesso em Paris. No fim de março, porém, lê-se que o espetáculo fora adiado para o segundo semestre, quando contaria com a participação de Sérgio Cardoso⁷⁵⁵. Contudo, considerando que a próxima notícia sobre a peça é de fevereiro de 1962, informando que ela estreara na Tchecoslováquia, pode-se depreender que a montagem não foi adiante⁷⁵⁶.

O texto, afinal, estreia no país em 1962, no Teatro Maison de France, mas no original em francês, pela companhia *Les Comédiens de L’Orangerie*⁷⁵⁷. Em português, novamente houve previsão de encenação de *Os condenados de Altona*, anunciado assim, como nome traduzido, no Teatro Gil Vicente, em São Paulo. A peça seria dirigida por Sérgio Cardoso⁷⁵⁸, mas também não houve confirmações posteriores quanto a haver estreado. A *Enciclopédia Itaú Cultural*, normalmente boa fonte para consulta de histórico de espetáculos teatrais de grupos importantes da cena brasileira, não indica nenhuma montagem do texto no Brasil.

Pensando em uma possível encenação periférica, decidi buscar em todo o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, entre os anos de 1960 e 2019 (ano limite da ferramenta), utilizando os termos “Condenados de Altona” e “Sequestrados de Altona”. Aquele aparece, em todas as décadas e em diferentes anos, mas em referência ao filme de Vittorio de Sica, já comentado; este, em 1973, sobre a encenação da peça por uma companhia italiana no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em italiano⁷⁵⁹. Assim, é possível afirmar que não há registros de uma encenação dessa peça de Sartre no Brasil em português.

3.2.9 As troianas

A adaptação do pensador para o texto clássico de Eurípedes é anunciada pela primeira vez em março de 1965, informando que seria levada ao palco do Teatro Nacional Popular de Paris⁷⁶⁰. O sucesso na capital francesa atraiu mais de dois mil e quinhentos espectadores. Aos diálogos de Eurípedes “Sartre emprestou o máximo de poesia e realismo, dando vida e beleza aos momentos mais difíceis”, o que contribuiu para o sucesso⁷⁶¹. Este, de tão grandioso, fez com que o espetáculo retornasse para a temporada parisiense de 1966⁷⁶².

⁷⁵⁵ COLUNA DE TEATRO, 29/03/1961, p. 8.

⁷⁵⁶ COLUNA DE TEATRO, 01/02/1962, p. 13.

⁷⁵⁷ COLUNA DE TEATRO, 07/05/1962, p. 7.

⁷⁵⁸ TEATRO, 25/03/1965, p. 9.

⁷⁵⁹ UMA SEMANA INTERNACIONAL, Jornal do Brasil, 01/07/1973, p. 9.

⁷⁶⁰ COLUNA DE TEATRO, 08/03/1965, p. 10.

⁷⁶¹ UMA VELHA TRAGÉDIA É SUCESSO EM PARIS, 01/04/1965, p. 7.

⁷⁶² TEATRO, 03/05/1966, p. 8.

Neste mesmo ano, a peça chega também o Rio de Janeiro, tanto em livro, publicado pela Difel, quanto como encenação. Paulo Afonso Grisolli, que havia dirigido *Mortos sem sepultura* para o Teatro de Repertório, estava ensaiando a peça para a reabertura do Teatro Gláucio Gil, em Copacabana. A produção era da veterana atriz Maria Fernanda⁷⁶³, que quis encenar *Os Sequestrados de Altona* com tradução de Jorge Amado. A estreia ocorreria em 20 de outubro⁷⁶⁴, mas foi adiada para 28 de outubro, sem explicação⁷⁶⁵. Maria Fernanda fala a Olinto que pretendia convidar um escritor para falar sobre Sartre e sua trajetória na estreia do espetáculo⁷⁶⁶. Hélio Eichenbauer ficou a cargo de figurinos e cenário⁷⁶⁷.

Em meio ao burburinho sobre a estreia, uma polêmica em torno do texto ocorria em Paris: para acadêmicos estudiosos de Grécia Antiga, a adaptação de Sartre descaracterizava o texto. Para o crítico Martim Gonçalves, porém,

Das transposições e equivalências inventadas por Sartre, assim como dos movimentos criados por Cacoyannis, senti ainda melhor aqui a sua necessidade e as suas verdadeiras qualidades. [...] Algumas palavras trocadas com um bom mestre “pétri d’hellenisme” [engessados pelo helenismo] bastaram para me esclarecer e confirmar as minhas ideias. Pretendendo que a nossa civilização é a herdeira direta da Grécia, podendo [sic] recitar com orgulho sem linhas de cor, na verdade eles não acreditam nada desses gregos tão queridos. Nós, leitores de Eurípedes, espectadores dessas “Troyennes”, nós os sentimos e os conhecemos melhor que eles. Pois eles acreditam que Eurípedes morreu e o mantém em conserva. [...] As “Troyennes” de Eurípedes, Sartre e Cacoyannis reabrem todas as portas. Não conhecemos bem o grego e o público do TNP pode também – isso acontece –, não saborear gramaticalmente o texto, mas estou certo que compreendemos Eurípedes, porque Eurípedes fala a nossa língua.⁷⁶⁸

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, Maria Fernanda e Paulo Afonso Grisolli conversaram com o mesmo Martim Gonçalves sobre a estreia. Fernanda ressalta os mesmos elementos que o crítico apontou sobre a encenação de Paris: a peça a atraiu pela experiência de ser um texto clássico modernizado e pela oportunidade de encenar um Sartre, que traz temas importantes, como o da responsabilidade e “transferências” (sic), para a peça. Para Grisolli, Sartre consegue inserir no texto reflexões pertinentes sobre as guerras da Argélia e do Vietnã, o que confere à obra uma projeção atual, chamando o homem à responsabilidade diante de atos fatais. O texto teria força para fazer refletir sobre “todo acontecimento em que existem opressores e oprimidos e injustiças contra os derrotados”⁷⁶⁹.

⁷⁶³ TEATRO, 05/10/1966, p. 6.

⁷⁶⁴ TEATRO, 12/10/1966, p. 6.

⁷⁶⁵ STAGE DOOR, 13/10/1966, p. 9.

⁷⁶⁶ PORTA DE LIVRARIA, 17/10/1966, p. 3.

⁷⁶⁷ BAZAR, 26/10/1966, p. 2.

⁷⁶⁸ TEATRO, 11/10/1966, p. 6.

⁷⁶⁹ TEATRO, 21/10/1966, p. 8.

Não evidenciam o quanto poderia ser interessante, para um Brasil imerso em uma ditadura civil-militar e, em 1966, já mais ciente de que o Golpe não garantiria o devido processo eleitoral, como ficou patente pelo AI-2 no ano anterior. Pensaram nisso quando escolheram o texto? Não encontro meios de sabê-lo, mas imagino as possibilidades de interpretação pela plateia de um texto que é, sobretudo, sobre mulheres que resistem à invasão dos espartanos.

Martim Gonçalves, a seu turno, faz uma coluna falando sobre a dificuldade que é traduzir e adaptar um clássico tão antigo quanto *As Troianas*, tanto por questões do risco de se perder a força poética do texto quanto pela ausência de diálogo com o contemporâneo. “(...) para traduzir uma obra, como é o caso de uma tragédia grega, é preciso que o tradutor tenha as necessárias possibilidades de refunda-la na outra língua”. Será que isso ocorre com a adaptação de Sartre representada no Rio de Janeiro⁷⁷⁰? Afinal, “(...) o problema [com esta montagem] é este: como vai reagir o espectador carioca de 1966 diante de uma tragédia grega de Eurípedes?”. Gonçalves é da opinião de que Sartre fez uma boa adaptação para a plateia francesa e que a ira das personagens contra os deuses e os homens deve ter agradado o filósofo. Encerra o texto dizendo que há um movimento válido de reavivamento dos clássicos, deixando em aberto a tensão sobre a possível boa recepção dos cariocas à encenação⁷⁷¹. No dia seguinte, Gonçalves publica sua resposta: a crítica do espetáculo.

Primeiro, uma falha grave de Maria Fernanda, “uma empresária tão conscienciosa do bom teatro”, aceitou não fazer nenhuma menção a Eurípedes no cartaz da peça, citando apenas Sartre. “Isso corresponde a certa mania dos pequenos e inexperientes negociantes do teatro, que pretendem, assim, capitalizar a intenção de certo gênero de público. Particularmente, acho que perdem o tempo. A esquerda festiva gosta mesmo é de samba”⁷⁷². Diante da questão sobre a atualidade do texto, Gonçalves diz que Grisolli não se contentou apenas com a adaptação de Sartre e optou por “adaptar o adaptador”, tentando criar mais elementos de contato com a plateia brasileira: “Depois de tanta conversa sobre aproximação e adaptação, ficamos realmente estupefatos com a distanciação. Foi-se todo o trabalho do pobre Sartre. E apesar de todos os ditos de Grisolli, o tom geral é o da mais convencional declamação [...] tom de quem está sempre ‘dizendo poesia’”⁷⁷³.

⁷⁷⁰ Não há registros que apontem para o tradutor do roteiro utilizado pela companhia. Pode ter sido utilizada a mesma tradução lançada pelo Difel também em 1966, apresentada no capítulo anterior, mas também é possível que o grupo tenha estabelecido um texto próprio.

⁷⁷¹ TEATRO, 08/11/1966, p. 6.

⁷⁷² TEATRO, 09/11/1966, p. 8.

⁷⁷³ TEATRO, 09/11/1966, p. 8.

Os únicos elementos elogiados são figurino e cenografia de Eichenbauer⁷⁷⁴. Arremata a crítica negativa do espetáculo com a afirmação de que “se as intenções foram boas, o resultado foi praticamente nulo”⁷⁷⁵. Entretanto, ao fim do mês, há um registro do próprio Gonçalves indicando que a peça vinha atraindo grande público e ficaria em cartaz até o fim de dezembro⁷⁷⁶. Sobre a lotação, não há dados, mas, de fato, há anúncios do espetáculo publicados até 11 de janeiro de 1967, o que indica uma longevidade ainda maior⁷⁷⁷.

Uma retrospectiva da cena teatral do ano de 1966, por outro lado, indica que, apesar da longevidade, a montagem “não atingiu as suas [de Maria Fernanda] pretensões nem deu à atriz-empresária o sucesso que ela esperava”, o que talvez se explicasse pelo alto preço dos ingressos praticados na temporada de 1966 na cidade, o que acaba por afastar o público⁷⁷⁸.

Depois do referido cartaz de 11 de janeiro de 1967, nada mais se publicou sobre o espetáculo de Maria Fernanda. Mas a trajetória da adaptação de Sartre para Eurípedes não estava encerrada. O grupo amador de teatro da Moderna Associação Brasileira de Ensino (MABE), na Rua do Riachuelo, no Centro do Rio de Janeiro, fez uma nova montagem, sob direção de Carlos Nobre. Estreou em 05 de outubro de 1968 com um tímido anúncio no jornal e sem nenhuma nota que lhe desse atenção⁷⁷⁹. Só no dia 15 de novembro a montagem ganha atenção da coluna *Rio Norte-Sul*, de Ruy Porto, que diz que o “excelente grupo de teatro” da MABE estava apresentando uma encenação da peça adaptada por Sartre e que se trata de “um trabalho esplêndido e que merece uma boa plateia”⁷⁸⁰.

A companhia de amadores vai participar do V Festival de Teatro Amador de Nova Friburgo com a peça. Nesta ocasião, há indicação no jornal de que a tradução para o português ficou à cargo de Ronaldo Roque Silva, ou seja, foi utilizada a versão publicada em livro pela Difel em 1966⁷⁸¹. É ainda em torno desse festival amador que se dá a última aparição de uma referência à peça em *O Globo*⁷⁸².

Este elemento, junto com todos os demais que compuseram esse espaço de reflexão sobre o teatro de Sartre no Brasil no período pesquisado, compõem um panorama que permite

⁷⁷⁴ No ano seguinte, lembrando-se da colaboração deste em *As troianas*, Gonçalves faz referência a Eichenbauer, desta vez por seu trabalho elogiadíssimo com figurinos e cenografia de *O Rei da Vela*, do Teatro Oficina (TEATRO, 30/10/1967, p. 10). Esta encenação se tornou marco das produções do grupo e da dramaturgia nacional.

⁷⁷⁵ TEATRO, 09/11/1966, p. 8.

⁷⁷⁶ TEATRO, 25/11/1966, p. 6.

⁷⁷⁷ CARTAZ TEATRAL, 11/01/1967, p. 8.

⁷⁷⁸ PANORAMA 66, 02/01/1967, p. 6.

⁷⁷⁹ TEATRO DA MABE, 05/10/1968, p. 4.

⁷⁸⁰ RIO NORTE-SUL, 15/11/1968, p. 5.

⁷⁸¹ FRIBURGO, 04/12/1969, p. 7.

⁷⁸² ENCERRADO O FESTIVAL DE NOVA FRIBURGO, 09/12/1969, p. 4.

afirmar a relevância do teatro amador para a circulação dos roteiros de Sartre. Claro que seria leviano dizer que devemos aos amadores uma mais ampla divulgação do pensamento de Sartre no país, o que seria afirmar que tais encenações funcionariam como que *pièces de résistance*⁷⁸³, fazendo brilhar as propostas de Sartre em lugares diversos. Mas acho interessante considerar que, talvez, isso aponte para a experiência que Sartre, na entrevista para Beauvoir (1982), gostaria para seus textos: de um teatro que fosse realmente popular, indo mais próximo de quem deveria assisti-lo, saindo dos círculos burgueses. Penso isso porque eu mesmo fui fisgado pelo teatro amador quando era mais novo. Conheci muitas coisas, Nelson Rodrigues dentre elas, em função de um pequeno grupo que encenava peças na minha cidade, Sapucaia, no interior fluminense. Quem foram as pessoas afetadas por encenações populares, locais, periféricas, do teatro de Sartre no Brasil dos anos 1955-69? Esta pesquisa não consegue responder essa pergunta, mas pode afirmar que ela faz sentido.

⁷⁸³ Termo francês normalmente utilizado para falar da parte resistente de um produto. É também comumente utilizada em referência a um elemento de criação que desafia os valores ortodoxos.

DIGESTIVO: CONSIDERAÇÕES PARA O FIM DO BANQUETE

Olhar para o que se fez com Sartre no Brasil de outrora foi um desafio. Segue sendo, uma vez que a empreitada não termina aqui. Muitos pratos ficaram inacabados: olhar para as relações de Sartre com a questão judaica, indício presente na pesquisa, mas deixado para outra ocasião; a recepção do pensamento de Beauvoir no Brasil; as reverberações do Tribunal Russel, julgando simbolicamente os Estados Unidos pelos crimes na Guerra do Vietnã e sendo presidido por Sartre. Dentre outros, estes são pratos que optei por não servir e que apontam para as muitas possibilidades de organizar o jantar de outra maneira. Cada menu abre uma infinidade de escolhas. Para esta ocasião, montei a ceia como a seguimos.

Realizar essa pesquisa foi também lidar com pratos requentados: a *moda existencialista*, que tentei deixar de fora porque já servido em minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2015), mas que sempre se insinua; as opiniões apressadas e mal fundamentadas sobre a filosofia de Sartre; as críticas a partir de frases retiradas de seu contexto, como “O inferno são os outros”, para citar alguns exemplos, são uma espécie de prato requentado no micro-ondas de uma redação de jornal.

Mas também foi possível encontrar novos itens no menu: Sartre pretendo defensor da liberdade liberal; Sartre arrependido pelo alinhamento com os soviéticos, servindo para encampar a pauta do terror comunista; Sartre negando prêmios com a única finalidade de se autopromover; muitos *sartres* no palco, alguns nas telas...

Entretanto, qual é o sentido de olharmos para todos esses *sartres*? Vejamos as sobremesas e os licores que encerram essas narrativas.

Sobremesa 1: Em *O Globo* de 24 de setembro de 2020, lemos que: “Juliette Gréco iniciou a carreira de cantora nos cafés de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em 1946, estava entre os fundadores do cabaré Le Tabou, um famoso reduto de existencialistas franceses, frequentado por figuras como **o filósofo e romancista Jean-Paul Sartre (...)**”⁷⁸⁴. A “musa existencialista” havia falecido no dia anterior. O existencialismo foi um termo maior do que sua carreira e algumas tentativas de se desvincular desta imagem não surtiram efeito, como permite afirmar a reportagem.

Sobremesa 2: Já no dia 26 de novembro de 2020, na eliminação de uma das participantes no reality show da TV Record, *A Fazenda*, o apresentador Marcos Mion disse: “Chegar até aqui é a prova que vocês entenderam uma das mais importantes lições da vida: que todos somos

⁷⁸⁴ MUSA DO EXISTENCIALISMO..., 24/09/2020, p. 11.

iguais. Isso sem deixar de levar em consideração o que **Jean-Paul Sartre uma vez ponderou: ‘O Inferno são os outros’**”.

Sobremesa 3: Ou ainda, no periódico *Gazeta do Sul* se pôde ler a notícia sobre um autor, formado em filosofia, pós-graduando em teologia, em Psicologia Existencial Humanista e Fenomenológica e Antropologia, que lançou um livro chamado *A soberania do destino*, em novembro de 2020. Uma das ideias que defende é que “**O existencialismo**, o niilismo, o ateísmo, o racionalismo cientificista, o subjetivismo e o relativismo são **responsáveis pelo adoecimento da alma do homem moderno**, [...] uma das causas da crise de desespero que assola o mundo moderno.”⁷⁸⁵.

Licor amargo: Em um mesmo diapasão, uma figura mais ilustre, o atual ministro da educação do governo Bolsonaro, Milton Ribeiro⁷⁸⁶, “afirmou, em 2018, que as universidades incentivam sexo ‘totalmente sem limites’ **por meio do pensamento existencialista**” (UNIVERSIDADES INCENTIVAM..., 2020). “Deus me livre, quem me dera”, responde uma piada que circula pelas redes sociais. Mas, infelizmente, talvez já não nos espantemos ao ler essas coisas, uma vez que são ideias mais facilmente encontráveis desde as mudanças dos rumos políticos do Brasil a partir de 2013. No momento em que escrevo estas considerações finais, o presidente se contrapõe ao uso de vacinas contra o novo coronavírus dizendo, por exemplo, que se uma pessoa se tornar um jacaré depois de tomá-la, os laboratórios não irão se responsabilizar.

Sartre ser tomado, em pleno 2020, pela moda existencialista, como responsável pelos problemas da alma humana contemporânea ou como incentivador do sexo livre, talvez não seja de se espantar. São usos que, como vimos, se repetem desde o início da popularização de suas obras e de suas ideias. Estavam presentes na conversa que tive com o colega motorista do DEGASE e na fala do interlocutor de minha amiga na palestra da EMERJ ao dizer que Sartre é um Nada. Por outro lado, ser citado em um *reality show* pode ser um indício de que Sartre ainda é *pop*, efeito duradouro de suas “frases de *Facebook*”. Sua obra, como a de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros, é cheia de frases que, descontextualizadas, povoam os perfis de *coachs* e *digital influencers*.

Diante desses usos e dos rumos tomados por nosso país nos últimos anos, retomo a afirmação de que escrever essa tese foi um imenso e, por vezes, doloroso desafio. Ler as reportagens encontradas ao mesmo tempo em que os jornais do dia estampavam estratégias retóricas similares, por exemplo, sobre o “perigo vermelho”, “kits gays” e que tais, era angustiante. Tantas vezes adiei o trabalho para um dia posterior, que demorava a chegar. Fazia

⁷⁸⁵ LIVRO DE ESCRITOR CACHOEIRENSE..., *Gazeta do Sul*, 13/11/2020. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8fvo9gh>>. Acesso em 21/12/2020. Grifos meus.

⁷⁸⁶ Escrevo esse texto em dezembro de 2020.

com que eu me lembrasse o tempo todo de que a história tem permanências e que lidar com estas pode ser angustiante. Comentando a ideia que Marx usa para introduzir o seu *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* de que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda, como farsa, Herbert Marcuse considera que: “os ‘fatos e personagens da história mundial’ que ocorrem, ‘por assim dizer, duas vezes’, na segunda vez, não ocorrem mais como ‘farsa’. Ou melhor: **a farsa é mais terrível do que a tragédia à qual ela segue**” (MARX, 2011, p. 9. Grifos meus). Foi em estado da dor e urgência de lidar com a “a farsa mais terrível do que a tragédia” que escrevi esta tese.

Alguns elementos ficaram evidenciados pela pesquisa. Primeiramente, Sartre foi utilizado ao sabor das intempéries: estrategicamente, era tomado por um ou outro lado do espectro político. Ou era usado de modos distintos por um mesmo lado, fazendo comprovar o argumento que se queria. Múltiplos *sartres* coexistiram no mundo político brasileiro, cada um com um propósito.

Em seguida, vimos que as publicações do filósofo no país foram abundantes, porém, ainda há muito o que se publicar em português. O que se produz com a falta de acesso aos textos originais? Penso que a profusão de narrativas, ainda nos dias de hoje, como aquelas que acabamos de ler nessas considerações finais, é um dos sintomas disso. Ler Sartre pode ser uma via para se aproximar daquilo que o próprio autor quis dizer sem intermediários, embora saiba que isso não garanta leituras de qualidade.

Por fim, vimos que Sartre foi encenado diversas vezes e fora do eixo Rio-São Paulo. Há uma capilaridade maior do teatro do pensador do que conhecíamos. O teatro amador é uma vertente importante para a divulgação das peças do autor no país. Há, também, muitos textos não encenados no Brasil, alguns, pelo que pude constatar, até os dias de hoje, para além dos filmes que não chegaram a ter estreia nacional.

Respondendo a questões feita na Introdução, posso afirmar ao fim da pesquisa que, mesmo passada a agitação da *moda existencialista*, os usos deturpados do pensamento de Sartre seguiram presentes com ênfase. A suavização do impacto dessa moda não resultou, necessariamente, em opiniões fundamentadas nas próprias ideias de Sartre, como imaginei que aconteceria. E, principalmente, não encontrei nos indícios dos jornais muitos elementos que apontem para conexões mais próximas entre o pensamento de Sartre e os movimentos na cultura brasileira citados na Introdução.

O *Tropicalismo*, por exemplo, não foi um elemento citado em conexão com Sartre em nenhuma reportagem do periódico analisado, tampouco de *O Pasquim* ou *O Sol*. O Cinema Novo, cujos liames com o pensamento existencial parecem evidentes quando se assiste aos filmes, passa quase em branco. Quanto à literatura, não se mencionam movimentos literários

nacionais que poderiam ter tido alguma influência desta filosofia, apenas havendo acenos para um ou outro autor e obra. Assim, percebo que um elemento que tinha esperanças de que surgisse a partir da pesquisa, não se evidenciou nas fontes utilizadas: a influência da filosofia da existência de Sartre para movimentos na cultura brasileira emergiu, mas com menos ênfase do que supus. Segue como uma pesquisa a ser realizada a partir de outras fontes.

Outra janela que o trabalho deixa aberta é quanto ao estudo da recepção da filosofia de Simone de Beauvoir no país. Apresentada em *O Globo* corriqueiramente por uma lente machista, que a relega a um segundo plano, sempre caudatária de Sartre, é importante compreendermos os resultados atuais dessa recepção problemática. Em uma banca de conclusão de graduação no segundo semestre de 2020, algumas orientandas minhas foram cobradas por não terem mencionado Foucault ao falarem de heteronormatividade e feminismo. Usaram Beauvoir como fundamentação do trabalho. *Segundo Sexo* é anterior ao *História da Sexualidade*, obra que é devedora das reflexões da filósofa, mesmo que Foucault não o assuma (KIRKPATRICK, 2020). Qual é o lugar que hoje Beauvoir ocupa no país? Quais lugares deveria ocupar, mas que lhe foram tomados pela lógica patriarcal presente também na produção acadêmica? Claro, não visio aqui negar a relevância dos trabalhos posteriores, mas apontar para uma invisibilização ainda hoje presente da filosofia de Beauvoir.

Outro aspecto importante que precisa ser endereçado é como a recepção de Sartre dialogou com as práticas psicológicas. Alguns poucos indícios de contato de Sartre com essa disciplina apareceram: questões de vestibular e a fala de uma estudante da graduação de Psicologia na PUC-Rio. Quais são os efeitos dessa apropriação problemática de seu pensamento para o fazer *psi* no Brasil? Uma das coisas que ouvi de uma professora durante minha graduação era que ser um psicólogo existencialista era bom porque permitia misturar elementos de diferentes abordagens, já que o cerne do fazer existencial era a liberdade. Não é sobre essa falta de rigor que Sartre fala quando discute, por exemplo, a psicanálise existencial ao fim de *O Ser e o Nada* ou o método progressivo-regressivo em *Questões do Método*. Embora, claro, ele não seja um psicoterapeuta, há ali uma proposta metodológica que requer estudo e rigor. Um rigor que, junto com vários colegas, seguimos perseguindo numa perspectiva de um caminhar com Sartre e não de um fazer que busca seguir exatamente aquilo que ele propunha, uma vez que o fazia a partir da filosofia.

Sobremesas indigestas? Sartre, afinal, é mesmo intragável? Seria possível degluti-lo, processá-lo pelos sucos gástricos, ou fica sempre uma sensação de empanzimento e incômodo? Tentei, aqui, não o comer cru, permitindo que pudéssemos cozinhá-lo em fogo brando para vermos os caldos e texturas que sobram. Que venham novos jantares!

REFERÊNCIAS

“LES APATRIDES’ E O UNIVERSAL”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 setembro 1967, caderno geral. p. 1.

“BREAKFAST” HERTZIANO É INDIGESTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 agosto 1960, caderno geral. p. 5.

“CAPITU” PEDE PASSAGEM SEM mulheres em piscina. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 setembro 1967, caderno geral. p. 11.

“EL JUSTICERO”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 dezembro 1967, caderno geral. p. 9.

“ENTRE A ARGÉLIA E BRIGITTE BARDOT prefiro falar na OPA”... **O globo**. Rio de Janeiro, 01 dezembro 1960, caderno geral. p. 12.

“ENTRE QUATRO PAREDES”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 novembro 1959, caderno geral. p. 8.

“LES FOLIE CULTURELLES”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 maio 1968, caderno geral. p. 10.

“LES TEMPS MODERNES” APREENDIDA EM PARIS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 janeiro 1958, caderno geral. p. 8.

“O GLOBO” NO PLANALTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 setembro 1960, caderno geral. p. 14.

“TABELINHA” DA BOA LEITURA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 julho 1962, caderno geral, p. 10.

“TROUXERAM” SARTRE AO BRASIL e “mataram-no” em Belém... **A Manhã**, 04 abril 1952. p. 3.

1960 - UM ANO DE GRANDES REALIZAÇÕES e também de luto e agitações no país. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 dezembro 1960, caderno geral. p. 12.

1964 FOI O ANO EM QUE SE PROCUROU preservar e prolongar a vida humana. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 janeiro 1965, caderno geral. p. 13.

1965 NO TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 janeiro 1966, caderno geral. p. 7.

24H FOI VIU E COMENTA. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 02 junho 1955, caderno geral. p. 8.

5 NOTÍCIAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 abril 1966, caderno geral. p. 10.

A ACADEMIA SUECA NÃO LEVA em conta a recusa de Sartre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 outubro 1964, caderno geral. p. 8.

A CIDADE EM FÉRIAS o que o turista vê... do romance à política. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 agosto 1960, caderno geral. p. 1.

A COEXISTÊNCIA PACÍFICA DAS IDEOLOGIAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1963, caderno geral. p. 16.

A COMISSÃO NOBEL NÃO RECEBEU recusa de Sartre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 outubro 1964, caderno geral. p. 15.

A CONSCIÊNCIA OU O AÇÚCAR cubano torturam Sartre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 setembro 1960, caderno geral. p. 1.

A COPENHAGUE DE KIERKEGAARD. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 janeiro 1966, caderno geral. p. 9.

A CRISE DE CONVERGÊNCIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 dezembro 1967, caderno geral. p. 1.

A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 janeiro 1960, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 setembro 1960, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1960, caderno geral. p. 2.

A EXPEDIÇÃO BRASILEIRA AO PASSEIO DOS INGLESES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 junho 1967, caderno geral. p. 7.

A FÉ NÃO É UMA IDEOLOGIA e o marxismo não é uma fé. Entrevista com Frei Betto. **Revista IHU Online**, abril 2012. Disponível em: < <https://tinyurl.com/ybwcueuv>>. Acesso em 22 maio 2020.

A IGREJA NÃO DESEJA SER DONA DO DESENVOLVIMENTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 fevereiro 1968, caderno geral. p. 17.

A INTELLIGENTZIA CONTEMPORÂNEA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 outubro 1961, caderno geral. p. 2.

A JUNTA BOLIVIANA ROMPEU com a esquerda nacionalista. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 janeiro 1965, caderno geral. p. 8.

A JUVENTUDE E OS NEGROS, TRUNFOS DE FIDEL CASTRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 fevereiro 1963, caderno geral. p. 1-2.

A PRAGA DO CAUDILHISMO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 julho 1962, caderno geral. p. 2.

A RECUSA DO PRÊMIO NOBEL POR SARTRE não surpreendeu os intelectuais brasileiros. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 outubro 1964, caderno geral. p. 14.

A SANGRENTA SINFONIA CUBANA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 maio 1961, caderno geral. p. 7.

À SOMBRA DAS CHUTEIRAS IMORTAIS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 junho 1962, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 agosto 1962, caderno geral. p. 18.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 agosto 1962, caderno geral. p. 16.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 dezembro 1962, caderno geral. p. 21.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 julho 1963, caderno geral. p. 16.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 agosto 1963, caderno geral. p. 21.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 janeiro 1964, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 julho 1964, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 julho 1964, caderno geral. p. 19.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1965, caderno geral. p. 23.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 maio 1966, caderno geral. p. 21.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 maio 1966, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 outubro 1966, caderno geral. p. 19.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 dezembro 1966, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 dezembro 1966, caderno geral. p. 13.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 dezembro 1967, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 outubro 1969, caderno geral. p. 20.

A ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO ainda não está morta... **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 setembro 1959, caderno geral. p. 1.

A ÚLTIMA MENSAGEM DE ALBERTO MORAVIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 julho 1965, caderno geral. p. 1.

A UNIVERSIDADE EM SUA ESTANTE com os grandes lançamentos de Zahar Editores. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 março 1966, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 março 1966, caderno geral. p. 2.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. **A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. 1968, o curto ano de todos os desejos. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**. n. 10, v. 2. São Paulo. 1998. p. 25-35.

ABREU, Alzira Alves de. **O Brasil de JK: imprensa**. s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Imprensa>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

_____. Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). In.: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

ALGUMAS CONTESTAÇÕES ao professor Roland Corbisier. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 março 1960, caderno O País. p. 6.

ALMADA, Sandra. **Abdias Nascimento**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Sartre no Brasil: expectativas e repercussões**. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. **Sartre e o Terceiro Mundo**. São Paulo: EdUSP, 2018.

ALVIM, Mônica Botelho; CASTRO, Fernando Gastal de (Orgs.). **Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015.

ANÁLISE DE UM MANIFESTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 julho 1968, caderno geral. p. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fala, Amendoeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In.: SCHWARTZ, Jorge (org.). **Caixa Modernista**. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

ANTES DO ÚLTIMO DIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 outubro 1967, caderno geral. p. 3.

AO LEITOR, O JULGAMENTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 fevereiro 1963, caderno geral. p. 1.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60)**. São Paulo: Paz & Terra, 1994.

ARENDT, Ronald; QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Márcia Oliveira. Digressões acerca da noção de estilo: contribuições para uma perspectiva não moderna do eu. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, Belo Horizonte. 2019. p. 1-16.

ARGAN, Giulio. A Europa das capitais. In: _____. **Imagem e persuasão: ensaios sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARMISTÍCIO DE BRIGITTE com os fotógrafos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 outubro 1960, caderno geral. p. 1.

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. São Paulo: Três estrelas, 2016.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil Nunca Mais: um relato para a história. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

ARREPENDIMENTO MONUMENTAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 abril 1968, caderno geral. p. 1.

ARTE EM POUCAS PALAVRAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 setembro 1965, caderno Ela. p. 6.

AS ANDAÇAS DE SARTRE, o passeio de Germaine e o príncipe dos poetas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 outubro 1960, caderno geral. p. 1.

AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 janeiro 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 janeiro 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 fevereiro 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 março 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abril 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 abril 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 abril 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 maio 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 junho 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 julho 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 setembro 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 dezembro 1968, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 janeiro 1969, caderno geral. p. 3.

AS CONFISSÕES DE NELSON RODRIGUES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 fevereiro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 fevereiro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 março 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 abril 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 abril 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 junho 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 agosto 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 agosto 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 agosto 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 agosto 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 setembro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 novembro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 novembro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 novembro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 dezembro 1969, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 dezembro 1969, caderno geral. p. 3.

AS CONTRADIÇÕES DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 novembro 1964, caderno geral. p. 1.

AS TRÊS ALMAS DO ISEB o assunto isebiano. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 março 1960, caderno O País. p. 4.

ATUALIDADES DO TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 junho 1965, caderno geral. p. 9.

AVISO! **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 outubro 1959, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 outubro 1959, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 novembro 1959, caderno geral. p. 12.

BAZAR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 abril 1957, caderno geral. p. 1.

- BAZAR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 agosto 1961, caderno geral. p. 1.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 outubro 1966, caderno geral. p. 2.
- BEATNIK QUER DIZER. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 abril 1964, caderno Ela. p. 4.
- BEAUVOIR, Simone de. **A cerimônia do adeus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **A força das coisas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018a.
- _____. **A força da idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018b.
- BELTRÃO, Tatiana. Divórcio demorou a chegar no Brasil. **Senado Notícias**. 04 dezembro de 2017. Disponível em < <https://tinyurl.com/y2xduz2n>>. Acesso em 08/12/2020.
- BENEVIDES, Maria Vitória. Esquerda democrática. In.: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
- BERNE, Maurice (dir.). **Sartre**. Paris : Bibliothèque Nationale de France, Gallimard, 2005.
- BOLSA DE CINEMA E TEATRO. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 29 outubro 1960, caderno geral. p. 13.
- BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BORNHEIM, Gerd. **Sartre**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília. jan-jul 2011. pp. 193-216.
- BRASÍLIA PRONTA PARA RECEBER OS TURISTAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 fevereiro 1969, caderno Turismo. p. 3.
- BÚFALO BILL HERÓI DO MENINO SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 março 1964, caderno Ela. p. 4.
- CADERNO ACONTECEU. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 22 julho 1967. p. 2.
- CADERNO FEMININO DE O GLOBO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 outubro 1964, caderno Ela. p. 3.
- CAMPO, Mônica Brincalepe. O desafio: filme reflexão no pós-1964. In.: CAPELATO, Maria Helena et al (orgs.). **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2011.
- CAMPOS, Carolina Mendes; ALT, Fernanda. Tempo de Angústia: reflexões sobre o imediatismo contemporâneo na clínica de inspiração sartriana. In.: ALVIM, Mônica Botelho; CASTRO, Fernando Gastal de (orgs.). **Clínica de Situações Contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 135-47.

CAMUS, O ÚLTIMO ROMANCISTA DE UMA ÉPOCA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 abril 1957, caderno geral. p. 8.

CANNON, Betty. **Sartre & Psychoanalysis: na existentialist challenge to clinical metatheory**. Lawrence, USA: University Press of Kansas, 1991.

CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha; CAVICHIOLLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho. A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relação de forças. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 30, v. 2, São Paulo. 2016. p. 323-333.

CARTAS DE HOLLYWOOD. **O globo**. Rio de Janeiro, 28 novembro 1960, caderno geral. p. 21.

CARTAZ TEATRAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 maio 1958, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 maio 1963, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 fevereiro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 abril 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 janeiro 1967, caderno geral. p. 8.

CASTRO, Fernando Gastal de. **A subjetividade sem valor: trabalho e formas subjetivas no tempo histórico capitalista**. Curitiba: Appris, 2020.

CASTRO, Fernando Gastal de; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc (orgs.). **J-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2017.

CATEDRÁTICO DA FNFi QUER REAPROXIMAR os alunos da professora de sociologia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 agosto 1965, caderno geral. p. 6.

CERA, Giovanni. Autocritica filosófica e critica storica in J.-P. Sartre. **Man and World**, 4, 1971. p. 396-412. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF01579033>. Acesso em 23/07/2020.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque (1808-1964): a História contada por jornais e jornalistas**. 2 volumes. Rio de Janeiro: Record, 2001.

COHEN-SOLAL, Annie. **Sartre: uma biografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

COISAS OBRIGATÓRIAS E COISA ESQUECIDAS no roteiro turístico. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 dezembro 1959, caderno geral. p. 1.

COLETIVIZAÇÃO DA ANGÚSTIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 maio 1968, caderno geral. p. 1.

COLUNA DE TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1959, caderno geral. p. 19.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 novembro 1959, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 novembro 1959, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 novembro 1959, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 novembro 1959, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 dezembro 1959, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 dezembro 1959, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 dezembro 1959, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 março 1960, caderno geral. p. 14.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 abril 1960, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 abril 1960, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 maio 1960, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 maio 1960, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 junho 1960, caderno geral. p. 13.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 junho 1960, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 julho 1960, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1960, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 julho 1960, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 julho 1960, caderno geral. p. 16.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 agosto 1960, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1960, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 agosto 1960, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 setembro 1960, caderno geral. p. 10.

COLUNA DE TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 setembro 1960, caderno geral. p. 9.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 novembro 1960, caderno geral. p. 6.

- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 novembro 1960, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 fevereiro 1961, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 março 1961, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 maio 1961, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 junho 1961, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 junho 1961, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1961, caderno geral, p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 janeiro 1962, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 fevereiro 1962, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 fevereiro 1962, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 março 1962, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 abril 1962, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 abril 1962, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 abril 1962, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 maio 1962, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 agosto 1962, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 setembro 1962, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 novembro 1962, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 abril 1963, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 abril 1963, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 maio 1963, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 julho 1963, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 agosto 1963, caderno geral. p. 6.
- COLUNA DE TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1963, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 setembro 1963, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 setembro 1963, caderno geral. p. 5.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 novembro 1963, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 janeiro 1964, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 março 1965, caderno geral. p. 10.

COM UM DIPLOMATA O PRÊMIO GOUNCOURT 1956. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 dezembro 1956, caderno geral. p. 5.

COMO PODE UM CRISTÃO PARTICIPAR DE TAL AMBIENTE? **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 março 1960, caderno O País. p. 2.

CONFUSÃO NO COMUNISMO FRANCÊS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 novembro 1956, caderno geral, edição vespertina. p. 14.

CONGRESSO EM RECIFE reunirá escritores de todo o mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 agosto 1960, caderno geral. p. 5.

CORREA, José Celso Martinez. **Primeiro Ato: cadernos, depimentos e entrevistas (1958-1974)**. São Paulo: Editora 34, 1998.

COSTA, Suzana Barbosa. **Encontro marcado com a crônica no romance de Fernando Sabino**. 2007. 120 f. Dissertação (mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo. 2007.

CULTURA GERAL REPROVOU 240 em 350 vestibulandos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 fevereiro 1968, caderno geral. p. 2.

CURSO CHARDIN. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 agosto 1966, caderno geral. p. 9

DA FORENSE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 maio 1967, caderno geral. p. 2.

DA SILVA, Luciano Donizetti. **A filosofia de Sartre: entre a Liberdade e a História**. São Carlos, SP: Claraluz, 2010.

DANÇAM OS COMUNISTAS FRANCESES sobre o chão inconstante do Partido. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 março 1961, caderno geral. p. 18.

DAS COXIAS. **Diário de Natal**. Natal, 05 fevereiro 1950, Caderno Geral. p. 9.

DEPOIS DE PASTERNAK a censura russa veta Sartre, Malraux e Camus. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1961, caderno geral. p. 6.

DEPOIS DO SEGUNDO casamento. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 janeiro 1964, caderno geral. p. 7.

DESINTEGRA-SE O COMUNISMO em toda a Europa Ocidental. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 novembro 1956, caderno geral. p. 10.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, nº 1, 2011. p. 5-28.

DIZ SENGHOR QUE só a religião pode dar um sentido ético ao socialismo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 setembro 1964, caderno geral. p. 5.

DO SENEGAL CHEGA a mensagem de um povo milenar que luta para integrar-se na era moderna. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1964, caderno geral. p. 19.

EDUCADOR ITALIANO contra as poses à Brigitte Bardot e os 'blue-jeans'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 junho 1961, caderno geral. p. 2.

EL JUSTICERO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 dezembro 1967, caderno geral. p. 10.

ELE 64. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 dezembro 1964, caderno Ela. p. 5.

EM RECIFE O I CONGRESSO de crítica e história literária. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 agosto 1960, caderno geral. p. 3.

ENCERRADO O FESTIVAL DE NOVA FRIBURGO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 dezembro 1969, caderno geral. p. 4.

ENCILHAMENTO E CAUDILHISMO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1969, caderno geral. p. 2.

ENFIM, BRIGITTE BARDOT! **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 janeiro 1964, caderno geral. p. 6.

ENTRA NO MERCADO A EDITORA DO AUTOR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 dezembro 1960, caderno geral. p. 4.

ESCRITOR PORTUGUÊS DESCOBRE a nova realidade brasileira. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 agosto 1964, caderno geral. p. 18.

ESQUERDISTAS E ESQUERDIZANTES discutem utopias em Florença. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 março 1962, caderno geral. p. 5.

EWALD, Ariane P.; GONÇALVES, Taís de Lacerda. Narrativa literária na proposta sartriana de compreensão da existência. **Cadernos Sartre**, Revista do Grupo de Estudos Sartre (G.E.S.), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, n. 2, 2009. p. 141-59.

EWALD, Ariane Patrícia; ALT, Fernanda; CAMPOS, Carolina Mendes. **Caminhos bibliográficos**. s/d. Disponível em <http://www.existencialismo.uerj.br/Bibliografias/sartre.pdf>. Acesso em 12/06/2020.

EWALD, Ariane. **Crônicas folhetinescas: o nascimento da vida moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005.

EXCURSÕES NA SEMANA SANTA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 março 1966, caderno geral. p. 11.

EXISTENCIALISMO E BRASIL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 abril 1960, caderno geral. p. 9.

EXTREMISTAS LEVAM TERROR CULTURAL À UNIVERSIDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 setembro 1968, caderno geral. p. 3.

FAUT-IL BRÛLER SARTRE? **Le Nouvel Observateur**, n. 2104. Paris. Mar. 2005.

FERNANDES, Fernanda Vieira. Uma breve reflexão sobre o personagem negro e a crítica ao racismo na peça *La putain respectueuse* de Jean-Paul Sartre. **Organon**, v. 32, n. 63. Porto Alegre. 2017. p. 1-14.

FERREIRA, Jairo. **Cinema de invenção**. São Paulo: Limiar, 2000.

FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Coleção O Brasil Republicano, v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Alceu Amoroso Lima. In.: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

FESTIVAL CHAPLIN. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 novembro 1965, caderno geral. p. 9.

FESTIVAL DE TEATRO TERÁ UM MÊS DE APRESENTAÇÕES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 outubro 1968, caderno geral. p. 13.

FESTIVAL DELORGES CAMINHA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 agosto 1967, caderno geral. p. 7.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004

FIGUEIREDO, Guilherme. **A raposa e as uvas**. 2011. Disponível em < <http://www.teatroparatodosufsj.com.br/download/guilherme-figueiredo-a-raposa-e-as-uvas-2/>>. Acesso em 10/11/2019.

FLOSI, Edson. **Por trás da notícia: o processo de criação das grandes reportagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

FORAGIDO UM FILÓSOFO EXISTENCIALISTA que preferiu recorrer à ação direta. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 março 1960, caderno geral. p. 1.

FORMOU-SE A ÚLTIMA TURMA de jornalismo da Nacional. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 janeiro 1968, caderno geral. p. 4.

FÓRMULA PARA O BEST-SELLER. **O Sol**. Rio de Janeiro, 14 novembro 1967. p. 12.

FRACASSO E TRIUNFO DE Jean Seberg. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 outubro 1962, caderno geral. p. 6.

FRANCESCO BALILLA Pratella. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Francesco_Balilla_Pratella> Acesso em: 16 maio 2020.

FREIRE, Roberto. **Cléo e Daniel**. São Paulo: Global Editora, 1987.

FREUD NO TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 abril 1961, caderno geral. p. 3.

FRIBURGO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 dezembro 1969, caderno Turismo. p. 7.

FURTO DE UM GRAVADOR PREJUDICOU espetáculo no Teatro de Arena. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 setembro 1965, caderno geral. p. 19.

GAULLISTAS EM ATRITO COM ALIADOS NA CÂMARA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 julho 1968, caderno geral. p. 8.

GENET, LADRÃO E GÊNIO literário, refugiou-se no país que detesta. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 outubro 1962, caderno geral. p. 1.

GIDE: DEZ ANOS DEPOIS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 fevereiro 1961, caderno geral. p. 9, 11.

GLOBETROTTER. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 setembro 1956, caderno geral. p. 1.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 setembro 1956, caderno geral. p. 1.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 dezembro 1964, caderno geral. p. 1.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In.: _____. **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: Filhos da África, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5. Campinas. 1995. p. 7-41.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

I – PORQUE ME TORNEI COMUNISTA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 abril 1959, caderno geral. p. 1-2.

IBRAHIM SUED INFORMA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 setembro 1967, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 dezembro 1968, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 julho 1969, caderno geral. p. 2.

INTELECTUAIS FRANCESES tomam posição contra os atos de terrorismo da OES. **O globo**. Rio de Janeiro, 10 março 1962, caderno geral. p. 5.

INTENSA EXPECTATIVA POR UMA PEÇA DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1959, caderno geral. p. 1.

INTERESSE DE WASHINGTON. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 fevereiro 1963, caderno geral. p. 5.

ITINERÁRIO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 abril 1957, caderno geral. p. 8

IV – O QUE O MUNDO DEVE aos heróis da Hungria. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 outubro 1958, caderno geral. p. 7.

JEAN-PAUL SARTRE E A RESPONSABILIDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 agosto 1957, caderno geral. p. 1-2.

JEAN-PAUL SARTRE E AS RAZÕES DO NÃO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 novembro 1964, caderno Ela. p. 4.

JEAN-PAUL SARTRE É FAVORITO PARA O NOBEL DE LITERATURA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 outubro 1964, caderno geral. p. 6.

JORNAL DA TELA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 agosto 1966, caderno geral. p. 7.

JOVENS DE HOJE NÃO PODEM MAIS SER CHAMADOS DE ‘PROBLEMA’. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 outubro 1959, caderno geral. p. 7.

JULIÃO PREGA EM HAVANA a revolução na América Latina. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 fevereiro 1963, caderno geral. p. 5.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

KONDER, Leandro. Cultura e política nos anos críticos. In.: AARÃO REIS FILHO, Daniel; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. **O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

_____. História dos intelectuais nos anos cinquenta. In.: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000b.

LACERDA RECEBIDO pelo presidente do Conselho de Paris. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 outubro 1962, caderno geral. p.6 .

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru, SP: EDUSC, 2012.

_____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2019.

LAW, John. **Making a mess with method**. Lancaster: Lancaster University, 2003. Disponível em < <https://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/law-making-a-mess-with-method.pdf>>. Acesso em 22 dezembro 2020.

_____. **Collateral Realities**. Versão de 29 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2009CollateralRealities.pdf>. Acesso em 30 de dezembro de 2009.

LEAK, Andrew. **Sartre**. Londres: Reaktion Books, 2006.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A caminhada da liberdade: Sartre e as mudanças. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

LEGALIZAR A PROSTITUIÇÃO é capitular diante do mal. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 novembro 1957, caderno geral. p. 17.

LES MOUCHES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 setembro 1963, caderno geral. p. 8.

LINHAS CRUZADAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 março 1965, caderno Ela. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 outubro 1965, caderno Ela. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 fevereiro 1966, caderno Ela. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 março 1966, caderno Ela. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 junho 1968, caderno Ela. p. 4

LITERATURA E FILOSOFIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 janeiro 1955, caderno geral. p. 9.

LITERATURA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 fevereiro 1955, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 fevereiro 1955, caderno geral. p. 8.

LIVRO DE ESCRITOR CACHOEIRENSE aborda os propósitos da existência. **Gazeta do Sul**. Cachoeira do Sul, RS, 13/11/2020. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y8fvo9gh>>. Acesso em 21/12/2020.

LIVRO É MAIS DO QUE PRESENTE é satisfação para quem dá. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 março 1959, caderno geral. p. 3.

LUZ E SOMBRA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 setembro 1966, caderno geral. p. 2.

MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1967.

MAIORIA APOSTA EM SI. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 outubro 1967, caderno Ela. p. 4.

MALOGRAM AS BUSCAS para a captura do suspeito da morte da dentista. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 15 maio 1957, caderno geral. p. 2.

MALRAUX, CAMUS e Sartre no Index soviético. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1961, caderno geral. p. 8.

MANIFESTO DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abril 1959, caderno geral. p. 12.

MANZUR, Tânia Maria P. G. A política externa independente (PEI): antecedentes, apogeu e declínio. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 93, São Paulo. 2014. p. 169-199.

MARCUSE: APENAS UM TEÓRICO descrente do poder jovem. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 julho 1968, caderno geral. p. 1.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In.: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MARSHALL, Peter. **Demanding the impossible: a History of Anarchism**. Londres: Harper Perennial, 2008.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAYRINK, José Maria. Censura e democracia: o caso Estadão. In.: MEDINA, Cremilda (org.). **Liberdade de expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010. p. 115-124.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Adventures of the dialectic**. Evanston, Illinois: Northwest University Press, 1973.

MESA DE PISTA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 setembro 1956, caderno geral. p. 2.

MESA DE PISTA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 dezembro 1956, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 dezembro 1956, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 março 1957, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 abril 1957, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 junho 1958, caderno geral. p. 6.

MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MEU PERSONAGEM DA SEMANA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 setembro 1964, caderno Esportes. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 janeiro 1966, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 julho 1967, caderno Esportes. p. 10.

MICRO-ONDAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 abril 1965, caderno Ela. p. 4.

MINDLIN, Dulce Maria Viana. **Ficção e Mito: à procura de um saber**. Goiânia: CEGRAF, 1992.

MISSÃO DA ARGÉLIA VEIO PEDIR O APOIO DA AMÉRICA LATINA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 setembro 1960, caderno geral. p. 7.

MOL, Annemarie. **The body multiple : ontology in medical practice**. Durham : Duke University, 2002.

MONSTRUOSIDADE E ESTUPIDEZ. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 novembro 1956, caderno geral. p. 1.

MORAES, Dênis de. **Vianinha: cúmplice da paixão**. Uma biografia de Oduvaldo Vianna Filho. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MORAES, Márcia; QUADROS, Laura. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, n. 15, v. 3. São João Del Rei, MG. 2020. p. 1-14.

MORTOS SEM SEPULTURA, DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 setembro 1965, caderno geral. p. 6.

MOTTA, Cezar. **Até a última página: uma história do Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

MOUTINHO, Luiz Damon S. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

MULLER, Hugo Dante Cyro Macedo. **Hélio Jaguaribe, pensamento político em tempos isebianos: populismo, desenvolvimento nacional e nacionalismo (1952-1958)**. 2019. 113f. Dissertação (mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em história, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro. 2019.

MUNDO EM DESORDEM. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 setembro 1967, caderno geral. p. 2.

MUNNÉ, Frederic. **Psicologías Sociales Marginadas: la línea de Marx en la Psicología Social**. Barcelona, Espanha: Editorial Hispano Europa S.A., 1982. p. 181-220.

MURVILLE CONCLUI O PLANO de restauração econômica. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 julho 1968, caderno geral. p. 8.

MUSA DO EXISTENCIALISMO e ícone da canção francesa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 setembro 2020, caderno sociedade. p. 11.

MUSEU CONTARÁ HISTÓRIA do Rio Grande do Norte sob o domínio holandês. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 setembro 1965, caderno geral. p. 10.

NA 2ª AUDITORIA DA 1ª RM O IPM INSTAURADO NA COSTEIRA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 janeiro 1965, caderno geral. p. 6.

NA BEM INFORMADA FRANÇA ainda corre muito mau-juízo do Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 junho 1960, caderno geral. p. 5.

NA BOCA DO (G)LOBO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 agosto 1960, caderno geral. p. 2.
NÃO É DAS MELHORES, MAS O ISEB TEM SUA HISTÓRIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 março 1960, caderno O País. p. 2.

NÃO HÁ RAZÃO PARA DESCRER DOS JOVENS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 setembro 1959, caderno geral. p. 1.

NÃO VIVE DA INTELIGÊNCIA O EXISTENCIALISMO DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 agosto 1957, caderno geral. p. 6.

NEGRÃO INAUGURA NOVO VIADUTO próximo à Lagoa. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 abril 1968, caderno geral. p. 14.

NEVES, Juliana. São Paulo no segundo Pós-Guerra: imprensa, mercado editorial e o campo da cultura na cidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, fev. 2011. p. 119-132.

NINGUÉM MELHOR DO QUE O IANQUE conhece as próprias fraquezas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 março 1960, caderno geral. p. 11.

NO CONFLITO DE PRINCÍPIOS venceu o da pátria sobre o da informação. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 julho 1960, caderno geral. p. 1.

NÓS, OS OUVINTES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 março 1955, caderno geral. p. 7.

NOTÍCIAS DO RIO. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 03 fevereiro 1954, caderno único. p. 8.

NOTÍCIAS ECUMÊNICAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 fevereiro 1968, caderno geral. p. 11.

NOUDELMMANN, François; PHILIPPE, Gilles. **Dictionnaire Sartre**. Paris : Éditions Champion, 2004.

NOVO GRUPO ESTREIA COM SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1965, caderno geral. p. 6.

NUNES, Romecarlos Costa. **A encenação de A Engrenagem de Jean-Paul Sartre: dimensões estéticas e políticas no Brasil dos anos 1960**. 2009. 145 f. Dissertação (mestrado

em História) – Programação de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

O COMUNISMO EM CRISE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 julho 1956, caderno geral. p. 12.

O COMUNISMO FIDELISTA artigo de exportação. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 abril 1960, caderno geral. p. 5.

O COMUNISMO MUNDIAL ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS CAMPOS, afirma o padre Ivez Calvez. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 agosto 1964, caderno geral. p. 6.

O CONCERTO DE ONTEM: LIQUIDEZ DO OURO da França na flauta de Jean-Pierre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 setembro 1967, caderno geral. p. 14.

O DEGAULLISMO DE MAURIAC GERA ATAQUES AO ESCRITOR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1959, caderno geral. p. 4.

O DIA DA MENTIRA foi instituído em 1564, na França de Carlos IX. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 abril 1965, caderno geral. p. 6.

O EXISTENCIALISMO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 maio 1965, caderno geral. p. 17.

O FLAUBERT DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 novembro 1960, caderno geral. p. 11.

O GLOBO EM FOCO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 março 1965, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 outubro 1965, caderno geral. p. 8.

O GLOBO FEMININO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1955, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 agosto 1961, caderno geral. p. 6.

O GLOBO NOS CINEMAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 outubro 1956, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 fevereiro 1957, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 agosto 1959, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 setembro 1959, caderno geral. p. 6.

_____. **O globo**. Rio de Janeiro, 13 janeiro 1960, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 fevereiro 1960, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 setembro 1960, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 outubro 1961, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 outubro 1961, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 outubro 1961, caderno geral. p. 11.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 novembro 1962, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 maio 1964, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 abril 1964, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 maio 1964, caderno geral. p. 7.

O GLOBO NOS TEATROS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 janeiro 1954, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 junho 1955, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 junho 1955, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 julho 1955, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 novembro 1955, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 maio 1956, caderno geral. p. 11.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 junho 1956, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 agosto 1956, caderno geral. p. 5.

O GLOBO NOS TEATROS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 agosto 1956, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 agosto 1956, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 agosto 1956, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 setembro 1956, caderno geral. p. 5.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 setembro 1956, caderno geral. p. 15.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 setembro 1956, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 outubro 1956, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 dezembro 1956, caderno geral. p. 21.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 fevereiro 1957, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 fevereiro 1957, caderno geral. p. 5.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abril 1957, caderno geral. p. 1.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 maio 1957, caderno geral. p. 9.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 outubro 1957, caderno geral. p. 12.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 novembro 1957, caderno geral. p. 5.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 abril 1958, caderno geral. p. 16.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 maio 1958, caderno geral. p. 14.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 maio 1958, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 setembro 1958, caderno geral. p. 10.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 outubro 1958, caderno geral. p. 3.

O INDEX E AS SUAS ORIGENS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 abril 1955, caderno geral. p. 1.

O LIVRO É UM PRESENTE SEMPRE BEM RECEBIDO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 dezembro 1965, caderno geral. p. 19.

O MAIOR EDITOR FRANCÊS FALA sobre os problemas do livro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 novembro 1956, caderno geral. p. 1.

O MANIFESTO DOS 121 - NOTÍCIAS DE Brigitte - Estatística Amena. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 outubro 1960, caderno geral. p. 5.

O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONVOCA colégios para pagar bolsas de estudo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 novembro 1964, caderno geral. p. 22.

O MITO DA DESESTALINIZAÇÃO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 janeiro 1968, caderno geral. p. 1.

O MURO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento398314/o-muro>>. Acesso em: 13 de Dez. 2020. Verbete da Enciclopédia.

O PAPA EXTINGUE SEÇÃO DE CENSURA LITERÁRIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 fevereiro 1966, caderno geral. p. 8.

O PC NÃO QUER ARRISCAR a quebra do “status quo”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 junho 1968, caderno geral. p. 9.

O POETA GREGO SEFERIS ENTRE OS PROVÁVEIS ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 outubro 1963, caderno geral. p. 4.

O SENTIDO DA FALTA DE SENTIDO no “Anjo Exterminador” de Buñuel. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 maio 1962, caderno geral. p. 1-2.

O SHOW DA CIDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 setembro 1960, caderno geral, p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 setembro 1964, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 outubro 1965, caderno geral. p. 3.

O SHOW DO MUNDO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 junho 1957, caderno geral. p. 3.

O SUSPEITO DO ASSASSÍNIO de Anita Carrijo foi do TBC. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 maio 1957, caderno geral. p. 6.

O TENTO DE HONRA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 março 1968, caderno geral. p. 2.

O VATICANO DE JOÃO XXIII. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 abril 1960, caderno geral. p. 1-2.

O VERDADEIRO RETRATO DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abril 1964, caderno geral. p. 1.

O VERDADEIRO SENTIDO DO CONCÍLIO Ecumênico e sua repercussão no panorama social do mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 outubro 1962, caderno geral. p. 2.

O'DONOHUE, Benedict. **Sartre's Theatre: acts of life**. Bern: Peter Lang, 2005.

ORDEM ECONÔMICA A FRENTE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 outubro 1960, caderno geral. p. 2.

ORGANIZAÇÃO REBELDE ARGELINA sofre sério golpe na França. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 fevereiro 1960, caderno geral. p. 8.

OS CONDENADOS DE ALTONA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 fevereiro 1964, caderno geral. p. 6.

OS LIBERAIS DO CONCÍLIO querem apressar solução sobre a natalidade. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 setembro 1965, caderno geral. p. 8.

OS PRETOS SÃO VENTUROSOS NA FRANÇA DA ATUALIDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 junho 1960, caderno geral. p. 3.

OS SOVIÉTICOS JÁ ESTÃO CANSADOS de isolamento, afirma Miguel Reale. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 setembro 1963, caderno geral. p. 11.

PAIXÃO, Patrícia. Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. **Revista Alterjor**, ano 8, n. 17, v. 1. São Paulo. 2018. p. 90-108.

PALAVRAS CRUZADAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 outubro 1959, caderno geral. p. 11.

PANORAMA 66. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 janeiro 1967, caderno geral. p. 6.

PARALISADA PARCIALMENTE A VIDA da cidade pelas depredações de ontem. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 maio 1956, caderno geral. p. 1, 6.

PATRIOTA, Rosangela. História, cena, dramaturgia: Sartre e o teatro brasileiro. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates. 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/3307>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

PAULO VI LAMENTA TRISTEZA e fadiga na face dos moços. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 agosto 1964, caderno geral. p. 8.

PC E CAOS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 maio 1969, caderno geral. p. 1.

PEIXOTO, Fernando. **Teatro em pedaços**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Teatro em questão**. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. **Teatro em aberto**. São Paulo: Hucitec; Primeiro Ato, 2002.

PINHEIRO, Luciana. Roberto Átila Amaral Vieira. In.: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

PINTO, Carlos Eduardo Pinto de. **Imaginar a cidade real: o Cinema Novo e a representação da modernidade urbana carioca (1955-1970)**. 2013. 344 f. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói. 2013.

POETA-PRESIDENTE DO SENEGAL virá ao Brasil em setembro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 agosto 1964, caderno geral. p. 6.

POR ESSE MUNDO AFORA... **O globo**. Rio de Janeiro, 25 outubro 1960, caderno geral. p. 1.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 agosto 1965, caderno geral. p. 1.

PORTA DE LIVRARIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 dezembro 1956, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 março 1957, caderno geral. p. 2.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 abril 1957, caderno geral. p. 9.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 maio 1957, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 junho 1957, caderno geral. p. 11.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 junho 1957, caderno geral. p. 3.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 agosto 1957, caderno geral. p. 17.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 agosto 1957, caderno geral. p. 33.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 outubro 1957, caderno geral. p. 9.

- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 outubro 1957, caderno geral. p. 20.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 outubro 1957, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 outubro 1957, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 novembro 1957, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 dezembro 1957, caderno geral. p. 18.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 maio 1958, caderno geral. p. 11.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 dezembro 1958, caderno geral. p. 16.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 dezembro 1958, caderno geral. p. 21.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 dezembro 1958, caderno geral. p. 12.
- PORTA DE LIVRARIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 dezembro 1958, caderno geral. p. 2.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 janeiro 1959, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 janeiro 1959, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 fevereiro 1959, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 março 1959, caderno geral. p. 14.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 março 1959, caderno geral. p. 11.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 abril 1959, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 abril 1959, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 junho 1959, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 julho 1959, caderno geral. p. 15.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 agosto 1959, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 agosto 1959, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 outubro 1959, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 outubro 1959, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 outubro 1959, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 outubro 1959, caderno geral. p. 3.

- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 outubro 1959, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 fevereiro 1960, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 março 1960, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 março 1960, caderno geral. p. 11.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 março 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 julho 1960, caderno geral. p. 14.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 agosto 1960, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 agosto 1960, caderno geral. p. 6.
- PORTA DE LIVRARIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 agosto 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 agosto 1960, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 agosto 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1960, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 agosto 1960, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 agosto 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 agosto 1960, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 agosto 1960, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 agosto 1960, caderno geral. p. 9, 11.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 agosto 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 agosto 1960, caderno geral. p. 11.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 setembro 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 setembro 1960, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1960, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 setembro 1960, caderno geral. p. 5.

- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 setembro 1960, caderno geral. p. 7.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 outubro 1960, caderno geral. p. 13.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 outubro 1960, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 outubro 1960, caderno geral. p. 15.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 novembro 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 novembro 1960, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 dezembro 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 dezembro 1960, caderno geral. p. 16.
- PORTA DE LIVRARIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 dezembro 1960, caderno geral. p. 16.
- _____. **O globo**. Rio de Janeiro, 17 dezembro 1960, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 dezembro 1960, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 janeiro 1961, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 fevereiro 1961, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 março 1961, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 abril 1961, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 maio 1961, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1961, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 julho 1961, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 setembro 1961, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 fevereiro 1962, caderno geral. p. 1
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 março 1962, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 maio 1962, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 maio 1963, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 junho 1964, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1964, caderno geral. p. 5.

- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 setembro 1964, caderno geral. p. 2.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 dezembro 1964, caderno geral. p. 16.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 dezembro 1964, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 dezembro 1964, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 dezembro 1964, caderno geral. p. 2.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 dezembro 1964, caderno geral. p. 8.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 janeiro 1965, caderno geral. p. 2.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 fevereiro 1965, caderno geral. p. 10.
- PORTA DE LIVRARIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 março 1965, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 abril 1965, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 abril 1965, caderno geral. p. 6.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 maio 1965, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 maio 1965, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 maio 1965, caderno geral. p. 17.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 junho 1965, caderno geral. p. 3.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 abril 1966, caderno geral. p. 9.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 maio 1966, caderno geral. p. 5.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 outubro 1966, caderno geral. p. 3.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 julho 1967, caderno geral. p. 12.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 julho 1967, caderno geral. p. 10.
- _____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 dezembro 1968, caderno geral. p. 14.
- PRADO JR., Bento. As filosofias da Maria Antônia (1956-1959) na memória de um ex-aluno. In.: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Maria Antônia: uma rua na contramão**. São Paulo: Nobel, 1988.
- PRIMEIRO VIVER... **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 fevereiro 1955, caderno geral. p. 8.

PROFESSORA DA FNFi: “OS COMUNISTAS instigaram os meus alunos à greve”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 agosto 1965, caderno geral. p. 3.

PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA E SOCIAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 janeiro 1967, caderno geral. p. 7.

PROGRESSO DO NORDESTE IMPRESSIONA ALIANÇA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 julho 1968, caderno geral. p. 19.

PROIBIDA A ENCENAÇÃO de peça ao ar livre. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 outubro 1960, caderno geral. p. 12.

PROPAGANDA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 outubro 1960, caderno geral. p. 2.

QUADROS, Jânio. **Carta de Renúncia**. 1961. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_Ren%C3%BAncia_de_J%C3%A2nio_Quadros. Recuperada em 13 de setembro de 2020.

QUINHENTOS POLICIAIS CONTRA A ASSEMBLEIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 março 1958, caderno geral. p. 11.

REFORMA AGRÁRIA (I). **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 maio 1963, caderno geral. p. 2.

REPERCUTEM MAL EM PARIS as declarações de Sartre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 outubro 1960, caderno geral. p. 5.

REPORTAGEM SOCIAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 junho 1958, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 fevereiro 1960, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 setembro 1960, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 setembro 1960, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 abril 1962, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 agosto 1963, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1963, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 outubro 1964, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 janeiro 1965, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 junho 1965, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 janeiro 1967, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 agosto 1968, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 dezembro 1968, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 julho 1969, caderno geral. p. 4.

RETROSPECTO DE 1953. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 dezembro 1953, caderno único. p. 2.

REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, nº 1, ano I, Rio de Janeiro, março 1965.

REVOLUÇÕES E DEMOCRACIA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 abril 1955, caderno geral. p. 2.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artista da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIO NORTE-SUL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 novembro 1968, caderno geral. p. 5.

ROCHA, Glauber. Eztetyka da fome. In.: _____. **Revolução do Cinema Novo**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 63-67.

ROMANO, Luis Antônio Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP, 2002.

RONDA DA NOITE. **Última Hora**. Rio de Janeiro, 16 agosto 1952, caderno geral. p. 9.

ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête: the tumultuous lives & loves of Simone de Beauvoir & Jean-Paul Sartre**. Nova York : HarperCollins, 2006.

RUMOS E PERSPECTIVAS NAS LETRAS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 julho 1955, caderno geral. p. 2.

RUSSELL, Jamie. **The beat generation**. Harpenden, Reino Unido: Pocket Essentials, 2012.

RYBALKA, Michel. Nota Biográfica. **Impulso**, 41, v. 16, Piracicaba. 2005. p. 13-15.

SABER É PODER. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 abril 1965, caderno geral. p. 2.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Cartas na mesa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **O encontro marcado**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAI DINHEIRO DA FRANÇA PARA a luta dos argelianos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20 outubro 1960, caderno geral. p. 1.

SARTRE “ENTRE QUATRO PAREDES”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 agosto 1956, caderno geral. p. 6.

SARTRE ACREDITA NOS DESTINOS DE CUBA sob o escudo da revolução fidelista. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 abril 1960, caderno geral. p. 1-2.

SARTRE AUTOGRAFA UM LIVRO SEU. **O Globo**. Rio de Janeiro, 16 setembro 1960, caderno geral. p. 15.

SARTRE DUVIDA da sobrevivência do Existencialismo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1960, caderno geral. p. 1-2.

SARTRE E A RESPONSABILIDADE do escritor no mundo atual. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 agosto 1960, caderno geral. p. 5.

SARTRE E O PROLETARIADO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 dezembro 1955, caderno geral. p. 5.

SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR NO BRASIL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 agosto 1960, caderno geral. p. 1.

SARTRE E SIMONE DIZEM QUE o fato mais importante dos nossos dias é a libertação dos povos africanos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 agosto 1960, caderno geral. p. 3.

SARTRE LEVOU UM SUSTO ao desembarcar em Recife. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 agosto 1960, caderno geral. p. 11.

SARTRE QUER SER PROCESSADO COMO SIGNATÁRIO do Manifesto dos 121. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 dezembro 1960, caderno geral. p. 8.

SARTRE QUER VISITAR uma tribo de índios. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 agosto 1960, caderno geral. p. 2.

SARTRE RECUSA O PRÊMIO NOBEL para não assumir compromissos. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23 outubro 1964, caderno geral. p. 1, 21.

SARTRE X MALRAUX. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 outubro 1959, caderno geral. p. 1-2.

SARTRE, A VIOLÊNCIA E O MUNDO AFLITO. **Folha da Manhã**. São Paulo, 05 dezembro 1959, caderno geral. p. 3.

SARTRE, CAMPEÃO DE ESQUERDISMO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 novembro 1966, caderno geral. p. 11.

SARTRE, EL ÚLTIMO METAFÍSICO. Buenos Aires: Paidós, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. Présentation. **Les Temps Modernes**, Gallimard, Paris, nº 1, v. 1, 1945. p. 1-21.

_____. **Situations VII**. Paris : Gallimard, 1965.

_____. **Un théâtre de situations**. Paris: Gallimard, 1973.

_____. **Situations X**. Paris : Gallimard, 1976.

_____. O Existencialismo é um Humanismo. In.: **Sartre**, coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **Les Mains Sales**. Paris: Gallimard, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Uma ideia fundamental de fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In.:

_____. **Situações I**. São Paulo: Cosac Naify, 2005a. p. 55-57.

_____. **Nekrassov**. Paris : Gallimard, 2005b.

_____. **As Moscás**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005c.

_____. **Baudelaire**. Paris : Gallimard, 2006.

_____. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Qu'est-ce que la littérature?** Paris: Gallimard, 2010.

_____. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SARTRE, O SABOTADOR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 junho 1955, caderno geral. p. 15.

SARTRE, RENOIR E LESLIA CARON. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 abril 1955, caderno geral. p. 6.

SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 outubro 1965, caderno geral. p. 7.

SCHMIDT E CLARICE LISPECTOR JULGAM a renúncia de Sartre. **O Globo**. Rio de Janeiro, 27 outubro 1964, caderno geral. p. 20.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In.: _____ (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 173-244.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In.: _____. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. pp. 61-92.

SCHWEITZER DO FMI CHEGA HOJE E É PRIMO DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 setembro 1967, caderno geral. p. 13.

SEDE DE ABSOLUTO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 agosto 1957, caderno geral. p. 21.

SELCIK, Ozan. The Beat Generation in social and cultural context. **VFAST Transactions on Education and Social Sciences**, v. 4, n. 2. Islamabad, Paquistão, 2014. P. 14-18.

SERGE FARÁ FILME SOBRE ESCRAVOS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 junho 1968, caderno geral. p. 16.

SHOW DA CIDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 fevereiro 1964, caderno geral. p. 3.

SILVA, Armando Sérgio da. **Oficina: do teatro ao te-ato**. São Paulo: Perspectiva: 1981.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e Literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo : UNESP, 2004.

_____. **Sartre e o Humanismo**. São Paulo : Almedina, 2019.

SIMONE DE BEAUVOIR E “A CONDIÇÃO DE MULHER”. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 agosto 1960, caderno geral. p. 6.

SOARES, Jorge Coelho. **Marcuse, uma trajetória**. Londrina: UEL, 1999.

SOARES, Jorge Coelho; EWALD, Ariane Patrícia. Escola de Frankfurt: “o elogio da sombra”. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 1. Rio de Janeiro, 2011. p. 9-22.

SOL SOBRE O LAGO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 julho 1961, caderno geral. p. 1.

SOMOS OU NÃO IRMÃOS? **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 dezembro 1965, caderno Ela. p. 4.

SORIN, Gerald. **Howard Fast: life and literature in the left lane**. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

SOUZA, Rodolfo Rodrigues de. **O assassino existencialista e outras narrativas: o existencialismo de Sartre em cena no Rio de Janeiro (1945-1955)**. 2015. 220 f. Dissertação (mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro. 2015.

STAGE DOOR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 fevereiro 1966, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 13 outubro 1966, caderno geral. p. 9.

STENZEL MOSTRA INUTILIDADE DO PROTESTO DOS ESTUDANTES. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 maio 1969, caderno geral. p. 6.

STENZEL: AGITAÇÕES VÊM DE FORA E INSPIRADAS PELO PC. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 outubro 1968, caderno geral. p. 6.

TEATRO DA MABE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 outubro 1968, caderno geral. p. 4.

TEATRO DE REPERTÓRIO ANUNCIA no Teatro de Arena da Guanabara. **O Globo**. Rio de Janeiro, 31 agosto 1965, caderno geral. p. 10.

TEATRO MUNICIPAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 junho 1953, caderno geral. p. 6.

TEATRO NACIONAL. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 junho 1953, caderno único. p. 4.

TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 março 1965, caderno geral. p. 9.

TEATRO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 agosto 1965, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 outubro 1965, caderno geral. p. 7.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 outubro 1965, caderno geral. p. 11.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 novembro 1965, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 novembro 1965, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 dezembro 1965, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 fevereiro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 18 fevereiro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 março 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 março 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 maio 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 julho 1966, caderno geral. p. 4.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 setembro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 outubro 1966, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 outubro 1966, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 outubro 1966, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 21 outubro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 novembro 1966, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 novembro 1966, caderno geral. p. 8.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 novembro 1966, caderno geral. p. 6.

_____. **O Globo**. Rio de Janeiro, 30 outubro 1967, caderno geral. p. 10.

TERRÍVEL MAL. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 agosto 1967, caderno geral. p. 2.

THODY, Philip. **Sartre: uma introdução biográfica**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.

TODO FUTURO MELHOR TEM UMA FACE PIOR. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 maio 1967, caderno Veículos e transportes. p. 4.

TOMOU POSSE A NOVA DIRETORIA do CACO e a FND voltou a ter o antigo regimento interno. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14 agosto 1965, caderno O País. p. 19.

TUDO SÃO DÚVIDAS E MISTÉRIO no desaparecimento de Ben Barka. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 fevereiro 1966, caderno geral. p. 1.

UDENISTA DEPÕE SOBRE A REVOLUÇÃO DE MARÇO. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 março 1965, caderno geral. p. 12.

UM “BALLET” NORTE-AMERICANO E PICASSO em fotos dominam nos comentários. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 julho 1959, caderno geral. p. 1.

UM ACONTECIMENTO POPULAR EM PARIS: a posse de Jean Cocteau na Academia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 outubro 1955, caderno geral. p. 7.

UM APELO AO BOM-SENSO A PALAVRA DE JOÃO XXIII. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 outubro 1962, caderno geral. p. 6.

UM POUCO DE SARTRE. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 outubro 1965, caderno geral. p. 7.

UM SONHO PARA DOIS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 setembro 1965, caderno geral. p. 4.

UM TERRORISTA ESCAPA à guilhotina. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19 dezembro 1957, caderno geral. p. 1.

UMA SEMANA INTERNACIONAL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 01 julho 1973, Caderno B. p. 9.

UMA VELHA TRAGÉDIA É SUCESSO EM PARIS. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 abril 1965, caderno geral. p. 7.

UNIVERSIDADES INCENTIVAM a promiscuidade, diz o novo ministro da educação. **Catraca Livre**. 12 julho 2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/universidades-incentivam-a-promiscuidade-diz-novo-ministro-da-educacao/>> . Acesso em 24 outubro 2020.

VAGA DE “ROCK AND ROLL” NA FRANÇA. **O Globo**. Rio de Janeiro, 11 outubro 1956, caderno geral. p. 10.

VATICANO: PÍLULA NÃO É CASO GALILEU e Papa não recuará. **O Globo**. Rio de Janeiro, 06 agosto 1968, caderno geral. p. 12.

VEJA COMO ESTÁ o seu preparo para o vestibular. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 dezembro 1969, caderno geral. p. 22.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VENHA APERTAR A MÃO DE JEAN-PAUL SARTRE e receber seu autógrafo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 setembro 1960, caderno geral. p. 7.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERBERADA A CONDENAÇÃO do bispo por dignitários do nosso clero. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 março 1958, caderno geral. p. 6.

VERITÉ-LIBERTÉ. Manifeste des 121. In. : **Vérité-Liberté**, n. 4, Paris, setembro/outubro, 1960.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Nuances e Perplexidades: observações históricas e historiográficas sobre o período ditatorial (anos 1960-80) e seus desdobramentos. **Revistas Maracanan**, n. 11, Rio de Janeiro, 2014. p. 68-78.

VIEIRA, R. A. Amaral. **Sartre e a revolta do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

VIOLENTA MANIFESTAÇÃO EM PARIS contra a política argeliana de De Gaulle. **O Globo**. Rio de Janeiro, 04 outubro 1960, caderno geral. p. 8.

VOCÊ É INDIFERENTE AO DESAFIO? **O Globo**. Rio de Janeiro, 02 agosto 1967, caderno geral. p. 2.

VOLTA SARTRE A ATACAR a ação do exército russo na Hungria. **O Globo**. Rio de Janeiro, 01 fevereiro 1957, caderno geral. p. 11.